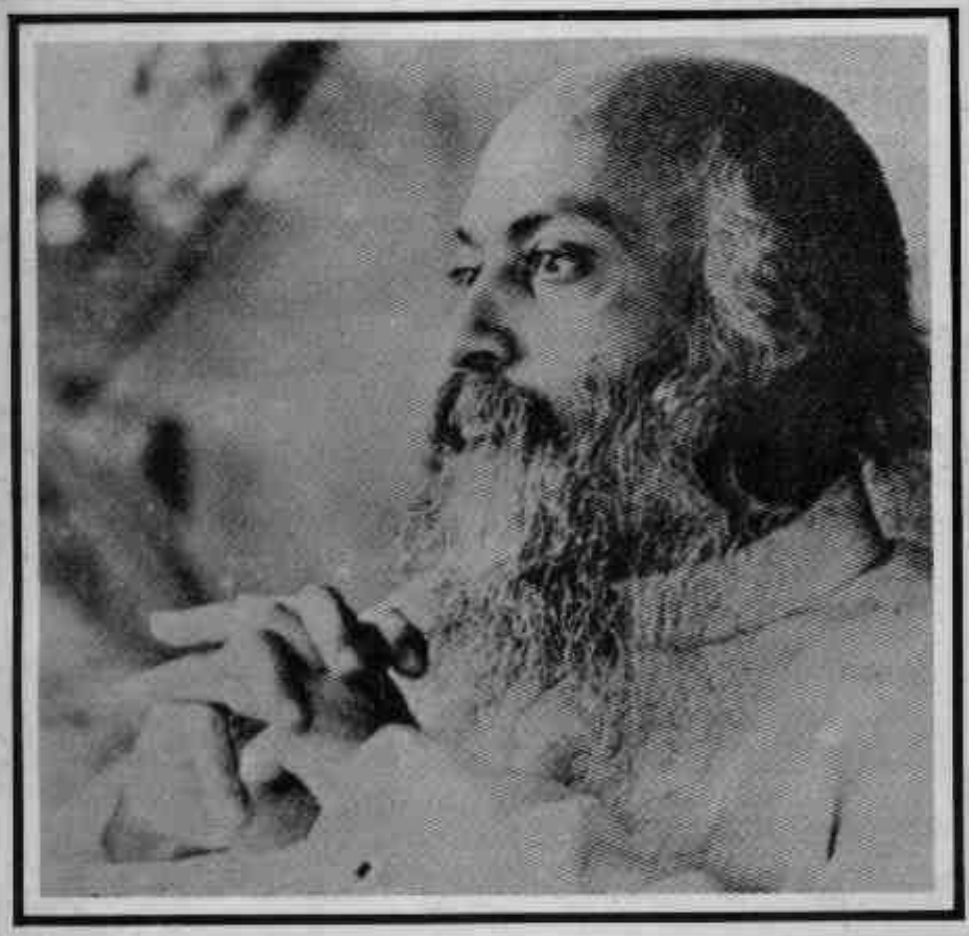
Bhagwan Shrêe Rajneesh

TANTRA:

A SUPREMA COMPREENSÃO



Cultrix / Pensamento

TANTRA: A SUPREMA COMPREENSÃO

Bhagwan Shree Rajneesh

Rajneesh é, muito possivelmente, o único Mestre vivo da verdadeira sabedoria tântrica. Suas palestras reunidas no presente volume giram em torno de dois conceitos simples, descontração e naturalidade, e seu ensinamento básico é também simples: não se preocupe em negar coisa alguma; cuide de ser você próprio. Isso parece ser elementar, e o é de fato, desde que a pessoa saiba como reconquistar a naturalidade primitiva, soterrada por tantas artificialidades, ideológicas e materiais, da vida moderna. Para chegar ao caminho certo, de pouco adiantam exterioridades como ascetismo, dietas alimentares, renúncias, posturas búdicas; o que realmente importa é a pessoa mudar de atitude perante a realidade para chegar à verdadeira percepção.

Para Rajneesh, Freud, Jung e Reich, criaram, no mundo ocidental, um estado de consciência propício à explosão tântrica, para a qual os tempos de hoje estão maduros. E Rajneesh é o alquimista espiritual capaz de ajudar-nos decisivamente a canalizar nossas energias e impulsos neuróticos em prol dessa explosão que irá transformar o nosso mundo interior. Pois como ele próprio diz com tanta justeza, à humanidade só resta hoje uma alternativa, ou o suicídio global ou o maior despertar espiritual que o mundo jamais conheceu.

CULTRIX / PENSAMENTO

BHAGWAN SHREE RAJNEESH

T A N T R A
A SUPREMA COMPREENSÃO

Palestras sobre
A CANÇÃO DE MAHAMUDRA
(de Tilopa)

Compiladas pelo SWAMI AMRIT PATHIK

Organizado por MA YOGA ANURAG

CULTRIX/PENSAMENTO
SÃO PAULO

SUMÁRIO

Introdução 5
I — A Experiência Definitiva 8
II — O Problema-Raiz de Todos os Problemas 24
III — A Natureza das Trevas e da Luz 38
IV — Sê Como um Bambu Oco 52
V — A Verdade Inata 68
VI — O Grande Ensinamento 88
VII — A Trilha Sem Pegadas 107
VIII — Corta a Raiz 127
IX — Além e Mais Além 145
X — A Suprema Compreensão 162

INTRODUÇÃO

Depois que o meu fervor revolucionário acalmou-se, mal tinha eu feito vinte anos e compreendido a inutilidade de meus esforços para tentar a transformação do mundo exterior, certos ensinamentos que sugeriam a proposta mais exequível de revolução interior vieram ao meu conhecimento. O que principalmente despertou a minha atenção, atraindo-me, foi a Ioga do Tibete, mas descobri que os livros referentes ao assunto mal conseguiam manter em mim um interesse mínimo. Não só se tratava de terminologia estrangeira, obscura e contraditória, como também, e o descobri assim que neles mergulhei, suas conceitualizações ainda eram mais estranhas, confusas e misteriosas. Por exemplo: em sua Canção de Mahamudra, Tilopa diz:

. ..se com a mente observarmos a mente...
dominar desatenções é o método real;
o caminho do não-método é o caminho de todos os Budas...
obtém a não-obtenção.

Bem, como seria possível chegar-se a uma conclusão?
Não obstante, encontrei um Guru e um centro de meditação onde se praticavam os ensinamentos tibetanos, mas o Guru parecia estar ainda se desembaraçando de um carma bastante pesado, o que me dissuadiu. , E aquilo de ficar sentado, imóvel, sem nada fazer, apenas conseguia fazer-me sentir que o caos e a confusão interior aumentavam.
Passei os seis anos seguintes indo e vindo mundo afora, à procura de algo... só para terminar de volta à Inglaterra tendo acumulado um pouco mais de conhecimento e experiência.
Então, e subitamente, notícias de um outro Guru hindu chegaram até mim, e, depois de certa hesitação inicial, mordi a isca. Mal .lhe senti o sabor, entretanto, a fome desesperada que me vinha roendo incessantemente as entranhas, fome precisamente daquele alimento, daquele gosto, levou-me a empanturrar-me de seus livros, de seus tapes, e de seus sannyasins. O que seus discípulos diziam era uma coisa, suas palavras escritas eram outra, sua voz falando ainda outra — um pequeno ponto de luz brilhou em minhas tenebrosas profundezas, fragrância desconhecida, ou talvez longamente olvidada, estava a chamar--me de sua fonte de origem. Finalmente — e era quase como uma festa — , a presença viva faria o resto.
De início, entretanto, fiquei desapontado, principalmente porque não conseguia tragar aquele novo e exótico fenômeno. Tendo-me habituado tão longamente a tipos errados de alimentação, aquela súbita dose de nutriente puro, genuíno, foi demais para o meu sistema. Paralelamente ao desconforto físico causado pêlos intestinos, ao início do meu estágio aqui na índia, tive crises de diarréia emocional e mental, também. Eu estava em péssimo estado.
A confusão e o caos tornaram-se ainda piores quando Bhagwan deu início ao despedaçamento do meu ego — da forma mais sutil e mais bondosa possível, quase desapercebidamente, na verdade.

Pouco sabendo sobre para onde me estava deixando levar na ocasião, ali fiquei para além dos quatro meses que planejara ficar — tendo sido chamado e fisgado com anzol, linha e chumbada — e ainda aqui estou, passados dois anos.

Uma das coisas que nos confunde em Bhagwan ê o fato de ele falar em muitos e conflitantes assuntos: Jesus, Buda, Lao-Tsé, Heráclito, Zen, Sufismo, Confúcio, Tão, e, naturalmente, Ioga e Tantra. Ainda assim, fala tão clara e penetrantemente a respeito de cada um desses assuntos, transmitindo a própria essência de cada ensinamento com tamanha vibração, que nos vemos pensando, a cada momento, inequivocamente: "Isto é feito para mim!" Minha mente, como é natural, começou a estalar: "Tantas contradições, nenhum ponto a que me agarre, nada a que me possa apoiar." Lentamente, porém, conforme me fui deixando levar, comecei a ouvi-lo de um ponto qualquer, um pouco mais profundo, e as contradições se foram dissolvendo.

O próprio Bhagwan contem-nas todas. Sabemos que mesmo que diga hoje que Tantra é definitivo, amanhã dirá que Ioga é maior — mas, de certa forma, sabemos que ambas as afirmações são verdadeiras. Ele acolhe tudo; é um crisol de todas as tradições e ensinamentos, e elabora a maior das sínteses, usando tudo isso. Só alguém de sua estatura e porte, dotado da graça, serenidade e compaixão que dele emanam, pode ser tão paradoxal e, ao mesmo tempo, honesto conosco. Não é apenas um Iluminado, mas também um Mestre incomparável.

Os ensinamentos sensatos, com direção nitidamente apresentada, podem ser facilmente seguidos; não exigem a sabedoria e a percepção universais que um Grande Ensinamento pede. Diz Tilopa:

Pequenos ensinamentos levam à ação — devemos seguir apenas os Grandes Ensinamentos.

O Tantra é um Grande Ensinamento e Bhagwan talvez seja o único Mestre vivo, hoje, que pode ser considerado como um autêntico Mestre tântrico. Não está preocupado com o que fazemos, mas com o que somos. "Façam o que quiserem — diz ele — mas estejam conscientes."

"Livre e natural" é a frase-cbave dessas palestras. Não negue nada. Seja você mesmo — parece simples? E é. Mas quando o tentei descobri que, como ser natural para mim era não ser natural, e sendo minha mente tal qual era, o mais simples tornou-se mais complexo e o ser natural fez-se perversão. Assim, naturalmente, senti que seriam muito mais simples me dizerem o que fazer, do que ficar com todo aquele contra-senso. Mas senti também que, se não me colocasse sobre o assunto como sobre a crista de uma onda, continuaria a mover-me em círculos e jamais alcançaria a segurança da praia. Percebi que Tilopa, através de Bhagwan, dizia-me muitas e muitas vezes, naquelas palestras, o que era realmente aquela viagem espiritual. Tudo o mais — ascetismo, alimentação excêntrica, renúncia, estar sentado à maneira de Buda — era secundário e nada realmente se modificaria, a não ser que, através da minha percepção, minha atitude, meu relacionamento com a realidade também se modificassem.

Bhagwan afirma que Freud, Jung e Reich criaram, no Ocidente, a situação para uma explosão tântrica e que agora o tempo é chegado. Não só isso, mas, a menos que nossa percepção também venha a explodir, depressa seremos dinamitados em consequência da loucura a que nos estamos entregando. Bhagwan, esse alquimista definitivo, ajuda-nos, até, a usar a própria loucura, nossas compulsões neuróticas e nossas energias, para criarmos a explosão interior e transformarmos nosso mundo íntimo. E diz que há duas possibilidades para a humanidade dos dias presentes: ou o suicídio global, ou o maior despertar espiritual que o mundo jamais conheceu.

Aqui em Poona, os primeiros rumores dessa revolução maior já podem ser ouvidos. A corrupção e a decadência interiores estão sendo paulatinamente extirpadas do principal ponto em que se encontram: das raízes da nossa mente, da nossa percepção, mas não através de ideologia ou moralidade impostas, vindas do exterior. As revoluções políticas nada são comparadas a essa

outra, pois que ela requer que morramos para o nosso velho eu, a fim de que, como a fénix de suas cinzas, ergamo-nos para um novo nascimento, para uma nova ordem. Esse é o suicídio definitivo; requer uma coragem totalmente diferente daquela pedida para a morte comum, porque não é o nosso corpo que morre — a realidade da nossa mente, todo o sistema do nosso mundo penosamente criado é que devem ser aniquilados.
Só um Mestre ao qual possamos confiar nosso próprio ser — físico, mental, e espiritual — é capaz de levar-nos através de tal viagem. Ouvindo Bhagwan, compreendi, aos poucos, que ele sabe, que ele tem o poder e que me bastará dizer: "Sim, deixo tudo em suas mãos", para que ele cuide de tudo.
Diz Tilopa:

Os que não crêem nela (Mahamudra) são insensatos que se chafurdarão sempre na angústia e na tristeza.

E diz Bhagwan:

Por que os chama insensatos? Não os chama pecadores, não os chama irreligiosos. Chama-os, simplesmente, insensatos, porque não crer É perder a maior beatitude que a vida nos pode dar. São simplesmente insensatos! Porque assim é, a menos que confies. Toda beatitude, todos os ^momentos de beatitude surgem apenas quando te entregas, quando cedes. A não ser que confies a ponto de te entregares completamente, isso não pode acontecer. Mesmo a morte pode ser bela, se fores capaz de ceder diante dela; e da vida o que dizer, então? Se te entregas, a vida ê a maior bênção, a maior graça. Estás perdendo a dádiva fundamental, porque não podes confiar.

Esse é o convite de Bhagwan para que todos venham e realizem, não através da renúncia, mas da aceitação; não através da recusa, mas da receptividade; não através de regras, mas de regozijo.
Venham: bebam, comam e sintam-se saciados.
MA YOGA ANURAG
Poona,
Junho de 1975.

Em sua Canção de Mahamudra, Tilopa diz:

Mahamudra está para além das palavras e símbolos, mas para ti, Naropa, sério e leal, isto deve ser dito:
O Vácuo não precisa de confiança,
Mahamudra repousa sobre nada.
Sem fazer esforço,
Mas permanecendo desprendido e natural,
é possível quebrar o jugo,
ganhando, assim, a Libertação.

I. Mahamudra - A experiência definitiva

A experiência do definitivo não é, absolutamente, uma experiência, porque quem experimenta está perdido. E onde há aquele que experimenta, o que se pode dizer da experiência - Quem o dirá? Quem relatará a experiência? Quando não há sujeito, o objeto também desaparece: as margens desaparecem, apenas o rio da experiência permanece. O conhecimento ali está, mas o conhecedor está ausente.

Este tem sido o problema dos místicos. Alcançam o Definitivo, mas não podem relatar aos que lhes vêm após. Não podem relatá-lo a outros, que gostariam d ter essa compreensão intelectual. Tornaram-se um com o Definitivo. Todo o seu ser o relata, mas a comunicação intelectual é impossível. Poderão dá-lo a ti, se estiveres pronto para recebê-lo, poderão permitir que o alcances, se também o permitires, se fores receptivo e aberto. Mas as palavras não farão isso, os símbolos não ajudarão, teorias e doutrinas não serão de uso algum.

A experiência é tal que mais se assemelha a um experimentar, do que a uma experiência. É um processo: começa, mas jamais termina. Tu entras nele, mas jamais o possuis. É como uma gota caindo no oceano, ou o próprio oceano caindo na gota. É uma fusão profunda, uma unidade:
tu simplesmente te dissolves nela. Nada fica para trás, sequer um traço; assim, como te comunicarás? Voltarás para o mundo do vale? Quem voltará daquela negra noite para te dizer?

Todos os místicos, em todo o mundo, sempre se sentiram impotentes no que se refere à comunicação. A comunhão é possível, mas a comunicação não o é. Isso deve ser entendido desde o princípio. A comunhão possui uma dimensão totalmente diferente; dois corações se encontram, e dá-se um caso de amor. A comunicação se faz de cabeça para cabeça. A comunhão se faz de coração para coração; a comunhão é um sentimento. Comunicação é conhecimento: só palavras são dadas, só palavras são ditas e só palavras recebidas e compreendidas. E as palavras são tais, a própria natureza das palavras é tão morta, que nada do que é vivo pode se relacionar através delas. Mesmo na vida comum - deixando de lado o Definitivo - mesmo um momento estático, quando realmente sentes algo e tornas-te algo, é impossível dizê-lo através de palavras.

Na minha infância eu costumava ir ao rio, logo ao amanhecer. A povoação é pequena. O rio é muitíssimo preguiçoso, parece mesmo que nem flui. Pela manhã, quando o sol ainda não se levantou, não se pode ver se corre, tão lento e silencioso ele se mostra. E pela manhã, quando não há ninguém ali, antes de os banhistas chegarem, o silêncio do rio é espantoso. Nem mesmo
os pássaros cantam ainda, pela manhã; é muito cedo e não há som algum, apenas uma insondabilidade penetra tudo. E o cheiro das mangueiras suspende-se ao longo de todo o rio.

Eu costumava ir até lá, para o mais recuado canto do rio, só para me sentar ali, só para estar ali. Não havia necessidade de fazer nada; só o estar ali já era suficiente, tão bela era a experiência. Tomava banho, nadava e, quando o sol se erguia, ia para a outra margem, para a vasta extensão de areia, enxugava-me sob o sol, deitando-me ali, e, às vezes, adormecendo.

Quando voltava, minha mãe costumava perguntar: "Que estiveste fazendo durante toda a manhã?" E eu respondia: "Nada." Porque, realmente, eu nada estava fazendo. Ela retornava: "Como é possível? Que não tenhas feito nada? Deves ter estado a fazer alguma coisa." Ela tinha razão, mas eu também não estava errado.

Eu não tinha estado a fazer coisa alguma. Estivera apenas ali, com o rio, sem nada fazer, deixando que as coisas acontecessem. Se sentia vontade de nadar - preste atenção -, se sentia vontade de nadar, nadava; mas não era um ato de minha parte, eu não estava forçando nada. Se sentia vontade de dormir, dormia. As coisas aconteciam, mas não havia o que as fazia acontecer.
E minha primeira experiência de satori iniciou-se junto àquele rio: nada fazer, estar ali, simplesmente, e milhões de coisas acontecendo.

Minha mãe, entretanto, insistia em que alguma coisa eu estivera fazendo; então eu dizia: "Está bem, tomei um banho e enxuguei meu corpo ao sol." Ela, então, se mostrava satisfeita. Eu, porém, não o estava, porque o que se passava no rio não podia ser expressado por palavras. "Tomei um banho" parece algo tão falho e descorado! Brincar no rio, boiar, nadar no rio eram
experiências de tal modo profundas, que não fazia sentido algum dizer simplesmente: "Tomei um banho." Ou dizer apenas: "Eu estive ali, caminhei pela margem, sentei-me ali" - palavras que nada transmitiram.

Mesmo na vida cotidiana sentimos a inutilidade das palavras. E se ainda não sentiste a inutilidade das palavras, é porque não estiveste vivo, viveste apenas superficialmente. Se o que viveste, seja lá o que for, pode ser transmitido através de palavras, isso significa que absolutamente não viveste.

Quando, pela primeira vez, algo para além das palavras começa a acontecer, então a vida acontece para ti, a vida bate à tua porta. E quando o definitivo bate à tua porta, tu simplesmente te vês para além das palavras - tornas-te mudo, não podes falar. Nem mesmo uma só palavra se delineará em teu interior. E o que for que possas dizer parecerá tão descorado, tão morto, tão sem sentido, tão destituído de qualquer significação, que pensarás estar sendo injusto para com a experiência que te aconteceu. Lembra-te disto, porque Mahamudra é a última, a Definitiva experiência.

Mahamudra significa um orgasmo total com o Universo. Se tiveres amado alguém, algumas vezes sentiste uma fusão, uma submersão - os dois já não são dois. Os corpos permanecem separados, mas há algo entre esses corpos, algo como uma ponte, uma ponte de ouro, e a duplicidade interior desaparece. Uma vida-energia vibra em ambos os pólos. Se isso já aconteceu contigo, poderás compreender o que é Mahamudra.

Milhões e milhões de vezes mais profunda,
milhões e milhões de vezes mais alta é Mahamudra.
É um orgasmo total com o Todo, com o Universo. É fundir-se na fonte do Ser.

Essa é a canção de Mahamudra. Foi belo da parte de Tilopa chamar a isso canção. Tu podes cantá-la, mas não podes dizê-la; podes dançá-la, mas não podes dizê-la. É algo tão profundo que o cantar pode transmitir, dela, minúscula parte - não o que cantares, mas a forma pelo qual cantares.

Muitos místicos simplesmente dançaram, depois de sua experiência com o definitivo. Não poderiam fazer outra coisa. Estavam dizendo algo através de todo o seu ser, de todo o seu corpo: corpo, mente, alma, tudo se envolvia naquela experiência. Dançavam, e aquelas não eram danças comuns. Na verdade, toda a sua dança nascera deles mesmos: era uma forma de contatar o êxtase, a felicidade, a beatitude.

Algo do desconhecido penetrara no conhecido, algo do além viera à terra - e que outra coisa poderias fazer? Dançar o fato, cantar o fato. Essa é a canção de Mahamudra.

E quem a cantará? Tilopa já não existe. A sensação orgásmica, ela própria está cantando, não é cantada por Tilopa. Tilopa já não existe. A própria experiência vibra e canta. Daí, a canção de Mahamudra, a canção do êxtase a canta. Tilopa fundiu-se. Quando aquele que procura se perde, só então a meta é atingida. Quando já não existe a experiência, a experiência ali está. Procura e perderás o que procuras, porque através da busca o que procuras se fortalecerá. Não procuras e encontrarás. O próprio fato de procurar, o próprio esforço torna-se uma barreira, porque quanto mais procurares, mais o ego se fortalecerá, como também aquele que procura... Não procures.

Esta é a mensagem mais profunda em toda a canção de Mahamudra: não procures; fica apenas onde estás, não vás a parte alguma. Ninguém jamais alcança Deus, ninguém o pode fazer porque não sabe qual é o endereço. Para onde irás? Onde encontrarás o Divino? Não há mapas, não há caminhos e não há ninguém para dizer onde Ele está. Não, ninguém jamais alcança Deus. Sempre se dá o contrário: Deus vem a ti. Quando estiveres pronto. E o estar pronto nada mais é do que estar em receptividade. Quando estiveres completamente receptivo, não haverá ego. Tu te tornarás um templo oco, sem ninguém lá dentro.

Tilopa diz, na canção, para te tornares oco como um bambu, nada por dentro. E, subitamente, no momento em que fores um bambu oco, os lábios do Divino estarão sobre ti, o bambu oco transformar-se-á numa flauta, e a canção começará - a canção de Mahamudra. Tilopa tornou-se um bambu oco, o Divino veio e a canção teve início. Não a canção de Tilopa, mas a canção da própria experiência Definitiva.

Alguma coisa sobre Tilopa antes de entrarmos nesse belo fenômeno. Não se conhece muito sobre Tilopa, porque nada, na verdade, pode ser conhecido sobre tais pessoas. Elas não deixam traços, não se tornam parte da História. Existem ao lado, não são parte do trânsito principal em que toda a Humanidade está se movendo. Elas não se movem no mesmo terreno. Toda a Humanidade move-se através do desejo, e pessoas como Tilopa movem-se na ausência do desejo. Elas simplesmente se afastam do trânsito principal da Humanidade, onde existe a História.

E, quanto mais distantes se colocam, mais mitológicas se tornam. Existem na qualidade de mitos; já não são acontecimentos do tempo. E assim é que deve ser, porque elas se movem para além do tempo - vivem na eternidade. Desta dimensão da nossa Humanidade comum, elas simplesmente desaparecem, evaporam-se. Só do momento em que estão evaporando, só desse momento é que nós nos recordamos, até então elas são parte de nós. Por isso é que não se conhece muito sobre Tilopa, sobre quem era ele.

Só existe a canção. É a dádiva de Tilopa; e foi concedida a seu discípulo Naropa. Essas dádivas não podem ser concedidas a ninguém - a não ser que exista uma profunda intimidade de amor. A pessoa tem de ser capaz de receber tal dádiva. E aquela canção foi concedida a Naropa, seu discípulo. Antes de recebê-la, Naropa foi testado de mil maneiras: sua fé, seu amor, sua confiança. Quando se soube que nada de duvidoso existia nele, nem mesmo a mais insignificante partícula de dúvida, quando seu coração estava inteiramente repleto de confiança e de amor, a canção lhe foi dada.

A indiferença é a chave; sê simplesmente indiferente. Ela aí está - aceite-a. Leva tuas energias, mais e mais, em direção à confiança e ao amor, porque a energia que se torna dúvida é a mesma energia que se torna confiança. Mantém-se indiferente à dúvida. No momento em que te

tornares indiferente, tua cooperação será rompida, tu não a estarás alimentando - porque é através da atenção que todas as coisas se alimentam. se deres atenção à tua dúvida, mesmo que seja contra ela, será perigoso, porque essa mesma atenção é alimento, é cooperação. Devemos, apenas, ser indiferentes - nem a favor, nem contra: não sejas a favor da dúvida e nem sejas contra a dúvida.

Assim, terás que compreender três palavras. Uma palavra é dúvida, a outra é crença e a terceira é confiança ou fé, aquilo que no Oriente se conhece como shraddha. A dúvida é uma atitude negativa em relação a qualquer coisa. O que quer que se diga é ouvido, de inicio negativamente. Tu te sentes contra aquilo e encontras razões, racionalizações, que apóiam tua "negatividade". Há, então, a mente da crença. É tal e qual a mente da dúvida, só que de cabeça para baixo - não há muita diferença. Tal mente vê tudo como positivo e tenta encontrar razões, racionalizações, que apóiem essa atitude "a favor". A mente que duvida suprime a crença, a mente que acredita suprime as dúvidas - mas ambas são do mesmo tipo, a qualidade não é diferente.

Há, então, um terceiro tipo de mente; e dessa mente a dúvida simplesmente desapareceu. Quando a dúvida desaparece, a crença também desaparece. Fé não é crença, é amor. Fé não é crença, porque não é a metade, é total. Fé não é crença, porque nela não há dúvida, portanto, como podes crer? Fé não é racionalização, absolutamente: não é contra, nem a favor disto ou daquilo. Ter fé é ter confiança, uma confiança profunda, amor. Não encontrarás racionalização para isso; simplesmente é assim. Então, que fazer?

Não crie crenças contra a fé. Sê indiferente a ambas, crença e dúvida, e leva tuas energias em direção ao amor: ama mais, ama incondicionalmente. Não ames a mim apenas, porque isso não é possível: se amas, simplesmente amas. Se amas, simplesmente existes sob uma forma mais amorosa - tem amor não só pelo Mestre, mas pelo céu e pela terra. Tu, o teu ser, a tua própria qualidade de ser tornam-se um fenômeno de amor. Então, surge a confiança. E só a confiança assim pode ser concedida uma dádiva como a canção de Mahamudra. Quando Naropa esteve pronto, Tilopa concedeu-lhe sua dádiva.

Portanto, recorda-te de que, com um Mestre, não estás "viajando-com-a-cabeça". Dúvida e crença são, ambas, "viagens-com-a-cabeça". Com um Mestre tu "viajas-com-o-coração". E o coração não sabe o que é dúvida, o coração não sabe o que é crença - o coração simplesmente, confia. O coração é como a criança pequena que vai pela mão do pai, e o segue para onde ele for, sem confiar, nem duvidar: a criança é indivisa. A dúvida é metade, a crença é metade. Uma criança ainda é total, inteira. Vai, simplesmente, para onde quer que seu pai se dirija. Quando um discípulo se torna tal qual uma criança, só então podem ser concedidas as dádivas do mais alto grau da percepção.

Quando tu te tornas o mais profundo vale da recepção, os mais altos graus da percepção te podem ser concedidos. Só um vale pode receber um grau. Um discípulo deve ser absolutamente feminino, receptivo, como um útero. Só então tal fenômeno acontece, como vai acontecer nesta canção.

Tilopa é o Mestre, Naropa o discípulo, e Tilopa diz: Mahamudra está para além das palavras e símbolos, mas para ti, Naropa, sério e leal, isto deve ser dito...

Aquilo está para além de palavras e símbolos, de todas as palavras e de todos os símbolos. Então, como pode ser dito? Há, então, alguma forma? Sim, há uma forma. Se há um Naropa, há uma forma. Se há, realmente, um discípulo, há uma forma. Depende do discípulo o ser, ou não, encontrada essa forma.

Se o discípulo for tão receptivo que não tenha mente própria, não julgará se é errado ou certo: ele não tem mente própria, cedeu sua mente ao Mestre; ele é, simplesmente, receptividade, um vazio pronto para receber incondicionalmente o que quer que lhe dêem - e então as palavras e os símbolos não são necessários. E, então, algo pode ser dado. Podes ouvir isso entre as palavras, podes ler entre as linhas; e as palavras são apenas uma escusa. O que é verdadeiro acontece exatamente às margens das palavras.

Palavras são apenas artifícios, expedientes. O real segue as palavras como uma sombra. E, se estiveres muito preso à mente, ouvirás as palavras, mas não poderás comunicar-te. Mas se não fores absolutamente uma mente, então as sombras sutis que seguem as palavras, muito sutis, só o coração as pode ver, sombras invisíveis, ondulações invisíveis da percepção, "vibrações"... então a comunhão será imediatamente possível.

Diz Tilopa:

"Mas para ti, Naropa, sério e leal, isto deve ser dito" - Aquilo que não pode ser dito deve ser dito ao discípulo. Aquilo que não pode ser dito, aquilo que é absolutamente invisível deve se tornar visível para o discípulo. Isso depende, não apenas do Mestre, mas, e ainda mais, do discípulo.

Tilopa foi afortunado, encontrando Naropa. Tem havido alguns desafortunados mestres que jamais encontraram um discípulo como Naropa. Assim, o que quer que tenham ganho desaparece com eles, porque não há ninguém para receber.

Às vezes, os mestres viajam milhares de milhas para encontrar um discípulo. O próprio Tilopa foi da Índia para o Tibete para encontrar Naropa, para encontrar um discípulo. Tilopa vagueou por toda a índia e não pôde encontrar um homem daquela qualidade, um homem que recebesse a dádiva, que a apreciasse, que estivesse em condições de absorvê-la, de renascer através dela. E, desde que a dádiva foi concedida a Naropa, ele se transformou totalmente. Conta-se que Tilopa disse a Naropa: "Agora vai e procura o teu Naropa."

Naropa também foi afortunado, pôde encontrar um discípulo cujo nome era Marpa. Marpa também teve muita sorte: encontrou um discípulo cujo nome era Milarepa. E então a tradição desapareceu, não houve mais discípulos daquele grande calibre que fossem encontrados. Por muitas vezes surgiram e desapareceram religiões; por muito tempo aparecerão e desaparecerão. Uma religião não se pode tornar uma seita, uma religião depende de comunicação pessoal, de comunhão pessoal. A religião de Tilopa existiu apenas durante quatro gerações - de Naropa a Milarepa -, depois desapareceu.

A religião é como um oásis; o deserto é vasto, mas, às vezes, em minúsculas partes do deserto aparece um oásis. Enquanto dura, procura-o. Enquanto ele ali estiver, bebe da sua água - ele é muito raro.

Jesus disse muitas vezes aos seus discípulos: "Um pouco mais permanecerei aqui. E, enquanto eu estiver aqui, comam da minha carne, bebam do meu sangue. Não percam essa oportunidade" - por milhares de anos, um homem como Jesus pode não aparecer aqui. O deserto é vasto. O oásis, às vezes, aparece e desaparece, porque o oásis vêm do desconhecido e precisa de uma âncora sobre esta terra. Se não houver âncora, ele não poderá permanecer. Um Naropa é uma âncora.

Se te embriagares de Jesus ou Naropa, serás totalmente transformado. A transformação é muito fácil e simples; é um processo natural. Só precisa tornar-te solo e receber a semente; tornar-te útero e receber a semente.

Mahamudra está para além das palavras e símbolos, mas para ti, Naropa, sério e leal, isto deve

ser dito...

Isso não pode ser expresso - é inexprimível -, mas tem de ser dito a um Naropa. Assim que o discípulo esteja pronto, o Mestre aparecerá, terá de aparecer. Onde quer que exista uma profunda necessidade, ela deve ser satisfeita. A completa existência responde à tua necessidade mais profunda, mas deves sentir a necessidade. De outra maneira, poderás passar por um Tilopa, por um Buda, por um Jesus, e não serás capaz nem mesmo de ver que passaste por Jesus.

Tilopa viveu neste país. Ninguém o ouviu, mas ele estava pronto para conceder a dádiva do Definitivo. Que aconteceu? E isso aconteceu neste país muitas vezes; deve haver algo por trás disso. E isto aconteceu neste país mais do que em qualquer outro lugar, porque mais Tilopas foram nascidos aqui. Mas por que acontece que um Tilopa tenha de ir ao Tibet? Por que acontece que um Bodidarma tenha de ir à China?

Este país sabe demais, este país têm se tornado demasiadamente preso à cabeça. Eis por que é difícil encontrar um coração - o país dos brâmanes e pundites, o país dos grandes conhecedores, dos filósofos. Eles conhecem todos os Vedas, todos os Upanixades; podem dizer de memória todas as escrituras: um país da cabeça. Por isso é que aquilo tem acontecido muitas vezes.

Mesmo eu sinto, tantas e tantas vezes senti, que onde chega um brâmane é difícil haver comunicação. Um homem que sabe demais torna-se quase impossível, porque ele sabe sem saber. Reuniu muitos conceitos, teorias, doutrinas, escrituras. Apenas sobrecarregou sua percepção, não a fez florescer. Nada do que sabe aconteceu a ele, tudo é emprestado; e tudo o que é emprestado não passa de entulho, podridão. Deita isto fora, assim que o puderes fazer.

Só o que acontece contigo é verdadeiro. Só o que em ti floresce é verdadeiro.
Só o que em ti cresce é verdadeiro e vivo.

Lembra-te sempre disso: evita conhecimentos emprestados.

O conhecimento emprestado torna-se um artifício da mente; esconde a ignorância, jamais a destrói. E, quanto mais estiveres rodeado de conhecimentos, bem profundamente, no centro, na própria raiz do teu ser, haverá mais ignorância e obscuridade. E um homem de conhecimento, de conhecimento emprestado, está quase que completamente fechado dentro de seu próprio conhecimento. E é difícil penetrá-lo, é difícil encontrar-lhe o coração, pois ele próprio perdeu o contato com o seu coração. Assim, não foi incidentalmente que Tilopa teve que ir ao Tibete, e Bodidarma à China: a semente teve de viajar para muito distante, não encontrando solo aqui.

Lembra-te disso, porque é muito fácil alguém tornar-se fortemente apegado ao conhecimento: é uma paixão, uma droga. O LSD não é tão perigoso, a maconha não é tão perigosa. De certa forma, são similares, porque a maconha dá um vislumbre de algo que ali não existe, dá-te um sonho de algo que é inteiramente subjetivo, dá-te uma alucinação. O conhecimento também: dá-te a alucinação de conhecer. Começas por sentir que sabes, porque podes declamar os vedas; sabes, porque podes argumentar; sabes porque tens a mente muito lógica e aguda. Não sejas tolo! A lógica nunca levou ninguém à Verdade. E uma mente racional é apenas um jogo. Todos os seus argumentos são pueris.

A vida existe sem argumento algum e a Verdade não necessita de provas - necessita apenas do teu coração. Não de argumentos, mas do teu amor, da tua confiança, da tua disponibilidade para receber.

"O Vácuo não precisa de confiança,
Mahamudra repousa sobre nada,
sem fazer esforço,
mas permanecendo desprendido e natural, é possível quebrar o jugo, ganhando assim, a libertação."

Se há alguma coisa, ela necessita de apoio, necessita de confiança. Mas se nada há, se apenas o vazio existe, não há necessidade de apoio nenhum. E esta é a compreensão mais profunda de todos os conhecedores: que o seu ser é um não-ser. Dizer-se que é um ser está errado, porque isso não é nada, não se parece com coisa alguma. Parece-se a coisa alguma: um vasto vazio, sem fronteiras. É apenas um anatma, um não-eu; não é um eu dentro de ti.

Todos os sentimentos do eu são falsos. Todas as identificações com "sou isto ou aquilo" são falsas.

Quando chegas ao Definitivo, quando chegas ao teu âmago mais profundo, sabes, subitamente, que não és isto, nem aquilo; que não és ninguém. Não és um ego; és apenas um vasto vazio. E, algumas vezes, se te sentares, fecha os olhos e procuras sentir o que és, para onde vais. Desce mais profundamente e poderás ter medo, porque quanto mais profundamente desceres, mais profundamente sentirás que és ninguém, que és um nada. Por isso é que as pessoas temem a meditação: ela é a morte, é a morte do ego; e o ego é apenas um falso conceito.

Agora os físicos chegaram a esta mesma verdade, através de sua pesquisa científica, aprofundando-se no terreno da matéria. O que Buda, Tilopa e Bodidarma encontraram mediante a visão interior, a Ciência tem estado a descobrir também no mundo exterior. Dizem, agora, que não há substância - e substância é um conceito paralelo do ego.

Uma pedra existe e sentes que ela é bem substancial. Podes atirá-la à cabeça de alguém e ela produzirá sangue; a pessoa atingida poderá até morrer. A pedra é muito substancial. Mas indaga dos físicos, e eles dirão que ela é não substância, que nada existe nela. Dirão que é apenas um fenômeno de energia. Muitas correntes de energia cruzando-se sobre aquela pedra dão uma sensação de substância, tal como tu, quando riscas muitas linhas cruzadas sobre um pedaço de papel: onde muitas linhas se cruzam, surge um ponto. O ponto não estava ali. Duas linhas se cruzam e o ponto surge; muitas linhas e se cruzam e um grande ponto surge. Aquele ponto está, realmente ali? Ou apenas as linhas, ao se cruzarem, é que dão a ilusão de que ali há um ponto?

Os físicos dizem que correntes de energia, cruzando-se, criam matéria. E, se perguntares o que são essas correntes de energia, dirão que não são materiais, que não têm peso, que são não materiais. Linhas não materiais cruzando-se dão a ilusão de coisa material, substancial, como a pedra.

Buda chegou a essa iluminação 2500 anos antes de Einstein. Dentro não existe ninguém; apenas as linhas de energia cruzando-se é que te proporcionam a sensação do eu. Buda costumava dizer que o eu é como uma cebola: tu a descascas, jogas fora a casca, mas uma outra surge. Se continuares descascando, camada por camada, o que permanecerá, afinal? A cebola será inteiramente descascada e nada encontrarás dentro dela.

O homem é tal como uma cebola. Descasca-se a camada de pensamentos, de sentimentos,
e, finalmente, o que encontramos? Um nada.

Esse nada não precisa de apoio. Esse nada existe por si mesmo.

Eis por que Buda disse que não existe Deus: Não há necessidade de Deus, porque Deus é um apoio. E diz que não há criador, porque não há necessidade de criar um nada. Este é um dos conceitos mais difíceis de entender - a não ser que o compreendas.

Por isso é que Tilopa diz: "Mahamudra está para além de todas as palavras e símbolos." Mahamudra é uma experiência do nada - simplesmente, tu não és.

E, se não és, quem está aí para sofrer?
Quem está aí, em dor e angústia?

E, quem está aí para estar feliz e bem aventurado?

Buda diz que, se sentires que estás bem aventurado, tornarás a ser vítima do sofrimento, porque ainda estás ali. Quando não estiveres, então não haverá sofrimento, nem bem-aventurança; e essa será a verdadeira bem-aventurança. Então, não poderás recuar. Atingir
o nada é atingir tudo.

Todo o meu esforço em relação a ti também é para conduzir-te ao nada, levar-te ao vácuo total.

"O vácuo não precisa de confiança, Mahamudra repousa sobre nada. Sem fazer esforço,
Mas permanecendo desprendido e natural,é possível quebrar o jugo, ganhando assim, a libertação."

A primeira coisa a compreender é que o conceito do eu é criado pela mente - não há eu em ti.

Isto aconteceu de fato: Um grande budista, homem de esclarecimento, foi convidado pelo rei para ministrar-lhe ensino. O nome do monge budista era Nagasen; o rei era o vice-rei de Alexandre. Quando Alexandre retornou da Índia, deixou ali Minander como seu vice-rei. Seu nome hindu era Milinda. Milinda pediu a Nagasen que viesse ensinar-lhe. Estava realmente interessado e ouvira muitas histórias sobre Nagasen. Muitos rumores haviam chegado à corte: "É um fenômeno raro! Raramente acontece que um homem floresça, e aquele homem floresceu. Tem, ao derredor, um aroma de algo desconhecido, uma energia misteriosa. Caminha sobre a terra, mas não é da terra." O rei ficou interessado e o convidou.

Um mensageiro foi ter com Nagasen e voltou bastante perplexo, pois ele lhe havia dito: "Sim, se ele convida, Nagasen irá;mas diga-lhe que não há ninguém como Nagasen. se é convidado, irá, mas diga-lhe, exatamente, que não há ninguém que seja "eu sou". Eu já não sou."

O mensageiro ficou perplexo, porque, se Nagasen já não era, quem viria? Milinda também ficou perplexo e disse: "Esse homem fala por enigmas. Mas deixemos que venha." Milinda era grego, e a mente grega é basicamente lógica.

Há apenas duas mentes no mundo: A hindu e a grega. A hindu é ilógica e a grega é lógica. A hindu move-se nas profundidades das trevas, estranhas profundidades onde não há fronteiras, onde tudo é vago, enevoado. A mente grega caminha sobre a linha lógica, reta, onde tudo está definido e classificado. A mente grega move-se no conhecimento. A mente hindu move-se no desconhecido, e , ademais, no incognoscível. A mente grega é absolutamente racional, a mente hindu é absolutamente contraditória. Portanto, se encontrares demasiadas contradições em mim, não te aborreças - essa é a forma. Na contradição está a forma oriental de relatar.

Milinda disse: - "esse homem parece ser irracional, parece ter enlouquecido. Se ele não é, então como pode vir? mas deixemos que venha. Eu provarei, apenas pela sua vinda, que ele é." Então,

Nagasen veio. Milinda o recebeu ao portão e a primeira coisa que disse foi: - "estou perplexo por teres vindo, apesar de teres dito que já não és."

Nagasen respondeu: - "Ainda digo isso. Portanto, vamos resolver o caso aqui mesmo."

Um grupo reuniu-se, toda a corte apareceu ali e Nagasen disse: "Tu fazes as perguntas."

Milinda perguntou: - "Dize-me, antes de mais nada: Se algo não é, como pode vir? Se, em primeiro lugar, ele não é, então não há possibilidade para a sua vinda; mas tu vieste. É simples lógica a constatação de que tu és."

Nagasen riu e disse: - "Olha para este ratha" (o carro em que tinha vindo). Olha para ele. Tu o chamas de ratha, um carro puxado por cavalos." Milinda confirmou. Então Nagasen mandou que seus acompanhantes retirassem os cavalos. Uma vez desatrelados os animais, Nagasen perguntou: - "Os cavalos são o carro?"

Milinda disse: - "Claro que não!" Então aos poucos, tudo quanto havia no carro foi sendo retirado, parte por parte. As rodas foram removidas, e ele perguntou: "essas rodas são o carro?" Milinda disse: - "está certo que não!"
Quando tudo foi removido, nada mais restando, Nagasen indagou: - "Onde está o carro em que vim? Não removemos o carro, e tudo quanto foi removido não era, segundo foi confirmado, o carro. Assim, onde está o carro?"

E nagasen explicou: -"è exatamente assim que Nagasen existe. Remove as partes e ele desaparecerá." Apenas linhas cruzadas de energia: removam-se as linhas e o ponto desaparecerá. O carro era apenas uma combinação de partes.

Tu também és uma combinação de partes, o eu é uma combinação de partes. Remove coisas e o eu desaparecerá. Por isso é que, quando os pensamentos são removidos da percepção, não podes dizer eu, porque não há eu - apenas um vácuo é deixado. Quando os sentimentos são removidos, o eu desaparece completamente. Tu és, e contudo não és: És apenas uma ausência sem fronteiras, vacuidade.

Essa é a obtenção final; esse estado é Mahamudra, porque só nesse estado podes ter o orgasmo com o Todo. Quando não há mais fronteiras, não existe eu. Agora já não há fronteiras para ti.

O Todo não tem fronteiras. Tu deves tornar-te como o Todo - mas para isso deve haver um encontro, uma fusão. Quando estás vazio, estás sem fronteiras, e, subitamente, tornas-te o Todo.

Quando não és, tornas-te o Todo. Quando és, tornas-te um feio ego.

Quando não és, tens toda a expansão da existência para que o teu ser seja.

Mas há contradições. Portanto, tenta compreender: Torna-te um pouco semelhante a Naropa, de outra forma estes símbolos nada levarão até ti. Ouve-me com confiança. E quando eu falo, ouve-me com confiança; se te digo que conheci isso, é assim como digo. Sou uma testemunha, dou um testemunho disso, isso é assim. Pode não ser possível dizê-lo, mas tal coisa não significa não significa que isso não seja. Podes dizer algo que não é, e podes ser incapaz de me compreender, se fores como Naropa, se me ouvires com confiança.

Não estou ensinando uma doutrina. De forma alguma ter-me-ia preocupado com Tilopa se essa também não fosse a minha própria experiência.

Tilopa disse isso muito bem:

"O vácuo não precisa de segurança, Mahamudra repousa sobre nada. Sobre nada Mahamudra repousa."

Mahamudra significa, literalmente, o grande gesto, ou o gesto definitivo; o último que podes ter e para além do qual nada é possível.

"Mahamudra repousa em nada.
Sê um nada e, então, tudo estará obtido. Morre e te tornarás um Deus.
Desaparece e te tornarás o Todo.
Aqui a gota desaparece
e ali o oceano passa a existir."

Não te agarres a ti mesmo - isso é o que tens feito em todas as tuas vidas passadas: Agarrar-te, receoso de, se não te agarrares, ter de olhar para baixo e encontrar um abismo sem fundo.

Por isso é que nos agarramos a coisas insignificantes, triviais, e continuamos agarrados a elas. O agarrar-se mostra que também és consciente de um vasto yazio interior. Precisas de alguma coisa em que agarrar-te, mas isso é o teu samsara, a tua angústia. Deixa-te cair no abismo. E, uma vez que tenhas caído no abismo, tornar-te-ás o próprio abismo.

Então, não há morte, porque como pode um abismo morrer? Então, não haverá fim, porque como pode o nada acabar?
Algo pode acabar, terá de acabar - mas só o nada pode ser eterno.
mahamudra repousa sobre o nada.

Deixa que te explique, através da experiência que tens. Quando amas uma pessoa, tens que tornar-te nada. Quando amas uma pessoa, tens que tornar-te um não - eu. Por isso é que o amor se torna tão difícil. É por isso que Jesus disse que Deus é igual a amor. Jesus sabia alguma coisa sobre Mahamudra, porque antes de iniciar seus ensinamentos em Jerusalém ele tinha estado na Índia. Também esteve no Tibete,onde encontrou pessoas como Tilopa e Naropa. Estagiou em mosteiros budistas e aprendeu o que é aquilo a que as pessoas chamam o nada. Então, tentou passar todo o seu conhecimento para a terminologia judaica. E foi aí que tudo se tornou confuso.

Não podes passar o entendimento budista para a terminologia judaica. É impossível porque a terminologia judaica depende de termos positivos e a terminologia budista depende de termos absolutamente niilistas: nada, vacuidade. Mas, aqui e ali, nas palavras de Jesus há vislumbres. Ele diz: "deus é amor" e está insinuando algo. O que?

Quando amas, tens que tornar-te um ninguém. Se permaneces alguém, o amor jamais acontece. Quando amas uma pessoa, mesmo por um só momento, quando o amor acontece e floresce entre duas pessoas, há dois nadas, não duas pessoas. Se já tiveste essa experiência de amor, poderás entender.

Dois amorosos, sentados lado a lado, um ao lado do outro, ou dois nadas sentados juntos:
Só então o encontro é possível, porque as barreiras foram destruídas, as fronteiras postas de lado. A energia pode mover-se de cá para lá, não há obstáculos. E só em tais momentos é que um profundo orgasmo de amor é possível.

Quando dois amorosos estão fazendo amor, o orgasmo só acontece se forem, ambos, não-eus, nada. Então a energia de seus corpos, todo o seu ser, perde completamente a

identidade. Eles já não são eles próprios, tombaram no abismo. Mas isso só dura por um momento. De novo voltam, de novo recomeça o apego. Por isso é que as pessoas também tem medo de amar.

No amor profundo, as pessoas temem enlouquecer, ou morrer, temem o que pode vir a acontecer. O abismo abre sua boca, toda a existência boceja e, subitamente, estás ali, podes tombar ali. As pessoas tornam-se medrosas do amor e, então, satisfazem-se com o sexo e chamam ao sexo "amor".

O amor não é sexo. O sexo pode acontecer no amor, pode ser parte dele, parte integral, mas o sexo, em si mesmo, não é amor - é um substituto. Tentais evitar o amor através do sexo. Dais a vós mesmos, a sensação de estar amando, mas não vos estais movendo em amor. O sexo é tal qual o conhecimento emprestado: dá a sensação de saber, sem saber, dá a sensação de amor e de estar amando, sem amar.

Amando não estais e o outro também não: Então, subitamente, os dois desaparecem. O mesmo acontece com Mahamudra. Mahamudra é o orgasmo total com a completa existência. Por isso é que em Tantra - e Tilopa é um Mestre Tântrico - o coito profundo, o coito orgasmático entre dois amorosos é também chamado Mahamudra; e dois amorosos em profundo estado orgasmático estão representados nos templos tântricos, em livros tântricos. Essa figura tornou-se um símbolo do orgasmo final.

E esse é todo o método de Tilopa e todo o método do Tantra: "Sem fazer esforço"... porque, se fazes esforço, o ego se robustece. Se fazes esforço, estás ali.

Portanto, o amor não é um esforço, não podes fazer esforço para amar. Se fizeres esforço, não haverá amor. Tu fluis para ele, tu não fazes esforço, simplesmente consentes que ele aconteça; não fazes esforço. Não é uma ação, é uma contecimento: "Sem fazer esforço"... E o mesmo se dá com o final, com o total: tu não fazes esforço, simplesmente flutua nele...

Mas permanece desprendido e natural. essa é a forma, esse é o próprio terreno de Tantra. O Ioga diz que se faça esforço, o Tantra diz que não se faça esforço. O Ioga é orientado para o ego - até que finalmente ele abandone a si mesmo - mas Tantra, desde o princípio, é orientado para o não-ego. O Ioga, ao final de sua prática, atinge tal significação, sentido e profundidade, que diz àquele que procura: "Agora, deixa cair o ego" - mas isto apenas no fim. Tantra diz isso desde o inicio - e Tantra leva à Meta Definitiva. O Ioga pode preparar para Tantra, isso é tudo, porque o ato final deve ser feito sem esforço, "desprendido e natural".

Que entende Tilopa por "desprendido e natural"? Não lutes consigo mesmo, desprende-te. Não tentes formar uma estrutura em torno do teu caráter, de tua moralidade. Não te disciplines demais, de outra forma tua própria disciplina se tornará dependência. Não cries uma prisão em torno de ti. Conserva-se desprendido, flutuando, move-te com a situação, responde à situação. Não te movas com um colete-caráter em torno de ti, não te movas numa atitude fixa. Permanece desprendido como água e não imóvel como o gelo. Permanece movendo-te e flutuando. Para onde a natureza te levar, vai. Não resistas, não tentes impor coisa alguma a ti mesmo, ao teu ser.

Toda a sociedade, entretanto, ensina-te a impor algo aos outros. Sê bom, sê moral, sê isto, sê aquilo. E Tantra está inteiramente para além da sociedade, da cultura, da civilização. Ele diz que, se fores demasiadamente culto, perderás tudo quanto é natural e, então, serás uma coisa mecânica, sem flutuar, sem fluir. Portanto, não forces uma estrutura em torno de ti - vive momento a momento, vive em vigilância. E isso já é profundo o bastante para ser entendido.

Por que razão as pessoas tentam criar uma estrutura em torno delas? Para não

necessitarem da vigilância - porque, se não tiveres um caráter em torno de ti, precisarás estar muito, muito atensivo: cada momento terás de tomar uma decisão. E tu não tens decisões pré-derteminadas, não tens uma atitude. No entanto, tens de responder a uma situação: algo está ali e estás inteiramente despreparado para isso. Terás de ser muito, muito consciente.

Para evitar a vigilância as pessoas criaram um artifício, e o artifício é o caráter, Force-se uma pessoa a determinada forma de disciplina e, esteja ela ou não em vigilância, a disciplina por si só ocupar-se-á de tomar conta. Tome-se como hábito o dizer sempre a verdade, faça-se disso realmente um hábito, e já não será mais preciso ter preocupações. Alguém fará uma pergunta e, pela força do hábito, será preciso dizer a verdade. Mas, dita pela força do hábito, a verdade estará morta.

E a vida não é tão simples. A vida é um fenômeno muito complexo. Às vezes, uma mentira é necessária, como, às vezes, uma verdade pode ser perigosa - devemos estar atentos. Por exemplo, se através da nossa mentira a vida de alguém é salva, se através dela ninguém é prejudicado e a vida de alguém é salva, que faremos? Se tivermos a mente fixa na idéia de que devemos ser verdadeiros, mataremos então, uma vida.

Nada é mais valioso do que a vida, verdade alguma é mais valiosa do que a vida. E, às vezes, nossa verdade pode matar a vida de alguém. Que farias? Só para salvar teu velho padrão e hábito, teu próprio ego, o "sou um homem verdadeiro", sacrificarias uma vida - só para ser um homem verdadeiro, só por isso? Estarás completamente louco! Se uma vida pode ser salva, mesmo que as pessoas te achem um mentiroso, que mal há nisso? Por que dar tanta importância ao que as pessoas dizem a teu respeito?

É difícil! Não é assim tão fácil criar um padrão fixo porque a vida segue, movendo-se e modificando-se e, a cada momento, há uma nova situação para a qual é preciso dar resposta. Responde com inteira consciência, isso é tudo. E deixa que a decisão saia da própria situação, não pré-fabricada, não imposta. Não tenhas contigo uma mente inteiramente edificada; conserva-te desprendido e natural.

Assim é um homem realmente religioso. De outra forma, as pessoas tidas como religiosas estão mortas. Agem de acordo com seus hábitos, continuam agindo de acordo com seus hábitos - isto é condicionamento, não liberdade. E percepção exige liberdade.

Sê desprendido: Recorda-te desta palavra o mais profundamente possível. Deixa que ela penetre em ti: Sê desprendido, de forma que, a cada situação, possas fluir facilmente como a água. A água, quando despejada num copo, toma a forma desse copo. Ela não resiste, ela não diz: "Essa não é minha forma." Se a água for despejada num jarro, ou num cântaro, toma a forma deles. Não tem resistência; é desprendida.

Conserva-te desprendido como a água.
Algumas vezes terás de mover-te para o norte, às vezes para o sul. Terás constantemente de mudar de direção e, conforme a situação, terás de fluir. Mas, se souberes como fluir, isso bastará. O oceano não estará tão longe, se souberes como fluir.

Portanto, não cries um padrão. Toda sociedade tenta criar um padrão, e todas as religiões tentam criar um padrão. Só umas poucas pessoas, pessoas iluminadas, têm sido corajosas o bastante para dizer a verdade; e a verdade é esta: Sê desprendido e natural! Se fores desprendido, serás natural, é evidente.

Tilopa não diz: "Sê moral!" Mas diz: "Sê natural!" E essas são dimensões diametralmente opostas. Um homem moral nunca é natural, não pode sê-lo. Se se sentir encolerizado, não

poderá demonstrá-lo porque a moralidade não o permite. Se sentir amor, não poderá amar porque a moralidade está presente. É sempre de acordo com a moralidade que ele age, e nunca de acordo com a sua natureza.

Eu, porém, te digo: Se te começares a mover de acordo com padrões morais, e não de acordo com a tua natureza, jamais alcançarás o estado de Mahamudra, porque esse é um estado natural, o mais alto grau do ser natural. Eu te digo: Se te sentes encolerizado, mostra-te encolerizado - mas a perfeita consciência deve ser retida. A cólera não deve sobrepor-se à tua percepção; isso é tudo.

Deixa que a cólera flua, deixa que ela aconteça, mas mantém-se inteiramente alerta para o que se passa. Permanece desprendido, natural, consciente, observando o que acontece. Aos poucos, verás que muitas dessas coisas simplesmente desapareceram, já não acontecem; e sem qualquer esforço de tua parte. Não tentaste suprimi-las e elas, no entanto, desapareceram.

Quando uma pessoa está consciente, a cólera, aos poucos, desaparece. Torna-se simplesmente estúpida - não má, lembra-te, porque má tem valor majorado. Ela torna-se, simplesmente, estúpida. Não será pelo fato de ela ser má que tu deixarás de permanecer tomado por ela, mas sim porque será uma tolice. Não um pecado, mas simplesmente uma estupidez. A avidez desaparece, ela é estúpida. O ciúme desaparece, ele é estúpido.

Lembra-se dessa avaliação. Na moralidade existe algo bom e algo mau. E em ser natural existe algo sensato e algo estúpido, não mau. Nada é mau, nem bom; só existem coisas sensatas e coisas estúpidas. E, se és tolo, prejudicas a ti próprio e aos demais. Se és sensato não prejudicas a ninguém - nem aos outros, nem a tua própria pessoa.

Não existe pecado não existe virtude Sensatez é tudo.
Se a quiseres chamar virtude, chama-a virtude.
E há a ignorância;
se a quiseres chamar pecado, esse será o único pecado.

Assim, como transformar tua ignorância em sensatez? Essa é a única transformação que importa e não podes forçá-la: Acontecerá quando tiveres desprendido e natural.

"... permanecendo desprendido e natural, é possível quebrar o jugo, ganhando, assim, a libertação."

E, então, a pessoa se torna totalmente livre. É difícil, a princípio, porque os velhos hábitos constantemente ressurgirão, forçando-te a fazer algo: Gostarias de ficar encolerizado, mas o velho hábito simplesmente produzirá um sorriso em teu rosto. Há pessoas que apesar de sorrirem, podes estar certo, acham-se encolerizadas. Mesmo naquele sorriso mostraram sua cólera. Ocultam algo e um falso sorriso aflora em seus lábios. São esses os hipócritas.

Um hipócrita é um homem não natural: Se nele há cólera, ele sorri; se há ódio, demonstra amor; se há desejos assassinos, simula compaixão. Um hipócrita é um perfeito moralista, absolutamente artificial, flor de plástico, feia, que não se quer usar. Não uma flor de verdade, mas uma simulação.

Tantra é o caminho natural: Sê desprendido e natural. Será difícil, porque os velhos hábitos terão de ser rompidos. Será difícil porque tens e terás de viver em uma sociedade de hipócritas. Será difícil, porque em toda parte entrarás em conflito com os hipócritas - mas será preciso passar por isso. Será árduo, porque há muito empenho em ostentações falsas e artificiais. Poderás sentir-se completamente a sós, mas essa fase será passageira. Depressa outras virão,

sentindo a tua autenticidade.

Recorda-te: Mesmo uma cólera autêntica é melhor que um sorriso falso, porque, pelo menos, é autêntica. E um homem que não pode sentir-se autenticamente encolerizado não pode, absolutamente, ser autêntico. Pelo menos ele é autêntico, verdadeiro para com o seu ser. Seja o que for que aconteça, poderás confiar nele, porque é verdadeiro.

E minha observação é esta: uma verdadeira cólera é bela e um falso sorriso é feio. Uma cólera verdadeira tem sua própria beleza, tal como o verdadeiro amor - porque a beleza está relacionada à Verdade. Não se relaciona ao ódio, nem ao amor. A beleza diz respeito ao verdadeiro. A Verdade é bela, seja qual for a forma que tome. Um homem verdadeiramente morto é mais belo do que um homem falsamente vivo, porque ao menos a qualidade básica de ser verdadeiro está presente nele.

A esposa de Mulla Nasrudin morreu. Os vizinhos reuniram-se, mas Mulla Nasrudin permanecia em pé, completamente tranqüilo, como se nada tivesse acontecido. Os vizinhos começaram a gritar, a chorar e disseram: -"Que estás tu fazendo aí, em pé, Nasrudin? Ela está morta!"

Nasrudin disse: - "Esperem! Ela era tão mentirosa que eu devo esperar pelo menos três dias para ver se é verdade ou não."

Mas recorda-te disto: A beleza é a da Verdade, da autenticidade. Torna-te mais autêntico, e florescerás. E, quanto mais autêntico te tornares, mais sentirás que muitas coisas se estão desprendendo por elas próprias. Tu não terás feito esforço algum para que isso acontecesse; tal coisa, tornar-te-ás mais e mais desprendido, mais e mais natural, autêntico. E diz Tilopa:

... é possível quebrar o jugo ganhando assim, a liberdade.

A liberdade não está muito distante, está somente oculta atrás de ti. Desde que sejas autêntico a porta se abrirá; mas és tão mentiroso, simulador e hipócrita, tu és tão profundamente falso, que sentes que a liberdade está muitíssimo distante. E não é assim! Para um ser autêntico, a liberdade é apenas natural. Tão natural como qualquer outra coisa.

Como a água flui em direção ao oceano, Como o vapor ergue-se em direção ao céu, Como o sol é quente e a lua é fria,
Assim é a liberdade para um ser autêntico.

Não se trata de algo de que nos possamos gabar. Nada de que possamos falar a outros, contando que a ganhamos.

Quando perguntaram a Lin Chi: - "Que te aconteceu? As pessoas dizem que te tornas-te um iluminado" - ele encolheu os ombros e disse: - "O que aconteceu? Nada; eu corto madeira na floresta e levo água ao Ashran. Tiro água do poço e corto madeira, porque o inverno está se aproximando." - E sacudiu os ombros, num gesto muito significativo.

Estava dizendo - "nada aconteceu. Que tolice me estão perguntando! Cortar lenha na floresta e tirar água do poço é coisa natural. A vida é absolutamente natural." E Lin Chi dizia ainda: "Quando sinto sono, vou dormir, quando sinto fome, como. A vida tornou-se absolutamente natural."

Liberdade é seres perfeitamente natural. A liberdade não é algo de que nos gabemos, dizendo que atingimos algo muito grande. Nada é grande, nada é extraordinário. Tudo estará sendo apenas natural, se fores tu mesmo.

Põe de lado as tensões, põe de lado a hipocrisia, põe de lado tudo quanto cultivaste em

torno do teu ser, e torna-te natural. De inicio será coisa muito árdua, mas só de inicio. Desde que o consigas, outros também começarão a sentir que algo te aconteceu, porque o ser autêntico possui muita força, muito magnetismo. As pessoas começarão a sentir que algo te aconteceu: "Este homem já não vive como se pertencesse ao nosso meio, ele se tornou totalmente diferente." E não estarás perdido, porque apenas perdeste coisas artificiais. Assim que o vácuo for criado, com o descarte das coisas artificiais, das simulações, das máscaras, então o ser natural começará a florescer. Ele precisa de espaço.

Esvazia-te, sê desprendido e natural. Deixa que isso se torne o princípio mais fundamental da tua vida.

Se alguém nada vê quando contempla o espaço, se com a mente alguém observa a mente,
esse alguém destrói distinções e alcança o estado de Buda
As nuvens que vagueiam pelo céu não têm raízes, nem lar,
também assim são os pensamentos distintivos vagando através da mente.
Desde que a mente-eu é vista, cessa a discriminação.
Formas e cores formam-se no espaço,
mas o espaço não é tingido nem pelo branco, nem pelo negro. da mente-eu todas as coisas emergem,
e a mente não é manchada nem por virtude, nem por vícios.

II. O problema raiz de todos os problemas

O problema raiz de todos os problemas é a própria mente. Assim, a primeira coisa a ser compreendida é o que vem a ser a mente, de que matéria é feita, se é uma entidade ou apenas um processo, se é substancial ou apenas ideal. A não ser que conheças a natureza da mente, não poderás resolver nenhum dos problemas de tua vida.

Podes pensar duramente, mas, se tentares resolver problemas isolados, individuais, estarás voltado ao fracasso - isso é absolutamente certo. Porque, na realidade, não existe problema individual: A mente é o problema. Resolver este ou aquele problema de nada adiantará porque a raiz deles permanece intocada. É tal como cortar os galhos de uma árvore, podando as folhas, sem desenraizá-la. Novas folhas virão, novos galhos brotarão - até mais do que antes. A poda ajuda a árvore a se tornar mais espessa. A menos que saibas como arrancá-la pela raiz, tua luta será injustificada, tola. Destruirás a ti mesmo, não a árvore.

Lutando, desperdiçarás tua energia, teu tempo, tua vida, e a árvore continuará tornando-se cada vez mais forte, mais espessa, mais densa. E ficas surpreendido com o que vai acontecendo. Trabalhas tão duramente, tentando resolver este e aquele problema, e estes continuam crescendo, aumentando. E mesmo quando consegues que um problema seja resolvido, dez outros, subitamente, ocupam seu lugar. Não tentes resolver problemas individuais, isolados - eles não existem: a própria mente é o problema. A mente, porém, está oculta subterraneamente; por isso eu a chamo raiz, ela não é aparente. Em qualquer ocasião em que te deparas com um problema, ele está acima do solo; tu podes vê-lo, por isso és iludido por ele. Lembra-te sempre:
O visível jamais é a raiz. A raiz sempre permanece invisível, a raiz está sempre oculta. Nunca lutes contra o visível, pois estarás lutando contra sombras. Será em vão, não poderá haver nenhuma transformação em tua vida. Os mesmos problemas aflorarão novamente, novamente e novamente. Observa tua própria vida e verás o que eu quero dizer. Não estou falando de teoria alguma sobre a mente, mas sobre a "artificialidade" da mente. Este é o fato: É preciso resolver a mente.

As pessoas vêm a mim e perguntam: "Como obter uma mente pacífica?" Eu lhes respondo:
"Não existe tal coisa, mente pacífica. Jamais ouvi falar disso."

A mente nunca é pacífica. A "não-mente" é paz. A mente, em si mesma, nunca pode ser pacífica, silente. A própria natureza da mente é estar tensa, confusa. A mente nunca pode ser clara, nem ter certeza, porque a mente é, por natureza, confusão, nevoeiro. A clareza é possível sem a mente, a paz é possível sem a mente, o silêncio é possível sem a mente - portanto, nunca tentes obter uma mente silenciosa. Se o fizeres, desde o inicio te estarás movendo num plano impossível.
Assim, a primeira coisa a compreender é a natureza da mente; e só então, algo poderá ser feito. Se observares, jamais encontrarás uma outra entidade parecida à mente. Ela não é uma coisa, é apenas um processo; não é uma coisa, é apenas um processo; não é uma coisa, é como uma multidão. Pensamentos individuais existem, mas seu movimento é tão rápido que não podes ver as brechas entre eles. Os intervalos não podem ser vistos porque não estás consciente e alerta; precisas de uma visão interior mais profunda. Quando teus olhos puderem ver profundamente, verás, subitamente, um pensamento, outro pensamento e ainda outro pensamento - mas não verás a mente. Pensamentos reunidos, milhões de pensamentos, dão-te a ilusão de que a mente existe: Como uma multidão, milhões de pessoas em pé, em multidão; há tal coisa, multidão? Podes encontrar a multidão separada dos indivíduos que ali estão?

Mas estão reunidos e a reunião faz com que sintas que existe algo que é multidão - mas só

indivíduos existem. Este é o primeiro olhar interior para a mente. Observa e encontrarás pensamentos, mas nunca te depararás com a mente. E, se isso se tornar uma experiência tua - não porque eu o digo, não porque Tilopa canta a esse respeito, só isso não ajudaria muito -, se isso se tornar a tua própria experiência, se isso se tornar um fato de teu próprio conhecimento, então, subitamente, muitas coisas começarão a se modificar. Porque terás compreendido algo tão profundo sobre a tua mente, que muitas coisas podem seguir-se a isso. Observa a mente e vê onde ela está, o que é. Sentirás pensamentos flutuando e intervalos. E, se observares por bastante tempo, verás que os intervalos existem em maior número do que os pensamentos, porque cada pensamento precisa estar separado de outro pensamento. de fato, cada palavra precisa estar separada de outra palavra. Quanto mais profundamente fores, mais e maiores brechas encontrarás. Um pensamento flutua e, então, surge uma brecha onde não existe pensamento. Então surge outro pensamento e outra brecha se segue.

Se estiveres inconsciente, não poderás ver os intervalos, as brechas. Saltarás de um pensamento a outro e nunca verás a brecha. Se te tornares consciente, verás cada vez mais brechas. Se te tornares perfeitamente consciente, então, milhares de intervalos te serão revelados. E, nesses intervalos acontece o satori,

Nesses intervalos, a Verdade bate à tua porta. Nesses intervalos, Deus é compreendido, ou a forma, seja lá qual for, em que expresses tal coisa.

Então, a percepção é absoluta. Então, haverá apenas um vago intervalo de inanidade.
Observa as nuvens: as nuvens movem-se e podem ser tão densas que não consegues ver o céu através delas. A vasta extensão azul do céu está perdida e tu estás coberto pelas nuvens. Então, continuas a observar: Uma nuvem se move e outra ainda não chegou ao teu campo de visão - subitamente, há um ponto na vastidão azul do céu.

O mesmo acontece interiormente: Tu és a vastidão azulada do céu, e os pensamentos são nuvens pairando em torno de ti. Mas os intervalos existem, o céu existe. Ter um vislumbre do céu é satori; tornar-se o céu é samadhi. De satori a samadhi, todo o processo é uma profunda visão interior para a mente; nada mais, o processo é uma profunda visão interior para a mente; nada mais.

Em primeiro lugar: A mente não existe como uma entidade; apenas os pensamentos existem. Em segundo lugar: Os pensamentos existem separados de ti; não são ligados à tua natureza. Eles vêm e vão - tu permaneces, tu persistes. Tu és como o céu: Nunca vem, nunca vai, está sempre ali.

As nuvens podem ir e vir, são fenômenos momentâneos, não são eternas. Mesmo que tentasses agarrar-te a um pensamento, não o poderias reter por muito tempo. Ele tem de ir, tem seu próprio nascimento e morte. Os pensamentos não são teus, não te pertencem. Chegam como visitantes, hóspedes, mas não são o hospedeiro.

Observa profundamente e te tornarás o hospedeiro e terás pensamentos como hóspedes. Como hóspedes, eles são belos; mas se esqueces completamente que és o hospedeiro, eles se tornam os hospedeiros e tu ficas em confusão. Isso é o inferno. Tu és o dono da casa, a casa te pertence, mas os hóspedes se tornaram donos. Recebe-os, cuida deles, mas não te identifiques com eles; de outra maneira, eles se farão senhores.
A mente torna-se problema porque tomaste os pensamentos tão profundamente, dentro de ti, que esqueceste por completo a distância, o fato de eles serem visitantes, de irem e virem.
Lembra-te sempre do que é duradouro: O que é a tua natureza, teu Tao. Fica sempre atento ao que nunca vem e nunca se vai, tal como o céu.

Muda o gestalt: Não faças dos visitantes o teu foco; permanece enraizado no hospedeiro. Os visitantes vão e vêm.

Há, naturalmente, bons e maus visitantes, mas não precisas preocupar-se com eles. Um bom hospedeiro trata todos os hóspedes da mesma maneira, sem fazer distinções. Um bom hospedeiro é apenas um bom hospedeiro: Quando um mau pensamento surge, ele trata o mau pensamento da mesma forma como trataria um bom pensamento. Não é de sua competência julgar o pensamento bom ou mau.

Que estás fazendo quando distingues este pensamento como bom e aquele como mau? Estás trazendo o bom pensamento para mais junto de ti, e empurrando para longe o mau pensamento. Mais cedo ou mais tarde, estarás identificado com o bom pensamento, que passará a ser o hospedeiro. E qualquer pensamento, quando se torna o hospedeiro, cria sofrimento - porque não é a verdade. O pensamento é um simulador, e tu te identificas com ele. A identificação é doença.

Gurdjieff costumava dizer que só uma coisa é necessária: Não se identificar com o que vem e vai. A manhã vem, depois dela o meio-dia, vem a tarde, e todos eles se vão. Chega a noite e, novamente, a manhã. Tu permaneces - não como tu, porque isso também é um pensamento, mas como pura percepção. Não o teu nome, porque isso também é um pensamento; não tua forma, porque isso também é um pensamento; não teu corpo, porque um dia compreenderás que também ele é um pensamento. Apenas pura percepção, sem nome, sem forma: Somente a pureza, somente o que não tem forma nem nome, somente o próprio fenômeno de estar consciente - só isso é duradouro.

Se te tornas identificado, tornas-te mente. Se te tornas identificado, tornas-te corpo. Se te tornas identificado, tornas-te um nome e uma forma - o que os hindus chamam nama, rupa, nome e forma - e, então, o hospedeiro está perdido. Esqueces o eterno e o momentâneo torna-se importante. O momentâneo é o mundo, o eterno é o Divino.

Esta é a segunda visão interior a ser obtida; a de que és o hospedeiro e os pensamentos são os hóspedes.

O terceiro passo, se continuares observando, depressa será compreendido. O terceiro passo diz que os pensamentos são estrangeiros, intrusos, estranhos. Nenhum pensamento é teu. Eles sempre vêm de fora; tu és apenas uma passagem. Um pássaro entra numa casa por uma das portas, e sai, voando, por uma outra. É exatamente assim que os pensamentos vêm e saem de ti.

Continuas a pensar que os pensamentos são teus. Não só isso; também lutas pelos teus pensamentos, dizendo: "Este é o meu pensamento, esta é a verdade." Discutes, debates, argumentas, tentas provar que "isto é o meu pensamento". Nenhum pensamento é teu, nenhum pensamento é original - todos os pensamentos são empréstimos. E não são apenas de segunda mão, porque antes que os fizesses milhões de pessoas já reivindicaram esses mesmos pensamentos. O pensamento é tão exterior como um objeto.

O grande fisico Eddington disse, algures, que, quanto mais profundamente se entra por um assunto, mais se vai compreendendo que as coisas são pensamentos. Talvez seja assim, eu não sou um físico; Eddington pode estar certo. Quando diz que as coisas se parecem mais e mais com pensamentos, à proporção que nos aprofundamos, mas, por outro lado, eu gostaria de dizer-te que, se te aprofundares em ti mesmo, os pensamentos parecerão coisas, cada vez mais.
Na verdade, são dois aspectos do mesmo fenômeno: Uma coisa é um pensamento, um

pensamento é uma coisa.

Quando digo que um pensamento é uma coisa, o que estou querendo dizer? Quero dizer que podes lançar teu pensamento, tal como lanças um objeto. Podes ferir uma pessoa com um pensamento, tal como o farias com um objeto. Podes matar uma pessoa através do pensamento, tal como se atirasses uma adaga. Podes dar teu pensamento como uma dádiva, ou como uma infecção. Pensamentos são coisas, são forças, mas não te pertencem. Vêm, permanecem durante algum tempo contigo e depois deixam-te. O universo todo está cheio de pensamentos e coisas. As coisas são somente a parte física dos pensamentos, e os pensamentos são a parte mental das coisas.

Por isso, pelo fato de os pensamentos serem coisas, muitos milagres acontecem. Se uma pessoa pensa constantemente em ti e em teu bem-estar, ele virá, porque essa pessoa estará continuamente lançando forças sobre ti. É por isso que as bênçãos são úteis, auxiliadoras. Se puderes ser abençoado por alguém que atingiu a não-mente, a bênção será verdadeira, porque um homem que nunca usa pensamentos acumula a energia do pensamento, de forma que, o que quer que ele diga será verdadeiro.

Em toda tradição oriental, antes de uma pessoa começar a aprender a não-mente, ensinam-se técnicas, dando muita ênfase ao fato de que ela deve deixar de ser negativa, porque, uma vez atingida a não-mente, se a tendência dessa pessoa permanece negativa, ela pode tornar-se uma força perigosa. Antes que a não-mente seja atingida, a pessoa deve tornar-se absolutamente positiva. Aí reside toda a diferença entre a magia branca e a magia negra.

A magia negra nada mais é do que um homem que acumulou energia de pensamento sem, primeiro, rejeitar sua negatividade. E a magia branca nada mais é do que um homem que obteve muita energia de pensamento e baseou seu eu total numa atitude positiva. A mesma energia, possuindo negatividade, torna-se negra. Idêntica energia, com positividade, torna-se branca. Um pensamento é uma grande força; é uma coisa.

Essa é a terceira visão interior. Tem de ser entendida e vigiada dentro de ti.

Às vezes, percebes teu pensamento funcionando como uma coisa, mas, por causa de um condicionamento demasiado materialista, pensas que isso é apenas uma coincidência. Negligencias o fato, simplesmente não lhes dás atenção, permaneces indiferente, esqueces. Mas, muitas vezes, sabes que pensaste sobre a morte de uma certa pessoa - e ela morreu. Ou, às vezes, pensas num amigo, em como seria bom se ele viesse - e ele bate à tua porta. Pensas que se trata de uma coincidência. Não é uma coincidência. Na verdade, não existe isso a que chamam coincidência; tudo tem sua causa. Teus pensamentos não cessam de construir um mundo em torno de ti.

Teus pensamentos são coisas; portanto, tem cuidado com eles. Maneja-os cuidadosamente.
Se não estiveres muito consciente, podes criar sofrimento para ti mesmo e para os outros - e já fizeste isso. E, lembra-te, quando crias sofrimento para alguém, inconscientemente, estás, ao mesmo tempo, criando sofrimento para ti mesmo - porque um pensamento é uma espada de dois gumes. Corta-te, simultaneamente, quando corta alguma outra pessoa.

Há uns dois ou três anos, um israelense, Uri Gueller, que trabalha com a energia do pensamento, exibiu uma experiência na televisão, na BBC da Inglaterra. Ele consegue entortar qualquer coisa apenas pensando: Alguém segura uma colher a uns três metros de distância de Uri Gueller, ele apenas pensa nela - e a colher entorta-se imediatamente. Tu não a poderias entortar com a tua mão, e ele a entorta com o seu pensamento. Mas um fenômeno muito raro ocorreu na BBC, e mesmo Uri Gueller não supunha que tal fosse possível.

Milhares de pessoas, em suas casas, estavam observando a experiência. E, quando ele a realizou, entortando objetos, em muitas residências muitos objetos caíram ao chão, retorcidos - milhares de objetos, em toda a Inglaterra. Foi como se a energia tivesse sido irradiada. Ele estava realizando a experiência a uma distância de três metros e, então, nas casas dos que observavam, a partir da tela do televisor, também a uma distância de três metros, muitas coisas aconteceram: Objetos entortaram-se, caíram, retorceram-se. Foi fantástico!

Os pensamentos são coisas, coisas muito poderosas. Há uma mulher, na Rússia soviética, Mikhailova. Ela é capaz de fazer muitas coisas com objetos a uma grande distância; é capaz de atrair as coisas para si através do pensamento. A Rússia soviética não acredita no oculto - trata-se de uma nação comunista, atéia - de forma que examina o trabalho de Mikhailova, busca saber o que acontece de uma forma científica. Mas, a cada vez que ela realiza a experiência, perde um quilo. O que significa isso?

Significa que ela lança pensamentos como tu lanças energia - e estás continuamente fazendo isso.

Tua mente é tagarela.
Estás irradiando coisas, desnecessariamente. estás destruindo pessoas em torno de ti.
estás destruindo a ti próprio.
És um perigo - constantemente irradiando.

E muitas coisas estão acontecendo por tua causa. E isso é, também, uma grande rede: O mundo inteiro, a cada dia, está se fazendo mais sofredor, porque é sempre maior o número de pessoas que vivem na terra, e elas irradiam cada vez maior volume de pensamentos.

Quanto mais recuas, mais pacífica se torna a terra - cada vez menor é o número de irradiadores. Nos dias de Buda, ou nos dias de Lao-Tsé, o mundo era muito pacífico, natural: Era um paraíso. Por que? A população era pequena; o povo não era dado a pensar demais, era mais inclinado a sentir. E, também, mais do que pensar, as pessoas estavam a rezar. Pela manhã, a primeira coisa que faziam era rezar. E, durante o dia inteiro, sempre que tinham um momento, rezavam intimamente.

O que é a oração?
Orar é enviar bênção a todos.
Orar é enviar tua compaixão a todos.
Orar é criar um antídoto contra os pensamentos negativos - é uma positividade.

Esta é a terceira visão interior sobre os pensamentos: Eles são coisas, forças, e deves manejá-los cuidadosamente.

Habitualmente, sem disso estares consciente, segues pensando em tudo. É difícil encontrar uma pessoa que não tenha cometido muitos assassinatos em pensamento, é difícil encontrar uma pessoa que não tenha cometido toda a sorte de pecados e crimes dentro da mente - e esses pensamentos podem se concretizar. E- lembra-te - podes não ser um assassino, mas o fato de pensares constantemente no assassinato de alguém pode criar uma situação através da qual essa pessoa seja assassinada. Alguém pode tomar o teu pensamento, porque há pessoas mais fracas em toda parte e os pensamentos fluem como a água: Para baixo. Se pensas constantemente em alguma coisa, alguém que é fraco pode tomar teu pensamento e matar alguém.

Por isso é que os que conhecem a realidade interior do homem dizem que, seja o que for que aconteça nesta terra, a responsabilidade é de todas as pessoas, de todas as pessoas. Quanto

ao que quer que aconteça no Vietnam, a responsabilidade não será apenas de Nixon; todos os que pensam são responsáveis. Só um tipo de pessoa não pode ser responsável: A pessoa que não tem mente. Exceto nesse caso, todas as pessoas são responsáveis pelo que acontece. Se a terra é um inferno, tu és o criador dele; tu participas.

Não continues a atirar a responsabilidade sobre os outros - tu também és responsável, isso é um fenômeno coletivo. A doença pode borbulhar em qualquer lugar, a explosão pode acontecer a milhares de milhas de distância do ponto onde estás, mas não faz qualquer diferença, porque o pensamento é um fenômeno não-espacial, não precisa de espaço.

Por isso é que o pensamento é o mais velos dos viajantes. Nem mesmo a luz desloca-se tão rápido, porque até para a luz há necessidade de espaço. O pensamento é o mais rápido viajante.
Na verdade, não usa o tempo para viajar, para ele o espaço não existe. Podes estar aqui, pensando em alguma coisa, e o que pensas pode acontecer no outro lado do mundo. Como podes ter sido o responsável? Tribunal algum pode punir-te, mas no tribunal definitivo da existência serás punido. Por isso é que te sentes infeliz.

Há pessoas que vêm a mim e dizem: - "Nós nunca fizemos nada de mal a ninguém, e, ainda assim, somos tão infelizes." Podem não ter feito nada de mal a ninguém, mas podem ter pensado algo - e o pensamento é mais sutil do que a ação. Uma pessoas pode proteger-se da ação, mas não pode proteger-se do pensamento. Ao pensamento todos são vulneráveis.

"Não-pensar" é uma necessidade absoluta, se queres ficar completamente livre do pecado, livre do crime, livre de tudo o que se passa em torno de ti - e isso significa ser um Buda. Um Buda
é uma pessoa que vive sem a mente, de forma a não ser responsável. No Oriente, dizemos que
tal pessoa nunca acumulou carma, nunca acumulou qualquer complicação para o futuro. Ela vive, caminha, move-se, come, fala, faz muitas coisas, de forma que deveria acumular carma, porque carma significa atividade, Mas no Oriente, diz-se que, ainda quando um Buda mate, ele não acumulará carma. Por quê?

É simples: O que quer que um Buda esteja fazendo, ele o faz sem colocar naquilo a mente.

Ele é espontâneo, não é atividade.
Ele não está pensando naquilo, mas aquilo acontece. Ele não é o que realiza a ação.
Ele não se move como um vazio.

Não tem mente para aquilo, não estava pensando em fazê-lo. Mas, se a existência permite que aconteça, ele deixa que aconteça.

Já não tem ego para resistir, já não tem ego para fazer.

Este é o significado do estar vazio, do não-eu: ser, apenas, um não-ser, anatta, "não-personalidade". Então, tu nada acumulas. Então, não és responsável por coisa alguma que aconteça em torno de ti. Então tu transcendes.

Cada pensamento isolado cria algo para ti e para os outros. Fica alerta!

Mas, quando digo "fica alerta", não quero dizer que devas pensar bons pensamentos, não. Porque, sempre que tens bons pensamentos, simultaneamente estás tendo maus pensamentos. Como pode o bom existir sem o mau? Se pensas em amor, bem ao lado, por detrás dele, o ódio está escondido. Como podes pensar em amor, sem pensar em ódio? Podes não pensar conscientemente, o amor pode estar na camada consciente de tua mente, mas o ódio estará escondido no inconsciente - ambos se movem juntos.

Sempre que pensas em compaixão, pensas em crueldade. Podes pensar em compaixão, sem pensar em crueldade? Podes pensar em não-violência, sem pensar em violência? Mesmo na

expressão não-violência a violência está presente, no próprio conceito. Podes pensar em Brahmacharya, celibato, sem pensar em sexo? E, se brahmacharya está baseada no pensamento de não-sexo, que tipo de brahmacharya é?

Não; há uma qualidade totalmente diferente de ser, que vem com o não-pensamento; nem bom, nem mau, simplesmente um estado de não-pensamento. Tu simplesmente observas, tu simplesmente permaneces consciente, mas não pensas. E, se algum pensamento surgir... surgirá, porque os pensamentos não são teus, estão flutuando no ar.

Em derredor, há uma esfera-de-percepção, uma esfera-de-pensamento. Como existe o ar, existe o pensamento em torno de ti, e ele vai penetrando por sua própria vontade. Só deixará de fazer isso, assim que te tornares mais perceptivo. Se te tornas mais e mais perceptivo, o pensamento simplesmente desaparece, desfaz-se, porque a percepção é uma energia maior que o pensamento.

A percepção é como o fogo para o pensamento. É algo como quando uma lâmpada é acesa, em tua casa, e a escuridão não pode entrar. Apagas a luz e, num momento, a escuridão penetra - vem de toda parte, sem a menor demora. Se há uma luz acesa na casa, a escuridão não pode entrar. Os pensamentos são como a escuridão: Só entram, se não houver luz lá dentro. A percepção é o fogo: Tu te tornas mais perceptivo e os pensamentos estarão cada vez menos.

Se te tornares realmente integrado com a tua percepção, os pensamentos não penetrarão absolutamente em ti: Tu te tornaste uma fortaleza inexpugnável, nada é capaz de penetrá-la. Não porque a tenhas fechado, lembra-te, estás inteiramente aberto. Apenas a própria energia da percepção é que tornou-te a tua fortaleza. E, se os pensamentos não podem entrar, virão e passarão ao teu lado.

Verás que eles surgem, mas, simplesmente, no momento em que se aproximarem de ti, se desviarão. Então podes ir a qualquer lugar, então podes ir para o próprio inferno - nada pode afetar-te. Isso é o que entendemos por iluminação.

Experimenta compreender agora este sutra de Tilopa:

Se alguém nada vê, quando contempla o espaço, se alguém com a mente, então, alguém observa a mente, esse alguém destrói distinções e alcança o estado de Buda.

Se alguém nada vê, quando contempla o espaço...

Esse é um método, um método do Tantra: Olhar para o espaço, para o céu, sem ver. Olhar com olhos vazios. Olhando e, ainda assim, não procurando algo: Apenas um olhar vazio.

Às vezes vês um olhar vazio nos olhos de um louco - os loucos e os sábios parecem-se, em certas coisas. Um louco olha para o teu rosto, mas percebes que ele não está olhando para ti. Ele apenas olha através de ti, como se fosses feito de vidro, transparente. Estás no caminho dele, mas ele não está olhando para ti. Para ele, tu és transparente. Ele olha para além de ti, através de ti. Olha sem olhar para ti; o para não está presente, ele simplesmente olha. Olha para o céu sem procurar algo, porque se procurares algo será possível que surja uma nuvem: "Algo" significa uma nuvem, "nada" significa a vasta extensão do azul celeste. Não procures nenhum objeto; uma nuvem aparecerá e, então, olharás para ela. Não olhes para as nuvens. Mesmo que haja nuvens, não olhes para elas - olha simplesmente. Deixa que flutuem, elas estão ali. Até que chega um momento em que sincronizas com esse olhar-não-olhar: As nuvens desaparecem para ti, só o vasto céu permanece. Isso é difícil, porque teus olhos estão focalizados e sincronizados para olhar as coisas.

Olha para uma criança pequena no dia em que nasce. Tem os mesmos olhos de um sábio - ou de um louco: soltos e flutuantes. Ela pode trazer ambos os olhos para o centro, deixar que eles flutuem para os cantos opostos, seus olhos ainda não estão fixos. Seu sistema é líquido, seu sistema nervoso ainda não é uma estrutura, tudo é flutuante. Assim, uma criança olha as coisas sem olhar, é o olhar de um louco. Observa a criança: O mesmo olhar te é necessário, porque deves conseguir, de novo, uma infância.

Observa um louco, porque o louco saiu fora da sociedade. A sociedade significa o mundo fixo dos papéis, dos jogos. Um louco é louco porque agora não tem um papel fixo, saiu de seu papel, é um perfeito desaparecido, em dimensão diferente. Ele não é louco; na realidade, é a única possibilidade de sanidade pura. Mas o mundo inteiro é louco, fixo - por isso o sábio também parece louco. Observa um louco: Esse é o olhar necessário.

Nas antigas escolas do Tibete havia sempre um louco, só para que os inquiridores pudessem observar seus olhos. O louco era muito importante. Procuravam-no porque um mosteiro não podia existir sem um louco. Tornava-se objeto a ser observado. Os inquiridores observavam o homem, seus olhos, e, então, tentavam olhar para o mundo como ele olhava. Eram, aqueles, dias muito belos.

No Oriente, os loucos nunca sofreram como sofrem no Ocidente. No Oriente eram valorizados, um louco era algo especial. A sociedade cuidava dele, respeitava-o, porque o louco tem certas características de sábio, certas características da criança. É diferente da chamada sociedade, da cultura, da civilização; saiu para fora de tudo isso. Naturalmente, caiu. Um sábio se evade para cima, um louco, para baixo - essa é a diferença - mas ambos se evadem. E têm similaridades. Observa um louco e, então, tenta deixar que teus olhos permaneçam fora de foco.

Em Harvard fez-se uma experiência, há alguns meses, que surpreendeu os experimentadores; não podiam acreditar naquilo. Tentava-se descobrir se o mundo, tal como o vemos, é assim mesmo, ou não - porque muitas coisas vieram à tona nestes últimos anos. Tentaram a experiência com um jovem: Deram-lhe óculos com lentes distorcidas para que os usasse durante sete dias. Durante os três primeiros dias, o jovem viveu em estado de angústia, porque tudo se apresentava distorcido, o mundo todo, ao redor, estava distorcido. Isso produziu-lhe grave dor de cabeça, e ele não conseguiu dormir. Mesmo com os olhos fechados, as figuras distorcidas apareciam: Rostos distorcidos, árvores distorcidas, estradas distorcidas. Ele nem mesmo podia caminhar, porque não era capaz de distinguir entre o que era verdadeiro e o que era projeção das lentes distorcidas. Mas um milagre aconteceu!

Depois do terceiro dia, o jovem acostumou-se com a nova situação e a distorção desapareceu. As lentes permaneceram tal qual eram, distorcidas, mas ele recomeçou a olhar o mundo da mesma forma antiga. Dentro de uma semana tudo voltou à sua ordem: Não havia dor de cabeça, não havia problemas; os cientistas ficaram simplesmente surpreendidos, sem poderem acreditar no que estava acontecendo. Os olhos se haviam deslocado completamente; era como se os óculos ali já não estivessem. Mas os óculos ali estavam, e distorcidos; não obstante os olhos voltaram a ver o mundo para o qual haviam sido treinados.

Vemos o mundo, não como ele é; vemo-lo como esperamos vê-lo, projetamos algo sobre ele. Aconteceu, certa vez, que, em uma pequena ilha do Pacífico pela primeira vez chegou um grande navio. As pessoas da ilha não o virão, nenhuma delas! O navio era imenso, mas as pessoas estavam adaptadas, seus olhos estavam adaptados, para barcos pequenos. Jamais tinham conhecido um navio tão grande, jamais tinham visto coisa igual. Seus olhos simplesmente

não apanharam o vislumbre, seus olhos simplesmente não apanharam o vislumbre, seus olhos simplesmente recusaram-se.

Ninguém sabe o que estamos vendo, ou se o que vemos está ali ou não. Pode não estar ali, ou pode estar, mas de uma forma totalmente diferente. As cores que vês, as formas que vês, tudo é projetado pelos olhos. E quando quer que olhes fixamente, focalizando segundo teus velhos padrões, vês as coisas de acordo com teu próprio condicionamento. Por isso é que o louco possui um olhar líquido, ausente, esteja ou não olhando.

Esse olhar é belo. É uma das maiores técnicas tântricas: Não vejas, olha apenas. Nos primeiros dias, renovadamente verás alguma coisa, porque esse é um velho hábito. Ouvimos coisas por causa de um velho hábito, vemos coisas por causa de um velho hábito, entendemos coisas por causa de um velho hábito.

Um os maiores discípulos de Gurdjieff, P.D,Ouspensky, costumava insistir sobre certas coisas com seus discípulos - e todos se ressentiam disso. Muitas pessoas o abandonavam, apenas por causa dessa insistência. Se alguém dizia: "Ontem o senhor disse..." ele, imediatamente, interrompia, falando: "Não digas isso assim; dize: Eu entendi que o senhor disse, ontem, tal e tal coisa. Acrescenta o "eu entendi que o senhor disse"; não digas "o que o senhor disse". Não podes saber o que eu disse. Fala sobre o que ouviste!" Ele insistia tanto porque nós somos pessoas de hábitos.

Se de outra vez alguém dizia: "Diz a Biblia que..." ele interrompia: "Não digas isso! Dize simplesmente, que entendeste que isto é dito pela Biblia." A cada sentença ele insistia: "Lembrai-vos, sempre, de que isso é o que vós entendestes!"

Nós continuamos nos esquecendo. Seus discípulos continuaram esquecendo muitas e muitas vezes, todos os dias, mas ele era obstinado quanto a esse ponto. Não permitia que continuassem. Dizia: "Volta. Dize primeiro: Eu entendi que o senhor disse. foi assim que eu entendi, porque tu ouves conforme tu mesmo, vês de acordo contigo mesmo; tens um padrão fixo para ver e ouvir."

É preciso abandonar essa maneira de ser.

Para conhecer a existência, todas as atitudes fixas devem ser abandonadas.

Teus olhos devem ser janelas, não projetores.

Teus ouvidos devem ser apenas portas, não projetores.

Isto aconteceu: Um psicanalista que estudava com Gurdjieff, tentou, numa cerimônia de casamento, uma experiência muito simples, porém bonita. Ficou ao lado, na fila da recepção. As pessoas iam passando e ele as observava; então, percebeu que ninguém estava ouvindo o que se dizia, tantas eram as pessoas - tratava-se do casamento de um ricaço. Então aproximou-se, e disse à primeira pessoa da fila, muito mansamente: "minha avó morreu hoje." O homem respondeu: "Muito gentil da sua parte, muito amável." Então, disse a mesma coisa à seguinte e ela respondeu: "Tão amável da sua parte." e quando chegou a vez do noivo este respondeu: "meu velho, já é tempo de fazeres o mesmo."

Ninguém ouve ninguém. Ouves o que esperas ouvir. A expectativa funciona como um par de óculos. Teus olhos deveriam ser janelas - esta é a técnica.

Nada deve sair de teus olhos, porque, se algo sai, uma nuvem é criada. Então, vês coisas que não existem e sofres sutil alucinação. Faze com que em teus olhos e ouvidos haja pura claridade. Todos os teus sentidos deveriam estar claros, tua percepção pura - só então a

Existência te poderia ser revelada. Quando conheceres a Existência, saberás que és um Buda,um Deus, porque na Existência tudo é Divino.

"Se alguém nada vê, quando contempla o espaço, se com a mente, então, alguém observa a mente..."

Contempla,primeiro, o céu. Deita-te no chão e fica apenas olhando para o céu. Só uma coisa deve ser tentada: Não olhes para nada. No início cairás muitas e muitas vezes, esquecerás muitas e muitas vezes; não te poderás lembrar continuamente, mas não te sintas frustrado; isso é natural, sendo o hábito tão antigo como o é. Cada vez que te tornares a lembrar, retira teus olhos do foco, faze com que fiquem soltos e olha apenas o céu - sem fazer nada, olhando apenas. Depressa chegará o momento em que poderás olhar para o céu, sem tentar ver algumas coisa ali.

Nesse momento, tenta isso com o teu céu interior: "... Se com a mente, então, alguém observa a mente..."

Fecha os olhos, então, e olha para o interior, sem procurar coisa alguma, com o mesmo olhar ausente. Os pensamentos flutuam, mas tu não procuras por eles, nem olha para eles - estás, simplesmente, olhando. Se vierem, será bom, se não vierem, também será bom. E, daí, serás capaz de ver as brechas: Um pensamento passa, passa também um outro - e a brecha. Então, aos poucos, poderás ver o pensamento tornar-se transparente: mesmo quando o pensamento estiver passando continuarás a ver a brecha, continuarás a ver o céu escondido atrás da nuvem.

E, quando mais te tornares sintonizado com essa visão, mais pensamentos irão tombando, aos poucos, diminuindo e diminuindo, diminuindo e diminuindo. As brechas se tornarão mais largas: Durante alguns minutos não haverá pensamentos; tudo se fará silencioso e quieto, interiormente - estais juntos pela primeira vez. Tudo parecerá absolutamente beatífico, não havendo perturbação. E, se essa maneira de ver tornar-se natural em ti - e torna-se, é uma das coisas mais naturais, basta desfocar, descondicionar-se -, então:

"... esse alguém destrói distinções..."

Nada existe de bom, nada existe de mau, nada é feio, nada é belo, "... e alcança o estado de Buda."

O estado de Buda significa o mais alto despertar. Quando não há distinções, quando todas as divisões se perderam, atinge-se a unidade, e só um permanece.

Não podes sequer dizer "um",porque o um também é parte da dualidade. O um permanece, mas não podes dizê-lo, porque sabes que não podes dizer um, sem, bem lá no fundo, estar dizendo dois. Não, tu não dizes que o um permanece, mas simplesmente que o dois desapareceu, que os muitos desapareceram. Agora o que existe é uma vasta unidade; já não há fronteiras para nada:

... uma árvore fundindo-se em outra árvore, a terra fundindo-se nas árvores, as árvores fundindo-se no céu, o céu fundindo-se no além... tu fundindo-te em mim, eu me fundindo em ti... tudo fundindo-se... as distinções perdidas, desfazendo-se e imergindo, como ondas, em outras ondas... uma vasta unidade vibrando, viva, sem fronteiras, sem definição, sem distinções... o sábio fundindo-se no pecador, o pecador fundindo-se no sábio... o bom tornando-se mau, o mau tornando-se bom... a noite fazendo-se dia e o dia fazendo-se noite... a vida desfazendo-se na morte, e a morte, novamente, modelando a vida... então tudo se tornou um...

Só nesse momento é que o estado de Buda é obtido: Quando há nada de bom, nada de mau, nem pecado, nem virtude, nem trevas, nem luz, nada, nenhuma distinção.

"As distinções existem por causa de teus olhos treinados.
A distinção é algo aprendido.
A distinção não existe na vida. A distinção é projetada por ti.
A distinção é dada ao mundo por ti - não está nele.
É um ardil de teus olhos lançando mão de um ardil."

As nuvens vagueiam pelo céu
Não têm raízes nem lar;
Também assim são os pensamentos distintivos

vagando através da mente.
desde que a mente é vista, cessa a discriminação.

As nuvens que vagueiam pelo céu não têm raízes nem lar... E o mesmo é verdadeiro em relação a teus pensamentos, e o mesmo é verdadeiro em relação a teu céu interior: teus pensamentos não têm raízes, não têm lar; tal como as nuvens, eles vagueiam. Assim não precisas combatê-los, nem sequer precisas tentar detê-los.

Isso deve tornar-se um profundo conhecimento em ti, porque sempre que uma pessoa se torna interessada em meditação, começa por tentar deter o pensamento. E, se tentares deter o pensamento, ele jamais se deterá, porque o próprio esforço para meditar é um pensamento. E como podes deter um pensamento com outro pensamento? Estarás agarrando-te à outro pensamento. E isso continuará, e continuará, até à náusea, e não terá fim. Não lutes, porque quem lutará? Quem és tu? Apenas um pensamento; portanto não te faças o campo de batalha de uma luta de pensamentos. Sê, antes, uma testemunha, observa apenas a flutuação dos pensamentos. Eles cessarão, mas não porque tu os tenhas detido. Cessarão porque te tornaste mais perceptivo, e não por qualquer esforço de tua parte; não, dessa forma eles jamais cessam, eles resistem. tenta e descobrirás: tenta deter um pensamento e o pensamento persistirá. Os pensamentos são obstinados, irredutíveis. São hatha yogis, persistem. Tu os repeles e eles retornam um milhão de vezes. Tu te cansarás, não eles.

Aconteceu que um certo homem foi ter com Tilopa. Esse homem desejava obter o estado de Buda e ouvira dizer que Tilopa o atingira. Tilopa estava estagiando num templo, algures, no Tibete. Quando o homem chegou, Tilopa estava sentado e o visitante disse: - "Eu gostaria de deter meus pensamentos."

Tilopa respondeu: - "Isso é muito fácil. Eu te ensinarei um plano, uma técnica. faze exatamente o que digo: senta-te e não penses em macacos. Isso bastará." O homem disse: - "É assim tão fácil? Basta não pensar em macacos? mas nunca andei pensando neles..."

Tilopa disse: - "faze o que eu disse e, amanhã pela manhã vem contar o que passou."
Bem podes compreender o que se passou com o pobre homem: macacos, macacos e macacos em torno dele. À noite não pôde dormir, nem mesmo cochilar. Abria os olhos e ali estavam eles. Fechava os olhos e ali estavam eles, e fazendo caretas. O homem estava simplesmente estupefato: Ora essa, por que aquele homem lhe havia ensinado aquela técnica? Como poderiam os macacos ser o problema, se nunca tinha pensado neles! Isso estava acontecendo pela primeira vez! mas tentou, e pela manhã, ainda tentou. Tomou um banho e sentou-se, sem nada

fazer: Os macacos não o largavam.

Voltou à noite, quase louco, porque os macacos o estavam seguindo e ele estava falando com os macacos. Chegou e disse: - "Dá um jeito em me salvar disto. Não quero saber dessa história. Eu estava muito bem, não quero saber de nenhuma meditação. Não quero saber da tua Iluminação - Livra-me desses macacos!"

Se pensares em macacos, pode ser que eles não venham ter contigo. Mas, se quiseres que eles não venham, eles te seguirão. Eles têm seus egos e não poderão deixar-te tão facilmente. E que achas de ti mesmo tentando não pensar em macacos? Os macacos se irritam, isso não pode ser suportado.

O mesmo acontece com as pessoas. Tilopa estava gracejando, dizendo que, se tentas deter um pensamento, não o podes deter. Pelo contrário, o próprio esforço para detê-lo dá-lhe energia, o próprio esforço para evitá-lo torna-se atenção. Assim, sempre que queres evitar algo dás demasiada atenção a esse algo. Se não quiseres pensar um pensamento, já estarás pensando nele.

Lembra-te disso; quando não, estarás no mesmo apuro em que se viu o pobre homem, que ficou obcecado pelos macacos, por ter desejado detê-los. Não há necessidade de deter a mente. Os pensamentos não têm raízes, são vagabundos sem lar; não precisas preocupar-te com eles. Observa, simplesmente observa, sem olhar para eles; simplesmente observa. Se os pensamentos vêm, não te sintas mal por isso; Se tiveres a mais leve impressão de que eles não são bons, já começarás a combater. É certo e natural: Assim como as folhas chegam para as árvores, os pensamentos chegam para a mente. Isso está certo, é exatamente o que deveria ser.

Se eles não surgem, é belo. Conserva-te, simplesmente, como imparcial observador, nem a favor nem contra, não apreciando nem condenando, sem qualquer avaliação. Conserva-te, simplesmente, dentro de ti mesmo, e olha, olha sem olhar.

E, quanto mais olhares, menos encontrarás; quanto mais profundamente olhares, maior numero de pensamentos desaparecerão, dispersar-se-ão. Desde que saibas disso, tens a chave em tua mão. E essa chave revela o mistério mais secreto: o mistério do estado de Buda.

As nuvens que vagueiam pelo espaço não têm raízes nem lar; também assim são os pensamentos distintivos vagando através da mente. Desde que a mente-eu é vista, cessa a discriminação.

E, desde que possas ver que os pensamentos são flutuantes, que não és os pensamentos, mas o espaço nos quais eles flutuam, terás atingido a tua mente-eu, terás compreendido o fenômeno da tua percepção. Então, a discriminação cessará: Então, nada será bom, nada será mau; qualquer desejo simplesmente desaparecerá, porque não haverá nada de bom, nada de mau, nada a ser desejado, nada a ser evitado.

Tu aceitas e te tornas desprendido e natural. Tu simplesmente, começas a flutuar com a existência, sem ir a parte alguma, porque não há meta; não te moves em direção de alvo algum, porque não há alvo. Começas a gozar cada momento, seja o que for que ele traga - seja o que for, lembra-te. E podes gozá-lo, porque agora não tens desejos nem expectativas. Nada pedes; portanto és grato ao que quer que recebas. Só o estar sentado e respirar é tão belo, só estar em algum lugar é tão maravilhoso, que cada momento da vida torna-se uma coisa mágica, um milagre em si mesmo.

Formas e cores formam-se no espaço, mas o espaço não é tingido nem pelo branco nem pelo preto. Da mente-eu todas as coisas emergem, e a mente não é manchada, nem por virtudes, nem por vícios.

Quando Buda alcançou o Definitivo, a perfeitamente Definitiva Iluminação, perguntaram-lhe:

Que conquistaste? - Ele riu e disse: - "nada, porque o que quer que eu tenha conquistado já estava dentro de mim. Não atingi nada de novo. Isso sempre esteve em mim, desde a eternidade, é a minha verdadeira natureza. Eu, porém, não tinha noção disso, não tinha consciência disso. O tesouro sempre esteve ali, mas eu o havia esquecido."

Tu esqueceste, eis tudo - essa é a tua ignorância. Entre um Buda e ti não há distinção, no que se refere à natureza. Só existe uma distinção; não te recordas de quem és, mas ele se recorda. Sois os mesmos, mas ele se recorda e tu não te recordas. Ele está acordado, tu estás profundamente adormecido, mas a vossa natureza é a mesma.

Trata de viver dessa maneira - Tilopa está falando sobre técnicas; vive no mundo como se estivesses no céu, faze teu próprio estilo de vida. Se alguém se zanga contigo, insulta-te - observa; se a cólera crescer em ti, observa; sê um observador sobre a montanha, e olha, olha, olha. E, só por olhar, sem olhar para nada, sem te tornares obcecado por coisa alguma, quando tua percepção se fizer clara, subitamente, num momento, na verdade sem qualquer tempo, um fato acontecerá, subitamente, fora de qualquer medida de tempo, e estarás plenamente acordado, serás um Buda, Tornar-te-ás um Iluminado, o Acordado.

Que ganha com isso um Buda? Nada. Pelo contrário, perde muitas coisas: O sofrimento, a dor, a angústia, a ansiedade, a ambição, o ciúme, o ódio, a dominação, a violência - perde tudo isso. E não obtém nada. Obtém o que ali já estava: Recorda-te.

As trevas dos tempos
Não podem amortalhar o sol fulgente; Os longos kalpas do samsara
Jamais podem esconder a luz brilhante da Mente.
Embora palavras sejam ditas para explicar o vácuo, O Vácuo, tal como é, jamais pode ser explicado.
Embora digamos que a Mente é uma luz brilhante,
Ela está para além de todas as palavras e símbolos. Embora a Mente esteja vazia em sua essência, Contém e abarca todas as coisas.

III. A natureza das trevas e da luz

Meditemos um pouco, primeiro, sobre a natureza das trevas. Eis uma das coisas mais misteriosas da existência – e tua vida está ligada a essa questão, não podes deixar de pensar nela. Precisamos entender a natureza das trevas, porque da mesma natureza é o sono, da mesma natureza é a morte e da mesma natureza é toda a ignorância.

A primeira coisa que te será revelada, se meditares sobre as trevas, é que as trevas não existem, não têm qualquer existência. É mais misteriosa a treva do que a luz, e não tem absolutamente existência – pelo contrário, não passa de ausência de luz. Não há trevas em lugar algum, tu não as pode encontrar, elas não têm existência em si mesmas; acontece, simplesmente, que a luz não está presente.

Se há luz, não há trevas; se não há luz, as trevas aparecem. A treva é a ausência de luz, não a presença de alguma coisa. Por isso é que a luz vai e vem, mas a treva permanece. Não é, mas permanece. Podes criar a luz, podes destruir a luz, mas não podes criar a treva e não podes destruir a treva. Ela está sempre ali, sem absolutamente estar ali.

A segunda coisa que compreenderás, se contemplares a treva, é que, por causa da sua não-existência, nada podes fazer com ela. E, se tentas fazer algo, tu serás derrotado. As trevas não podem ser derrotadas, pois como podes derrotar algo que não é? E, se fores derrotado, pensarás: "isso é muito poderoso, pois derrotou-me." Mas será absurdo! As trevas não têm poder; como pode uma coisa que não é ter poder? Tu não és derrotado pelas trevas e seu poder, tu és derrotado por tua insensatez. Em primeiro lugar, começas-te a lutar – e isso foi insensato. Como podes lutar com alguma coisa que não é? Lembra-te: Tens estado lutando com muitas coisas que não são, como as trevas.

A moralidade como um todo luta contra as trevas, por isso é estúpida. O todo da moralidade, incondicionalmente, é uma luta com as trevas, uma luta com algo que não é.

O ódio não é real, é apenas a ausência do amor.

A cólera não é real, é apenas a ausência da compaixão.

A ignorância não é real, é apenas a ausência do estado de Buda, da iluminação.
O sexo não é real, é apenas a ausência de brahmacharya.

E toda a moralidade continua lutando contra o que não é. Um moralista jamais poderá obter sucesso; é impossível que o tenha. Terá que ser derrotado, finalmente, pois todo o seu esforço é insensato.

E essa é a diferença entre religião e moralidade: a moralidade tenta lutar contra as trevas e a religião tenta acordar a luz que está escondida no interior. Não se preocupe com as trevas, mas, e simplesmente, tenta encontrar a luz íntima. desde que a luz ali esteja, as trevas desaparecerão. Desde que a luz ali esteja, não precisarás fazer nada em relação às trevas - elas, simplesmente, não existirão.

Esta é a segunda coisa: nada pode ser feito contra as trevas, diretamente. Se desejas fazer algo com as trevas, terás de fazer algo com a luz, não com as trevas. Apaga a luz e as trevas ali estarão; acende a luz, e as trevas já ali não estarão - mas não podes ligar e desligar as trevas, não podes trazê-las de algures, não podes expulsá-las. se quiseres fazer alguma coisa com as

trevas, deves fazê-lo por intermédio da luz, deves procurar o caminho indireto.

Nunca lutes com as coisas que não existem. A mente é tentada a lutar, e a atenção é perigosa: desperdiçarás tuas energias, tua vida e te desgastarás. Não te deixes tentar pela mente; vê, simplesmente, se algo tem existência real, ou se é apenas uma ausência. Se é uma ausência, não a combatas, mas procura a coisa da qual ela é a ausência - e estarás, então, na pista certa.

A terceira coisa sobre as trevas é que elas estão profundamente envolvidas em tua existência, de milhões de maneiras.

Sempre que estás encolerizado, tua luz interior desaparece. Na verdade, estás encolerizado porque a luz desapareceu, as trevas entraram. Só podes estar encolerizado quando estais inconsciente; não podes, conscientemente, encolerizar-te. Tenta isto: ou perdes a consciência e a cólera se instala, ou permaneces consciente e a cólera não aparece - não podes estar encolerizado conscientemente. O que significa isso? Significa que a natureza da consciência é exatamente igual à da luz e que a natureza da cólera é exatamente igual à das trevas - não podes ter ambas. Se tens a luz, não podes ter as trevas; se estás consciente, não podes estar colérico.

As pessoas procuram-me constantemente e perguntam como fazer para não se encolerizarem. estão fazendo a pergunta errada, dificilmente se consegue a resposta certa. Faze primeiro a pergunta certa. Não perguntes como afastar as trevas, não pergunte como afastar as preocupações, a angústia, a ansiedade. Analisa tua mente e vê, antes de mais nada, por que elas existem ali. Elas existem ali porque não és consciente o bastante; portanto, faze a pergunta certa: como ser cada vez mais consciente, ter cada vez mais maior percepção? Se perguntares como fazer para não te encolerizares, serás vítima de algum moralista. E, se perguntares como fazer para estar mais consciente, de forma que a cólera não possa existir, então estarás no caminho certo, então tu te tornarás um investigador religioso.

A moralidade é uma moeda falsa; engana as pessoas, não é, absolutamente, religião. A religião não tem nada a ver com a moralidade, porque a religião nada tem a ver com as trevas. Ela é um esforço positivo para o despertar. Ela não se preocupa com o teu caráter. Podes enfeitar, mas não mudar. Podes colori-lo de muitas e belas maneiras, podes pintá-lo, mas não podes mudá-lo.

Pode ocorrer somente uma transformação, uma revolução; e a revolução não virá por estar relacionada com o teu caráter, com os teus atos, com aquilo que fazes, mas por estar relacionada com o teu ser. Ser é um fenômeno positivo: desde que o ser está em alerta, desperto, consciente, as trevas desaparecem, subitamente - pois o ser é da natureza da luz.

A quarta coisa - e então podemos entrar no sutra - diz que o sono é tal qual as trevas. Não é por acaso que tens dificuldades em adormecer quando existe luz; é que é simplesmente natural. As trevas têm afinidade com o sono, por isso é tão fácil dormir à noite. As trevas envolventes criam o ambiente no qual tu podes adormecer muito facilmente.

Que acontece durante o sono? Perdes gradualmente a consciência. Até que, durante um certo intervalo, tu sonhas; o sonhar é um estado de meia-consciência, exatamente o estado central, tendendo para a inconsciência total. Do estado desperto estás seguindo para a inconsciência total. No caminho existe o sonho, e os sonhos significam, apenas, que estás meio

desperto, meio adormecido. Por isso é que, se sonhas continuamente, durante toda a noite, sentes-te cansado pela manhã. E, se não puderes sonhar, então também te sentirás cansado, porque os sonhos existem por uma certa razão.

Durante as horas em que estás desperto, acumulas muitas coisas, pensamentos, sentimentos, assuntos incompletos, suspensos à mente. Vês uma bela mulher no caminho e, subitamente surge o desejo em ti. Mas és um homem de caráter, de maneiras, civilizado, de modo que, repeles o desejo, não queres vê-lo, continuas com o teu trabalho - e um desejo incompleto permanece suspenso em tua mente. Ele precisa completar-se, de outra maneira não poderás adormecer profundamente, porque ele virá de volta, uma e mais vezes. E, dirá: - "Ouve! Aquela mulher é realmente bela, seu corpo tem encanto. E tu és um tolo, o que estás fazendo aqui? Procura-a. Tu perdeste uma oportunidade!"

O desejo, suspenso, não permitirá que adormeças. Então a mente cria um sonho: estás de novo no caminho, a bela mulher passa, mas dessa vez estás só e não há civilização alguma ao teu redor. Não há necessidade de maneiras, nenhuma etiqueta é exigida. És como um animal, natural; não há em ti moralidade. Aquele é o teu mundo particular, não há policiamento que ali possa entrar, não há juiz que ali possa julgar. Estás, simplesmente, a sós e terás um sonho sexual. O sonho completa o desejo suspenso e, então, adormeces. mas, se sonhares continuamente, também te sentirás cansado.

Nos Estados Unidos existem muitos laboratórios de sonhos; nesses laboratórios descobriu-se este fenômeno: se uma pessoa não puder sonhar, dentro de seis semanas ficará louca. É possível acordar alguém, repentinamente, logo que começa a sonhar, porque há sinais visíveis quando se começa a sonhar: as pálpebras, particularmente, começam a mover-se rapidamente, o que significa que a pessoa está tendo um sonho; quando não sonha, as pálpebras permanecem em repouso. Isso acontece porque quando sonha, os olhos funcionam. Acorde-se a pessoa; repita isso durante toda a noite, sempre que ela comece a sonhar - dentro de três semanas ela enlouquecerá.

O sono não parece ser tão necessário. Se acordares uma pessoa, quando não estiver sonhando, ela se sentirá cansada, mas não enlouquecerá. Que significa isso? Significa que os sonhos são uma necessidade para nós. Somos tão iludidos, toda a nossa existência é feita de tanta ilusão - o que os hindus chamam maya - que os sonhos se fazem necessários. sem sonhos não podes existir: os sonhos são o teu alimento, os sonhos são a tua força; sem sonhos, enlouquecerias. Os sonhos te desligam da loucura e, assim que esse desligamento acontece, tu adormeces.

Do estado desperto passas ao sonho, e do sonho passas ao sono. Durante toda a noite, uma pessoa passa por oito ciclos de sonhos; entre dois desses ciclos há algum momento de sono profundo. No sono profundo toda a consciência desaparece, tudo é inteiramente escuro. Mas ainda estás na fronteira, pois qualquer emergência te despertará; se a casa se incendeia, voltas à tua consciência desperta; ou, se és mãe e teu filho começa a chorar, tu corres, rapidamente para o despertar - de forma que permaneces na fronteira. Penetras nas trevas profundas, mas permaneces na fronteira.

Na morte, cais exatamente no centro. A morte e o sono são similares, a qualidade é a mesma. No sono, todos os dias, tu entras nas trevas, nas trevas completas; torna-te

completamente inconsciente, cais num estado exatamente oposto ao estado de Buda. Um Buda está totalmente desperto, ao passo que, a cada noite, tu tombas totalmente adormecido, em trevas absolutas.

No Gita, Krishna diz a Arjuna que, mesmo quando todos estão bem adormecidos, o iogue permanece acordado. Isso não significa que ele nunca durma: ele dorme, mas só seu corpo é que o faz, seu corpo descansa. Ele não tem sonhos porque não tem desejos; se não tem desejos, ele não pôde tê-los incompletos. E ele não dorme, como tu - mesmo no mais profundo descanso, sua consciência é clara, sua consciência arde como uma chama.

Todas as noites, quando adormeces, entras em profunda inconsciência, em coma. Na morte, entras em coma ainda mais profundo. Todas essas situações são como as trevas e, por isso, tens medo da escuridão. Porque ela se parece à morte. E há pessoas que também têm medo de dormir, porque o sono também se parece com a morte.

Conheci muitas pessoas que queriam dormir, mas não conseguiam. Quando tentei compreender-lhes as mentes, percebi que elas eram, basicamente, temerosas. Diziam desejarem dormir porque estavam fatigadas, mas bem no fundo receavam o sono - e isso é que criava toda a perturbação. Noventa por cento das insônias referem-se ao temor do sono. Tens medo. Tens medo da escuridão, tens medo também de dormir; e esse medo se relaciona ao medo da morte.

Se compreenderes que tudo isso é escuridão e que tua natureza interior é a da luz, as coisas começarão a se modificar. Então não haverá sono para ti, apenas repouso; então não haverá morte para ti, apenas uma mudança de roupagem, de corpos, uma mudança de vestuário. Mas isso só poderá acontecer, se compreenderes a flama interior, tua natureza, teu mais íntimo ser.

O Sutra:
As trevas dos tempos
não podem amortalhar o sol fulgente;
os longos kalpas do samsara
jamais podem esconder a luz brilhante da Mente.

Os que despertaram chegaram a compreender que... as trevas dos tempos não podem amortalhar o sol fulgente.

Tu podes ter vagado entre as trevas durante milhões de vidas, mas não podes destruir tua luz interior, porque as trevas não podem ser agressivas. Elas não existem: como pode aquilo que não existe, ser agressivo? As trevas não podem destruir a luz - como podem as trevas destruir a luz? Mesmo uma chama pequena as trevas não podem destruir; não podem saltar sobre ela, não podem entrar em conflito com ela - como podem as trevas destruir uma chama? Como podem as trevas amortalhar uma chama? Isso é impossível, jamais aconteceu, porque simplesmente não pode acontecer.

Mas as pessoas continuam pensando em termos de conflito: pensam que as trevas estão contra a luz. Isso é absurdo! As trevas não podem estar contra a luz Como pode uma ausência estar contra aquilo de que ela é a ausência? As trevas não podem estar contra a luz: não há luta, há, simplesmente, ausência: pura ausência, pura impotência - portanto, como pode ela atacar?

Tu continuas dizendo: "Que posso eu fazer? Tive uma crise de cólera." - isso é impossível: "Tive uma crise de ganância" - isso é impossível. A ganância não pode atacar, a cólera não pode

atacar: elas são da natureza das trevas, e teu ser é luz: assim, a simples possibilidade não existe. A cólera surge apenas porque a tua chama interior foi completamente esquecida, tu te tornaste inteiramente olvidado dela, não sabes que ela existe. Esse esquecimento é que pode amortalhá-la, mas não as trevas.

Assim, a escuridão verdadeira é o teu esquecimento, que, por sua vez, chama a cólera, a ganância, a sensualidade, o ódio, o ciúme. Mas não são eles que te atacam. Lembra-te: tu foste o primeiro a enviar o convite, vieram como hóspedes, como convidados. Podes ter esquecido que lhes fizeste o convite; podes esquecer, porque esqueceste a ti mesmo, podes esquecer tudo.

Esquecimento: eis a real escuridão.

E, no esquecimento, tudo acontece: tu és como um ébrio, te esqueceste inteiramente de ti mesmo, de quem és, para onde vais, de por que vais. Perdeste todas as direções; o teu próprio censo de direção já não mais existe: és um ébrio. Por isso é que todos os ensinos religiosos básicos insistem na auto-recordação. O esquecimento é a doença; assim, a auto-recordação deve ser o antídoto.

Tenta lembrar de ti mesmo. Dirás: - "Conheço-me e me lembro de mim! De que estás falando?" - Então, tenta: mantém um relógio de pulso diante de ti, olha para o ponteiro que mostra os segundos e recorda apenas uma coisa: "Estou olhando para este ponteiro que marca os segundos." Não conseguirás recordar durante três minutos seguidos; esquecerás por muitas vezes uma coisa tão simples: "Estou olhando e me recordarei do que estou olhando."

Esquecerás; muitas coisas virão à tua mente: tens um encontro e, o fato de olhar para o relógio far-te-á lembrar-te: "às cinco horas tenho de encontrar-me com um amigo." Surge um pensamento e te esqueces de que estavas olhando para o ponteiro. Só por estares olhando para o relógio, podes começar a pensar na Suíça, porque ele foi feito lá. Basta olhar para o relógio, e podes começar a pensar: - "Como sou tolo. Que estou fazendo aqui, perdendo tempo?" - Mas não te conseguirás recordar, mesmo durante três segundos consecutivos, de que estás olhando para o ponteiro que se move marcando os segundos.

Se fores capaz de conseguir um minuto de auto-recordação, eu prometo fazer de ti um Buda. mesmo por um minuto, sessenta segundos, será o bastante. Pensarás: - "Tão barato, tão fácil?" - e não é. Não sabes o quão profundo é o teu esquecimento. Não poderás fazer isso durante um minuto, continuamente, sem que um só pensamento venha a perturbar tua auto-recordação.

Essa é a escuridão real.
Se recordares, tornar-te-ás luz.
Se esqueceres, tornar-te-ás treva.

E, às trevas, naturalmente, chega toda espécie de ladrões; toda sorte de gatunos te assaltam, toda sorte de contratempos acontecem.

A auto-recordação é a chave. tenta recordar, mais e mais, porque, quando tentas recordar mais e mais, tornas-te centralizado, estás em ti mesmo, tua mente viajeira volta ao seu próprio eu. De outra maneira irás por aí: a mente está continuamente criando novos desejos, e seguirás e perseguirás a mente em muitas direções, simultaneamente. Por isso é que te encontras dividido;

não és um, e tua chama, a chama interior, continua vacilando - uma folha sob vento forte.

Quando a flama interior se torna inabalável, passas, subitamente, por uma mutação, uma transformação; um novo ser nasce, um ser da natureza da luz. No momento, és da natureza das trevas, és, simplesmente, a ausência de algo possível. Na verdade, não és ainda; ainda não nasceste. Tiveste muitos nascimentos e mortes, mas ainda não nasceste. Teu nascimento real ainda deve acontecer, e esse nascimento se dará quando transformares tua natureza interior, passando do esquecimento para a auto-recordação.

Não te imponho nenhuma disciplina, não te digo: "Faze isso e não faças aquilo". Minha disciplina consiste no fazer o que se deseje - mas fazê-lo com auto-recordação: faze com que te lembres do que estás fazendo. Ao caminhar, lembra-te de que estás caminhando. Não será preciso verbalizar, porque a verbalização não ajudará. pois poderá torna-se uma distração. Não precisas andar, dizendo intimamente "estou andando" será o esquecimento, e, então, não conseguiras recordar. Lembra-te, simplesmente: não há necessidade de verbalizar tuas ações.

Eu verbalizo porque estou falando contigo; mas quando estiveres andando, recorda, simplesmente, o fenômeno, o andar; cada passo deve ser dado com plena consciência. Comer, comendo. Não estabeleço o que comer e o que não comer. Come o que quiseres, mas com auto-recordação do que estás comendo. E depressa verás que se tornou impossível fazer muitas coisas.

Com auto-recordação, não podes comer carne, é impossível. É impossível ser violento, se recordares. É impossível prejudicar seja quem for porque, quando recordas a ti próprio, vês, subitamente, que a mesma luz, a mesma chama está ardendo em toda parte, dentro de cada corpo, de cada unidade. Quanto mais conheceres tua natureza interior, mais penetrarás a do outro. Como poderás matar para comer? Comer carne tornar-se-á simplesmente impossível. Não que faças disso uma prática; seria falso, se fosse uma prática. Será falso te empenhares em ser ladrão; tu continuarás a ser ladrão; encontrarás formas sutis de sê-lo. Se praticares a não-violência, atrás dela estará escondida a tua violência.

Não, a religião não pode ser praticada, A moralidade pode ser praticada e, por isso, cria hipócritas, cria rostos falsos. A religião cria seres autênticos; não pode ser praticada, Como podes praticar o ser? Torna-se simplesmente mais consciente, e as cosias começarão a se modificar. Torna-te mais da natureza da luz, simplesmente, e as trevas desaparecerão.

As trevas dos tempos não podem amortalhar o sol fulgente...

Durante milhões de vidas, por muitas eras, permaneceste nas trevas; mas não te sintas deprimido nem desesperançado, porque, mesmo tendo estado nas trevas durante milhões de vidas, neste mesmo momento podes alcançar a luz.

Observa: supõe que uma casa ficou fechada, durante cem anos, no escuro; tu entras nelas e acendes uma luz. Dirá a escuridão: "Eu tenho cem anos e esta luz mal acaba de nascer"? Dirá a escuridão: "Não vou desaparecer. Terás de acender uma luz durante, pelo menos cem anos e só então desaparecerei"? Não; mesmo uma luz acabada de nascer é suficiente para dispersar uma escuridão muito antiga. Será que, em cem anos, a escuridão se fez inveterada? Mas não, a escuridão não se pode ter feito inveterada, porque não existe. Ela apenas espera pela luz - no momento em que a luz penetra, a escuridão desaparece; ela não pode resistir, porque não tem existência positiva.

Há quem venha a mim, dizendo: - "Tu dizes que a Iluminação súbita é possível. Então, o que acontece com as nossas vidas passadas e nossos passados karmas?" - Nada. Eles são da natureza da escuridão. Tu podes ter sido um assassino, tu podes ter sido um ladrão, assaltante, tu podes ter sido um Hitler, um Gengis Khan, ou até pior, que não faz diferença. Desde que te recordas de ti mesmo, a luz se fará presente e todo o passado imediatamente desaparecerá; não permanecerá mais nem por um só momento. Se mataste, isso não significa que sejas um assassino. Mataste porque não estavas consciente de ti mesmo, não estavas consciente do que fazias.

Conta-se que Jesus disse, na cruz: "Perdoai-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem. Ele estava dizendo: " Eles não são da natureza da luz, não se recordam de si próprios. Estão agindo em completo esquecimento, movem-se e tropeçam na escuridão. Perdoai-lhes; eles não são responsáveis pelo que quer que façam." Como pode uma pessoa que não se recorda de si própria se responsável?

Ser responsável significa recordar.

Seja o que for que tenhas feito, digo-te, não te preocupes. Aconteceu porque não estavas consciente. Acende tua chama interior, procura-a, busca-a, ela existe - e, de um momento para outro, todo o passado desaparecerá, como se tudo tivesse acontecido num sonho. Na verdade, teu passado foi um sonho, porque não estavas consciente. Todos os karmas aconteceram em sonho; são da mesma matéria com que são feitos os sonhos.

Não precisas esperar que teus carma sejam esgotados - caso contrário, terás de esperar por toda a eternidade. Mesmo estão, não poderás sair da roda porque, simplesmente, não podes esperar pela eternidade: estarás fazendo muitas coisas, nesse entretempo, e, então, o circulo jamais se completará. Tu te moverás continuamente e, continuamente farás coisas e novas coisas te ligarão a outras coisas futuras - e, então, onde estará o fim? Não, não há necessidade. Simplesmente, faze-te consciente e, de súbito, todos os karmas tombam. Num só momento de intensa consciência, todo o passado desaparece, torna-se refugo.

Essa é uma das coisas mais fundamentais que o Oriente descobriu. O cristianismo não pode entendê-la. Continua a pensar em termos de julgamento, Dia do Juízo Final, quando todos deverão ser julgados pelos seus atos. Se assim fosse, Cristo Ter-se-ia enganado quando disse: "Perdoai-lhes porque não sabem o que fazem." Os judeus não podem entender isso; os muçulmanos também não podem entender isso.

Os hindus pertencem, realmente, à mais audaciosa das raças; penetraram no âmago do problema: o problema não é agir, o problema é ser. Desde que compreenda teu ser interior e a luz, já não serás deste mundo. O que quer que tenha acontecido no passado foi um sonho. Por isso dizem os hindus que todo este mundo é um sonho; só tu não és um sonho, só o sonhador não é u sonho. À exceção de ti, tudo é um sonho.

Observa a beleza desta verdade: só o sonhador não é um sonho; o sonhador não pode ser um sonho porque, de outra maneira, o sonho não poderia existir. Pelo menos alguém, o sonhador, tem de ser um fenômeno real.

Durante o dia tu estás acordado e fazes várias coisas: vais à loja, vais ao mercado, trabalhas numa fazenda, ou numa fábrica, fazes milhões de cosias. À noite, quando adormeces, te

esqueces de tudo, tudo desaparece e um novo mundo tem início - o mundo do sonho. E, agora, os cientistas dizem que deves dar ao sonho o mesmo tempo que dás ao despertar. O mesmo número de horas que passas acordado, deves passar dormindo. Em sessenta anos, se vinte anos forem devotados ao trabalho, que realizas acordado, vinte anos deverão ser devotados ao sonho. O mesmo tempo, exatamente o mesmo tempo, deve ser devotado ao sonho. Assim, o sonho não menos real, tem o mesmo valor.

À noite tu sonhas e te esqueces de teu mundo desperto. Em profundo sono, esqueces tanto o teu mundo desperto, como o teu mundo de sonho. Pela manhã, novamente no mundo desperto, que voltou a existir, te esqueces de teu sonho e de teu sono. Mas uma coisa permanece continuadamente: TU. Quem recorda os sonhos? Pela manhã, quem diz: "Sonhei na noite passada"? Pela manhã, quem diz: "Na noite passada, dormi bem, profundamente, sem sonhar"? Quem?

Para que isso ocorra, deve haver uma testemunha que permanece a teu lado, que sempre fica de lado, observando. O despertar vem, o sonho vem, o sono vem e alguém está a teu lado observando. Só isso é real, porque existe em todos os estados. Outros estados desaparecem, mas essa presença permanece em todos os estados; é a única coisa permanente em ti.

Alcança essa testemunha cada vez mais. Torna-se mais e mais alerta, torna-te mais e mais uma testemunha. Em lugar de ser um ator, no mundo, sê uma testemunha, um espectador. Tudo o mais é sonho; só o sonhador é a verdade. Ele precisa ser verdadeiro; se não o for, com acontecerão os sonhos? Ele é a base. As ilusões só acontecerão se ele ali estiver.

E, desde que te recordes, começarás, a rir. Que tio de vida existe sem a recordação? Tu és um ébrio, passando de um estado a outro, sem saber porquê, vagando sem direção. Mas:

As trevas dos tempos não podem ocultar o sol fulgente;
os longos kalpas do samsara... (milênios, longas eras, kalpas),
... jamais podem escolher a luz brilhante da Mente. Ela está sempre ali, é o teu próprio ser.

Embora palavras sejam ditas para explicar o Vácuo,
o Vácuo, tal como é, jamais pode ser explicado. Embora digamos "a mente é uma luz brilhante",
ela fica para além de todas as palavras e símbolos.

Uma coisa ajudará a entender. Há três abordagens possíveis da realidade: uma é a abordagem empírica, a abordagem da mente científica, feita com base na experimentação com o mundo objetivo e, a não ser que algo seja provado pela experiência, não é aceito. A outra abordagem é a da mente lógica. Essa não realiza experiências; pensa, simplesmente, argumenta, encontra prós e contras, e, só pelo esforço mental , raciocinando, conclui. E a terceira abordagem é a metafórica, a abordagem da poesia e da religião. Essas três abordagens existem: Três dimensões através das quais procura-se chegar à realidade.

A ciência não pode ir além do objeto, porque a própria abordagem cria a limitação. A ciência não pode ir além do exterior, porque as experiências são são possíveis com o que é externo. A filosofia e a lógica não podem ir além do subjetivo, porque são esforços da mente, trabalhos da mente. Não é possível dissolver a mente, não é possível a ninguém ir além da mente. A ciência é objetiva, a lógica e a filosofia são subjetivas. A religião e a poesia vão além: são pontes de ouro que ligam o objeto à substância. E, então, tudo se transforma num caos - criativo, naturalmente.

Na verdade, não há criatividade se não houver caos. Tudo se torna indiscriminado e as divisões desaparecem.

Eu gostaria de dizer o que disse da seguinte forma: a ciência é abordagem do dia, em pleno meio-dia; tudo é claro, distinto, delimitado e podes ver bem o outro. A lógica é a abordagem da noite; é o tatear no escuro apenas com a mente, sem qualquer apoio experimental, apenas usando o pensamento. A poesia e a religião são abordagens crepusculares, estão exatamente no meio:

Já não é dia,
o brilho do meio-dia se foi,
as coisas não aparecem tão distintas, tão claras. A noite ainda não veio,
as trevas ainda não envolveram tudo. As trevas e o dia se encontram,
há um brando acinzentado, nem branco nem preto -
fronteiras encontram-se e fundem-se, tudo se torna indiscriminado,
tudo é outro tudo.
Essa é a abordagem metafórica.

É por isso que a poesia fala por metáforas; e a religião é a poesia definitiva, a religião fala por metáforas. Lembra-te, as metáforas não devem ser tomadas literalmente, senão perdes o propósito. Quando digo "luz interior", não penses em termos literais. Quando digo "luz interior", faço uso de uma metáfora. Algo é indicado, mas não é demarcado ou definido. Algo que tem a natureza da luz, mas não exatamente a luz - eis a metáfora.

E isso torna-se um problema, porque a religião fala por metáforas; não pode falar de outra maneira, não há outra maneira. Se estive num outro mundo onde vi flores que não existem nesta terra, e chego junto a ti para falar dessas flores, que poderei fazer? Terei de usar metáforas e símiles. Direi "como rosas" - mas não eram rosas. Se assim não fosse, por que diria "como rosas, se simplesmente poderia dizer "rosas?". Mas não se trata de rosas, aquelas flores têm uma qualidade diferente.

"Tal como" significa que estou tentando ligar meu conhecimento do outro mundo a teu conhecimento deste mundo - daí os símiles, as metáforas. Tu conheces rosas, mas não conheces as flores de um outro mundo. Eu as conheço e tento transmitir-te algo daquele mundo; por isso digo que as flores são tal como rosas. Não te zangues comigo, quando chegares àquele mundo e não encontrares rosas; não me arrastes a um tribunal, porque jamais tive a intenção de ser literal. Apenas a qualidade da rosa é indicada, apenas um gesto, um dedo apontando para a lua e esquece o dedo . Esse é o significado da metáfora: Não te agarres à metáfora.

Muitas pessoas mergulham fundo em águas escuras por causa disso: agarram-se à metáfora. Eu falo em luz interior e, depois de alguns dias, as pessoas começam a procurar-me, dizendo: "Vi a luz interior". Encontram as rosas daquele outro mundo, mas elas não existem neste mundo. Por causa da linguagem metafórica, muitas pessoas tornam-se, simplesmente, imaginativas.

P. D. Ouspensky criou uma palavra: imaginazione. Sempre que alguém chegava e começava a falar a respeito de experiências interiores, como: "O kundalini surgiu; vi uma luz em minha cabeça; os chakras estão se abrindo", ele imediatamente fazia-o calar-se, dizendo: "Imaginazione." Então as pessoas perguntavam: - "o que vem a ser esta imaginazione?" - E ele respondia: - "A doença da imaginação" - e, simplesmente, deixava morrer o assunto.

Ou dizia, imediatamente: "Pára! Tu foste a vítima."

A religião fala por metáforas; não há outra forma, porque a religião fala de um outro mundo, o mundo do além. tenta encontrar símiles neste mundo, usa palavras impróprias, mas essas palavras impróprias são as únicas disponíveis, de forma que temos de usá-las.

Podes entender facilmente a poesia. A religião é mais difícil, porque, quando se trata de poesia, tu já sabes que é imaginação e não há problemas. Podes entender facilmente a ciência, porque sabes que não é imaginação, que é um fato empírico. Podes entender facilmente a poesia; sabes que é poesia, mera poesia, enfim, é imaginação. Excelente! Bela! Podes deleitar-te com ela - ela não é uma verdade.

E o que farás com a religião? A religião é a poesia definitiva. Não é imaginação. E, digo-te, é empírica; tão empírica quanto a ciência, mas não pode usar expressões científicas, porque são demasiadamente objetivas. Não pode usar expressões filosóficas, porque são demasiadamente subjetivas. Deve usar algo que não é nem uma coisa, nem outra; deve usar algo que ligue ambas - e use a poesia.

Toda religião é poesia definitiva, poesia essencial. Não encontrarás poeta maior que Buda. Naturalmente, ele jamais tentou escrever um só poema. Estou aqui, contigo, e sou um poeta. Não compus um só poema, nem mesmo um haikai, mas estou continuamente falando por metáforas, estou continuamente tentando preencher o espaço que é criado pela ciência e pela filosofia. Estou tentando dar-te a sensação do todo, do indiviso.

A ciência é metade, a filosofia é metade - que fazer? Como obter a idéia do todo? Se mergulhares na filosofia, chegarás ao que Shankara chegou. Ele disse: “O mundo é ilusório, não existe; apenas a consciência existe.” Mas essa afirmação é demasiadamente unilateral. Se te ligares a cientistas, chegarás ao que Marx chegou - Marx e Shankara são pólos opostos. Marx disse: “Não há consciência; só o mundo existe.” E eu sei que ambos estão certos e ambos estão errados. Ambos estão certos, porque estão dizendo meia verdade e ambos estão errados, porque estão negando a outra metade. E, se tenho que falar no todo, como fazê-lo? A poesia é a única forma; a metáfora é a única saída. Lembra-te disto:

Embora palavras sejam ditas para explicar o Vácuo, o Vácuo, tal como é, jamais pode ser explicado.

Por isso é que os sábios continuam insistindo: “Seja o que for que digamos, não podemos dizê-lo. É o inexprimível, e, ainda assim, tentamos explicá-lo.” Sempre dão ênfase a esse fato, porque existe a possibilidade de serem compreendidos literalmente.

O Vácuo é vácuo, no sentido de que nada do que és será ali deixado; mas o Vácuo não é vácuo em outro sentido, porque o Todo descerá até ele - o Vácuo será o mais perfeito e realizado fenômeno. Portanto, como dizê-lo? Se digo “Vácuo”, tua mente, de súbito, pensa que é o nada: então, por que estar preocupado? E, se digo que não é o vácuo; que é o ser mais perfeito, tua mente entra num “caminho-de-ambição”: como tornar-se o ser mais perfeito - e então o ego introduz-se nela.

Para afastar o ego, a palavra vácuo é enfatizada. Mas, para te tornar consciente do fato de que o Vácuo não é realmente um vácuo, diz-se, também, que ele está tomado pelo Todo.
Quando não és, toda a existência vem ter contigo. Quando a gota desaparece, torna-se o oceano.

Embora digamos que "a Mente é uma luz brilhante", ela está para além de todas as palavras e símbolos.

Não te deixes iludir pela metáfora; não te ponhas a imaginar uma luz interior. Fazer isso é imaginazione. Podes fechar os olhos e imaginar uma luz. És tão bom sonhador, pode sonhar com tantas coisas, por que não com uma luz?

A mente tem a faculdade de criar qualquer coisa que desejes; basta apenas um pouco de persistência. Podes criar belas mulheres em tua mente, por que não uma luz? Que há de errado com a luz? Podes criar mulheres tão lindas, na mente, que mulher alguma, na vida real, poderá ser satisfatoriamente comparada a elas, pois jamais lhes alcançará o padrão. Podes criar todo um mundo de experiências interiormente. Atrás de cada sentido há um centro imaginativo próprio.

Na hipnose, a imaginação começa trabalhando com toda a sua capacidade e a razão, adormecida, desaparece completamente. A hipnose nada é senão o sono da razão, o sono daquela que duvida; por isso, na hipnose, a imaginação funciona perfeitamente. Não há freio para ela, apenas aceleração - tu segues para a frente, para a frente, sem encontrar freio.

Sob hipnose tudo pode ser imaginado. Podes dar uma cebola a uma pessoa hipnotizada e dizer-lhe: "Aqui está uma linda e deliciosa maçã." Ela comerá a cebola e dirá: "É realmente linda. Jamais comi uma maçã tão deliciosa." Se lhe deres uma maçã dizendo tratar-se de uma cebola, os olhos dela começarão a encher-se d'água e o comentário será: "Muito, muito forte" - e estará comendo uma maçã. Por que isso acontece? Aquela que duvida, a razão, não está presente; há uma hipnose; aquela que duvida adormeceu. Agora, a imaginação funciona e não há controle. Esse é, também, o problema da religião.

A religião precisa de confiança. A confiança pode fazer com que a faculdade de duvidar da mente adormeça; é parecida à hipnose. Assim, quando as pessoas te dizem "Esse homem, esse Rajneesh hipnotizou-te", têm razão, de certa forma: se confias em mim, estás como que hipnotizado. Bem acordado deixaste que tua razão se desvanecesse - e, agora, a imaginação funciona com capacidade total; agora estás numa situação perigosa.

Se deres oportunidade à imaginação, poderás imaginar toda sorte de coisas: kundalini está chegando, chakras se estão abrindo. Toda sorte de coisas tu poderás imaginar, e elas acontecerão contigo. E são belas - mas não são verdadeiras. Assim, quando confiares numa pessoa, mesmo confiando deves ter consciência da imaginação. Confia, mas não te tornes uma vítima da imaginação. O que quer que esteja sendo dito aqui é metafórico. E recorda-te, sempre, de que todas as experiências são imaginação. Todas as experiências, digo eu, incondicionalmente - só o experimentador é a verdade.

Assim, seja qual for a tua experiência, não lhe dês muita atenção e nem comeces a gabar-te dela. Lembra-te, apenas, de que tudo quando é experimentado é ilusório; só aquele que realiza a experiência é verdadeiro. Atenta para a testemunha; focaliza a testemunha, e não as experiências. Por mais belas que sejam, todas as experiências são semelhantes ao sonho e é

preciso que se vá além delas.

Assim, se a religião é poética, temos de falar metaforicamente. O discípulo que confia profundamente pode, facilmente, ser vítima da imaginação - é preciso estar bem alerta. Confia, ouve as metáforas, mas recorda-te de que são apenas metáforas. Confia; muitas coisas começarão a acontecer, mas lembra-te: tudo é imaginação, menos tu. E tens de chegar a um ponto onde não há experiências, onde só existe o experimentador, silenciosamente; nenhuma experiência se faz, não há objetos, nem luz, nem flores desabrochando - nada.

Lin-Chi estava em seu mosteiro, um pequeno mosteiro no alto de uma colina. Sentava-se sob uma árvore, perto de uma rocha, e alguém perguntou: "O que acontece quando alguém atingiu?"
E Lin-Chi disse: - "Eu estou sentado aqui, sozinho: as nuvens passam e eu observo, as estações vêm e eu observo, visitantes às vezes aparecem e eu observo. E fico sentado aqui, sozinho."

Só a testemunha, a consciência, permanece observando tudo. Todas as experiências desaparecem e só o próprio cenário de todas as experiências permanece. Tu permaneces; tudo está perdido. Lembra-te, porque confias em mim, que falo por metáforas - e então a imaginação é possível. Imaginazione: cuidado com essa doença.

Embora digamos que "a mente é uma luz brilhante", ela está para além de todas as palavras e símbolos.

Embora a mente seja vazia em sua essência, contém e abarca todas as coisas.

Essas afirmativas parecem contraditórias: dizem que a mente é vazia e, logo depois, que ela contém tudo. Por que essas contradições? Porque essa é exatamente a natureza de toda a experiência religiosa. As metáforas precisam ser usadas, mas imediatamente deves ser alertado para não te tornares vítima das metáforas.

Ela é vazia em essência,

mas contém todas as coisas.

Quando te tornares totalmente vazio, só então, poderás ser completo. Quando já não fores,

então, pela primeira vez, serás.

Diz Jesus:

Se te perderes, alcançarás.

Se te agarrares a ti mesmo, perder-te-ás. Se morreres, renascerás.

Se puderes apagar-te completamente,

Tornar-te-ás eterno, tornar-te-ás a própria eternidade.

Todas essas palavras são metáforas, mas, se confiares, amares, permitires que teu coração se abra para mim, então poderás entendê-las. Esse entendimento ultrapassa todos os entendimentos. Não é intelectual, mas se dá de coração a coração. É uma energia que salta de um coração para outro.

Estou aqui tentando falar contigo, mas isso é secundário. O essencial é saber se estás aberto para que eu possa derramar-me em ti. Se minha conversa contigo puder ajudar a fazer-te cada vez mais aberto, já terá cumprido sua tarefa. Não estou tentando dizer-te algo, estou apenas tentando fazer-te mais aberto - isso é o bastante. Então, poderei derramar-me em ti... pois, a não ser que sintas o meu sabor, não poderás compreender o que estou dizendo.

Nada faças com o corpo, mas relaxa;
Fecha com firmeza a boca a permanece silente; Esvazia a mente e em nada penses.
Como um bambu oco, repousa bem teu corpo.
Sem dar nem tomar, repousa tua mente.
Mahamudra é como a mente que a nada se prende.
Assim praticando alcançarás, em tempo, o estado de Buda.

IV. Sê como um bambu oco

Antes de mais nada, a natureza da atividade e as correntes nela ocultas têm de ser entendidas, pois se não, o repouso será impossível. Mesmo que desejes, relaxar te será impossível se não tiveres observado, contemplado, compreendido a natureza da tua atividade; e a atividade não é um fenômeno simples.

Muitas pessoas gostariam de relaxar, mas não o conseguem. O repouso é como um florescer: não o podes forçar. Deves compreender todo o fenômeno: por que és tão ativo, por que tanta ocupação com atividade, por que estás obcecado por ela.

Lembra-te de duas palavras: ação e atividade. A ação não é atividade e a atividade não é ação. Suas naturezas são diametralmente opostas. A ação existe quando a situação a solicita: tu ages, tu respondes. A atividade existe não importa quando, pois não é uma resposta. És tão inquieto interiormente que a situação é apenas uma desculpa para tua atividade.

A ação advém de uma mente silenciosa e é a coisa mais bela do mundo. A atividade advém de uma mente inquieta e é a mais feia. A ação existe quando há um propósito. A atividade é inconveniente. A ação existe de momento para momento, é espontânea. A atividade está carregada do passado. Não é uma resposta ao momento presente, é, antes, o derramar-se da inquietação que vens trazendo do passado, para o presente. A ação é criativa. A atividade é muito, muito destrutiva - destrói-te, destrói os outros.

Tenta perceber a delicada distinção. Por exemplo: se tens fome e, então, comes, trata-se de uma ação. Mas se não tens fome, não sentes a menor fome e, ainda assim, comes, trata-se de uma atividade. Este último ato de comer é uma violência: destróis o alimento, moves os dentes, uns contra os outros, e destróis o alimento. Isto te proporciona um pequeno desafogo em relação à tua inquietação interior. Estás comendo, não porque tenhas fome. Estás comendo simplesmente por causa de uma necessidade interior, num impulso de violência.

No mundo animal, a violência está associada à boca, às mãos, às unhas e aos dentes. Esses elementos são violentos no reino animal. Ao alimentar-se, quando comes, elas se reúnem. Com a mão tomas o alimento, com a boca, o comer - a violência se desafoga. Mas, quando não há fome, isso não é uma ação, é uma doença. A atividade é uma obsessão. Não podes, naturalmente, continuar a comer desmensuradamente, porque senão estourarias. Por isso, as pessoas inventam estratagemas: mastigam pan, goma, ou fumam cigarros - são falsos alimentos, sem qualquer capacidade nutritiva, mas funcionam bem no que se refere à violência.

Um homem, que masca pan, o que está fazendo? Está matando alguém. Na mente, se ele se tornar consciente, poderá surgir uma fantasia sobre assassinato, morte. Ele está mascando pan, uma atividade muito inocente em si mesma, que não prejudica ninguém, mas muito perigosa para ti, porque pareces estar completamente inconsciente sobre o que estás fazendo. Um homem que está fumando, o que faz? Algo muito inocente, sob certo aspecto: apenas suga a fumaça e a lança fora, inalando e exalando; uma espécie de doentio pranayama e uma espécie de secular Meditação Transcendental. Ele está criando uma mandala: suga a fumaça, lança-a fora, toma-a, lança-a - cria uma mandala, um círculo. Através do fumo, ele faz uma espécie de cantochão, um cantochão rítmico. Aquilo o acalma; sua inquietação interior é um tanto aliviada.

Se estiveres falando com alguém, lembra-te, sempre - e isso é quase cem por cento correto - de que, se essa pessoa começa a procurar seus cigarros, ela está entediada e deves, então,

deixá-la. Ela gostaria de mandar-te embora, mas não pode fazer isso, pois seria demasiadamente indelicado. Em lugar disso, ela procura seus cigarros. É como se estivesse dizendo: - “Bem, agora chega! Estou farto!” No reino animal, ela teria saltado sobre ti; mas, no caso, não pode saltar, pois trata-se de um ser humano, civilizado. Salta, então, sobre o cigarro, e começa a fumar. Agora já não se preocupa contigo - encerrou-se em seu próprio cantochão de fumaça. Isso a acalma.

Essa atividade, entretanto, revela que estás obcecado. Não podes permanecer tu mesmo, não podes permanecer silencioso, não podes permanecer inativo. Através da atividade lanças tua loucura, tua insanidade. A ação é bela, pois surge como resposta espontânea: a vida necessita de respostas. A cada momento tens de agira, mas a ação surge a partir do momento presente. Tens fome, buscas alimento! Tens sede, buscas a fonte! Estás te sentindo sonolento, vais dormir! É através da situação total que tu te movimentas. A ação é espontânea e total.

A atividade nunca é espontânea; ela surge do passado. Podes ter acumulado atividade durante muitos anos e, então, ela explode no presente - e isso não é conveniente. A mente é esperta e sempre encontrará justificativas para a atividade. A mente sempre tentará provar que não se trata de atividade, mas de ação: era necessária. Subitamente, encolerizas-te. Todas as pessoas, em torno de ti, estão conscientes de que aquilo não era necessário, de que a situação não pedia tal coisa, de que tua cólera era simplesmente inconveniente - só tu não o vês. Todo mundo pensa: - “Que estás fazendo? Não há necessidade disso. Por que estás tão encolerizado?” Mas tu encontrarás justificativas, justificarás, e dirás que era necessário.

As justificativas ajudam-te a permanecer inconsciente da tua loucura. Gurdjieff costumava chamá-las “amortecedores”. Crias amortecedores de justificativas em torno de ti, de movo a não compreender qual é a situação. Amortecedores são usados em trens: entre dois truques, dois compartimentos, usam-se amortecedores, para o caso de haver parada súbita, evitando-se, assim, um choque demasiado forte para os passageiros; os amortecedores absorvem o choque. Tua atividade é continuadamente inconveniente, mas os amortecedores das justificativas não permitem que vejas a situação. Os amortecedores cegam-te - e a atividade continua.

Se a atividade está em ti, não podes relaxar. Como poderias relaxar? A atividade é uma necessidade obsessiva: queres fazer alguma coisa, seja lá o que for.

Há loucos neste mundo que saem por aí dizendo: - “Faze alguma coisa, é melhor do que nada fazer.” E há tolos perfeitos que criaram um provérbio corrente em todo o mundo: Mente vazia é oficina do diabo.” Não é verdade. Uma mente vazia é oficina de Deus. Uma mente vazia é
a coisa mais bela do mundo, a mais pura. Como poderia uma mente vazia ser uma oficina do diabo? O diabo não pode entrar numa mente vazia, é impossível! O diabo só pode entrar numa mente obcecada pela atividade: neste caso, sim, o diabo toma conta de ti e pode mostrar-te meios, modos e métodos de seres mais ativo. O diabo nunca diz: - “Relaxa!” Ele diz: - “Por que estás perdendo teu tempo? Faça alguma coisa, homem! Move-te! A vida está correndo, faze alguma coisa!” E todos os grandes professores, professores que acordaram para a verdade da vida, chegaram a compreender que uma mente vazia é um espaço onde o Divino penetra.

A atividade pode ser usada pelo diabo, mas não a mente vazia. Como pode o diabo usar uma mente vazia? Ele não se atreverá a aproximar-se, porque o vazio simplesmente o mataria. Mas,

se estás repleto de profundos anseios quanto a ser ativo, então o Diabo tomará conta de ti, guiar-te-á - então será o único a guiar-te.

Gostaria de dizer-te que aquele provérbio é inteiramente errado. Só o próprio Diabo o poderia tê-lo sugerido.

Essa obsessão deve ser observada. E deves observá-la em tua própria vida, porque, seja o que for que eu ou Tilopa digamos, nada terá muita significação, a não ser que tu próprio a vejas, que a sintas como inconveniente e desnecessária. Por que tanta atividade em ti?
Viajando, tenho visto pessoas, constantemente, fazendo a mesma coisa, muitas e muitas vezes. Durante vinte e quatro horas estive com um passageiro , num trem. Ele leu o mesmo jornal várias vezes, nada encontrando para fazer. Fechada no compartimento de um trem, uma pessoa não tem muitas oportunidades para ser ativa; por isso ele lia e relia o jornal. Que estava fazendo aquele homem?

Um jornal não é o Gita ou a Bíblia. Podes ler o Gita muitas vezes, porque, a cada vez, encontras nova significação. Mas um jornal não é o Gita: desde que o leste, acabou-se! Não vale a pena lê-lo nem mesmo uma vez mais e, contudo, as pessoas lêem, relêem e continuam a ler. Qual é o problema? É uma necessidade isso? Não. - Essas pessoas estão obcecadas, não podem permanecer em silêncio, inativas. É impossível para elas; consideram que a inatividade se parece à morte. Têm de ser ativas.

Viajando por muitos anos, tive muitas oportunidades de observar as pessoas sem que elas o percebessem; às vezes, só uma pessoa estava comigo, em meu compartimento, e fazia todos os esforços para levar-me a conversar. Eu dizia sim ou não, até que ela desistisse. Então eu podia simplesmente observar - uma bela experiência, sem qualquer despesa.

Observava a pessoa: ela abria a maleta - e eu podia ver que nada estava fazendo - olhava para dentro, fechava-a. Então abria a janela e depois fechava. Voltava ao jornal, fumava, tornava a abrir a maleta, arranjava-a de novo, abria a janela, olhava para fora... que estava fazendo? E por quê? Por causa de um anseio interior, algo que tremia dentro dela, um estado de espírito febril. Tinha de fazer alguma coisa, para não se sentir perdida. Devia tratar-se de alguém de vida ativa que, agora que tinha um momento para relaxar, não podia fazê-lo - o velho hábito persistia.

Dizem que Aurangzeb, um imperador mongol, aprisionou seu velho pai. O pai de Aurangzeb, Shan Jehan, construiu o Taj Mahal. Aurangzeb destronou-o e o aprisionou. Dizem - e consta da autobiografia de Aurangzeb - que, depois de alguns dias, Shan Jehan não se preocupava com o fato de estar preso, porque fora rodeado de todo o luxo. Estava num palácio e vivendo como vivia antes. Aquilo não se parecia a uma prisão; tudo, absolutamente tudo o que lhe fosse necessário, encontrava-se ali. Só uma coisa faltava - atividade. Então, ele disse a Aurangzeb: - “Está certo; providenciaste tudo para mim e tudo é lindo. Se puderes fazer apenas uma coisa mais, serei eternamente agradecido. Manda-me trinta rapazes. Eu gostaria de dar-lhes lições.”

Aurangzeb não podia acreditar no que ouvia. - “Por que meu pai gostaria de dar lições a trinta rapazes? Jamais mostrou qualquer inclinação para o magistério, jamais se interessou por nenhum tipo de educação. Que aconteceu a ele?” - Mas atendeu ao pedido. Foram mandados aos trinta rapazes e tudo estava bem. Ele se tornava, de novo, o imperador - de trinta rapazinhos. Observemos uma escola primária; o professor é quase o imperador: manda que se sentem e os alunos têm de sentar-se. Pode ordenar que se levantem, e eles terão de levantar-se. E, naquela

sala, com os trinta rapazinhos, Shan Jehan criou toda a situação da sua corte: um velho hábito, e o velho apego à droga de dar ordens às pessoas.

Os psicólogos suspeitam que os professores são, na verdade, políticos. Não bastante autoconfiantes para ingressarem na política, vão para as escolas e ali se tornam presidentes, primeiros-ministros, imperadores. Como seus alunos são crianças pequenas, eles lhes dão ordens, forçam-nas.

Os psicólogos suspeitam, também, que os professores inclinam-se ao sadismo, e que gostariam de torturar. E não há lugar melhor para isso do que uma escola primária. Podes torturar crianças inocentes - e podes torturá-las por elas mesmas, para o bem delas. Observa! Estive em escolas primárias, falando, e estudei os professores. E o que os psicólogos suspeitam é verdade para mim: são torturadores. Não é possível encontrar vítimas mais inocentes, completamente desarmadas, sem possibilidade sequer de resistir que as crianças. São tão fracas e indefesas que, diante delas, o professor levanta-se como um imperador.

Aurangzeb escreve, em sua autobiografia: "Meu pai, exatamente por causa dos velhos hábitos, ainda quer fazer de conta que é o imperador. Deixemo-lo fazer de conta, iludir-se, nada há de mal nisso. Mande-se-lhe trinta rapazinhos, ou trezentos, quantos ele quiser. Que ele dirija uma madersa, uma pequena escola, e seja feliz."

A atividade existe quando a ação não é importante. Observa em ti mesmo: noventa por cento da tua energia perde-se em atividade. E, por esse motivo, quando chega o momento da ação, não te sobra energia alguma. Uma pessoa relaxada é, simplesmente, uma pessoa destituída de obsessão; a energia acumula-se nela. Conserva sua energia automaticamente e, então, quando chega o momento de agir, todo o seu ser flui para a ação. Por isso a ação é total. A atividade, por outro lado, é sempre exercida como meia disposição, porque não é possível que nos iludamos completamente. Nós sabemos que é inútil. Estamos conscientes de que fazemos determinadas coisas por algumas razões febris interiores, que nem mesmo são muito claras para nós, pois se apresentam vagas.

Podes mudar as atividades, mas, a menos que sejam transformadas em ações, não adiantarão. As pessoas dizem: - "Eu gostaria de deixar de fumar." E eu digo: "Por quê? É uma MT tão bonita! Continua, porque, se deixares, começarás outra coisa: poderás começar a mascar pan, poderás mascar goma ou a fazer coisas ainda mais perigosas. Estas são coisas inocentes porque, quando mascas goma, estás mascando a ti próprio. Podes ser um tolo, mas não és violento, não és destrutivo para ninguém mais. Se parares de mascar goma, de fumar, o que farás? Tua boca precisa de atividade, ela é violenta e, então, falarás, falarás continuamente - blá, blá, blá - e isso é mais perigoso.

A esposa de Mulla Nasrudin veio cá um desses dias. Raramente me visita, mas, quando vem, eu percebo, imediatamente, que deve ter havido alguma crise. Então, perguntei: - "Que aconteceu?" Ela usou trinta minutos e milhares de palavras para dizer-me: - "Mulla Nurasdin fala quando dorme. Tu sugeres alguma coisa? Que deve ser feito? Ele fala demais e torna-se difícil dormir no mesmo quarto, pois ele grita e diz coisas obscenas."

Então, respondi: - "Nada deve ser feito. Dê-lhe, apenas, a possibilidade de falar quando estão ambos acordados."

As pessoas falam, sem dar qualquer oportunidade às demais. Falar é como fumar. Se falas vinte

e quatro horas por dia... e falas... falas enquanto estás acordado. Teu corpo se cansa e adormeces, mas continuas a falar. O relógio faz toda a sua volta, vinte e quatro horas e tu estás falando, falando. É como fumar, porque o fenômeno é o mesmo: a boca precisa de movimentos. A boca é a atividade básica, porque é a primeira atividade que inicias na vida.

Uma criança nasce e começa a sugar o seio materno: essa é a primeira atividade. E fumar é como sugar um seio; o leite morno flui como flui a fumaça morna, quando se fuma. E o cigarro entre os lábios é como o bico do seio materno. Se não te permitirem fumar, masca um pouco de goma, ou qualquer coisa assim, pois, senão, tu falarás, o que é mais perigoso, porque estarás atirando teu lixo para as mentes de outros.

Consegues ficar em silêncio por muito tempo? Os psicólogos dizem que, se permaneceres em silêncio durante três semanas, começarás a falar contigo mesmo. Então, estarás dividido em dois: falarás e ouvirás também. E, se permaneceres em silêncio durante três meses, estarás inteiramente pronto para o hospício, porque, então, já não te incomodarás em saber se alguém está ou não a teu lado. Falarás e, não só falarás, como responderás também - estarás completo, dependerás de ninguém. Assim é um lunático.

O lunático é uma pessoa cujo mundo está confinado inteiramente a si próprio. É ele quem fala e é ele quem ouve. É o ator e espectador, é tudo; todo seu mundo está confinado a si próprio. Dividiu-se em muitas partes e fragmentou-se. Por isso é que as pessoas receiam o silêncio - sabem que podem enlouquecer. E, se receias o silêncio, é porque tens, dentro de ti, uma mente obsessiva, febril, doente, que está constantemente pedindo para ser ativa.

A atividade é a tua fuga de ti mesmo. Na ação, tu és; na atividade tu te esqueces; não há preocupações, nem angústia, nem ansiedade. Por isso é que precisas estar constantemente ativo, fazendo isto ou aquilo, mas nunca num estado em que o não-fazer floresça e desabroche em ti.

A ação é boa. A atividade é má. Procura a distinção, dentro de ti, entre o que é atividade e o que é ação: esse é o primeiro passo. O segundo é envolver-se mais na ação, de forma que a energia se transforme em ação; e, onde quer que haja atividade, sê mais observador a esse respeito, mais alerta. Se estiveres consciente, a atividade cessará, a energia será preservada e se transformará em ação.

A ação é imediata. Não é preparada, não é pré-fabricada. Não te dá qualquer oportunidade de preparação de passar por um ensaio. A ação é sempre nova e revigorante como o orvalho da manhã. E a pessoa de ação é, também, alguém sempre revigorante e jovem.

O corpo pode ficar velho, mas o frescor continua. O corpo pode morrer, mas sua juventude continua.

O corpo pode desaparecer, mas ele continua - porque Deus ama o frescor. Deus está sempre com o que é novo e revigorante.

Deixa de lado, cada vez mais, a atividade. Mas como farás isso? Podes tornar esse mesmo desejo de deixar de lado uma obsessão. Foi isso o que aconteceu aos monges, nos mosteiros? Deixar de lado a atividade tornou-se para eles uma obsessão. Estão continuamente fazendo alguma coisa para deixá-la: rezas, meditações, ioga, isto ou aquilo - coisas que também são

atividades. Não a podes deixar de lado dessa maneira, pois ela entrará pela porta dos fundos.

Presta atenção. Vê qual é a diferença entre ação e atividade. E, quando a atividade tomar conta de ti - e na verdade isso pode ser chamado de possessão -, quando a atividade se apossar de ti, como um fantasma (e a atividade é um fantasma, vem do passado, está morta), quando a atividade se apossar de ti, digo, então tem ainda mais cuidado: é tudo quanto podes fazer. Observa-a. Mesmo que a tenhas de usar, usa-a em perfeita consciência. Fuma, mas fuma bem devagar, com perfeito conhecimento, de forma que possas ver o que está fazendo.

Se és capaz de observar o ato de fumar, chegará o dia em que o cigarro cairá de teus dedos, porque o absurdo do fumar te será revelado. É algo estúpido, simplesmente estúpido, idiota! Quando compreenderes isso, o cigarro, simplesmente, cairá de teus dedos. Não o podes atirar, porque atirar é uma atividade. Por isso é que o cigarro simplesmente cairá, tal como folha morta caindo da árvore. Se o tiveres atirado, irás apanhá-lo novamente, sob outra forma, de uma outra maneira.

Deixa que as coisas caiam; não as faças cair. Deixa a atividade desaparecer, mas não a forces a isso, porque o próprio esforço para levá-la a desaparecer é novamente atividade, sob outro aspecto. Vigia, sê alerta, consciente e alcançarás um fenômeno muito, muito milagroso: quando algo cai por si mesmo, de seu próprio acordo, não deixa traços em ti. Se forças a queda, porém, então fica o traço, fica a cicatriz. Sempre te gabarás de que fumaste durante trinta anos e, então, tu deixaste o cigarro. Bem, essa gabolice é atividade: falando sobre isso estás agindo da mesma maneira: não fumas, mas falas demais sobre o fato de teres deixado de fumar. Teus lábios estão de novo em atividade, tua boca está funcionando, tua violência está presente.

Quando um homem realmente compreende, as coisas caem e, então, ninguém pode receber crédito por isso. “Eu deixei”. Elas próprias deixaram. Tu não deixaste. Dessa maneira o ego não se fortalece através disso. E, então, mais e mais ações se tornarão possíveis. Quando quer que tenhas uma oportunidade de agir totalmente, não a percas, não vaciles - age.

Age mais e deixa que as atividades caiam por sua própria vontade. Uma transformação se fará em ti, paulatinamente. Leva tempo, é preciso amadurecimento, mas também não há pressa.

Agora, entremos no sutra.

Nada faças com o corpo, porém relaxa;

fecha com firmeza a boca e permanece silente;

esvazia tua mente e não penses em nada.

Nada faças com o corpo, porém relaxa. Agora podes compreender o que significa relaxar. Significa que não há em ti anseio de atividade. Relaxar não significa ficar deitado como um morto e, além disso não podes ficar deitado como um morto - só podes fazer de conta. Como podes ficar deitado, tu, como um morto? Estás vivo; podes apenas fazer de conta. Podes relaxar apenas quando não há anseio de atividade em ti. A energia está presente e não anda se movendo por aí. Se determinadas situações aparecem, tu agirás e isso é tudo, mas não estarás procurando pretextos para agir. Estás de bem contigo mesmo. Estar relaxado é estar em casa.

Há alguns anos atrás, eu estava lendo um livro cujo título era Deves Relaxar. Só o título já era simplesmente absurdo, porque o deve é contra o ato de relaxar - livros assim só podem ser vendidos na América. Deve significa atividade, é uma obsessão. Sempre que há um deve, há uma obsessão escondida atrás dele. Há ações na vida, mas não há deve; quando não, o deve originará a loucura. Deves relaxar - e o ato de relaxar torna-se a obsessão. Deves tomar esta ou aquela postura, deitar-te, sugerir afrouxamento ao teu corpo, da cabeça aos pés. Dize aos dedos dos pés: "Relaxem!" e, então, ergue-te...

Por que deves? O repouso, o afrouxamento só vêm quando não há deves em tua vida. O repouso não é apenas do corpo, não é apenas da mente, é de todo o teu ser.

Estás demasiadamente ativo e, portanto, cansado, dissipado, ressecado, gelado. A energia vital não se move. Há apenas blocos, blocos e blocos. Tudo quanto fazes, o fazes em loucura. É natural que a necessidade de relaxar apareça. Por isso é que tantos livros sobre o ato de relaxar são escritos todos os meses; mas eu nunca vi alguém que se relaxasse por ter lido um livro sobre o ato de relaxar - essa pessoa torna-se mais febril ainda, ao ver que toda a sua vida de atividade permanece intacta. A obsessão de ser ativa permanece nela, a doença permanece nela, e ela fantasia estar relaxada e deita-se. Todo o torvelhinho interior, todo o vulcão estão prestes a irromper e ela diz estar relaxando, seguindo as instruções de um livro: como relaxar.

Não há livro algum que te possa ensinar a relaxar, a não ser que leias teu próprio ser interior, e, nesse caso, o ato de relaxar não será um dever. O relaxar é uma ausência, uma ausência de atividade, não de ação. Portanto, não há necessidade de mudar para os Himalaias. Algumas pessoas fizeram isso: para relaxar, foram aos Himalaias. Qual a necessidade há de ir para os Himalaias? Não se pode deixar de lado a ação, porque, ao deixares de lado a ação, deixas de lado a vida. Então estarás morto, mas não relaxado. Por isso, nos Himalaias, encontrarás sábios que estão mortos, mas não relaxados. Fugiram à vida, à ação.

Esta é a sutileza a ser entendida: a atividade deve ser eliminada, mas não a ação - e eliminar ambas é fácil. Podes abandoná-los e fugir para os Himalaias, isso é fácil. Ou, há outra coisa fácil: continuar as atividades e forçar-te, a cada manhã, ou a cada noite, a relaxar durante alguns minutos. Não compreendes a complexidade da mente humana, o seu mecanismo. O relaxamento é um estado. Tu não o podes forçar. Abandona, simplesmente, as negatividades, os obstáculos, e ele virá, borbulhará por si mesmo.

Que fazes quando vais dormir, todas as noites? Fazes alguma coisa? Se fazes, és um insone, tens insônia. Que fazes? Simplesmente deitas-te e dormes. Não há "fazer" nisso. Se "fizeres", ser-te-á impossível dormir. Na verdade, para dormir, o necessário é, apenas, interromper, na mente a continuação das atividades do dia. Isso é tudo! Quando a atividade não está mais na mente, ela relaxa e adormece. Se fizeres alguma coisa para adormecer, estarás perdido, o sono será impossível. Não há a menor necessidade de se "fazer" algo.

Diz Tilopa: - "Nada faças com o corpo, a não ser relaxar." Nada faças! Não há necessidade de postura iogue, não há necessidade de distorções e contorções do corpo. Nada faças! Só a ausência de atividade é que é necessária. E como a obteremos? Através da compreensão. A compreensão é a única disciplina. Compreende as tuas atividades, que, então, em meio a essa atividade, tornar-te-ás consciente e deterás a ti mesmo. Se te tornares consciente do porquê de fazeres o que fazer, a atividade cessará. E essa imobilidade é o que Tilopa quer te fazer sentir,

quando diz: - “Nada faças com o corpo, a não ser relaxar.”

O que é relaxamento? É um estado em que tua energia não se dirige para parte alguma, nem para o futuro, nem para o passado - está ali simplesmente, contigo. Na concentração silenciosa de tua própria energia, em seu calor, permaneces envolvido. Esse momento é tudo. Não há outro momento. O tempo pára e, então, o relaxamento existe. Se o tempo está presente, não há relaxamento. Simplesmente, o relógio pára; não há tempo. Esse momento é tudo. Tudo não pedes mais nada, apenas gozas o momento. As coisas simples podem ser gozadas, apreciadas, porque são belas. Na verdade, nada é comum - se Deus existe, tudo é extraordinário.

Há pessoas que me procuram e perguntam: - “Acreditas em Deus?” - Eu respondo: - “Sim, porque tudo é tão extraordinário que como poderia ser sem que em tudo houvesse uma profunda consciência?” Pequenas coisas, apenas:

Caminhas sobre a grama

quando as gotas de orvalho ainda não se evaporaram,

e sentindo totalmente

a textura, o toque da grama,

a frescura das gotas de orvalho,

o vento da manhã, o nascer do sol. Que mais precisas tu para ser feliz? Que mais é necessário

para ser feliz?

Apenas deitar-te à noite em teu leito, sentindo-lhe a textura, sentindo que ele se vai tornando aquecido, que estás envolvido pela escuridão, pelo silêncio da noite. Com os olhos fechados, tu simplesmente sentes a ti mesmo. De que mais precisas? Isso é demais e uma profunda gratidão surge: isso é relaxamento.

O relaxamento significa que o momento é mais do que suficiente, mais do que se pode solicitar ou desejar - e, então, a energia não se desloca para parte alguma.

Ela se torna uma plácida concentração. Em tua própria energia tu te dissolves.

Esse momento é o do relaxamento.

O relaxamento não é do corpo nem da mente,

o relaxamento é do total.

Por isso é que os Budas diziam: - “Faze-te sem desejos.” Sabiam que, quando há desejo, não há relaxamento. E mandavam que se enterrassem os mortos, porque, se te preocupares demais com o passado, não poderás relaxar. E ainda diziam mais: - “Goza cada momento.”

Jesus disse: - “Olhai os lírios do campo, que não trabalham e são mais belos; seu esplendor é maior do que o do rei Salomão. Estão envolvidos por um aroma mais belo do que aquele de que jamais o Rei Salomão fez uso. Olha, considera os lírios!”

Que queria dizer com isso? Queria dizer: - “Relaxa! Não precisas labutar na verdade, está provido de tudo.” Jesus disse: - “Se Ele cuida das aves do espaço, dos animais, das feras, das árvores e das plantas, por que então, te preocupas? Ele não irá cuidar de ti?” Isso é relaxamento. Por que te preocupas tanto com o futuro? Considera os lírios, observa os lírios, sê como os lírios - e então relaxarás. O relaxamento não é uma postura, o relaxamento é a transformação total da tua energia.

A energia tem duas dimensões. Uma delas é motivada, vai a algum lugar, a um objetivo que está algures. O momento é apenas um meio; o objetivo tem de ser alcançado em outro lugar. Essa é uma das dimensões da tua energia, essa é a dimensão da atividade orientada para um objetivo - neste caso, tudo é um meio. Farás seja o que for que tenhas de fazer, para alcançar o objetivo: então, relaxarás. Entretanto, o objetivo jamais é alcançado, porque essa energia se modifica a cada momento, tornando-se um meio para alguma outra coisa, situada no futuro. O objetivo permanece sempre no horizonte. Tu continuas correndo, mas a distância permanece a mesma.

Existe uma outra dimensão da energia: é uma celebração não-motivada. O objetivo está presente agora; o objetivo não é uma outra coisa. Na verdade, não há outra realização a não ser essa, deste momento; considera os lírios. Quando és tu o objetivo e quando o objetivo não está no futuro, nada há a ser alcançado e tu estarás, então, celebrando-o; já o alcançaste, ele está ali. Isso é relaxamento, energia não-motivada.

Por isso, para mim, há dois tipos de energia: a dos buscadores de objetivos e a dos realizadores. Os que são orientados para o objetivo são os loucos, enlouquecem aos poucos e criam suas próprias loucuras. As loucuras têm seu próprio impulso; aprofundam-se os buscadores de objetivos cada vez mais nelas e, então, ficam completamente perdidos. O outro tipo de pessoa não é um buscador de objetivos, não é absolutamente um buscador, é realizador.

E isto eu te ensino: sê um realizador, realiza! Já existe demais o que celebrar: as flores desabrocharam, os pássaros estão cantando, o sol ali está, no céu - celebra isso! Tu respiras, estás vivo, tens deixa de haver tensão; então, já não existe angústia. Toda a energia transformada em angústia torna-se, então, gratidão: teu coração continua batendo com agradecida potência - isso é uma oração. Isto é o que significa toda oração: um coração que bate, profundamente agradecido.

Nada faças com o corpo, a não ser relaxar.

Não há necessidade de fazer coisa alguma para isso. Compreende, apenas, o movimento da energia, do não-motivado movimento da energia. Ele flui, mas não para um objetivo; flui para

uma celebração. Move-se, não para um alvo, move-se por causa de sua própria e transbordante energia.

Uma criança está dançando, saltando e correndo, e tu perguntas: - “Para onde vais?” - Ela não vai a parte alguma e parecerás um tolo para aquela criança. As crianças sempre acham que os adultos são tolos. Que pergunta disparatada - “Para onde vais?” Há, por acaso, necessidade de ir a algum lugar? A criança não pode responder tua pergunta, simplesmente porque ela é despropositada. Ela não está indo a parte alguma. Simplesmente encolherá os ombros, e dirá: - “A nenhum lugar.” - E daí, a mente, orientada para o objetivo, pergunta: - “Então, por que estás correndo?” Para nós uma atividade é relevante quando leva a algum lugar.

E eu te digo

que não há para onde ir, aqui está tudo;

toda a existência culmina neste momento, converge para este momento.

Toda a existência já se está derramando neste momento;

tudo quanto nela existe já está se derramando para este momento - está aqui, agora.

Uma criança está, simplesmente, gozando a energia. Ela a tem demais. Está correndo, não porque tenha de chegar a algum lugar, mas porque tem energia demais; precisa correr.

Age sem motivação, apenas como um transbordamento da tua energia. Compartilha, mas não comercies, não faças barganhas. Dá porque tens; não dês para receber em troca, porque senão cairás em desgraça. Todos os comerciantes vão para o inferno. Se quiseres encontrar os maiores negocistas e barganhadores, vai ao inferno que ali os encontrarás. O céu não é para comerciantes; o céu é para os que celebram.

Sempre, na teologia cristã, durante séculos, foi feita uma pergunta: que fazem os anjos no céu? Eis uma pergunta apropriada para os que são orientados para um objetivo. Que fazem os anjos no céu? Nada parece que se faça lá; nada há de fazer no céu. Alguém perguntou a Meister Eckhard: - “Que fazem os anjos no céu?” E ele respondeu: - “Que espécie de tolo és tu? O céu é um lugar para celebração. Eles não fazem coisa alguma. Simplesmente, celebram aquela glória, aquela magnificência, aquela poesia, aquele florescimento - celebram, apenas. Cantam, dançam, celebram.” Não penso, contudo, que aquela pessoa tivesse ficado satisfeita com a resposta de Meister Eckhard, porque, para nós, uma atividade só tem propósito quando leva a alguma coisa, quando há um objetivo.

Lembra-te, a atividade é orientada para um objetivo; a ação não o é. A ação é um transbordamento de energia, a ação existe neste momento; é uma resposta não-preparada, não-ensaiada. Toda a existência vem a teu encontro, enfrenta-te, e tua resposta sai naturalmente. Os pássaros estão cantando e tu começas a cantar - isso não é atividade. Subitamente acontece. Subitamente, vês que está acontecendo; vês que começaste a cantarolar - isso é ação.

E, se te tornares cada vez mais envolvido na ação e cada vez menos ocupado com a atividade, tua vida se modificará e se tornará um profundo relaxamento. Então, tu "ages", mas permaneces relaxado. Um Buda jamais está cansado. Por quê? Porque é uma pessoa de ação.
O que quer que tenha, ele dá, ele transborda.

Nada faças com o corpo, a não ser relaxar;

Fecha tua boca com firmeza, e permanece silente.

A boca é, realmente, muito, muito significativa, porque é ela que exerce a primeira atividade; teus lábios iniciam sua primeira atividade. A partir da região da boca inicia-se toda a atividade: tu respiraste, tu choraste, tu começaste a procurar o seio de tua mãe. E tua boca permaneceu, sempre, em franca atividade. Por isso é que Tilopa sugere: "Compreende a atividade, compreende a ação, relaxa, e... fecha com firmeza tua boca."

Quando quer que te sentes para meditar, quando quer que desejes permanecer em silêncio, a primeira coisa a fazer é fechar completamente a boca. Se fechares completamente a boca, tua língua tocará o palato e ambos os lábios permanecerão completamente fechados. Fecha-a completamente - mas isso só poderá ser feito, se estiveres seguindo as coisas que te tenho estado a dizer, e não antes.

És capaz disso! Fechar a boca não requer um esforço muito grande. Podes permanecer sentado como uma estátua, com a boca inteiramente fechada, mas isso não deterá a atividade. Bem lá na profundidade, o pensamento continuará e, se o pensamento continua, tu podes sentir a sutil vibração dos lábios. Outros podem não ser capazes de observá-la, porque ela é muito sutil, mas, sempre que estás pensando, teus lábios fremem um pouquinho, um frêmito muitíssimo sutil.

Quando realmente relaxas, o frêmito cessa. Não estás falando, não estás tendo nenhuma atividade interior. "Fecha com firmeza tua boca e permanece silente." E então, não penses.

Que farás? Os pensamentos vêm e vão. Deixa que venham e vão, pois esse não é o problema. Não te envolvas; conserva-te distante, desligado. Observa-os, simplesmente, conforme vêm e vão. Nada tens com eles. Fecha tua boca e permanece silente. Aos poucos e automaticamente os pensamentos cessarão - eles precisam da tua cooperação para se apresentarem. Se cooperares, estarão ali; se os combateres, também estarão ali - porque ambas as coisas são formas de cooperação: uma pró, outra contra, mas ambas são uma espécie de atividade. Tu deves apenas observar.

Fechar a boca, entretanto, ajuda muito. Assim, em primeiro lugar, conforme tenho observado em muitas pessoas, sugiro que primeiro bocejes: abre tua boca tão amplamente quanto possível, estira tua boca tão amplamente quanto possível, boceja completamente, a ponto de sentires alguma dor; e faze isso por duas ou três vezes. Isso te ajudará a manter a boca fechada por mais tempo. E então, durante dois ou três minutos, fala em voz alta uma algaravia qualquer, uma tolice qualquer. Tudo quanto te vier à mente, dize em voz alta, gozando aquilo. Então, fecha tua boca.

É sempre mais fácil partir do lado oposto. Quando quiseres relaxar tua mão, é melhor

fazê-la, antes, o mais tensa possível. Fecha os punhos o mais tensamente possível - faze o oposto - e, então, relaxa. Assim conseguirás um relaxamento mais profundo do sistema nervoso. Faze gestos, caretas, movimentos do rosto, distorções, bocejos, fala tolices durante dois ou três minutos e, então, fecha tua boca. Essa tensão irá dar-te uma possibilidade mais profunda de relaxar os lábios e a boca. Fecha a boca e passa a ser apenas um observador. Depressa o silêncio descerá sobre ti.

Há dois tipos de silêncio. Um é o silêncio que forças a descer sobre ti. Não é muito benéfico; é uma violência, uma espécie de estupro da mente, é agressivo. E há outra espécie de silêncio, que desce sobre ti como a noite. Vem e te envolve. Tu apenas crias a possibilidade de ele acontecer (é a receptividade), e ele vem. Fecha a boca, observa e não tentes permanecer silencioso. Se tentares, poderás forçar alguns minutos de silêncio, mas não terão valor algum, pois, dentro de ti, continuas fervendo. Portanto, não tentes ficar silencioso. Cria, simplesmente a situação - o solo; planta a semente e espera.

Esvazia tua mente e não penses em nada.

Como farás para esvaziar a mente? Quando os pensamentos vierem, observa. A observação tem de ser feita com uma precaução: deve ser passiva, e não ativa. Há mecanismos sutis que deves compreender, senão poderás falhar em algum ponto. E, se falhares numa pequena coisa, tudo mudará de qualidade. Observa: observa passivamente, não ativamente.

Qual é a diferença? Quando estás esperando por tua namorada, ou por teu apaixonado, observas ativamente. Alguém passa pela porta e tu saltas, para ver se ela chegou. Depois, apenas ouves folhas sacudidas pelo vento e pensas que talvez ela tenha chegado. Estás sobressaltado; tua mente mostra-se muito inquieta, muito ativa. Não; isso não adiantará. Se estiveres demasiado inquieto e demasiado ativo, não te chegarás ao silêncio de Tilopa, ou ao meu silêncio. Sê passivo como quando te sentas à margem de um rio, enquanto ele flui; simplesmente observa. Não há aflição, não há urgência, não há emergência. Ninguém te está forçando. Mesmo que deixes passar, nada estará perdido. Tu, simplesmente, observas, olhas apenas. Mesmo a palavra observa não é boa, porque traz, em si, um elemento de atividade. Tu, simplesmente, olhas e nada tens a fazer. Senta-te, simplesmente, à margem do rio, olha enquanto o rio flui. Ou olha para o céu enquanto as nuvens flutuam; olha passivamente.

É muito, mas muito essencial que essa passividade seja compreendida, porque a tua obsessão pela atividade pode tornar-se inquietação, pode fazer-se uma espera ative e, então, podes pôr tudo a perder. A atividade pode tornar a entrar pela porta dos fundos. Sê um observador passivo.

Esvazia tua mente e não penses em nada.

A passividade esvaziará automaticamente tua mente. Ondulações de atividade, ondulações de energia mental se aquietarão, aos poucos, e toda a superfície da tua consciência ficará sem ondas, sem qualquer ondulação. Tornar-se-á um espelho silencioso.

Como um bambu oco, repousa bem teu corpo.

Esse é um dos métodos especiais de Tilopa. Cada Mestre tem seu método especial, através do qual ele alcançou e através do qual gostaria de ajudar outros. Essa é a especialidade de Tilopa: Como um bambu oco, repousa bem teu corpo.

Um bambu é completamente oco por dentro. Quando repousas, procura sentir-te como um bambu: completamente oco e vazio por dentro. E é realmente assim: teu corpo é tal e qual um bambu, oco por dentro. Tua pele, teus ossos, teu sangue, fazem parte do bambu mas dentro há espaço, esvaziamento.

Quando estás sentado, a boca inteiramente silenciosa, inativa, a língua tocando o palato e silente, sem fremir com os pensamentos, a mente observando passivamente, sem esperar por coisa alguma em particular, sentes-te como um bambu oco - e, subitamente, infinita energia começa a derramar-se dentro de ti; ficas repleto do Desconhecido, do misterioso, do Divino.

Um bambu oco torna-se uma flauta e o Divino começa a tocar com ela.

Desde que estejas vazio não haverá barreiras para o Divino entrar em ti.

Tenta isso: é uma das mais belas meditações - a meditação de se tornar um bambu oco. Não precisas fazer nada. Tu simplesmente te transformas - e tudo o mais acontece. Subitamente, sentes que algo desce para o teu espaço vazio. És como um útero e vida nova está entrando em ti; uma semente está caindo. E chega o momento em que o bambu desaparece completamente.

Como um bambu oco, repousa bem teu corpo.

Repousa bem, não desejes coisas espirituais, não desejes o céu, nem mesmo desejes Deus. Deus não pode ser desejado. Quando estiveres destituído de desejos, Ele virá ter contigo. A libertação não pode ser desejada, porque o desejo é um laço. Quando estás livre de desejos, estás liberado. O estado de Buda não pode ser desejado, porque o desejo é um obstáculo. Quando não existem barreiras, Buda explode em ti. Já tens a semente. Quando estás vazio, há um espaço - e a semente explode.

Como um bambu oco, repousa bem teu corpo. Sem dar nem receber, repousa tua mente.

Não há nada a dar, nada a receber. Tudo está absolutamente em ordem, tal como está. Não há necessidade alguma de dar ou receber. Estás absolutamente perfeito, como és.

Esse ensinamento do Oriente tem sido muito mal interpretado no Ocidente, porque dizem: que espécie de ensinamento é esse? Então as pessoas não lutarão, não tentarão chegar a maior altura? Então, não farão um esforço para modificar seu caráter, para mudar suas maneiras más, obtendo as boas? Acabarão vítimas do Diabo. No Ocidente, "Melhora a ti mesmo" é a recomendação. Em termos deste mundo, ou em termos de outro mundo, mas melhora. Como melhorar? Como tornar-se maior e ganhar grandeza?

No Oriente entendemos isso muito mais profundamente: compreendemos que o próprio esforço se constitui numa barreira, porque já estás levando teu ser contigo. Não precisas transformar-te em coisa alguma; basta que compreendas quem és, isso é tudo. Compreende, apenas, quem se esconde dentro de ti. Melhorar, seja no que for que melhores, sempre te trará angústia e ansiedade, porque o próprio esforço para melhorar te estará levando para o caminho errado. Isso torna o futuro significativo, o objetivo significativo, os ideais significativos e, assim, tua mente torna-se um infinito desejar.

Põe de lado o desejar. Deixa que o desejar desapareça, torna-te um silencioso lago de não-desejos - e, de repente, serás surpreendido: inesperadamente, ele estará ali. E rirás gostosamente, como Bodidarma riu. Os seguidores de Bodidarma dizem que, quando tornas a ficar silencioso, podes ouvir-lhe a gargalhada. Ele ainda está rindo. Não parou de rir desde então. Ri porque "que tipo de brincadeira é essa? Já és o que estavas tentando ser! Como podes ter êxito, se já és aquilo que estás tentando ser? Teu fracasso é absolutamente certo. Como é possível que te tornes aquilo que já és?" Por isso é que Bodidarma riu.

Bodidarma foi um contemporâneo de Tilopa. Talvez se tenham conhecido, possivelmente não fisicamente, mas devem ter se conhecido - eram seres da mesma qualidade.

Sem dar nem receber, repousa tua mente. Mahamudra é como a mente que a nada se prende.

Alcançaste, se não te prendeste. Nada em tuas mãos, e alcançaste.

Mahamudra é como a mente que a nada se prende.

Assim praticando, alcançarás, em tempo, o estado de Buda.

Que se deve praticar, então? Estar cada vez mais à vontade.

Estar, cada vez mais, aqui e agora. Estar, cada vez mais, em ação

e cada vez menos em atividade.

Ser, cada vez mais, oco, vazio, passivo. Ser, cada vez mais, um observador -

Indiferente, sem nada esperar, sem nada desejar. Ser feliz contigo, tal como és.

Estar em celebração.

E, então, a qualquer momento, a qualquer momento, quando as coisas estiverem maduras e a estação certa chegar, tu florescerás como um Buda.

A prática do mantra e da paramita, a instrução em sutras e preceitos,
o ensino das escolas e das escrituras,
não levarão à percepção da Verdade Inata.
Porque, se a mente, quando tomada por algum desejo, procura encontrar um objetivo,
apenas oculta a Luz.

Aquele que observa os preceitos tântricos, ainda discrimina, trai o espírito de samaya.
Cessa toda atividade, abandona todos os desejos, deixa que os pensamentos subam e desçam,
Coisa que eles farão, como ondas no oceano. Aquele que nunca prejudica o não-perdurável,
nem o princípio da não-distinção,
defende os preceitos tântricos.

O que abandona o desejo insaciável e não se prende a isto, nem àquilo
percebe o significado real dado nas escrituras.

V. A verdade inata

A atitude tântrica é o próprio ser de Tilopa. Deves entender, antes de mais nada, o que vem a ser atitude tântrica e, só então, te será possível entender o que Tilopa tenta comunicar.

Portanto, algo sobre a atitude tântrica. A primeira coisa: não se trata de uma atitude, porque Tantra vê a vida com visão total. Não é uma atitude para ver a vida. Não possui conceitos, não é uma filosofia. Não é, sequer, uma religião, não tem teologia. Não acredita em palavras, em teorias, em doutrinas. Quer ver a vida sem filosofia, sem qualquer teoria, sem qualquer teologia. Quer ver a vida como ela é, sem colocar a mente de permeio, porque isso causaria distorção. A mente projeta, a mente mescla, e, então, já não podes distinguir aquilo que é.

Tantra evita a mente e encara a vida face a face, jamais pensando: "isto é bom", ou "isto é mau"; porém, e simplesmente, encarando-a como ela é. Por isso é difícil dizer que Tantra é uma atitude - na verdade, é uma não-atitude.

A segunda coisa a lembrar é que o Tantra é um grande repetidor do "sim"; diz "sim" a tudo. Nada há que se pareça com o "não" em seu vocabulário; nada que seja negação. Nunca diz "não" a coisa alguma, porque com o "não" se inicia a luta, com o "não" tu te tornas o ego. No momento em que dizes "não" a qualquer coisa, tornas-te já o ego. Um conflito surgiu e, agora, estás em guerra.

Tantra ama, e ama incondicionalmente. Nunca diz "não" a nada, seja o que for, porque tudo faz parte do todo e tudo tem seu lugar próprio no Todo; e o Todo só poderá existir quando nada lhe falte.

Diz-se que mesmo que só uma gota d'água faltasse,

Toda a existência teria sede. Colhes uma flor no jardim,

E colheste alguma coisa de toda a existência. Maltratas uma flor,

E maltratastes milhões de estrelas - Porque tudo é inter-relacionado.

O Todo existe como um todo, um todo orgânico. O Todo não existe como algo mecânico - tudo está relacionado com tudo o mais.

Dessa forma, Tantra diz "sim" incondicionalmente. Nunca houve qualquer outra visão da vida que dissesse "sim", incondicionalmente - simplesmente "sim", o "não" desaparecendo de teu próprio ser. Quando não existe o "não" como podes lutar? Como podes estar em guerra? Flutuas, simplesmente. Simplesmente dissolve-te, desmanchas-te. Tornas-te um. Já não existem fronteiras. O "não" cria fronteiras. O "não" é a fronteira em torno de ti. Sempre que disseres "não", observa: imediatamente algo se fecha. Sempre que dizes "sim", teu ser se abre.

O verdadeiro ateu é aquele que está sempre dizendo "não" à vida. O fato de ele dizer "não" a Deus é apenas simbólico. Podes acreditar em Deus, mas, se dizes "não" seja ao que for, tua crença não tem valor, teu Deus é uma farsa, porque só o "sim" total cria um Deus verdadeiro, revela o verdadeiro Deus. Quando dizes um "sim" total à existência, toda ela subitamente se

transforma. Então, não há mais pedras, não há mais árvores, não há mais pessoas, rios, montanhas - subitamente tudo se torna um e essa unidade é Deus.

O verdadeiro teísta é o que diz “sim” a tudo, e não só a Deus, porque a mente é muito engenhosa. Podes dizer “sim” a Deus e “não” ao mundo. Isso tem acontecido. Milhões de pessoas perderam toda a sua vida por causa disso.

Dizem “sim” a Deus e dizem “não” à vida. Na verdade, pensam que, a menos que se diga “não” à vida, é impossível dizer “sim” a Deus. Criaram a divisão: negam o mundo para aceitar Deus. Mas a aceitação que se apóia na negação não é, absolutamente, uma aceitação. É falsa.
É uma simulação.

Como podes aceitar o Criador sem aceitar a criação? Se dizes “não” à criação, como podes dizer “sim” ao Criador? Ambos são um. O Criador e a criação não representam duas coisas: o Criador é a criação. Na verdade, não há divisão entre o Criador e a criação, trata-se de um processo contínuo de criatividade. Um pólo da criatividade parece-se ao Criador e o outro pólo da criatividade parece-se à criação - mas ambos são pólos do mesmo fenômeno.

Tantra diz que, se dizes “sim”, simplesmente dizes “sim”: não o dizer em oposição a algum “não”. Mas todas as religiões fizeram isso: disseram “não” ao mundo e “sim” a Deus. E disseram “não ao mundo, energicamente, de forma que seu “sim” pudessse tornar-se mais forte. Muitos dos chamados “santos” disseram isto: “Deus, nós Te aceitamos, mas não aceitamos o Teu
mundo.” Mas que tipo de aceitação é essa? Isso é aceitação? Estão escolhendo. Estão retalhando a existência em dois pedaços. Estão se colocando acima de Deus. Dizem: “Isto que eu aceito, isto eu renego.” Toda renúncia vem disso.

Quem pronuncia não é pessoa religiosa. Segundo Tantra, quem renuncia é um egoísta. Primeiro esteve acumulando coisas do mundo, e sua atenção estava no mundo. Agora, renuncia, mas sua atenção ainda está voltada para o mundo e ela permanece egoísta. O que tem formas sutis de contentar a si próprio e retorna, muitas e muitas vezes, em espiral. Repetidamente ele retorna - com uma face nova, sob novas cores.

Isso aconteceu: eu estava em minha aldeia e Mulla Nasrudin veio visitar-me. Naquele tempo ele vivia em Nova Delhi, a capital, e estava tão entusiasmada que chegava a parecer cego. Levei-o ao pequeno forte da minha aldeia, e ele disse - “Quê! Tu chamas a isto um forte? Devias ir a Nova Delhi e ver o Forte Vermelho. Isto não é nada” Levei-o ao rio, e ele disse: - “Quê! Tu chamas a isto um rio? Nunca na minha vida vi rio mais nojento, mais mesquinho.” E o mesmo aconteceu m toda parte.

Então, veio a noite da lua cheia e eu pensei que, pelo menos, ao ver a lua cheia ele se sentiria feliz e não traria à conversa aquela pequena aldeia. Mas eu estava errado. Levei-o ao rio; a noite era bela e silenciosa. A lua surgiu, muito grande, simplesmente maravilhosa. Olhei para Nasrudin e disse: - “Olha! Que enorme lua!”

Ele olhou para a lua, encolheu os ombros, e disse: - “Não é má de todo, para uma aldeiazinha como esta.”

Assim é a mente: persiste, ressurge em espirais - sempre e sempre a mesma coisa. Podes renunciar ao mundo, mas não te tornarás de outro mundo. Permanecerás mundano. E, se

quiseres verificar isto, procura os monges da Índia, os sadhus: eles permanecem mundanos, enraizados no mundo. Renunciaram a tudo, mas seu foco está no mundo, seu foco está na renúncia, centralizado no ego, orientado pelo ego. Podem estar pensando que, ao renunciar, aproximam-se de Deus - não. Ninguém jamais alcançou o Divino por dizer "não" ao que quer que seja.

Essa é a visão do Tantra. Tantra diz: "Dize 'sim'. Dize 'sim' a tudo. Não precisas lutar, não precisas nem mesmo nadar - flutua simplesmente, ao sabor da corrente. O rio segue por si mesmo por sua própria vontade, e tudo alcança o oceano definitivo. Não cries qualquer perturbação, não empurre o rio; segue-o, simplesmente." Ir, flutuar, relaxar com ele - assim diz Tantra.

Se podes dizer "sim", uma profunda aceitação acontece em ti. Se dizes "sim", como podes te queixar? Como podes ser infeliz? Então, tudo é como deveria ser. Não estás lutando, não estás negando - aceitas, apenas. E, lembra-te, essa aceitação difere da aceitação comum.

Habitualmente, uma pessoa aceita determinada situação quando se sente impossibilitada de fazer outra coisa, porém essa é a aceitação da impotência. Não te levará a parte alguma; a impotência não pode te levar a parte alguma. Uma pessoa aceita uma situação quando se sente perdida: "Nada pode ser feito, portanto, que fazer? Pelo menos aceitar, para salvar a dignidade."
A aceitação tântrica não é desse tipo. Ela vem de uma super-realização, vem de um profundo contentamento - não vem da sensação de estar perdido, da frustração, do desamparo. Vem quando não se diz "não"; surge inesperadamente. Todo o teu ser se toma de um profundo contentamento.

Essa aceitação possui uma beleza própria. Não é forçada, nada praticaste para obtê-la. Se a forçares, ela será falsa, será uma hipocrisia. Se a forçares, ficarás dividido em dois: por fora aceitarás, mas no fundo estarás fervendo, pronto a explodir a qualquer momento. Apenas superficialmente fingirás que tudo está bem.

A aceitação tântrica é total, não se divide. Todas as religiões do mundo, exceto Tantra, criaram personalidades divididas. Todas as religiões do mundo, exceto Tantra, criaram esquizofrenia. Elas te dividem. Fazem em ti algo mau e algo bom. E dizem que o bem deve ser alcançado e o mal renegado; o Diabo tem de ser negado e Deus tem de ser aceito. Criam em ti a divisão e a luta. Então, tu te sentes constantemente culpado, porque como podes destruir aquilo que a ti está ligado organicamente? Podes chamar a isso o mal, podes dar-lhe os nomes que quiseres, que não fará nenhuma diferença. Pois não podes destruir algo que não criaste, algo que encontraste, que te foi dado. A cólera existe, o sexo existe, a ambição existe - tu não os criaste, eles são fatos da vida, que te foram dados tal como teus olhos ou tuas mãos. Podes dar-lhes nomes, podes dizer que são feios ou belos, ou o que quer que seja, mas não podes destruí-los.

Nada pode ser eliminado e retirado da existência, nada pode ser destruído.

Tantra diz que uma transformação é possível, mas a destruição nunca. A transformação vem quando aceitas teu ser total. Então, e de súbito, tudo entra em ordem, tudo toma seu próprio lugar. A cólera é absorvida, a ambição também é absorvida. Assim, sem que tentes o retalhamento de teu ser, todo esse teu ser se recompõe. Se aceitas e dizes "sim", acontece uma recomposição, e onde antes havia rumor, clamor interno, nasce música, melodia, harmonia.

Entre o rumor e a harmonia, qual é a diferença? São as mesmas ondas sonoras, arranjadas

de uma ou outra forma. Mas no rumor não há um núcleo, um centro. Se um louco toca piano as notas são as mesmas, os sons são os mesmos, mas não existe um centro que os organize. Tu podes dar um centro ao rumor, tudo se tornará orgânico e ele se transformará em música. Se um louco toca piano, um ajuntamento de notas, separadas e individuais é o que é emitido, não uma melodia. Mas quando um músico toca o mesmo piano, com os mesmos dedos, ocorre uma mutação alquímica: agora, as mesmas notas entram num esquema, alcançam uma unidade orgânica, encontram um centro; já não são um ajuntamento, são uma família. Um amor sutil as reúne - agora são uma só coisa. E nisso está toda a arte: trazer as notas para um fenômeno amoroso, de forma que elas se tornem harmoniosas.

Tantra diz que, tal como és agora, és rumos. Nada há de errado nisso - tu, simplesmente, não tens um centro. Desde que tenhas um centro, tudo entra na ordem e tudo se torna belo.

Quando Gurdjieff se zanga, isso é belo. Quando te zangas, isso é feio. A cólera não é feia nem bonita. Quando Jesus se encoleriza, é pura música - mesmo a cólera. Quando Jesus toma de um chicote e expulsa os vendilhões do templo, há nesse gesto uma sutil beleza. Até mesmo Buda carece dessa beleza, Buda parece unilateral; nada dele permite entrever a presença da cólera. A tensão da cólera, o sal da cólera não existem nele. Buda não tem o mesmo bom sabor que Jesus. Jesus tem algum sal, pode até zangar-se. Mesmo sua cólera tornou-se parte de seu ser total; nada foi negado, tudo foi aceito.

Mas Tilopa é incomparável. Jesus nada é... Os Mestres tântricos são simplesmente flores selvagens, há de tudo neles. Tu devias ver os retratos de Bodidarma. Se não os viste, olha - é tão feroz o semblante de Bodidarma que, se meditares sobre o que viste à noite e a sós, não poderás dormir, pois ele te obcecará. Dizem dele que, pelo simples fato de olhar para alguém, faz com que esse alguém passe a ter contínuos pesadelos. Seu olhar era feroz, obcecava a quem os visse. Contam que, quando Bodidarma ou Tilopa falavam, sua fala era como o rugido de um leão, como uma nuvem trovejante, como uma formidável cascata, selvagem e ardente.

Se, entretanto, esperares um pouco, sem julgá-los com demasiada rapidez, encontrará neles o mais amoroso dos corações. Sentirás, então, a música, a melodia que existe neles. E, de súbito, compreenderás que eles nada negaram, que absorveram tudo, mesmo a ferocidade. Um leão é belo, até sua ferocidade possui uma beleza própria. Se tirares a ferocidade de um leão, então ele passará a ser um leão empalhado, morto.

Tantra diz que tudo tem de ser absorvido, tudo! Lembra-te, sem qualquer condição. O sexo tem de ser absorvido, para que se torne uma força tremenda, em ti. Um Buda, um Tilopa, um Jesus possuem uma grande força magnética em torno deles - e que é isso? Sexo absorvido. O sexo é magnetismo humano. Subitamente, tu tombas no amor deles. Basta que cruzes o seu caminho para seres levado a um mundo inteiramente diferente. Es arrancado de teu velho mundo e levado para algo novo, algo com que jamais pudeste sonhar. Que força é essa? É a mesma energia, sexo, que se transformou: agora é magnetismo, é carisma. Buda tem a cólera absorvida e a própria cólera transformou-se em compaixão. E, quando Jesus toma o chicote nas mãos, o faz também movido pela compaixão. Quando Jesus fala, tomado de ardor, é a mesma compaixão que se faz presente.

Lembra-te disto: Tilopa aceita-te em tua totalidade. Quando vens ter comigo, eu te aceito em tua totalidade. Não estou aqui para te ajudar a negar coisa alguma. Estou aqui para te ajudar a recompor, a alcançar o centro de todas as tuas energias, a convergi-las para um centro. E digo-te que serás mais rico se tiveres a cólera absorvida, serás mais rico se tiveres o sexo

absorvido, serás mais rico se tiveres o ódio e o ciúme absorvidos - eles são os temperos da vida e precisas experimentá-los. Não te tornarás sem sabor, terás um sabor próprio. Precisas de um pouco de sal. E a cólera vem na medida exata que é necessária. Quando ela te domina, torna-se feita. Se comeres apenas sal, morrerás. O sal, em determinada proporção, é uma necessidade, é absolutamente necessário. Lembra-te disto.

No caminho encontrarás muitas pessoas que gostariam de te incapacitar, cortar e dividir. Dirão: - "Essa mão é má, corta-a! Esse olho é mau, atira-o fora! A cólera é má, o ódio é mau, o sexo é mau." Continuarão a cortar-te e, quando te deixarem, estarás simplesmente paralisado, aleijado. Não te deixarão com vida. Isso mostra como toda a civilização tornou-se paralisada, aleijada.

A menos que Tantra se torne o alicerce de toda a mente humana, o homem não será completo - porque nenhuma outra visão aceita o homem em sua totalidade. Mas a aceitação, lembra-te novamente, vem do transbordamento; não é nascida da impotência.

Uma pessoa vive a sua vida, vai através dela: cada nuance tem de ser vivida, cada gosto tem de ser provado. Mesmo a perambulação, mesmo o estar extraviado têm significação, porque se nunca te extraviares não alcançarás uma iluminação enriquecida, nunca serás simples. Poderás ser um simplório, mas nunca serás simples - e um simplório não é um simples.

A simplicidade precisa apoiar-se em uma experiência profunda e complexa. Um simplório é simplesmente alguém sem qualquer experiência. Pode ser um tolo, mas jamais será um sábio. Um sábio é aquele que viveu todos os pecados da vida, que nada negou, que a nada chamou pecado, que simplesmente aceitou o que quer que acontecesse e que permitiu que isso acontecesse, que se movimentou com cada onda, que derivou, que se extraviou, que caiu nas profundezas do inferno.

Nietzsche diz, algures: - "Se uma árvore quiser alcançar o céu, suas raízes precisam aprofundar-se até o mais profundo inferno." Ele tem razão. Se quiseres um florescimento verdadeiro no céu, tuas raízes precisarão ir ao mais profundo inferno da terra.

Quando um pescador torna-se um sábio, este sábio tem uma beleza própria. Quando um sábio é simplesmente um sábio, sem se ter tornado um pecador, não passa de um simplório, deixou passar a vida. E não há virtude que se erga sem que tivesse havido uma perambulação, um estado de extravio.

Há uma bela parábola em que Jesus diz: "Um pai tinha dois filhos. O mais novo pediu sua herança, levou-a consigo, desperdiçou-a na cidade com vinho e mulheres e tornou-se um mendigo. O outro filho permaneceu com o pai, trabalhou duramente na fazenda e acumulou grande fortuna. Um dia, o filho mendigo, o filho que havia se extraviado, veio a seu pai e disse: - 'Estou de volta, fui um tolo, desperdicei teu dinheiro. Perdoa-me. Agora não tenho para onde ir, aceita-me, estou de volta.' E o pai disse aos servos: - 'Celebremos esta ocasião; mata-se a ovelha mais gorda, façam-se muitas e deliciosas comidas, distribuam-se doces por toda a cidade, procurem para meu filho o mais velho dos vinhos. Vamos ter uma festa: meu filho se extraviou e agora está voltando para casa.'

Algumas pessoas da aldeia foram à fazenda e disseram ao outro filho: - 'Vê que injustiça! Tu tens estado com teu pai, prestando-lhe auxílio como se fosses um dos servos, jamais te extraviaste, jamais fizeste coisa alguma contra ele e, entretanto nunca foi feita uma festa em tua

honra, jamais houve uma celebração dedicada a ti. E, agora, aquele vagabundo, aquele mendigo, que desperdiçou o dinheiro de teu pai e que viveu em pecado, está de volta. E vê que injustiça - teu pai está fazendo disso uma celebração. Vai à cidade! Estão distribuindo doces, uma grande festa está sendo preparada.'

Como é natural, o filho mais velho ficou muito zangado. Voltou à casa muito triste e disse ao pai: - 'Que tipo de justiça é essa? Tu jamais mataste uma ovelha por mim, nunca me deste qualquer presente. E, agora, aquele teu filho está de volta, ele, que desperdiçou teu dinheiro, o dinheiro que tu lhe deste; e o desperdiçou em coisas erradas - e tu estás celebrando a sua volta!'

O pai disse: 'Sim, porque tu estiveste sempre comigo, e, portanto, nunca houve essa necessidade. Mas a volta dele precisa ser comemorada: ele se extraviou, era a ovelha desgarrada, e foi de novo encontrado.' "

Essa história não foi tomada em toda a sua significação pelos cristãos. Na verdade, ela diz o que eu te estou dizendo, o que Tantra quer dizer. É uma história tântrica. Ela significa que, se ficares sempre no caminho certo, não serás celebrado pela Existência. Serás um simplório, não terás enriquecido a tua vida. Não haverá sal em ti: podes ser nutritivo, mas não tens temperos. Poderás ser muito simples e bom, mas tua bondade não terá, em si mesma, uma harmonia complexa. Serás uma nota apenas, não milhões de notas formando uma melodia. Serás uma linha reta, sem curvas nem cantos. Essas curvas e cantos dão beleza, tornam a vida mais misteriosa, oferecem profundidade. Serás raso em tua santidade; não haverá profundidade em ti.

Por isso é que Tantra diz que tudo é belo. Mesmo o pecado é belo, porque o pecado dá profundeza à tua santidade. Mesmo o extravio é belo, porque, voltando, a pessoa se torna mais enriquecida. Precisas deste mundo para te moveres nele, profundamente, de forma a esqueceres por completo de ti próprio - e então voltarás.

As pessoas perguntam: - "Por que existe este mundo, se Deus é contra ele? Por que Ele nos atira ao mundo, ao mundo dos carmas, dos pecados, dos erros? Por que Ele nos atira? Ele pode, simplesmente, redimir-nos." Isso não é possível. Assim serias raso, superficial. Tens de ser atirado ao mais remoto canto do mundo, para que possas voltar. Essa volta possui algo em si mesma - e esse algo é a cristalização do teu ser.

Tantra aceita tudo, vive tudo. Por isso é que Tantra nunca foi uma ideologia muito aceita. Permaneceu sempre uma ideologia marginalizada, algures, na fronteira, fora da sociedade, da civilização, porque a civilização preferiu ser superficial e dizer "não" a muitas coisas. A civilização não tem a coragem suficiente para aceitar tudo, para aceitar tudo quanto a vida oferece.

A maior coragem neste mundo é aceitar tudo quanto a vida nos dá. E é para que chegues a isso que estou tentando ajudar-te: para que aceites tudo quanto a vida te dá, com profunda humildade, como uma dádiva. E quando digo isso refiro-me mesmo àquelas coisas que a sociedade te condicionou a considerar erradas e más. Aceita o sexo, e dele virá um florescimento. Uma brahmacharya virá; uma pureza, uma inocência virão; dele surgirá virgindade - mas como uma transcendência.

Através da experiência a criatura transcende.

Movendo-se pelas escuras vielas da vida, nossos olhos tornam-se treinados e começamos a ver

luz mesmo na escuridão. Que beleza existe no poderes ver a luz quando é dia! Há beleza, também, quando se trata da mais escura das noites, e teus olhos estão de tal forma treinados para a escuridão, que podes ver o dia ali oculto.

Quando, na mais escura das noites, podes ver a manhã, então há beleza; então, tu alcançaste.

Quando no mais baixo podes ver o mais alto, quando mesmo no inferno podes criar um céu,

então, te tornaste um artista da vida.

E Tantra quer fazer de ti um artista da vida - não negador, mas grande semeador do "sim". Aceita e aos poucos sentirás que quanto mais aceitares, menos desejo haverá. Como poderá haver desejo, se aceitares? Seja qual for a situação, aceita-a. Então, não haverá motivo para qualquer outra coisa. Vives essa situação momento a momento, com profunda aceitação, cresces sem que haja qualquer objeto, sem que haja qualquer desejo de ir a lugar algum, de ser alguma outra coisa ou alguma outra pessoa.

Tantra diz: - "Sê tu mesmo" - e esse é o único ser que podes alcançar. Com a aceitação, os desejos desaparecem. Com a aceitação, uma ausência de desejos vem por si mesma. Tu não a praticas, tu não a forças. Não eliminas teus desejos - pela tua aceitação é que eles desaparecem.

E quando, de súbito, chega um momento em que aceitas totalmente e que os desejos todos se foram, há uma inesperada Iluminação. De súbito, sem que nada tenhas feito, acontece. Essa é a maior dádiva que esta existência te pode oferecer.

Essa é a atitude tântrica diante da vida. Não há outra vida a não ser essa, e não há outro mundo a não ser este. Este próprio samsara é o nirvana. Tu só precisas ser um pouco mais compreensivo, mais tolerante, mais como as crianças, menos egoísta.

Agora, os sutras de Tilopa:

A prática do mantra e da paramita, a instrução em sutras e preceitos,

o ensino das escolas e das escrituras

não levam à percepção da Verdade Inata.

Os Vedas não nos serão úteis, nem a Bíblia. A prática do mantra pode não nos ajudar em nada, antes pode se tornar um obstáculo. Na verdade, que é um mantra? O que está o Iogue Maharishi Mahesh ensinando, quando ensina meditação transcendental? O que fazes quando repetes um mantra? O iogue diz para repetires uma certa palavra, ou um certo mantra continuamente, dentro de ti: Ram, Ram, Ram; AUM, AUM, AUM - qualquer coisa, mesmo teu próprio nome servirá. Mesmo que repitas H2O, H2O, H2O servirá - porque não se trata do som

ou da palavra, trata-se de repetir continuamente; e pela própria repetição é que algo acontece. Que é isso?

Quando repetes uma certa palavra continuamente, cria-se um ritmo interior: Ram, Ram, Ram - um ritmo foi criado, um ritmo monótono. Sempre que repetes continuamente certa palavra, vem a monotonia. Repetir continuamente uma palavra é monótono e começas a sentir-te sonolento. Isso é o que faz a hipnose, isso é a auto-hipnose. Repetir um mantra é praticar a auto-hipnose. Vais ficando ébrio com teu próprio e monótono som ritmado.

Isso é bom! Nada de mau há nisso, pois podes ter um sono muito bom, muito revigorante. Se estás cansado, eis aí um bom estratagema mental que te deixa descansado, mesmo mais descansado do que podes sentir-te com o teu sono normal, porque o sono normal não pode ser tão profundo como o sono do mantra, já que nele os pensamentos continuam, os sonhos continuam e perturbam continuadamente. Mas, se repetes um certo mantra, sem cessar, nada mais pode estar ali, apenas o mantra. E ele te leva a um sono muito, muito profundo.

Em Ioga temos uma palavra especial para isso: em sânscrito o sono é chamado nidra, o sono criado por um mantra cantado é chamado tandra. O sono causado pela Ioga, pelo mantra cantado - um sono profundo, mas ainda sono - é chamado ioga-tandra.

Se teu sono é perturbado, a Meditação Transcendental pode ser útil. Por isso parece que a influência de Maharishi tem sido grande na América, o país mais perturbado no que se refere ao sono. São usados tantos tranqüilizantes, tantas pílulas para dormir são consumidas, que as pessoas perderam a capacidade natural para dormir - daí a influência da MT. Na Índia, ninguém faz caso da MT porque as pessoas já dormem tão profundamente que se torna difícil acordá-las.

O mantra te oferece um sono sutil e até aí ele é bom; mas não penses que isso é meditação, se não queres enganar-te. Não penses que isso é meditação, pois não passa de um tranqüilizante mental. E é tão químico como qualquer pílula sonífera, porque o som modifica a química do nosso corpo, o som é parte da química do nosso corpo. Por isso é que certo tipo de música faz com que te sintas muito repousado: a música desce sobre ti, limpa-te, como se tivesses tomado um banho. O som muda a química do nosso corpo. Há certos tipos de músicas que te fazem sentir muito apaixonado e sexual: seus sons batidos mudam a química do teu corpo.

O mantra cria música interior com uma só nota: a monotonia lhe é básica. Não há necessidade de fazer perguntas ao Iogue Maharishi Mahesh sobre isso - todas as mães deste mundo sabem a respeito. Quando quer que a criança se mostre inquieta, ela sussurra um acalanto - e um acalanto é um mantra: bastam duas ou três palavras, mesmo que nada queiram dizer, pois não há necessidade de significação. Ela senta-se ao lado da criança, ou toma a criança ao colo, junto de seu coração - as batidas do coração também são música monótona. Assim, quando a criança está inquieta, a mãe põe sua cabeça sobre o seu coração e a batida desse coração torna-se um mantra. E a criança é iludida e adormece. Ou, se a criança é um tanto mais crescida e não pode ser iludida facilmente, ela canta um acalanto - duas ou três palavras, palavras simples e monótonas, que vai repetindo. A monotonia ajuda e a criança adormece - não há nada de mau nisso. É um tranqüilizante melhor do que qualquer pílula química, mas ainda assim um tranqüilizante, uma sutil pílula de som que afeta a química do corpo.

Assim, se tens perturbações de sono, se sofres de um certo grau de insônia, um mantra é bom, mas não penses que a meditação é isso. Isso te fará mais ajustado, mas não te

transformará. E toda a sociedade está sempre tentando fazer-te mais ajustado em relação a ela. Para fazer-te mais ajustado em relação a ela, lançou mão da religião, da moralidade, dos mantras, das iogas. Tem recorrido à psicanálise e a muitos tipos de psiquiatria para trazer-te de volta à sociedade ajustada. A meta principal da sociedade é conseguir uma forma de criar o indivíduo ajustado. Mas, se toda a sociedade está errada, ser ajustado a ela não pode ser bom.
Se toda a sociedade é louca, estar ajustado a ela não significa outra coisa do que tornar-se igualmente louco.

Certa vez alguém perguntou a Sigmund Freud: - "Na verdade, o que o senhor pretende fazendo psicanálise e qual é o objetivo dela?" Ele, que era uma pessoa autêntica como raras o são, respondeu: - "O máximo que podemos fazer é isto: fazer pessoas histericamente infelizes tornarem-se normalmente infelizes; trazemo-las de volta a infelicidade normal, como a de toda a gente. Essas pessoas estavam indo muito longe, estavam criando infelicidade demais e se transformando em neuróticas. Nós as trazemos de volta à neurose normal da Humanidade." - Continuou Freud: - "O homem jamais pode ser feliz. O homem só pode ser, ou neuroticamente infeliz, ou normalmente infeliz, mas nunca pode ser feliz."

No que concerne ao comum da humanidade, seu diagnóstico está aparentemente correto, mas ele não tem conhecimento daquilo que é um Buda ou um Tilopa, ele nada sabe daqueles que alcançaram um estado de beatitude total do ser. Não poderia ser diferente, porque um Buda nunca iria tratar-se com Freud - para quê? Só pessoas histéricas procuram Freud, e ele as trata.

E todo o seu conhecimento, toda a sua experiência, referem-se a pessoas histericamente neuróticas. Ele não conheceu uma só pessoa, em seus quarenta anos de experiência com pacientes, que fosse feliz. Assim, ele está certo, empiricamente certo. Sua experiência mostra que há apenas dois tipos de pessoas: as normalmente infelizes e as histericamente infelizes. O máximo que ele pode fazer é torná-las mais ajustadas.

Mantra, psicanálise, religião, moralidade, igrejas, orações, todas essas coisas foram usadas para te fazer mais ajustado. Mas a religião verdadeira tem início quando começas uma viagem de transformação: não para estares ajustado à sociedade, mas sim em harmonia com o cosmos. Ser ajustado com a sociedade implica em queda.

Muitas vezes acontece que um louco nada tem de errado, o louco tem, simplesmente, excesso de energia; por isso não consegue se ajustar à sociedade e aliena-se. Um louco é demasiadamente individualista, um louco é tão talentoso em certas coisas que não pode se ajustar facilmente à sociedade. Deves lembrar que todos os gênios sempre permanecem mal ajustados à sociedade e, de cem gênios, quase oitenta tiveram seu estágio de hospício. Isto porque vão além do que a sociedade permite.

A sociedade comum é como um peso de papéis sobre ti: não permite que voes. Um gênio atira fora o peso de papéis e gostaria de ser levado por suas asas até o mais afastado ponto do céu. Desde o momento em que vais para além da linha da sociedade, da fronteira, estás louco. E toda a sociedade tenta reajustar-te.

Tantra diz que o reajustamento ou ajustamento não são os objetivos, de nada valem - o objetivo é a transformação. Que fazer então? Não tentes estratagemas para fazer-te reajustado - e o mantra é um estratagema. Se sentes que não podes dormir, não procures encontrar o sono através de mantras. Pelo contrário, tenta saber qual é a inquietação que te está produzindo essa

falta de sono. Podes estar desejando demais, podes ser excessivamente ambicioso. Tua ambição não te permite dormir, tua inquietação continua, tua mente desejosa se movimenta sem parar e o processo de pensamento prossegue. Por isso é que não podes dormir. Bem, há duas maneiras de consegui-lo. Uma através do mantra, outra através do Tantra.

Mantra diz: Não te preocupes com as causas, repete o mantra simplesmente e adormece. Isso é tão superficial: não te preocupes com as causas, repete o mantra, simplesmente - quinze minutos pela manhã e quinze minutos à noite - e poderás dormir. Irás sentir-te bem e saudável. Mas, ainda que te sintas bem e saudável, o que acontecerá contigo? Há muitas pessoas saudáveis que dormem lindamente, sem que nada tenha acontecido a elas - o florescimento definitivo não chegou. A saúde é um bem em si mesma, mas não pode ser o objetivo. Dormir é bom, mas não pode ser o objetivo. Tantra diz que procures a causa que te produz a inquietação.

Um ministro do governo da Índia costumava procurar-me. Estava sempre angustiado a propósito do seu sono e dizia: - "Dá-me alguma técnica que me faça dormir." Mas eu lhe disse: - "Um político não pode dormir - isso não é possível. Um político não foi feito para dormir, não se espera que ele durma. E isso é bom; não vou te dar técnica alguma. Procura o Iogue Maharishi Mahesh e ele te ensinará uma técnica sem perguntar o porquê." E ele foi, realmente.

Depois de três meses, voltou e disse: - "Deu-me uma sugestão e ela funcionou! Agora está tudo lindo, agora posso dormir." Eu lhe disse: "Sempre que precisares e que sentires que dormir não é o suficiente, que o estar acordado é necessário, procura-me." Tu podes dormir, mas que virá disso? Permanecerás o mesmo. Pela manhã estarás de novo no ambicioso movimento. Podes pensar que alguma coisa boa aconteceu, mas só uma coisa aconteceu: agora não terás consciência das causas, elas terão sido sepultadas em teu mais profundo inconsciente, pelo mantra, e a possibilidade de transformação foi adiada.

Não posso dar-te melhor sono. Gostaria de dar-te melhor despertar, melhor consciência.

Um político está constantemente desejando, lutando, competindo, tentando alcançar postos cada vez mais altos na hierarquia. Ao fim, nada conquista.

Mulla Nusradin trabalhou toda a sua vida na política e chegou ao mais alto posto possível. Então, eu lhe perguntei: - "Que conquistaste?" - Ele disse: - "Para ser franco, sou o maior escalador de degraus que há no mundo. Essa foi a minha conquista: escalar degraus."

Mas mesmo que alcances o mais alto degrau da escada, que acontece? Teus presidentes e primeiros-ministros o alcançaram, são os maiores escaladores de degraus - mas escalar degraus não é vida. E continuar nisso, escalando degraus cada vez maiores, o que vem a ser?

A ambição cria a inquietação. Eu gostaria que entendesses tua ambição. O desejo cria inquietação. Eu gostaria que fosses consciente dos teus desejos. Essa é a maneira do Tantra. Pois, quando a causa desaparece, a doença desaparece. E, se a causa desaparece, tu estás transformado. A doença é apenas um sintoma - não tentes ocultar o sintoma. Deixa-o estar ali, isto é bom, porque vai te espicaçando, te atingindo e dizendo que algo está errado. Se não podes dormir, isso é bom, porque mostra que algo está errado no teu próprio estilo de vida.

Não vou ajudar-te a obter melhor sono. Direi: "Tenta entender, isso é um sintoma. Esse sintoma é amigo, não é um inimigo. Ele está simplesmente te mostrando que, bem lá no fundo,

em teu inconsciente, há correntes subterrâneas que não te deixam dormir. Procura entendê-las, absorvê-las, passar através delas, transcendê-las - e então virá o sono profundo. Não por teres forçado o sintoma subterrâneo, mas porque a doença desapareceu. E nesse "adormecimento" uma qualidade de consciência, totalmente diferente, surge. Então podes estar profundamente adormecido e, ainda assim, alerta. Não é, portanto hipnose, não é um estado parecido ao da embriaguez, não é o que se sente através de uma droga - mesmo muito sutil, mas ainda assim uma droga. Não te faças um viciado em drogas."

Diz Tilopa:

A prática do mantra e da paramita, a instrução em sutras e preceitos,

o ensino das escolas e das escrituras

não levam à percepção da Verdade Inata.

Paramita é uma palavra budista que significa compaixão, servir ao próximo. Tudo o que os missionários cristãos estão fazendo pelo mundo é paramita. Serve! Ajuda! Solidariza-te! Tem compaixão! Mas Tilopa diz que só isso também de nada adianta.

Observei, também - e conheço muitas pessoas que são reformadores sociais, grandes servidores da sociedade - que essas pessoas devotaram toda a sua vida sacrificando-se pelo progresso da sociedade, mas sem que nelas próprias tenha havido uma transformação. E não poderia acontecer de outra forma porque servir ao povo, servir à sociedade, torna-se uma ocupação, de forma que elas se tornam ocupadas.

Se, de repente, por um milagre divino, a sociedade é transformada, e não existe mais mendigos para serem servidos, pobres para serem socorridos, nem pessoas doentes, nem hospitais, nem loucos - se isso acontecesse subitamente, podes imaginar o que aconteceria aos teus grandes servidores da sociedade? Suicidar-se-iam. Não havendo ninguém para servir, que fariam? Estariam perdidos. Que aconteceria aos missionários cristãos? Se não houvesse ninguém para converter, forçar, dirigir, atrair para o seu caminho, se todos se tornassem cristãos, que fariam eles? Para onde iriam com suas grandes missões? Teriam de suicidar-se. Se a revolução realmente acontecesse, qual seria o destino de nossos revolucionários? Que fariam eles? Subitamente despojados de sua tarefa, desempregados, começariam a pedir a Deus: "Traze de volta a antiga sociedade, precisamos de leprosos para servir, precisamos de mendigos para ajudar."

Tu podes ocupar-te ou com teu próprio negócio, ou com outras pessoas, mas a mente sempre precisa de ocupação. A mente precisa que te esqueças de ti mesmo e te ocupes com alguma coisa. Isso é uma fuga à Verdade Inata. É Tilopa quem o diz.

O Tantra tem uma coisa muito bela para dizer-te, que é: primeiro, antes que comeces a servir seja a quem for, sê absolutamente egoísta. Como podes servir alguém a não ser que tenhas alcançado primeiro teu ser interior? Sê absolutamente egoísta! Se tua luz interna está ardendo tu tens possibilidade de ajudar outros - de outra forma teu serviço será um mal. E o mundo está mergulhado em tanto mal por causa da quantidade de revolucionários, de reformadores sociais, de servidores autonomeados. Eles criam o mal, eles criam o caos, e isso é natural porque ainda não alcançaram sua própria verdade e já se puseram a ajudar os outros. Se tens a luz interior, podes partilhar essa luz com outrem, mas se não a tens, como podes

partilhá-la? Como podes partilhar o que não possuis?

Um homem procurou Buda - devia ser um grande revolucionário, como Marcuseou outros - e perguntou-lhe: - “Dize-me: como posso servir a outrem? Tenho em mim profunda compaixão e gostaria de fazer toda a gente feliz.” Buda olhou para ele e, ao que se conta, ficou triste. O homem disse então: - “Por que ficaste triste?” - Buda respondeu: - “O que desejas é difícil, porque tu mesmo não pareces feliz e, contudo, queres ter, como missão, o fazer a toda a gente feliz. Como podes partilhar aquilo que não possuis?”

Primeiro, sejas, e desde que sejas, já não se tratará de ter uma missão. Desde que estejas jubiloso já não terás de sair de teu caminho para ajudar os outros - teu próprio ser é um auxílio, onde quer que estejas e tu não fazes disso uma profissão. Da forma que fores, onde quer que estiveres, ajudas. Se te sentares junto de uma árvore, ajuda a árvore. Não conscientemente, não com qualquer esforço da tua parte, mas só por estares perto da árvore a estarás ajudando e ela então florescerá em ti - tu acordaste a árvoe. Algum dia aquela árvore se tornará um buda e tu terás tido parte nisso, tu participaste. E quando a árvore se tornar um Buda e todo o universo comemorar isso, tu também comemorarás - deste parte de ti à árvore, partilhaste.

Senta-te junto a um rio e partilha do teu ser com ele; move-te para que cada movimento teu torne-se a tua compaixão - nada há a fazer. Se fazes, algo está errado. Como podes fazer o que é amor? O amor não é um ato, é um estado de ser. Tu amas, tu tens a luz, tuas portas estão abertas, quem quer que deseje entrar no santuário interior de teu ser, está convidado a fazê-lo. E quem quer que acenda sua própria luz na tua fonte de luz, encontra-te pronto para isso.

Nunca procures alguém a quem ajudar. Quando o fizeres, uma coisa é certa, não és a pessoa indicada. Quando começas a fazer alguma coisa, uma coisa é certa, estás criando o mal. Estás unicamente metendo o nariz em negócios alheios. Deixa que sejam eles mesmos. Já será bastante compaixão da tua parte o não perturbá-los. Não tentes modificá-los. Não sabes o que está fazendo.

Só o Iluminado pode ajudar: o auxílio flui, espontaneamente. Como uma flor que desabrocha, o vento toma-lhe a fragrância e a espalha por sobre toda a terra. Isso é muito sutil e indireto, jamais atinge alguém diretamente. Um Mestre verdadeiro jamais tenta modificar alguém diretamente. Ele é uma fragrância sutil, envolve-te.

Se estiveres aberto, um pequeno sopro entrará em ti. Se não estiveres aberto, ele esperará à porta, sem sequer bater; do contrário poderá perturbar teu sono. Trata-se do teu sono, tens o direito de dormir o quanto desejares; não compete a ninguém acordar-te.

Eu posso ter acordado; eu posso, como tu, estar para ser acordado; mas isso é uma coisa minha, não tua. Se estás bem adormecido, sonhando lindos sonhos, quem sou eu para perturbar-te? Esperarei. Com um aroma vou rodear-te. Se esse aroma chegar até ti, se esse aroma te despertar, ótimo. Mas não se trata de um esforço direto; é algo muito, muito indireto. E, lembra-te sempre: só as pessoas que são absolutamente indiretas podem ser de algum auxílio. O auxílio direto é para políticos, o auxílio indireto é para os sábios.

a instrução em sutras e preceitos,

e o ensino das escolas e das escrituras não levam à percepção da Verdade Inata.

Por quê? Porque ela já ali está. Não precisa ser trazida. Estás procurando algo que já tens dentro de ti, em sua total beleza e perfeição. Nada tem de ser feito. Agir é absolutamente impróprio. Só tens de voltar ao lar. O hóspede já ali está, mas o anfitrião está fora - tu não estás dentro. Com os teus desejos o que fazes é afastar-te cada vez mais. Gostarias de ter uma bela casa e um belo automóvel e mais isto e mais aquilo, e estás te afastando, estás te afastando. Não tens tempo para voltar ao lar.

A meditação nada mais é do que o retorno ao lar, só para descansar um pouco, lá dentro. Não é o cantarolar do mantra, não é sequer uma oração. É apenas a volta ao lar e a tomada de um pequeno repouso. Não ir a parte alguma é meditação, só o estar onde está é meditação. Não há outro "onde" - só o estar onde estás, apenas ocupando o espaço onde estás. O desejo te leva a longas viagens, no tempo e no espaço - o desejo nunca te leva ao lar que é teu; está sempre a levar-te para algum outro lugar.

Porque, se a mente, quando tomada por algum desejo, procura encontrar um objetivo,

apenas oculta a Luz.

Por isso estás perdendo - por estares fora estás perdendo, procurando estás perdendo, investigando estás perdendo, tentando alcançar estás perdendo. Nada é necessário da tua parte - o Divino te deu tudo quanto de pode ser dado. Não somos mandados ao mundo como mendigos, mas como imperadores. Olha um pouco para dentro. Por alguns momentos não vás a parte alguma, nada desejes, não penses no futuro, não penses no passado, fica apenas aqui e agora e, de repente, lá está - sempre esteve - e tu começas a rir.

Quando perguntaram a Lin-Chi o que fez quando alcançou a Iluminação, qual a primeira coisa que fez, ele disse: - "Como poderia fazer? Sorri, e pedi uma xícara de chá. Sorri! Que estivera eu a fazer, procurando algo que ali já estava?" Todos os Budas têm rido e todos os Budas têm pedido uma xícara de chá. Que outra coisa deve ser feita? Estiveram correndo desnecessariamente, por aqui e por ali; cansados, voltaram ao lar. Uma xícara de chá, é, exatamente, a coisa certa.

Porque, se a mente, quando tomada de algum desejo, procura encontrar um objetivo,

apenas oculta a Luz.

Tua procura cria fumaça em torno da chama. Corres e corres, em muitas voltas, levanta muita poeira, crias muita fumaça e é o teu próprio esforço que levanta a poeira e cria a fumaça, escondendo a chama. Descansa um pouco, deixa a poeira assentar sobre a terra. Se não correres depressa demais, se não estiveres apressado, não criarás fumaça. Aos poucos, as coisas se aquietam e a luz interior é revelada.

Essa é a coisa mais fundamental no Tantra, a que diz que já és perfeito. Nenhuma outra visão diz isso. Elas dizem que tens de alcançar a perfeição, dizem que tens de seguir, lutar, fazer

muitas coisas e que a trilha é árdua. Muito raramente alguém alcança a meta, porque ela está muito, muito distante. Durante milhões de vidas a pessoa tem de tentar e, então, consegue. A perfeição tem de ser alcançada. Tantra diz que é por isso que não a alcanças. A perfeição não precisa ser alcançada. É preciso somente perceber que ela aí está.

Tantra oferece-te a Iluminação aqui e agora - não é preciso tempo, não é preciso adiamento. Tantra diz que se repousas, só esse repouso ajuda, pois com a tua inquietação estás criando fumaça em toda a tua volta e estás de tal forma apressado que não consegues ouvir. Se alguém diz: - "Repousa", responderás - "Não tenho tempo para repousar. Preciso atingir as meta e ela está muito distante. Se repousar, perco-a." Tantra diz que se o perdes é porque estás correndo. Tantra diz que a perdes por estar tão apressado.

Aquele que observa os preceitos tântricos, ainda discrimina, trai o espírito de samaya.

Cessa toda a atividade, abandona todos os desejos, deixa que os pensamentos subam e desçam,

coisa que eles farão como as ondas no oceano. Aquele que nunca prejudica o não-perdurável, nem o princípio da não-distinção,

defende os preceitos tântricos.

Muito. Muito simples. Mas tu és demasiadamente complicado, tu estás muito conturbado interiormente, pois, se assim não fosse, seria muito, muito fácil.

Cessa toda a atividade, abandona todos os desejos, deixa que os pensamentos subam e desçam,

coisa que eles farão como as ondas no oceano.

Como fazê-lo? Se fores até o oceano, senta-te, simplesmente, na praia e fica a olhar. As ondas sobem e descem, vem a maré, há um fluxo e um refluxo, o oceano passa por muitos aspectos. E que fazes? Simplesmente fica sentado e observas. O mesmo se dá em relação à mente. Ela também se parece a um oceano: as ondas sobem e descem, às vezes há um fluxo e muita turbulência, outras vezes há um refluxo e tu te sentes um tanto silencioso.

E este é o caso, realmente: a consciência integral é como o oceano. E tua mente não é apenas tua: tua mente é parte da mente coletiva. Em torno de ti há um oceano de consciência. Tal como os peixes no oceano, somos peixes na consciência - dentro e fora, deste lado e daquele, acima e abaixo, ali está o oceano, ali estão as ondas do oceano. Quem és para perturbares isso? Quem és para fazer com que isso se torne quieto e silencioso? Como podes fazê-lo?

Assim, sempre que uma pessoa se torna interessada demais e ansiosa por acalmar a mente, cria muitas perturbações para si própria. Pois isso não é possível! E quando tentas algo impossível ficas frustrado. Pensas, então, em mil e uma causas que impedem de acontecer o que desejas. O simples fato é que não pode acontecer! Tantra diz: Observa! Não é da tua conta que os pensamentos subam e desçam. Eles vêm por sua própria iniciativa e vão por sua própria iniciativa. Por que te envolves com eles? Quem és para acalmá-los? Eles não te pertencem, pertencem ao vasto oceano que te rodeia. Tu ali não estás, eles é que estão. Um dia tu não mais existirás, mas eles permanecerão.

Agora a Ciência concorda com isso: cada pensamento é uma onda. É por isso que um rádio emite pensamentos. Eles passam através das paredes, das colinas, dos nossos corpos, nada os impede de passar. Algo que é emitido em Nova Yorque tu ouves aqui. Atualmente, os cientistas investigam a possibilidade de podermos captar pensamentos do passado, já que os pensamentos nunca morrem. Será possível, algum dia, captar Tilopa dizendo a Naropa: - "Por tua causa, por causa da tua confiança, eu direi aquilo que não pode ser dito." Isso será possível, porque os pensamentos nunca morrem. Aquele pensamento de Tilopa deve estar algures, junto a uma estrela. Se pudermos captá-lo - e a ciência poderá consegui-lo algum dia, pois quando, de Nova Iorque, um pensamento é emitido, leva algum tempo para chegar a Poona e continua viajando até que, em alguns milhões de anos, alcança uma estrela -, se pudermos captá-lo, poderemos novamente ouvi-lo.

Os pensamentos são um oceano em torno de nós; existem independentemente de nós - sejamos apenas testemunhas. Por isso, tantra diz:

Aceita-os!

A maré alta vem, é bela;

a maré baixa vem, é bela.

Grandes e fortes ondas tentam alcançar o céu;

tremenda energia - observa!

Então vem um oceano calmo, tranqüilo, e a lua nele se reflete, bela - observa.

E, para observares, terás de permanecer inteiramente silencioso. Os pensamentos podem

continuar a vir à praia,

batendo-se contra as rochas,
mas tu permanecerás calmo e quieto, eles não te afetarão.

Assim, o verdadeiro problema não está nos pensamentos, mas em ser afetado por eles. Não lutes contra os pensamentos, torna-te simplesmente uma testemunha e não serás afetado. Esse é um silêncio mais rico; lembra-te que Tantra prefere sempre as mais ricas experiências. É possível criar um silêncio mortal, o silêncio que encontras num cemitério. Podes forçar tanto a tua mente que todo o teu sistema nervoso se torna paralisado. Então não haverá pensamentos,

porque um sistema nervoso muito delicado é necessário para recebê-los. O oceano ali estará, mas tu não serás receptivo, tua receptividade perdeu-se.

Isso é o que está acontecendo com muitos iogues - os chamados iogues. Eles insistem em embotar seu sistema nervoso. Comem menos, de forma que energia nenhuma vai ter ao cérebro. No jejum, a energia não pode ir para o cérebro, o corpo necessita dela em primeiro lugar. Vivem eles de tal maneira que, aos poucos, todo o seu sistema cerebral se torna paralisado, obtuso. Sentam-se numa só postura, monótona, repetem um mantra, monótono. Se durante alguns anos alguém repetir continuamente um mantra, é natural que o sistema nervoso se torne inerte, pois na ausência de novas sensações a vitalidade se perde.

Na verdade, tal homem não se tornou silencioso - tal homem tornou-se mais estúpido. E terá um olhar estúpido, que é o que existe nos rostos de muitos e muitos iogues. Não verás neles inteligência, verás algo inerte, morto, petrificado. Esses iogues não chegaram ao silêncio - apenas perderam seus cérebros, anularam-se completamente, morreram. Nada acontece no seu interior, porque nada pode acontecer sem um delicado sistema nervoso - muito delicado, muito receptivo, sensível.

Assim, este deveria ser o critério: se vires no rosto de um iogue algo radiante, inteligência, percepção, sensibilidade - como se alguma coisa houvesse florescido dentro dele - esse iogue realizou-se. Só então aconteceu o silêncio. Do contrário, alguém pode estar silencioso - as pessoas estúpidas são silenciosas, os idiotas são perfeitamente silenciosos - porque não podem pensar - mas que tipo de silêncio é esse?

Um idiota não é um iogue. Um idiota simplesmente nasceu de tal forma que o seu sistema cerebral não está funcionando. Podes fazer o mesmo com teu próprio cérebro, jejuando, praticando posturas iogues, ficando de cabeça para baixo durante horas. Nesse sentido, shirshasan é perfeito: ficas de cabeça para baixo durante horas e assim matas teu sistema nervoso, porque teu cérebro existe apenas se, a cada minuto, recebe a quantidade certa de energia e sangue, uma vez que os nervos são muito delicados, pequenos e frágeis. Sequer podem ser vistos a olho nu. Teu cabelo parece muito fino mas não é. Se colocares dez mil nervos um sobre o outro, só então atingirão a grossura de um frio de cabelo. Assim, se o sangue corre depressa, ele os destrói; como uma inundação.

O homem desenvolveu seu cérebro, coisa que nenhum animal o fez, porque o homem ergue-se sobre os pés. Devido a isso é que menos sangue pode subir à cabeça; isso é contra a gravitação. A gravitação orienta o sangue para baixo e é por isso que só uma pequena parcela de sangue atinge a cabeça a cada momento. De outra forma aquele sistema sutil não poderia existir. Os animais não o podem ter porque andam sobre as quatro patas e seus cérebros ficam no mesmo nível de seus corpos. Se ficares de cabeça para baixo, fazes o shirshasam. Por um só minuto isso pode ser bom, ou mesmo por um só segundo isso pode ser bom, já que apenas age como um banho. O sangue apenas alcança o ponto e já desce, porque voltas à tua posição normal: ele limpa. Mas se fazes o shirshasam durante vários minutos seguidos, ou durante horas seguidas, isso matará todo o teu sistema cerebral. O fluxo é grande demais, o cérebro não pode resistir.

Os iogues encontraram muitas formas de destruir o cérebro. Desde que ele está destruído tu não podes ver o oceano - mas o oceano existe, os pensamentos existem. É como se o teu rádio-

receptor estivesse quebrado. Não pense que as transmissões não estão passando pela sala, porque estão. É o teu mecanismo receptor que não está funcionando. Conserta o rádio, liga-o - e imediatamente ele começará a captá-las.

O cérebro é exatamente igual a um centro receptor. Se o destróis ele fica silencioso, mas aquele não é o silêncio do Tântra. E eu não ensino esse silêncio - ele é como a morte. Não vais a parte alguma através dele - estás é desperdiçando a tua vida. E um instrumento muito sutil, que te pode fazer perfeitamente inteligente, um instrumento que pode ser tão perceptivo a ponto de te permitir festejar toda a celebração da existência, tu o destruíste.

Mais sensitividade é necessária, mais poesia é necessária. Mais vida, mais beleza, tudo mais é necessário.

Que farás, então? Procura o silêncio tântrico. Observa as ondas: quanto mais as observares mais poderás apreciar-lhes a beleza. Enquanto as observa, as mais sutis nuances do pensamento te serão reveladas. Isso é belo - mas tu permaneces como testemunha, tu permaneces na praia. Tu estás apenas sentado na praia, ou deitado ao sol, deixando que o oceano faça seu próprio trabalho - não interferes nele.

Se não interferires, o oceano, pouco a pouco, não interferirá contigo. Ele continuará bramindo em toda a volta, mas não te penetrará. É belo em si mesmo, mas está separado; uma distância existe. Essa distância é a meditação verdadeira, o verdadeiro silêncio.

O mundo caminha e caminha, tu não és afetado, tu permaneces no mundo, mas não está no mundo. Tu permaneces no mundo, mas o mundo não está em ti. Tu passas através do mundo, intocado, sem medo. Permaneces virgem. Faças o que fizeres, aconteça o que te acontecer, isso não fará diferença.

tua virgindade conserva-se perfeita, tua inocência conserva-se absoluta, tua pureza não é destruída.

Aquele que observa os preceitos tântricos, ainda discrimina, trai o espírito de samaya.

Tilopa diz que se estás tentando manter o caminho tântrico, os preceitos tântricos, então deves lembrar: não discrimines. Se discriminares poderás ser um filósofo mas não um seguidor tântrico. Não discrimines. Não digas que isto é bom e aquilo é mau. Abandona toda a discriminação. Aceita tudo tal como é.

Cessa toda a atividade, abandona todos os desejos, Descansa em ti mesmo, volta ao lar;

Deixa que os pensamentos subam e desçam,

O que eles farão, como as ondas no oceano.

Aquele que nunca prejudica o não-perdurável,

Nem o princípio da não-distinção, Sustenta os preceitos tântricos.

Quem nunca prejudica o princípio da não-distinção, quem nunca discrimina segue o caminho certo.

E... quem nunca prejudica o não-perdurável.

Esta é uma das mais belas coisas no Tantra. Tantra diz que te conserves sem lar, que não mores em parte alguma, que não te identifiques, que não te agarres a nada. Conserva-te sem lar porque na carência de lar encontrarás teu lar verdadeiro. Se começares a morar aqui e ali, perderás o lar. Não te agarres a ninguém, a nada, a nenhum relacionamento. Aprecia, mas não te agarres. O apreciar não constitui um problema desde que não comeces a agarrar-te; assim que a mente apegada entra em cena, já não estás fluindo e então vem o bloqueio. Não habites onde quer que seja e habitarás em ti próprio. Não te apegues a nada e só então poderás repousar em ti próprio.

Assim, dois princípios são básicos: não prejudiques o princípio do não-perdurável e não prejudiques o princípio da não-distinção.

O que abandona o desejo insaciável

E não se prende a isto nem àquilo

Percebe o significado real dado nas escrituras.

Através das escrituras não podes chegar à Verdade. Mas se chegares à Verdade, entenderás as escrituras. As escrituras não passam de testemunhas, elas dão testemunho. Não podes aprender a Verdade através delas, mas desde que conheças a Verdade, elas te darão testemunho. Todas as escrituras do mundo dirão: “Sim, tu alcançaste.” Isso é que é a Verdade.
As escrituras vêm de pessoas que alcançaram. Seja qual for sua linguagem e simbologia, sejam quais forem suas metáforas, desde que alcances, penetras através de todas as metáforas, de todas as simbologias, de todas as linguagens.

As pessoas me perguntam: - “Que fazes aqui? Às vezes falas de Tantra e Tilopa, às vezes falas de Ioga e Patanjali, outras vezes de Lao-Tsé e Chuang-Tsé, dos taoístas e do Tao e, ainda em outras vezes, saltas para Heráclito e Jesus: que fazes aqui?” - Estou falando sobre a mesma coisa. Não estou falando sobre nenhuma outra coisa. Heráclito ou Tilopa, Buda ou Jesus, não há diferença para mim. Eu próprio estou falando. Eles são apenas justificativas - pois, uma vez que alcances, realizas todas as escrituras do mundo. Então, não há mais escritura hindu, escritura

judaica, escritura cristã. Tu te tornas o apogeu de todas as escrituras.

Sou cristão, hindu, muçulmano, porque não sou nenhum. E a Verdade, uma vez conhecida, está para além de todas as escrituras. Todas as escrituras apontam para ela, as escrituras não são mais do que dedos apontando para a lua; os dedos podem ser milhões - a lua é a mesma. Desde que sabes isso, sabes tudo.

Através das escrituras tu te tornarás um sectário: será cristão porque te agarras à Bíblia, serás muçulmano porque te agarras ao Corão, serás hindu se te agarrares ao Gita - mas não serás religioso. A religiosidade existe apenas quando a Verdade aconteceu para ti. E quanto tu não te agarras a nada e todas as escrituras começam a agarrar-se a ti. E quanto tu não segues ninguém e todas as escrituras te seguem, tornam-se como tuas sombras. E todas as escrituras são o mesmo porque dizem a mesma coisa. Suas metáforas, assim como sua linguagem, são diferentes naturalmente, mas as experiências são as mesmas.

Buda diz: - “Onde quer que proves a água do mar, em toda a parte a encontrarás salgada.” - Prova-a no Corão, ou na Bíblia, ou no Tora, ou no Talmude, o gesto é sempre o mesmo. As escrituras não te podem conduzir. Na verdade, elas estão mortas sem ti. Quando alcançares a Verdade, a vida aparecerá, subitamente, em todas as escrituras. Através de ti elas tornam-se novamente vivas, através de ti elas renascem.

Isso é o que estou fazendo, dando renascimento a Tilopa. Ele esteve morto durante centenas de anos. Ninguém falou dele, ninguém o fez renascer. Podes encontrá-lo se fores capaz. Ele está novamente perto daqui. Se fores receptivo, sentirás seus passos. Ele tornou a materializar-se.

Através de mim ,eu farei nascer todas as escrituras. Através de mim elas podem novamente vir a este mundo. Eu posso tornar-me uma âncora. E é isso que estou fazendo. E é isso o que eu gostaria que fizesses em tua própria vida, algum dia.

Quando compreendes, quando chegas a saber, então traze toda a beleza do passado de volta

e dá a esse passado o renascimento, renova-o, de forma que todos os que o conheceram

possam estar de novo sobre a terra

e viajar por aqui, e ajudar as pessoas.

Em Mahamudra todos os pecados são consumidos;
em Mahamudra está a libertação dos cárceres deste mundo.
Esse é o supremo archote do Dharma.
Os que não crêem nisso são insensatos,
para sempre chafurdados em sofrimento e tristeza.

Se alguém quer lutar pela libertação, precisa confiar num Guru.
Quando a tua mente recebe a bênção dele
a emancipação está próxima.

Ai! Todas as coisas deste mundo são sem sentido, não passam de sementes de dor.
Ensinamentos pequenos levam a ações -
só se devem seguir os Grandes Ensinamentos.

VI. O grande ensinamento

Tantra não acredita no desenvolvimento gradual da alma, mas na inesperada Iluminação. A Ioga acredita no desenvolvimento, polegada por polegada, passo a passo, progredindo até o Final.

A Ioga é muito aritmética: deves equilibrar cada pecado que cometeste com um ato virtuoso. Tua conta tem de ser inteiramente saldada. Sem que completes tuas contas com o mundo, não podes tornar-te um Iluminado. Essa é uma concepção matemática, científica, e a mente dirá: "É natural que seja assim. Cometeste pecados: quem deve sofrer por eles? Tu cometeste os pecados, tens de sofrer por eles. E só através do sofrimento é que podes ser liberado. Se teus atos foram maus, tens de compensá-los, tens de paga por eles, tens de praticar boas ações. Só quando o equilíbrio se completa, a liberação é possível. De outra maneira, terás de ser atirado à terra muitas e muitas vezes, renascer, viver, crescer." Essa é toda a filosofia da transmigração, do renascimento.

Tantra diz exatamente o oposto. Tantra tem uma abordagem muito poética, não aritmética. E Tantra acredita no amor, não na matemática. Acredita na Iluminação súbita. Diz que os pequenos ensinamentos só tem ensinam sobre ações e que os grandes ensinamentos não te ensinam como agir; ensinam-te como ser, o que ser.

Praticam-se ações aos milhões e, se tiveres de pagar por todas as tuas ações, parece quase impossível que chegues à libertação um dia. Viveste milhões de vidas e, em cada vida, praticaste milhões de atos. Se fores pagar por todos esses atos, sofrer por eles, compensar cada má ação praticando uma boa ação, terás que viver novamente algumas milhões de vidas. E, nesse entretempo, nos complexos relacionamentos da vida, cometerás muitos atos mais. Assim, quando terminará essa cadeia? Parece impossível. A libertação torna-se quase impossível - não pode acontecer. Se essa é a forma, se tens de progredir polegada por polegada, então o progresso é um sonho impossível.

Se entenderes a atitude da Ioga, irás sentir-te muitíssimo desesperançado. Tantra é a grande esperança. Tantra é como um oásis num mundo de desertos.

Tantra diz que absolutamente não se trata disso: os atos não são o ponto importante. Tu os praticaste porque eras ignorante; eles vieram da tua ignorância. Na verdade, Tantra diz que não és responsável por eles. Se alguém é responsável por eles, então será o Todo - tu podes chamá-lo de Deus. Deus pode ser responsável, mas tu não. Tantra diz que mesmo o aceitar tal responsabilidade demonstra muito egoísmo. Dizer: "Tenho de compensar, tenho de praticar boas ações, tenho de me libertar, polegada por polegada, passo por passo" é, também, uma atitude muito egoísta, egoconcentrada.

Por que achas que és o responsável? Se a responsabilidade tem de estar algures, então deve estar com o próprio Divino, com o Todo. Tu não te criaste, não deste nascimento a ti próprio; tu foste criado. Então o Criador deve ser o responsável, não tu.

E praticaste todas as ações por ignorância; não tinhas consciência do que estavas fazendo, estavas completamente embriagado pela ignorância, tateavas na escuridão; na escuridão esbarraste sobre coisas e algo aconteceu. Tantra diz que a única coisa necessária é a luz, a consciência. Não há necessidade de responder por milhões de atos; só uma coisa tem de ser feita, e é isto: não permanecer ignorante, tornar-se consciente.

Desde que te tornes consciente, tudo quanto pertence ao mundo das trevas desaparecerá. E terás a

impressão de que foi um sonho, um pesadelo. Não parecerá real. E não foi realidade, porque, quando estás profundamente inconsciente, só podem existir sonhos; não a realidade. Estiveste sonhando que amavas. Não podes amar. Não estás aqui para amar. Não existes ainda, não tens um centro. Como podes amar? Apenas acredites que amas e, então, tua vida amorosa e as ações a ela relacionadas tornam-se um sonho. Quando acordares desse sonho, dirás, simplesmente: "Como pude amar? Impossível! Antes de mais nada, eu não existia. Na verdade eu não tinha existência." Sem percepção, sem consciência, o que significa dizer: "Tu és"? Não significa nada.

Estás adormecido, tão profundamente adormecido como se ali não estivesses. Uma pessoa que esteja numa casa, profundamente adormecida, em coma - está, realmente, ali? Não há distinção a ser feita. Estar ou não estar ali não faz diferença: ela está em coma. Se vierem ladrões e roubarem tudo o que há na casa, quem responsabilizará o que está deitado, em coma, inconsciente? Será ele responsável? Quando for interrogado e julgado: "Vieram ladrões! Que estavas tu fazendo?" Como se pode responsabilizar um homem que está em coma, inconsciente?

Tantra diz que, em todas as tuas vidas, permaneceste em coma: não és responsável. Essa é a primeira libertação que Tantra te oferece. E, com base nisso, muitas coisas imediatamente acontecem, tornam-se possíveis. Já não precisas esperar por milhões de vidas; neste mesmo momento a porta pode abrir-se. Não é um processo gradual, é um súbito acordar - e tem de ser assim.

Quando estás adormecido e alguém quer acordar-te, acordas por um processo gradual? Ou é súbito o acordar? Mesmo no sono comum, é um processo gradual? Acontece assim: primeiro tu te tornas ligeiramente acordado, então um pouco mais, depois um pouco mais, dez por cento, vinte por cento, trinta por cento, cinqüenta por cento; acontece assim? Não. Ou estás acordado ou estás adormecido; não há passos graduais nesses estados. Se ouviste a pessoa que te chama pelo nome, estás acordado e, não dez por cento acordado. Os olhos podem estar fechados, mas, se estiveres consciente de que alguém te está chamando, já estás acordado.

Não se trata de um processo gradual; é um salto repentino. Quando, a cem graus de aquecimento, a água salta e torna-se vapor, há, ali, alguma transformação gradual? A água começa por ficar dez por cento, vinte por cento, trinta por cento, em estado em vapor? Não. Ou é água ou é vapor, não há território de permeio a ser dividido.

Quando uma pessoa morre, morre aos poucos, num processo gradual? Podes dizer que ela está meio viva, meio morta? Que significará isso? Como pode uma pessoa estar meio viva? Ou está morta, ou está viva. Meio viva significa que não está morta.

Quando amas alguém, amas dez por cento, vinte por cento, trinta por cento? Ou amas, ou não amas. Há possibilidade de dividires teu amor? Não há possibilidade.

Amor, vida, morte, tudo acontece subitamente.

Quando uma criança nasce, ou nasce ou não nasce. O mesmo se dá com a Iluminação, porque ela é o nascimento definitivo; a morte definitiva, o amor definitivo - tudo alcança seu ponto definitivo na Iluminação. E ela é súbita.

Tantra diz que não focalizes tua atenção nos atos, mas na pessoa que pratica os atos. A Ioga focaliza os atos. Tantra focaliza as pessoas, a percepção, tu.

Se és ignorante, Tantra diz que estás destinado a cometer pecados. Mesmo que tentes ser virtuoso, tua virtude será uma espécie de pecado, porque um homem ignorante, bem adormecido, não pode ser virtuoso. Como pode a virtude nascer da ignorância, da inconsciência? Impossível! Tua virtude deve ser apenas a máscara atrás da qual está a face verdadeira. A face verdadeira do pecado.

Podes falar do amor, mas não podes amar - odiarás. Podes falar de compaixão, mas a compaixão será apenas um disfarce para tua cólera, para tua ganância, para teu ciúme. Teu amor é venenoso. No mais profundo do teu amor está o verme do ódio, roendo-o continuamente. Teu amor é como uma ferida, dói. Não se parece a uma flor; não pode parecer. E os que esperam amor de tua parte são insensatos, estão pedindo o impossível. Os que te pedem moralidade são insensatos, estão pedindo o impossível. Tua moralidade está destinada a ser uma espécie de imoralidade.

Observa as pessoas morais, os chamados "santos". Observa, olha-os, e encontrarás em seus rostos exatamente a face da hipocrisia, da decepção. Dizem uma coisa, fazem outra. Quando fazem alguma coisa e não só a escondem de ti, mas, de tal modo se tornaram hábeis no esconder, que a escondem até de si próprios.

Na ignorância, o pecado é natural. Na Iluminação, a virtude é natural. Um Buda não pode

pecar;

tu não podes agir de outra maneira - tu podes apenas pecar. Pecado e virtude não são

decisões tuas,

não são atos teus,

são sombras do teu ser.

Se estás acordado, as sombras desaparecem; e a sombra torna-se cheia de luz. Então a sombra não prejudica ninguém, não pode prejudicar; tem o aroma do Desconhecido, do Imortal. Só pode derramar-se sobre ti como bênção, de outra maneira é impossível. Mesmo quando um Buda zanga-se contigo, é por compaixão - não pode ser de outra maneira. Tua compaixão não é verdadeira e a zanga de um Buda não pode ser verdadeira. Teu pecado, tua sombra natural, faças o que fizeres - podes enfeitá-la, podes colocar um templo sobre ela, podes escondê-la, podes embelezá-la, mas não adiantará - estará - estará, bem profundamente, no mais íntimo de teu ser. Porque a questão não é o que fazer, mas o que és.

Observa a ênfase. Se compreenderes essa mudança de ênfase - e essa mudança de ênfase é muito importante -, compreenderás Tantra.

Tantra é um grande ensinamento; não ensina sobre atos, ensina apenas sobre teu ser. Quem és? É a questão - estás adormecido, ressonando, ou acordado? Quem és - alerta, consciente, ou movendo-te em hipnose? És um sonâmbulo? Ou estás acordado, alerta, seja o que for que faças? O que fazes é feito com auto-recordação? Não. Acontece, não sabes por quê, de onde vem, de que parte do inconsciente surge uma premência; e assim que surge, tu sentes a

necessidade de agir.

Esse ato, diga a sociedade o que disser sobre ele - moral ou imoral, pecado ou virtude - não preocupa Tantra. Tantra observa-te; observa o próprio centro do teu ser, de onde veio a premência. A vida não pode provir do veneno da tua ignorância, a vida não pode vir; só a morte. Da tua escuridão, só pode vir escuridão. E isso parece ser absolutamente natural. Portanto, que fazer? Deveríamos tentar modificar nossos atos? Deveríamos tentar ser mais virtuosos, mais morais, mais respeitáveis? Ou deveríamos tentar a modificação do ser?

O ser pode sofrer modificação. Não há necessidade de esperar por vidas infinitas para chegar à Iluminação. Se tens profundidade de compreensão, se dás teu esforço total, tua energia, teu ser, para entender, dentro dessa própria intensidade uma luz subitamente brilha em ti, uma chama sobe como relâmpago e, de súbito, vês todo o teu passado e teu futuro. Compreendes o que te aconteceu, compreendes o que está acontecendo, compreendes o que vai acontecer. De súbito, tudo torna-se claro. É como se alguém trouxesse luz para um lugar escuro, tornando tudo repentinamente iluminado.

Tantra quer acender tua luz interior. E diz que, com essa luz, o passado se torna simplesmente irrelevante. Ele jamais te pertenceu. Aconteceu, é natural; mas aconteceu como num sonho em que estivesses profundamente adormecido. Aconteceu - fizeste muitas coisas, boas e más -, mas em inconsciência; tu não és responsável. E, de repente, todo o passado é consumido pelo fogo, um ser novo e virgem surge - essa é a súbita Iluminação.

A Ioga atrai as pessoas porque parece muito prática. Podes entender Patanjali facilmente, porque ele se coaduna com a tua própria mente, a mente lógica, o pensamento matemático. Tilopa é difícil de compreender, pois Tilopa é raro. A compreensão de Patanjali é comum. Por isso é que a influência de Patanjali foi tão grande e é encontrada em toda a História.

Pessoas como Tilopa simplesmente desaparecem sem deixar traços na mente humana, porque não podes encontrar nessas pessoas qualquer afinidade contigo. Patanjali pode ser muito grande, mas ainda pertence à tua mesma dimensão. Tu podes ser um pequeno pensador e Patanjali pode ser um grande, muito grande pensador; mas tu pertences à mesma dimensão que ele. Se fizeres um pequeno esforço, poderás praticar Patanjali. Só um pequeno esforço é necessário; nada mais.

Mas para compreender Tilopa tens de entrar numa dimensão inteiramente desconhecida. Para compreender Tilopa, tens de mover-te através do caos. Ele destruirá todas as tuas concepções, toda a tua matemática, toda a tua lógica, toda a tua filosofia. Destruirá tua pessoa. Não se satisfará, a não ser que sejas completamente destruído e um novo ser se levante.

Com Patanjali serás modificado, tornar-te-ás cada vez melhor, e o processo é infinito: podes levar muitas vidas tornando-te melhor e melhor. Com Tilopa, num segundo alcançarás o Definitivo. O “melhor” não entra na questão, porque ele não pensa em termos de graus.

É como se estivesses de pé, no topo de uma colina: e podes tomar o caminho que desce para o vale, andando passo a passo, ou subir do vale para o topo, andando passo a passo. Com Tilopa, simplesmente saltas sobre o abismo, não dás passos; ou, seja abres as asas e começas a voar. Com Patanjali andas num carro de boi, muito lentamente, com segurança, sem recear acidentes, o carro de boi sempre sob controle. Podes descer a qualquer momento; podes parar a

qualquer hora. Nada existe além de ti; permaneces o senhor. E a dimensão é horizontal: um carro de boi move-se de A a B, de C a D. Não, ele se parece a um avião, não a um carro de boi; não se move para a frente, mas para cima.

Com Tilopa transcendes o tempo.
Com Patanjali tu te moves com o tempo.

Com Tilopa a eternidade é a dimensão.

Podes não saber, mas há dez ou doze anos, um milagre aconteceu, as novas naves espaciais destruíram completamente o velho conceito de tempo: - hoje, uma nova nave espacial pode mover-se em torno da Terra e, dentro de segundos, fazer uma volta completa. Podes não ter consciência do problema teórico, mas quer dizer que uma nave espacial sai de Poona num domingo e faz a volta à Terra. Em algum lugar deve ser segunda-feira, em outro pode ser ainda sábado, de forma que a nave espacial parte no domingo, volta no sábado, salta para a segunda-feira e retorna a Poona ainda no domingo. Todo o conceito de tempo está destruído. Parece absurdo! Começas no dia dezesseis. E isso pode ser feito, em vinte quatro horas, muitas vezes, agora. Que significa isso? Significa que podes recuar no tempo, de domingo para sábado, de dezesseis para quinze. Podes adiantar-te para dezesseis, para segunda-feira e retornar na mesma data.

Com velocidade e dimensão diferentes, o tempo se torna irrelevante. O tempo importa no caso do carro de boi, faz parte do mundo do carro de boi. Tilopa é a mente vertical, a percepção vertical. Essa é a diferença entre Tantra e Ioga: Ioga é horizontal, Tantra é vertical; Ioga leva milhões de anos para alcançar, Tantra, dentro de um segundo, o faz. Tantra diz que o tempo é irrelevante, não se preocupa com o tempo. Tantra tem uma técnica, um método, que Tantra diz serem um não-método e uma não-técnica, através das quais tu inopinadamente abandonas tudo e dás o salto sobre o abismo.

Ioga é esforço, Tantra é não-esforço. Com esforço, com tua minúscula energia e teu minúsculo ego, lutas com o Todo. Levarás milhões de vidas. E mesmo assim não parece possível que chegues a tornar-te Esclarecido. É estúpido lutar com o Todo, pois és parte dele.

É como se uma onda lutasse contra o oceano, uma folha lutasse contra a árvore,

ou tua própria mão lutasse contra teu corpo. Com quem estás lutando?

Ioga é esforço, intenso esforço. E Ioga é uma forma de lutar contra a corrente, de mover-se contra a corrente. Portanto, a Ioga deixa de lado tudo quanto é natural, para lutar por tudo o que for antinatural. Ioga é a maneira antinatural: luta com o rio e move-se contra a corrente! Há o desafio, naturalmente, e o desafio deve ser apreciado. Mas quem aprecia o desafio? Teu ego.

É difícil encontrar um iogue que não seja egoísta: muito difícil, raro. É um milagre encontrar um iogue que não seja egoísta. É difícil porque todo o esforço e a luta criam o ego. Podes

encontrar iogues humildes, mas, se olhares um pouco mais atentamente, encontrarás, na humildade, oculto, um ego muito sutil, o mais sutil dos egos. Eles dirão: somos apenas lixo sobre a terra. Mas observa seus olhos: estão se gabando de sua humildade. Estão dizendo: não há ninguém tão humilde como nós. Somos as pessoas mais humildes. E isso é o ego.

Se ages contra a natureza, reforças teu ego; é um desafio e por isso é que as pessoas gostam de desafios. Uma vida sem desafios torna-se monótona, porque o ego sente fome. O ego precisa de alimento e o desafio fornece-lhe alimento; por isso as pessoas buscam o desafio. Se não há desafios, elas os criam. Criam barreiras, para que possam lutar contra elas.

Tantra é a maneira natural; o desprendido e o natural são a meta. Não precisas lutar contra a corrente, mas apenas deixar-te ir com ela, flutuar com ela. O rio está indo para o mar; portanto, para que lutar? Move-te com o rio, torna-te um com o rio, entrega-te. Entregar-se é a palavra-chave para Tantra; querer é a palavra-chave para Ioga. Ioga é o caminho do querer. Tantra é o caminho da entrega.

Por isso Tantra é o caminho do amor: amar é entregar-se. Essa é a primeira coisa a entender, para que as palavras de Tilopa se tornem claras como o cristal. A dimensão diferente de Tantra tem de ser entendida: a dimensão vertical, a dimensão da entrega, do não lutar, ser desprendido e natural, relaxado. Como diz Chuang-Tsé: "O fácil é o certo." Com Ioga, o difícil é o certo; com Tantra, o fácil é o certo.

Relaxa e fica à vontade; não há pressa. O próprio Todo te está recebendo espontaneamente. Não precisas levar adiante uma luta individual; não pedem que alcances a meta antes do tempo. Irás alcançá-la quando o tempo for apropriado; tu deves esperar, simplesmente. O Todo se está movendo - por que te apressas? Por que desejas alcançá-lo antes de outros?

Há uma bela história a respeito de Buda: Ele chegou às portas do céu. Havia gente esperando, naturalmente. Abriu-se a porta, deram-lhe as boas-vindas, mas ele voltou as costas para a porta, olhou para o samsara, o mundo, e viu milhões de almas no mesmo caminho, lutando, em sofrimento, angústia, debatendo-se para alcançar aquela porta do céu e entrar em beatitude. O porteiro disse: - "Entra, por favor! Estávamos à tua espera." E Buda respondeu: - "Como posso entrar quando outros ainda não alcançaram? Não me parece ser este o tempo correto. Como entrar, quando todos não entraram? Terei de esperar. É como se tivesse tocado a porta com as minhas mãos, mas meus pés ainda não tivessem chegado até aqui. Tenho de esperar. As mãos não podem entrar sozinhas."

Essa é uma das mais profundas visões interiores do Tantra. Tantra diz que ninguém pode, realmente, tornar-se Iluminado sozinho. Somos parte uns dos outros, membros uns dos outros, somos um todo! Uma pessoa pode tornar-se um ponto alto, uma grande onda, mas permanece ligada às pequenas ondas que a rodeiam. A onda não está sozinha, continua unida ao oceano e a todas as ondas que ali estão. Como pode uma onda tornar-se Iluminada sozinha?

Naquela bonita história, diz-se que Buda ainda está à espera. Tem de esperar; ninguém é uma ilha, nós somos um continente e estamos juntos. Eu posso ter dado um passo ligeiramente mais à frente do que tu, mas não posso ser separado. E agora sei disso, profundamente; agora isso não é mais uma história para mim. Estou esperando por ti. Agora não se trata apenas de uma parábola, agora sei que não há a Iluminação individual. Os indivíduos podem dar um passo um

pouco mais á frente, e isso é tudo; permanecem juntos com o todo.

E se a pessoa Iluminada não tiver consciência de que é parte de outras, de que é uma com outras, então quem saberá? Nós nos movemos como um só ser e Tantra diz: "Portanto, não te apresses; não tentes, não empurres a outros, não tentes ser o primeiro da fila - sê desprendido e natural. Tudo se dirige para a Iluminação. Ela acontecerá. Não te enchas de angústia por isso."
Se conseguires entender isto, já estarás perto, poderás relaxar. De outra maneira, as pessoas religiosas podem se tornar muitíssimo tensas; em geral as pessoas comuns, mundanas, nunca se tornam tão tensas como as religiosas.

As pessoas comuns procuram metas mundanas. São tensas, naturalmente, mas não tanto quanto as pessoas religiosas, porque estas são tensas pelo outro mundo, por um mundo muito distante, invisível, de modo que estão sempre em dúvida, sem saber se de fato ele existe ou não.
A isso acresce-se um novo sofrimento: talvez elas estejam perdendo este mundo e o outro nem exista. Ficam em permanente angústia, muito perturbadas mentalmente. Não te tornes esse tipo de religioso.

Para mim, um homem religioso é desprendido e natural. Não se preocupa com este, nem com o outro mundo. Não se aflige, absolutamente; simplesmente vive e aprecia a vida. O momento presente é o único para ele e o próximo momento será o que for. Quando o próximo momento chegar, ele o recebe apreciando-o beatificamente. Um homem religioso não se orienta para determinada meta. Estar orientado para determinada meta é ser mundano. A meta pode ser Deus, que não faz diferença.

Tantra é, realmente, belo. Tantra é a mais alta compreensão e o maior dos princípios. Se não podes compreender Tantra, então busca a Ioga. Se podes compreender Tantra, não te preocupes, então, com pequenos ensinamentos. Quando o grande veículo está a teu lado, porque te preocuparás com os pequenos barcos?

No Budismo, há duas seitas. Os nomes dessas seitas são muito significativos. Uma delas é conhecida como Hinayana, o pequeno veículo, e é o caminho da Ioga - um pequeno barco: só tu podes sentar-te nele, não podes ter ali mais ninguém, por ele ser muito pequeno. O iogue caminha sozinho. Hinayana significa barco muito pequeno. E há outra seita budista que se chama Mahayana, o grande barco, o grande veículo. Milhões de pessoas podem entrar nele; o mundo todo pode ser absorvido por ele.

Mahayana é o caminho do Tantra e Hinayana é o caminho da Ioga. Tilopa é um mahayanista, um homem que acredita no grande veículo, no grande princípio.

Os barcos pequenos são para as pessoas egoístas, que não podem tolerar ninguém a seu lado, pessoas que só podem estar sozinhas, que são os grandes censores, sempre olhando para os demais com alguma censura. "Tu... tentando chegar lá? Não podes chegar, é muito difícil; apenas poucas pessoas o conseguem." Essas pessoas não permitirão que entres no barco. Mahayana, ao contrário, tem profundo amor por todos. Todos podem entrar. Na verdade, não existe condição alguma para isso.

As pessoas vêm a mim e perguntam: - "Tu dás sannyas para todos, para qualquer um?" Jamais sannyas foi dada dessa maneira. É a primeira vez, em toda a história do mundo, que dou sannyas sem qualquer condição. Sannyas existiu sempre para as pessoas egoístas, as que se ocupam do outro mundo, os censores, os envenenadores que dizem que tudo é errado, que todos

estão errados, que a vida inteira é um pecado; pessoas que sempre têm nos olhos algo que diz "sou-mais-santo-do-que-tu" e que tu és sempre condenado, que o inferno foi feito para ti. São os grandes sannyasins; renunciaram ao mundo do pecado, da imundice e do veneno, ao passo que tu ainda estás nele. Os grandes egoístas têm sido sannyasins.

Pela primeira vez, permiti que todos entrassem; abri a porta. Na verdade, escancarei a porta completamente e, agora, ela não pode ser fechada; agora, qualquer um e todos são bem-vindos. Por quê? Porque a minha atitude é a do Tantra, e não a da Ioga. Falo também em Patanjali com aqueles que não são capazes de compreender Tantra e, a não ser por isso, a minha atitude é a do Tantra - todos são bem-vindos. Quando Deus te dá as boas-vindas, quem sou eu para negá-las? Quando o mundo inteiro te suporta, quando a Existência te tolera e, não só te tolera, mas te oferece energia e vida, quem sou eu...? Mesmo que cometas pecados, a Existência nunca diz: "Não, não te dou mais energia. Agora não te dou mais combustível. Pára! Estás fazendo tolices demais." Não. A energia continua sendo dada, jamais existe crise de combustível. A Existência continua a suportar-te.

Isto aconteceu: um mestiço muçulmano, Junnaid, certa vez perguntou a Deus sobre um vizinho seu: "Esse homem é tão mau, está criando tanta maldade para toda a povoação que as pessoas vêm a mim e dizem: 'Pede ao teu Deus, reza ao teu Deus para que nos livre desse homem.' " E Junnaid, em sua prece, ouviu uma voz que dizia: "Se eu o aceito, quem sois vós para rejeitá-lo?" Junnaid escreveu, em sua autobiografia: "Nunca mais eu Lhe pedi uma coisa assim, porque foi realmente tresloucado de minha parte fazê-lo. Se Ele deu vida àquele homem, se Ele o estava ainda ajudando a viver, não só a viver, mas a florescer, a desabrochar, então, quem sou eu...?

A Existência te dá a vida, incondicionalmente. Eu te dou sannyas incondicionalmente.

Se a Existência espera por ti tão infinitamente

que não podes destruir sua esperança, quem sou eu...?

T antra é para todos. Não é para uns escolhidos. T orna-se caminho para uns poucos escolhidos porque nem todos os compreenderão, mas não é para uns poucos escolhidos - é para todos, é para todos os que estiverem prontos para dar o salto.

Agora, tenta entender:

Em Mahamudra todos os pecados são consumidos. Não têm de ser compensados com atos bons.

Em Mahamudra todos os pecados são consumidos.

Que vem a ser Mahamudra, tão citado? Mahamudra é um estado de teu ser, em que não estás separados do Total. Mahamudra é como um profundo orgasmo sexual com o Todo.

Quando dois amantes estão em profundo orgasmo sexual, eles se fundem um no outro e,

então, a mulher não é mais a mulher, o homem não é mais o homem. Tornam-se, exatamente, o círculo de yin e yang, chegando um ao outro, encontrando-se um no outro, fundindo-se, esquecendo sua própria identidade. Por isso o amor é tão belo. Esse estado é chamado mudra; esse estado de profunda cópula orgásmica é chamado mudra. E o estado final do orgasmo com o Todo é chamado Mahamudra, o grande orgasmo.

Que acontece no orgasmo, no orgasmo sexual? Tens que compreender isso, porque só isso te dará a chave para o orgasmo final. Que acontece? Quando dois amantes ali estão... e lembra-te sempre: dois amantes, não marido e mulher, porque com marido e mulher isso quase nunca acontece. Marido e mulher têm papéis fixos, não se fundem nem flutuam. "Marido" tornou-se um papel; "esposa" tornou-se um papel; eles representam: a espaçosa tem de representar como esposa, goste ou não, e o marido tem de representar como marido. Isso tornou-se uma coisa legal.

Uma vez perguntei a Mulla Nasrudin: - "Por quantos anos estiveste casado, Nasrudin?" Ele disse: -

"Vinte estranhos anos."

Indaguei: - "Por que os chamas estranhos?"

Respondeu: - "Quando vires minha esposa, compreenderás."

Esposas e maridos são um fenômeno social; o casamento é uma instituição, não é um relacionamento. É uma instituição, algo forçado, não por amor, mas por outras razões: economia, segurança, garantia, filhos, sociedade, cultura, religião, tudo - exceto amor.

O orgasmo quase nunca acontece entre uma esposa e um marido - a menos que sejam também amantes. Isso é possível: é possível ser esposa, ou marido, e amante. Podes amar tua esposa. Nesse caso a coisa é totalmente diferente; mas, então, já não se trata de um casamento, já não se trata de uma instituição.

No Oriente, como o casamento existe há milhares de anos, as pessoas se esqueceram completamente do que é o orgasmo. Não conheci uma só mulher hindu que saiba o que é o orgasmo. Algumas mulheres ocidentais, há apenas alguns poucos anos, uns vinte e cinco, tornaram-se conscientes de que o orgasmo é algo que vale a pena conseguir. De resto, as mulheres esqueceram-se, completamente, de que há em seus corpos alguma possibilidade de orgasmo.

Essa é uma das coisas mais infelizes que poderia ter acontecido à Humanidade. E, quando uma mulher não pode ter o orgasmo, o homem também não pode realmente, porque o orgasmo é o encontro de dois. Só dois, quando se fundem um no outro, podem tê-lo. Não se trata de um tê-lo e o outro não - isso não é possível. O afrouxamento é possível, a ejaculação é possível, o alívio é possível; mas não o orgasmo. Qual é o orgasmo?

O orgasmo é um estado em que teu corpo já não sente a matéria. Vibra como energia, eletricidade. Vibra tão profundamente, em sua própria base, que esqueces por inteiro de que ele é uma coisa material. Torna-se um fenômeno elétrico - e é um fenômeno elétrico.

Atualmente os físicos afirmam que a matéria não existe, que a matéria é só aparência. Em

profundidade, o que existe é eletricidade, não matéria. No orgasmo, tu alcanças a mais profunda camada de teu corpo, onde a matéria já não existe, onde há apenas ondas de energia. Tornas-te uma energia dançarina, vibrante. Já não existem fronteiras para ti - palpitando, porém não mais substancial. E tua bem-amada também palpita.

E, aos poucos, se existe amor entre eles, entregam-se um ao outro; entregam-se àquele momento de palpitação, de vibração, àquele momento em que são energia e não têm medo - porque isso se parece à morte.

Quando o corpo perde suas fronteiras,

quando o corpo se torna como uma coisa vaporosa, quando o corpo se evapora substancialmente

e só fica a energia, um ritmo muito sutil, tu te sentes como se não existisse.

Só em profundo amor é possível viver isso. O amor é como a morte:

morres, no que concerne à tua imagem material, morres, no que concerne a pensares que és um corpo; morres como um corpo

e evoluis como energia, energia vital.

E, quando a esposa e o marido, ou os amantes, ou os parceiros, começam a vibrar, as batidas de seus corações e corpos se unificam, tornam-se harmonia - então o orgasmo acontece, então eles já não são dois. Esse é o símbolo de yin e yang: yin dirigindo-se para yang, yang dirigindo-se para yin, o homem dirigindo-se à mulher, a mulher dirigindo-se ao homem.

Agora são um círculo e vibram juntos,
pulsam juntos.

Seus corações já não estão separados, suas batidas já não são separadas;

eles se tornaram uma melodia, uma harmonia. Essa é a maior música possível;

todas as outras músicas se apagam comparadas a esta;

são como sombras, comparadas a esta.

Essa vibração de dois em um é o orgasmo. Quando o mesmo acontece, não com uma outra pessoa, mas com toda a Existência, então é Mahamudra, então é o maior dos orgasmos. Acontece. Eu gostaria de dizer-te como podes tentá-lo, de forma que Mahamudra se faça possível, o grande orgasmo.

Na Indonésia, existe um homem muito singular, Bapak Subuh. Sem o saber, ele desenvolveu um

método conhecido como latihan. Esbarrou nele, mas latihan é um dos mais antigos métodos do Tantra. Não é um fenômeno novo; latihan é o primeiro passo em direção a Mahamudra. É o deixar que o corpo vibre, que o corpo se torne energia, não-substancial, não-material; é o deixar que o corpo se funda e dissolva as fronteiras.

Bapak Subuh é muçulmano, mas seu movimento é conhecido como Subud. Trata-se de uma palavra budista: Subud vem de três palavras: su, bu, dha. Su significa sushila, bu significa Buda, dha significa Dharma; Subud significa sushila-Buda-Dharma. O significado é: "a lei da grande virtude deriva de Buda", a lei budista da grande virtude. A isto é que Tilopa chama o Grande Ensinamento.

Latihan é simples. É o primeiro passo. É preciso estar relaxado, desprendido e natural. Será bom que estejas a sós e que ninguém te venha perturbar. Fecha teu quarto e fica a sós. Se puderes encontrar alguém que já chegou ao latihan, sua presença poderá ser útil, sua simples presença atuará como agente catalítico, ajudar-te-á a te abrires. Assim, alguém que já esteja mais avançado pode abrir-te muito facilmente. De outra forma, também tu podes abrir-te a ti próprio, levando apenas um pouco mais de tempo, só isso. De qualquer maneira, é bom ter alguém que nos ajude a abrir-nos.

Se um abridor estiver a teu lado e começar o latihan, fica ali; a energia dele começará a pulsar contigo, começará a mover-se em torno de ti, como um aroma que te rodeasse - e, subitamente, começas a sentir a música. Tal como se ouvisses um bom cantor, ou alguém tocando um instrumento, começas a marcar o compasso com o pé, ou marcas esse compasso numa cadeira, ou começas a pulsar com ele. É assim que uma profunda energia se move dentro do abridor e todo o quarto e a qualidade do quarto são imediatamente modificados.

Tu não tens de fazer nada: tu tens, simplesmente, de estar ali, desprendido e natural, apenas esperando que algo aconteça. E, se teu corpo começar a mover-se, deixa que o faça, deves cooperar e permitir. A cooperação não deve ser demasiado direta, não deve impelir. Deve apenas permanecer como uma permissão. Teu corpo começa a mover-se, de repente, como se estivesses possesso, como se uma grande energia vinda de cima houvesse descido sobre ti; como se uma nuvem te houvesse rodeado. Agora, estás possuído por aquela nuvem e a nuvem está penetrando dentro de teu corpo, que começa a mover-se. Tuas mãos se erguem, fazes movimentos sutis, inicias uma pequena dança, suaves gestos - teu corpo está tomado.

Se sabes alguma coisa sobre escrita automática, será fácil acompanhar o que acontece em latihan. Na escrita automática, seguras um lápis na mão, fecha os olhos, esperas e, de súbitos, sentes um arranco na mão: tua mão torna-se possessa, como se algo nela tivesse entrado. Nada precisas fazer, porque, se o fizeres, teu gesto não virá do além, será ação tua. Tu, simplesmente, deves permitir. Desprendido e natural: as palavras de Tilopa são maravilhosas e não são passíveis de qualquer melhora. Desprendido e natural esperas, com o lápis na mão, os olhos fechados. Quando sentes o arranco e a mão começa a mover-se, deves permitir; isso é tudo. Não deves resistir, porém podes resistir. A energia é muito sutil; no início não se mostra poderosa. Se a fizeres parar, ela parará facilmente, não será agressiva. Se não permitires que venha, não virá. Se duvidares, ela não virá, porque, com a dúvida, tua mão oferecerá resistência. Estando em dúvida, não permitirás; lutarás. Por isso é que a confiança é tão importante - shradha. Tu apenas confias e deixas tua mão solta. Aos poucos, a mão começa a mover-se, começa a fazer rabiscos no papel - deixa que ela faça isso. Então, alguém pergunta alguma

coisa, ou tu mesmo perguntas alguma coisa. Que essa pergunta fique solta em tua mente, não com muita persistência, nada forçando. Faze a pergunta, apenas, e espera. De repente, a resposta é escrita.

Se dez pessoas tentarem, pelo menos três serão inteiramente capazes de fazer a escrita automática. Trinta por cento das pessoas não têm consciência de que podem tornar-se receptivas. E isso poderia tornar-se uma grande força em tua vida. A respeito de o que acontece, as explicações diferem - mas isso não importa. A mais profunda explicação que conheço, a que eu considero verdadeira, diz que teu mais alto centro toma conta do teu mais baixo centro; teu mais alto ponto de consciência toma conta da tua mais baixa mente inconsciente. Perguntas e teu próprio ser íntimo te responde. Ninguém está ali, além de ti, mas teu ser íntimo, que não conheces, é muito superior a ti. Teu próprio e recôndito ser é tua florescente e definitiva possibilidade.

É como se a flor tomasse conta da semente e respondesse.

A semente não sabe -

Mas é como se a flor, tua possibilidade,

tomasse posse da tua realidade e respondesse;

é como se tua possibilidade definitiva

tomasse posse daquilo que és e respondesse,

ou como se o futuro tomasse posse do passado, ou o desconhecido tomasse posse do

conhecido,

o destituído de formas tomasse posse da forma

- tudo isto é metáfora, mas sinto que compreenderás a significação - como se tua velhice tomasse posse de tua infância,

e respondesse.

O mesmo acontece com o latihan, com o corpo todo. Na escrita automática, deixas a mão solta e natural. No latihan deixas todo teu corpo solto, esperas, cooperas e, de repente, sentes um impulso: tua mão te ergue sozinha, como se alguém a levantasse com fios invisíveis - deixa que isso aconteça. A perna começa a mover-se; dás uma volta, inicias uma pequena dança, muito caótica, sem ritmo, sem gestos, mas, aos poucos, conforme a sensação se torna mais profunda, toma seu próprio ritmo. Então, já não é caótica; toma sua própria ordem, torna-se uma disciplina, mas não forçada por ti. Essa é a tua mais alta possibilidade tomando posse de teu mais baixo corpo, e movendo-o.

Latihan é o primeiro passo. E, gradualmente, sentirás como é belo fazer isso, sentirás que está acontecendo uma união entre ti e o cosmos. Mas esse é apenas o primeiro passo. O primeiro passo, em si mesmo, é muito belo, mas não é o último passo. Eu gostaria que o completasses. Durante trinta minutos, pelo menos - sessenta seria maravilhoso -, e, aos poucos, poderás ir dos trinta aos sessenta minutos, para o latihan dançante.

Em sessenta minutos teu corpo, de poro a poro, de célula a célula, fica limpo. É uma catarse; estás completamente renovado, toda a sujeira foi consumida. Por isso é que Tilopa diz: Em Mahamudra todos os pecados são consumidos. O passado é atirado ao fogo. É um novo nascimento, um renascimento. E sentes a energia derramando-se sobre ti, por dentro e por fora. E a dança não é só externa. Depressa, quando te sintonizares com ela, sentirás uma dança interior também: não só de teu corpo, que está dançando, mas também da energia interna que também está dançando, ambos cooperando um com outro. E, então, acontece a pulsação; sentes como se pulsasses com o Universo - encontraste o ritmo universal.

Trinta a sessenta minutos, esse é o tempo: começa com trinta, termina com sessenta. Até que, mais tarde, chegues ao tempo exato. E saberás: se te sentes sintonizado a quarenta minutos, então esse é o teu tempo correto. Então, tua meditação deve ir além disso; se te sentes sintonizado aos dez minutos, vinte minutos serão suficientes. Dobra o tempo; não arrisque nada, para ficares inteiramente limpo. E termina com uma prece.

Quando estiveres completamente limpo e sentindo que teu corpo está refrescado - estiveste sob um chuveiro de energia e todo o teu corpo sente-se um, não-dividido; a substancialidade do corpo perdeu-se, tu o sentes mais como uma energia, um movimento, um processo não material - estarás pronto. Ajoelha-te, então.

Ajoelhar-se é muito belo, tal como o fazem os sufis ou os muçulmanos quando oram em suas mesquitas. Ajoelha-te como eles, porque essa é a melhor postura para a oração. Então, ergue as duas mãos para o céu, com os olhos fechados, e procura sentir-te como um recipiente vazio, um bambu oco. Oco por dentro, tal como um pote de barro. Tua cabeça é a boca do pote e a energia verte sobre tua cabeça, como se estivesses sob uma cachoeira. Depois do latihan sentirás isso: como uma cachoeira e não como um aguaceiro. Quando estás pronto, ela cai com mais força, intensamente, e teu corpo começa a tremer, a sacudir-se, como uma folha sob vento forte. Se alguma vez estiveste sob uma cachoeira, conheces a sensação. Essa mesma sensação irá ter contigo depois do latihan. Procura sentir-te vazio por dentro, nada dentro de ti, apenas vacuidade - e a energia preencherá esse vazio, preencherá completamente.

Deixa que a energia caia sobre ti tão profundamente quanto possível, de forma que alcance o mais afastado recanto de teu corpo, de tua mente, de tua alma. E, quando sentires que estás repleto e que todo o teu corpo estremece, curva-te, leva a cabeça ao chão e derrama energia sobre a terra. Quando sentires a energia transbordar, derrama-a sobre a terra. Toma do céu, devolve à terra, e sê, entre ambas as coisas, apenas o bambu oco.

Isso deve ser feito sete vezes. Toma do céu e derrama sobre a terra, beija a terra e derrama - esvazia-te completamente. Esvazia-te tão completamente como o fizeste para ficar repleto; esvazia-te completamente. Então, ergue de novo as mãos, enche-te outra vez e torna a derramar. Isso deve ser feito sete vezes, porque, a cada vez, a energia penetra em uma das chakras, um dos centros do corpo e, a cada vez, penetra mais profundamente em ti. Se fizeres menos de sete vezes, te sentirás inquieto depois, porque a energia ficará suspensa em algum ponto.

A energia tem de penetrar todas as sete chakras do teu corpo, de forma que te tornes completamente oco, uma passagem. A energia cai do céu para a terra, tal como a eletricidade: a

eletricidade pede um fio-terra. A energia vem do céu e tomba sobre a terra; tu te tornas uma ligação entre ela e a terra, apenas um bambu oco, um recipiente passando a energia. Sete vezes - mais podes fazer, mas não menos. E será o Mahamudra completo.

Se fizeres isso diariamente, muito em breve, dentro de mais ou menos três meses, sentirás que não mais existes. Somente a energia estará pulsando no universo, não há ninguém, o ego perdeu-se completamente, aquele que atua não existe. O universo existe, e tu existes nele, onda pulsando com o oceano - isso é Mahamudra. Esse é o orgasmo final, o mais beatífico estado de consciência possível.

É como dois amantes fazendo amor, mas multiplicado por milhões - porque agora estás fazendo amor com todo o Universo. Por isso é que o Tantra é conhecido como a Ioga do Sexo, o Tantra é conhecido como o Caminho do Amor.

Em Mahamudra todos os pecados são consumidos:

em Mahamudra está a libertação dos cárceres deste mundo.

Esse é o supremo archote do Dharma. Os que não crêem nisso são insensatos

para sempre chafurdados em sofrimento e tristeza.

E Tilopa é perfeitamente claro. É absolutamente franco. E diz: Os que não crêem nisso são insensatos.

Por que os chama insensatos? Não os chama pecadores, não os chama irreligiosos; simplesmente os chama insensatos porque, não acreditando, perdem a maior das beatitudes que a vida lhes pode dar. São, simplesmente, insensatos! E Mahamudra não pode acontecer, a menos que confies. A menos que confies a ponto de te entregares completamente, não pode acontecer. Toda a beatitude, toda a felicidade suprema só acontecem quando te entregas. Mesmo a morte se torna bela, se te rendes a ela; o que dizer, então da vida? Se te entregares, a vida será a maior das graças, será uma bênção. Estás perdendo a dádiva definitiva, por não confiares.

Se queres aprendes alguma coisa, aprende a confiar - nada mais é exigido. Se estás infeliz,

nada mais te auxiliará - aprende a confiar. Se não encontras significado na vida

e te achas sem sentido,

nada ajudará - aprende a confiar.

A confiança traz significação, porque a confiança

torna-te capaz de permitir que o Todo desça sobre ti.

Os que não acreditam nisso são insensatos

para sempre chafurdados em sofrimento e tristeza.

Se alguém quer lutar pela libertação, precisa confiar num Guru.

Quando a tua mente recebe a bênção dele a emancipação está próxima.

Por que acreditar num Guru? Por que acreditar num Mestre? Porque o Desconhecido está muito distante de ti. É apenas um sonho, no máximo uma esperança, um desejo de realização.

Ouve-me: eu posso falar da beatitude, mas essa beatitude é apenas uma palavra para ti. Podes desejá-la, mas não sabes o que é, não lhe conheces o sabor. Ela está longe, muito longe de ti. Estás mergulhado no sofrimento, na angústia. Em teu sofrimento e em tua angústia, podes começar a ter esperança, expectativa, a desejar a beatitude, mas de nada adiantará. Precisas sentir-lhe realmente o sabor. Quem te possibilitará isso? Só o que provou pode ser o abridor. Pode agir como agente catalítico. Nada fará; bastará sua presença para que o Desconhecido flua para ti. Ele é como uma janela. Tuas portas estão fechadas? As portas dele não. Tuas janelas estão fechadas e tu te esqueceste de como abri-las? As janelas dele não estão fechadas. Através da sua janela podes ver o céu; através dele podes obter um relance do céu.

Um Mestre, um Guru, nada mais é do que uma janela. É preciso passar por um Mestre, é preciso provar-lhe um tantinho - então, também tu poderás abrir tuas próprias janelas. De outra forma, a coisa se manterá puramente verbal. Podes ler Tilopa, mas, a não se que encontres Tilopa, nada acontecerá contigo. Tua mente pode estar dizendo: “Talvez esse homem esteja louco, tomado por alucinações, sonhando, ou seja um filósofo, um pensador, um poeta. Como pode isso acontecer? Como é possível que se chegue à beatitude?” Só conheceste o sofrimento e os desgostos, só conheceste o veneno. Não podes acreditar num elixir. Não o conheceste; como podes acreditar nele?

Um Mestre não passa de uma personificação da beatitude total. Nele há vibração. Se nele confias, suas vibrações chegarão a ti. Um Mestre não é um professor, não te ensina. Um Mestre não está ocupado com doutrinas e princípios; um Mestre é uma presença. Se confias nele, está disponível. Um Mestre é uma disponibilidade. Através dele terás o primeiro relance do Divino. E, então, poderás seguir por ti mesmo.

Se alguém quer lutar pela libertação, precisa confiar num Guru, num Mestre. Quando a tua

mente recebe a bênção dele

a emancipação está próxima.

Um Mestre não te pode dar a emancipação, mas pode levar-te ao limiar dela. Não te pode dar a emancipação; ela tem de ser obtida por ti, porque uma coisa, dada por alguém, pode ser tomada por outro alguém. Só o que é teu pode ser teu. Um Mestre não te pode dar isso. Pode, apenas, abençoar-te - mas sua bênção é um fenômeno vital.

Através dele, podes ver teu próprio futuro.

Através dele, podes ter consciência de teu próprio destino.

Através dele, os mais distantes picos se aproximam cada vez mais. Através dele, começas teu

caminho de subida,

Como a semente que tenta romper o solo e dirigir-se para o céu.

A bênção do Mestre irriga tua semente.

No Oriente, a bênção do Mestre é muito importante. O Ocidente tem permanecido completamente inconsciente disso. O Ocidente conhece professores, mas não Mestres. Os professores são os que te ensinam a Verdade. Um Mestre é quem te faz sentir-lhe o sabor. Um professor pode ser alguém que não conhece a si mesmo, pode ter aprendido com outros professores. Procura um Mestre; professores há muitos. Os Mestres são poucos.

E como procurarás um Mestre? Movimenta-te. Quando ouvires dizer que alguém se tornou Iluminado, vai a ele e fica à sua disposição. Não sejas um pensador; sê, antes, um amoroso, porque o Mestre é encontrado através do sentimento. Um professor pode ser encontrado através do pensamento, pela lógica e por seus argumentos. Come o Mestre, bebe o Mestre. Ouvir não ajudará, porque ele é um fenômeno vivo, a energia está nele. Se o bebes e o comer, então, e somente então, serás consciente de uma diferente qualidade do ser.

Grande receptividade é necessária; uma grande e feminina receptividade é necessária para se encontrar um Mestre. Se estás disponível e encontras um Mestre vivo, algo de repente estala. Nada tens a fazer, a não ser permanecer ali. É tal o fenômeno de energia vital que, se estás disponível, algo simplesmente estala e és apanhado. É um fenômeno de amor. Não poderás provar a ninguém que “eu encontrei um Mestre.” Não há prova. Não tentes isso, porque qualquer um pode fornecer-te a prova contrária. Tu encontraste e sabes disso. Provaste e sabes. Esse conhecimento é do coração, do sentimento.

Diz Tilopa:

Se alguém quer lutar pela libertação precisa confiar num Guru.

Quando a tua mente recebe a bênção dele a emancipação está próxima.

A própria palavra guru é significativa. A palavra mestre não tem o mesmo sentido. O Mestre parece ser alguém que dominou alguma coisa, passou por um longo treinamento, fez-se disciplinado, fez-se um Mestre. Um Guru é totalmente diferente.

A palavra guru significa alguém que é pesado, muito pesado; pesado de energia e do Desconhecido, pesado do Divino, pesado como uma mulher grávida.

Um Guru está grávido de Deus. Por isso é que, no Oriente, chamamos o Guru o Próprio Deus. O Ocidente não pode entender isso, porque acha que Deus significa o Criador do mundo.

Aqui não nos preocupamos com o Criador. Chamamos Deus ao Guru. Por quê? Porque ele está grávido do Divino, está pesado do Divino e pronto para derramar. Só a tua sede, sede da terra, é necessária.

Ele nada dominou, realmente; não passou por treinamento algum, não se disciplinou, não há arte em que se tenha feito mestre - não. Ele tem vivido a vida em sua totalidade, não disciplinada, mas desprendida e naturalmente. Não forçou a si próprio. Tem-se movido com os ventos, permitido que a natureza tome seu próprio curso. E, através de milhões de experiências e sofrimentos, dores, beatitudes, felicidades, amadureceu, fez-se maduro.

Um Guru é um fruto maduro que só espera cair, de tão pesado. Se estás pronto para recebê-lo, ele

pode cair para ti.

Um Guru é algo totalmente Oriental. O Ocidente ainda não tomou conhecimento dele. No Ocidente é difícil entender: "Por que me curvar diante de um Guru? Por que dobrar a cabeça aos pés dele? Isso parece humilhante." Mas se queres receber, tens de curvar-te. Ele está pesado, pode derramar; tens que te curvar, pois, de outra maneira, não receberás.

Quando um discípulo, tomado de total confiança, curva-se aos pés de seu Mestre, algo está acontecendo ali, algo que não é visível aos olhos. Uma energia está fluindo do Mestre, entrando no discípulo. Algo invisível para teus olhos está acontecendo ali. Se te tornares consciente, também poderás ver; é a aura do Mestre, seu arco-íris, derramando-se sobre o discípulo. Verás, realmente, que isso acontece.

O Mestre está pesado de energia Divina. Possui infinita energia e pode derramá-la sobre infinitos discípulos. Pode trabalhar, sozinho, com milhões de discípulos. Jamais está exausto, agora que se contactou com o Todo, que encontrou a fonte de tudo. Através dele, também tu podes dar o salto sobre o abismo. A entrega a Deus é difícil, porque não sabes onde Deus está. Ele jamais deu seu endereço a ninguém. Mas podes encontrar um Guru. Se me perguntares o que é um Guru, eu te direi que um Guru é o endereço de Deus.

Quando a tua mente recebe a benção dele,

a emancipação está próxima

Então, podes estar certo de que foste aceito. Quando puderes sentir as bênçãos do Mestre derramando-se sobre ti, trombando sobre ti como sobre flores, podes estar certo de que a emancipação está próxima.

Quando a energia é recebida, quando a bênção definitiva vem do Mestre, a emancipação está próxima e é preciso dizer adeus.

Em Zen, no Japão, quando um discípulo vai a um Mestre, leva sua esteira. Desenrola-a diante do Mestre, senta-se sobre ela, ouve o Mestre; volta, a cada dia, segue o que ele diz e deixa a esteira ali, durante anos seguidos. Então, um dia, recebe a bênção definitiva. Enrola novamente a esteira, recolhe-a, inclina-se, deixa o Mestre. Isso é simbólico. Sempre que um discípulo enrola a esteira, os outros sabem que ele recebeu a bênção. Agora, é o adeus final.

Ai! Todas as coisas deste mundo são sem sentido, não passam de sementes de dor.

Ensinamentos pequenos levam a ações -

só se devem seguir os Grandes Ensinamentos.
Neste mundo tudo é semente de dor, mas um raio de luz vem, lá de cima, quando uma pessoa se torna iluminada. Segue esse raio de luz e poderás encontrar a própria fonte da luz, o sol.

E lembra-te de que Tilopa disse: Não te tornes uma vítima dos pequenos ensinamentos. Muitos o são. As pessoas vêm a mim e dizem: - "Somos vegetarianos. Isso nos levará à Iluminação?" - um ensinamento muito pequeno. Perguntam: - "Não comemos à noite. Isso nos levará à Iluminação?" - um ensinamento muito pequeno. Dizem: - "Acreditamos no celibato." - ensinamento muito pequeno. Fazem muita coisa, mas há algo em que jamais tocam: em seu ser. Controlam seu caráter, tentam agir tão sensatamente quanto possível, mas tudo não passa de mera decoração.

Disciplina que vem de fora é decoração. Ela deve vir do interior. Deve espalhar-se para a periferia, vinda do centro. Não deve ser forçada da periferia para o centro. O Grande Ensinamento é:

Tu já és o que podes ser, compreendes isso. Tu já és a meta, compreende isso.

Neste mesmo momento, teu destino está realizado.

Que estás esperando?
Não acredites em passos graduais - Dá o salto, sê corajoso.

Só aquele que é corajoso pode seguir o Grande Ensinamento do Tantra. Medroso, temendo morrer, apavorado por perder-te a ti mesmo, temeroso de te entregares, irás tornar-te vítima dos pequenos ensinamentos. Como podes cumprir os pequenos ensinamentos - não comer isto, não fazer mais isto - ficas sob meu controle.

O Grande Ensinamento é a rendição;

ceder teu controle e deixar que o Todo te arrebate para onde quer que deseje levar-te.

Não nades contra a corrente. Deixa-te ir com o rio, torna-te o rio -

e o rio já está indo para o mar. Esse é o Grande Ensinamento.

Transcender a dualidade é visão soberana. Dominar abstrações é prática régia.
A trilha da não-prática é o caminho de todos os Budas. Quem pisa essa trilha alcança o estado de Buda. Transitório é este mundo;
como fantasmas e sonhos ele não tem substância alguma.
Renuncia a ele, abandona teus parentes, corta os laços da luxúria e do ódio,
e medita em bosques e montanhas. Se, sem esforço,
permaneceres desprendidamente em estado natural, logo Mahamudra conseguirás,
e obterás a não-obtenção.

VII. A trilha sem pegadas

Há dois caminhos. Um é o caminho do guerreiro, do soldado; o outro é o caminho do rei, o Caminho Real. A Ioga é o primeiro, e o Tantra é o segundo. Portanto, precisas conhecer, primeiro, o que é o caminho do soldado, do guerreiro e, só então, poderás compreender o que Tilopa quer dizer quando se refere ao Caminho Real.

Um soldado tem de lutar, polegada por polegada; um soldado tem de ser agressivo, um soldado tem de ser violento; o inimigo deve ser destruído, ou conquistado.

A Ioga tenta criar um conflito dentro de ti. Oferece-te nítida distinção entre o que é errado e o que é certo, o que é bom e o que é maus, o que pertence a Deus e o que pertence ao diabo. E quase todas as religiões, exceto Tantra, seguem o caminho da Ioga. Dividem a realidade e criam um conflito interior; através desse conflito, prosseguem.

Por exemplo, tens ódio em ti. O caminho do guerreiro é destruir o ódio interior. Sentes cólera, ganância, desejo sexual e milhões de coisas - o caminho do guerreiro é destruir tudo o que é errado, negativo, e desenvolver tudo quanto seja positivo e certo. O ódio deve ser destruído e o amor, desenvolvido. A cólera deve ser completamente destruída e a compaixão, criada. O sexo deve se afastar e dar lugar ao brahmacharya, ao puro celibato. A Ioga imediatamente corta-te com uma espada em duas partes: o certo e o errado; e o certo deve vencer o errado.

Que farás? A cólera está em ti - que sugere a Ioga que faças? Sugere que cries o hábito da compaixão, que cries o oposto, que o tornes tão habitual a ponto de começares a funcionar como um robô - daí ser chamado o caminho do soldado. Por todo o mundo, através da história, o soldado tem sido treinado para uma existência de robô: tem de criar hábitos.

Os hábitos funcionam sem a consciência, não precisam de percepção; podem mover-se sem ti. Se tens hábitos - e toda a gente os tem - podes observar isso. Um homem tira seu maço de cigarros do bolso - observa-o - ele pode não estar consciente do que está fazendo. Tal como um robô, ele procura o bolso. Se ele estiver intimamente inquieto, imediatamente sua mão irá até o bolso, apanhará um cigarro, começará a fumar. Certamente atirará fora a parte que resta; pode ter realizado todos esses gestos sem ter consciência de que os estava realizando.

Ensinamos ao soldado uma existência de robô. O soldado tem de fazer e obedecer; não precisa estar consciente. Quando recebe ordem para virar à direita, tem de virar; não pode pensar se deve ou não virar, porque, se começar a pensar, então será impossível, as guerras não poderão continuar neste mundo. Pensar não é necessário, nem a consciência é necessária. O soldado deve, apenas, ter a percepção suficiente para entender as ordens; é tudo. Um mínimo de percepção: a ordem é dada, e, imediatamente, como um mecanismo, ele a está cumprindo. Não que ele se volte para a esquerda, quando lhe ordenam que se volte para a esquerda - apenas ouve e volta-se. Não está se voltando; cultivou aquele hábito. Está, apenas, acendendo ou apagando a luz - apenas um botão e a luz se acende. Dizem: - “Virar à esquerda!”, o botão é apertado e o homem se move para a esquerda.

William James contou que, certa vez, estava sentado num café e um velho soldado da reserva - na reserva havia mais de vinte anos - ia passando com uma cesta de ovos. Subitamente, William Jones fez uma brincadeira. Gritou “Atenção!” e o pobre homem parou, na posição comandada. Os ovos caíram-lhe da mão e se quebraram. Ele ficou muito zangado, veio correndo e disse - “Que tipo de brincadeira é essa?”

Mas William James argumentou: - “Não precisas obedecer. Todo mundo é livre para gritar ‘atenção’. Não és forçado a atender. Quem te disse que atendesses? Devias ter seguido teu caminho.”

Disse ao homem: - “Isso não é possível, porque é automático. Já há vinte anos estou fora do meio militar, mas o hábito está profundamente enraizado.” Mediante muitos anos de treinamento, um reflexo condicionado é criado.

A expressão “reflexo condicionado” é boa. Foi criada por um psicólogo russo, Pavlov. Diz que simplesmente refletes; alguém atira algo em teus olhos, nem pensas em piscar ou fechar os olhos, e eles simplesmente fecham-se. Uma mosca vem voando e fechas os olhos; não precisas pensar, não há necessidade: é um reflexo condicionado - acontece, simplesmente. Está nos hábitos do teu corpo, em teus ossos. Acontece, simplesmente! Nada pode ser feito contra isso.

O soldado é treinado para existir como um robô. Deve existir através de reflexos condicionados. O mesmo se dá na Ioga. Tu te zangas e a Ioga diz: - “Não fiques zangado, é melhor que cultives o oposto, a compaixão.” Aos poucos, tua energia começa a mover-se no hábito da compaixão. Se perseverares por um longo tempo, a cólera desaparecerá completamente e tu sentirás compaixão. Mas estarás morto, não vivo. Serás um robô, não um ser humano. Terás compaixão, não porque tenhas compaixão, mas só porque cultivaste um hábito.

Podes cultivar um mau hábito e podes cultivar um bom hábito. Alguém pode cultivar o hábito do fumo, outro alguém pode cultivar o hábito de não fumar; uns cultivam o estilo não-vegetariano
de alimentação, outros cultivam o estilo vegetariano - mas ambos cultivam e, no julgamento final, ambos são iguais porque ambos vivem de hábitos.

Essa questão deve ser ponderada muito profundamente, porque é muito fácil cultivar um bom hábito, mas é muito difícil tornar-se bom. E o substituto de um bom hábito é barato, pode ser conseguido facilmente.

Agora, particularmente na Rússia, estão desenvolvendo uma terapia: a terapia de reflexos condicionados. Dizem que as pessoas não podem deixar seus hábitos. Alguém fuma há vinte anos - como esperar que deixe de fumar? Podem explicar-lhe que aquilo é mau, os médicos podem dizer-lhe que se trata, mesmo, de uma situação perigosa, que pode originar um câncer, mas há vinte anos de longo hábito e, agora, está enraizado; foi ter ao núcleo mais profundo de seu corpo, está em seu metabolismo. Mesmo que queira, mesmo que deseje, mesmo que deseje sinceramente parar, será difícil que o consiga, porque não é uma questão de desejo sincero: aos vinte anos de contínua prática - e é quase impossível. Portanto, o que fazer?

Na Rússia dizem que não há necessidade de fazer nada e não há necessidade de explicar-lhe nada. Desenvolveram uma terapia: o homem começa a fumar e eles lhe dão um choque elétrico. O choque, a dor que ele causa e o fumo reúnem-se, tornam-se associados. Durante sete dias, o homem permanece hospitalizado e, sempre que começa a fumar, imediatamente, automaticamente, dão-lhe um choque elétrico. Depois de sete dias, o hábito está rompido. Se o persuadirem a fumar ele começará a tremer. No momento em que segura um cigarro, todo o seu corpo treme, por causa da idéia do choque.

Dizem, então, que nunca mais fumará: romperam o hábito por meio de um duro tratamento, por meio de choques. Mas esse homem não se tornará um Buda porque perdeu um velho hábito através de tratamento de choques. Todos os hábitos podem ser modificados através do tratamento de choques. Será ele um Buda? Esclarecido? Porque não mais tem hábitos nocivos? Não. Ele nem mesmo será um ser humano, agora - será um mecanismo. Terá medo das coisas; não poderá fazê-las porque lhe foram dados novos hábitos de medo.

Essa é a significação integral de "inferno": todas as religiões têm usado tratamentos de choque. O inferno não está em parte alguma, não há qualquer "céu". Ambas essas coisas são estratagemas, velhos conceitos de psicoterapia. Pintaram o inferno tão horrível que uma criança se toma de medo dele desde o início de sua infância. Basta mencionar a palavra inferno e o medo surge; ela treme. Esse é apenas um estratagema para evitar maus hábitos. Assim, muito prazer, felicidade, beleza e vida eterna são prometidas no céu, se seguires os bons padrões. Tudo quando a sociedade disser que é bom, tens de seguir. O céu ali está para ajudar-te em direção às coisas positivas; e o inferno ali está para evitar que sigas em direção negativa.

Tantra é a única religião que não usou de tais reflexos condicionados, porque Tantra diz que deves florescer como um ser perfeitamente acordado, não como um robô. Assim, se compreenderes Tantra, o hábito é que será mau; não há maus hábitos, não há bons hábitos - o hábito é mau. E é preciso estar acordado para que não haja hábitos. Tu vives, simplesmente, momento a momento com integral consciência, e não através de hábitos. Viver sem hábitos: esse é o Caminho Régio.

Por que é Régio? Um soldado tem de obedecer, mas um rei não precisa fazer isso. Um rei está acima, dá ordens; não recebe ordens de ninguém. Um rei nunca vai à luta, só os soldados vão. Um rei não é um lutador. Um rei vive a mais calma de todas as vidas. Isso é apenas uma metáfora. Um soldado tem de obedecer; um rei vive, simplesmente, desprendido e natural; não há ninguém acima dele. Tantra diz que não há ninguém acima de ti. A quem tens de seguir, através de quem deves organizar teu padrão de vida, através de quem tens de tornar-te imitador? - não há ninguém. Vive uma vida desprendida, natural, fluida - a coisa única é esta: sê perceptivo.

Lutando, poderás adquirir bons hábitos, mas serão hábitos não naturais. As pessoas dizem que o hábito é uma segunda natureza. Pode ser, mas lembra-te da palavra "segunda". Não é natural; pode parecê-lo, mas não é.

Que diferença haverá entre compaixão verdadeira e compaixão cultivada? A compaixão verdadeira é um resposta - a situação e a resposta. A compaixão verdadeira é sempre viva: algo aconteceu e teu coração flui em direção àquilo. Uma criança cai e tu corres e ajudas a criança a levantar-se; mas isso é uma resposta. Uma compaixão cultivada, uma falsa compaixão, é, apenas, uma reação.

Essas duas palavras são muito significativas: "resposta" e "reação". A resposta está viva para a situação, ao passo que a reação é apenas um hábito arraigado: no passado, foste treinado para ajudar alguém que cai e, simplesmente, ajudas, mas não pões teu coração nisso. Alguém se está afogando no rio, tu corres e ajudas a pessoa somente porque foste treinado para isso. Permaneces fora do caso, teu coração ali não está, tu não respondeste. Não respondeste àquele homem, àquele homem que se estava afogando no rio. Respondeste àquele momento, seguiste uma ideologia.

Seguir uma ideologia é bom: ajuda todo o mundo, torna-te um servidor das pessoas, têm compaixão! Tens uma ideologia, e, através dela, reages. É do passado que vem a ação; e já está morta. Quando a situação cria a ação e tu respondes em plena consciência, só então, algo de belo acontece contigo.

Se reages por causa de uma ideologia, de velhos padrões de hábitos, nada ganharás com teu gesto. Podes ganhar, no máximo, um pequeno ego, que não é, absolutamente, um ganho. Podes começar a gabar-te de teres salvo um homem que se estava afogando no rio. Podes ir para a praça pública e gritar fortemente: - "Vejam! Eu salvei outra vida humana!" Podes ganhar um pouco mais de ego, por teres feito algo bom; mas isso não é um ganho. Perdeste uma grande oportunidade de ser espontâneo, de ser espontâneo na compaixão. Se respondes à situação, então algo floresce em ti, um desabrochar; e sentirás um certo silêncio, uma quietude, uma bênção.

Sempre que há uma resposta, tu florescer por dentro. Sempre que há uma reação, permaneces

morto;

agiste como um cadáver, agiste como um robô. A reação é feia, a resposta é bela.

A reação é sempre da parte, a reação nunca é do todo.

A resposta é sempre do todo,

tua inteira totalidade salta para o rio. Não pensas naquilo,

a situação simplesmente faz com que aconteça.

Se tua vida se tornar uma vida de resposta e espontaneidade, um dia te tornarás um buda.
Se tua vida se tornar uma vida de reação, de hábitos mortos, poderás parecer um Buda, mas não te tornarás um Buda. Serás um Buda pintado; por dentro serás apenas um cadáver. Os hábitos matam a vida. Os hábitos são contra a vida.

Todos os dias, como hábito adquirido, tu te levantas cedo; às cinco horas estás de pé. Na Índia, vemos muita gente fazer isso porque, na Índia, durante séculos, ensinou-se que Brahmamuhurt, antes de o sol nascer, é o momento mais auspicioso, o momento sagrado. E é. Mas não podes fazer disso um hábito, porque o sagrado só existe numa resposta viva. Eles se levantam às cinco horas, mas nunca verás em seus rostos a glória que surge quando te levantas cedo como uma resposta.

A vida inteira está se acordando em torno de ti: a terra inteira está esperando pelo sol, as estrelas desapareceram. Tudo está se tornando mais consciente! A terra dormiu, as árvores dormiram, os pássaros estão prontos para alçar vôo. Tudo está pronto, um novo dia começa, uma nova celebração.

Quando essa atitude é uma resposta, então tu te ergues como um pássaro, sussurrando e cantando; teus pés dançam. Isso não é um hábito, não se trata de teres de te levantar; não é por tal coisa estar nas escrituras que, sendo um devoto hindu, te levantas cedo, pela manhã. Se fizeres disso um hábito, não ouvirás os pássaros, porque os pássaros não estão registrados nas

escrituras. Não verás o sol que se ergue, porque não basta levantar-se - tu estás seguindo uma disciplina morta.

Podes até ficar zangado, podes até ficar contra aquilo porque na véspera te deitaste tarde e não estás te sentindo bem para te levantares. Seria melhor que tivesses dormido um pouco mais. Não estavas pronto, estavas fatigado. Ou a noite passada não foi tão boa, sonhaste demais e todo o teu corpo sente-se letárgico - gostarias de dormir um pouquinho mais. Mas não; as escrituras rezam assim e assim foste ensinado deste tua mais tenra infância...

Na minha infância, meu avô era partidário das manhãs. Arrancava-me do meu sono mais ou menos às três horas - desde então não consigo levantar-me cedo. Ele me arrastava e eu o maldizia por dentro, mas nada podia fazer e saía com ele para uma caminhada; cheio de sono tinha de caminhar ao lado dele. Assim meu avô destruía toda a beleza do amanhecer.

Sempre que, mais tarde, eu tinha de sair para uma caminhada matinal, não podia perdoá-lo. Lembrava-me sempre dele. Destruíra tudo; durante anos, ele esteve continuamente me arrastando - contudo fazia algo bom; pensava que me estava ajudando a formar um estilo de vida. Mas essa não é a maneira certa: eu sonolento e ele me arrastando. O caminho era bonito, a manhã era bonita, mas ele destruía toda a beleza, ele me despojava. Só depois de muitos anos pude recuperar-me e andar pela manhã sem me lembrar dele. Antes sua lembrança estava comigo. Mesmo depois de morto, ele me seguia, como uma sombra, pela manhã.

Se fazes do levantar-te cedo um hábito, se o fazes como algo forçado, então a manhã torna-se feia. Nesse caso é melhor continuar a dormir. Mas sê espontâneo! Há dias em que não serás capaz de levantar-te - nada há de errado nisso, não estás cometendo um pecado. Se te sentes sonolento, o sono é belo - tão belo como qualquer manhã e tão belo como o nascer do sol, porque o sono pertence ao Divino, assim como o sol. Se tens vontade de descansar o dia inteiro, isso é bom!

Isso é o que o Tantra diz: Caminho Régio, ou seja, agir como um rei, não como um soldado. Não há ninguém acima de ti para forçar-te a dar-te ordens; obedecer não deve, realmente, ser um estilo de vida. Aquele é o Caminho Régio. Deves viver momento a momento, gozando momento a momento, e a espontaneidade deve ser a forma. Por que te preocupas com o amanhã? Este momento é o bastante. Vive-o! Vive-o em sua totalidade. Responde, mas não reajas. Nada de hábitos - esta é a fórmula.

Não estou dizendo para que vivas num caos, mas para que não vivas através de hábitos. Talvez, só por viver espontaneamente, uma forma de vida evolua em torno de ti, mas não será forçada. Se gostas da manhã todos os dias, e, por esse prazer te levantas cedo não por hábito, então levanta-te cedo todos os dias e faze-o durante toda a tua vida, que isso não será um hábito. Não te estás forçando a levantar-te - acontece. Isso é belo, gozas isso, amas isso.

Se acontece por amor, não é um estilo, não é um hábito, não é um condicionamento, não é uma coisa morta, cultivada. Menos hábitos, e estarás mais vivo. Nenhum hábito, e estarás completamente vivo. Os hábitos te cercam como uma crosta morta e tu és encerrado por ela; ficas como numa cápsula, como uma semente; uma célula te rodeia e é dura. Sê flexível.

A Ioga te ensina a cultivar o oposto de tudo o que é mau. Luta contra o mal e atende o bem.
Se há violência, mata a violência em teu íntimo, torna-te não-violento, cultiva a não-violência.

Faze sempre o oposto e força-o a tornar-se teu padrão. Essa é a maneira do soldado, um pequeno ensinamento.

Tantra é o Grande Ensinamento - o Supremo. Que diz Tantra? Tantra diz: não cries conflitos dentro de ti. Aceita ambas as coisas pois, através dessa aceitação, acontece uma transcendência; não uma vitória, mas uma transcendência. Em Ioga, há vitórias, em Tantra, não. Em Tantra existe apenas transcendência. Não que te tornes não-violento contra a violência; simplesmente passa para além de ambas essas coisas, simplesmente te tornas um terceiro fenômeno - uma testemunha.

Certa vez, eu estava sentado num açougue. O açougueiro era um homem muito bom e eu costumava visitá-lo. Era noite e ele já estava fechando quando um homem chegou e pediu uma galinha. Eu sabia, pois alguns minutos antes ele me dissera que tinha vendido tudo naquele dia, que apenas restara uma galinha. Assim, ele ficou muito feliz. Entrou, trouxe a galinha, atirou-a na balança e disse: - "São cinco rúpias."

O homem disse: - "Está bem, mas vou fazer uma festa, muitos amigos virão e essa galinha parece muito pequena. Gostaria de levar uma que fosse maior."

Bem, eu sabia que não havia mais nenhuma galinha, aquela era a única. O açougueiro meditou por um momento, levou a galinha de volta para outro compartimento, ficou ali por um certo tempo, voltou, atirou uma galinha na balança - a mesma - e disse: - "Está é de sete rúpias."

O homem falou: - "Sabes de uma coisa? Vou levar as duas." Então o açougueiro ficou, realmente,

num embaraço.

E Tantra causa o mesmo embaraço ao Todo, à Existência mesmo. Tantra diz: levarei as duas.

Não há duas. O ódio não é senão o outro aspecto do amor. E a cólera nada mais é do que o outro aspecto da compaixão. E a violência nada mais é do que a outra face da não-violência. Tantra diz: - "Sabe de uma coisa? Ficarei com as duas. Aceito as duas." E, subitamente, através dessa aceitação, há uma transcendência, porque não há duas coisas. Violência e não-violência não são duas coisas. Cólera e compaixão não são duas. Amor e ódio não são dois.

Eis por que sabes, observas, mas estás tão inconsciente que não reconheces o fato. Teu amor se transforma em ódio dentro de um segundo. Como é possível que sejam dois? Nem mesmo um segundo é necessário: neste momento amas e, no momento seguinte, odeias a mesma pessoa. Pela manhã amas a mesma pessoa, à tarde a odeias, à noite tornas a amá-la.
Na verdade, amor e ódio não são as palavras certas: ódio-amor, cólera-compaixão - são um só fenômeno e não dois. Por isso é que o amor se torna ódio e o ódio pode tornar-se amor; a cólera pode fazer-se compaixão e a compaixão pode tornar-se cólera.

Tantra diz que, a partir do momento em que tua mente estabelece divisão, começas a lutar. Crias primeiro a divisão: condenas um aspecto e aprecias outro. Crias primeiro a divisão, depois o conflito e ficas perturbado. E ficarás perturbado. Um iogue está constantemente perturbado porque tudo quando faz não produz a vitória final; no máximo, sua vitória pode ser temporária.

Podes recalcar a cólera e agir compassivamente, mas sabes bem que a recalcaste para o inconsciente e que ela ali está; a qualquer momento, um pouco de descuido e ela borbulhará, virá à tona. Por isso é preciso estar sempre a recalcá-la. É tão feio estar sempre recalcando as coisas negativas - a vida toda é desperdiçada. Quando gozarás o Divino? Não tens espaço, nem tempo. Estás lutando contra a cólera, a ganância, o sexo, o ciúme e mil outras coisas. Esses mil inimigos aí estão; tens de manter-te constantemente alerta, não podes nunca relaxar. Como é possível que sejas desprendido e natural? Estarás sempre tenso, esgotado, sempre pronto à luta, sempre receoso.

Os iogues tornam-se temerosos até de dormir, porque, dormindo, não podem estar atentos. No sono, tudo quanto recalcaram vem à superfície. Podem ter conseguido o celibato, enquanto estão acordados, mas nos sonhos isso é impossível - nos sonhos surgem belas mulheres, flutuando para dentro deles. E nada podem fazer. Aquelas belas mulheres não estão vindo de nenhum céu, como está escrito nas histórias hindus: Deus as mandou. Por que Deus estaria interessado no iogue? Um pobre iogue, não fazendo mal algum a ninguém, simplesmente sentado no Himalaia, de olhos fechados, lutando contra seus próprios problemas - por que Deus estaria interessado nele? E por que ele mandaria Ele apsaras, belas mulheres, para afastá-lo de seu caminho? Por quê? Não há ninguém ali. Não há necessidade de ninguém mandar ninguém. O iogue está criando seus próprios sonhos.

Tudo o que recalcas vem à tona nos sonhos. Os sonhos são a parte que o iogue negou. E tuas horas que passas o são tão tuas quanto teus sonhos são teus. Assim, se amas uma mulher em tua hora de vigília, ou a amas durante o sono, não há diferença; nem pode haver, porque não é uma questão de existir, de fato, uma mulher, ali, ou não; é uma questão que diz respeito a ti próprio. Se amas uma figura, uma figura de sonho, ou se amas uma mulher de verdade, não há diferença, realmente - uma mulher de verdade também é uma figura, por dentro. Jamais conheces realmente uma mulher, conheces apenas a figura.

Estou aqui. Como sabes que, realmente, estou aqui? Talvez seja apenas um sonho, talvez esteja sonhando que estou aqui. Qual será a diferença, se sonhas que estou aqui ou se me vês realmente aqui? Como estabelecerás a distinção? Qual é o critério? Porque, esteja eu aqui, ou não, não faz a menor diferença: tu me vês dentro de tua mente. Em ambos os casos - sonho ou realidade -, teus olhos recebem os raios, tua mente interpreta e diz que há alguém ali. Tu jamais viste uma pessoa real; não podes vê-las.

Por isso é que os hindus dizem que este mundo é maya, um mundo ilusório. Tilopa diz: "Transitório, fantasmagórico, espectral, visionário é este mundo. Por quê? Porque, entre o sonho e a realidade, não há diferença. Em ambos os casos, estás confinado à tua mente. Vês apenas as figuras; jamais viste a realidade - e nem poderás vê-la, porque a realidade só poderá ser vista quando tu fores real. Se tu és um fenômeno espectral, uma sombra, como podes ver o que é real? A sombra só pode ver a sombra. Poderás ver a realidade apenas quando a mente for abandonada. Através da mente tudo se torna irreal. A mente projeta, cria, dá colorido, interpreta - tudo se forma falso. Daí a ênfase, a contínua ênfase em como abandonar a mente.

Tantra diz: não lutes. Se lutares, poderás continuar tua luta por muitas vidas e nada acontecerá por esse caminho, porque, em primeiro lugar, cometeste um engano - onde viste dois, havia apenas um. E se perderes o primeiro passo, não poderás, sem ele, atingir a meta. Toda a tua passagem será uma contínua perda. O primeiro passo tem de ser dado com absoluta

certeza; de outra maneira jamais atingirás a meta.

E o que é absolutamente certo? Tantra diz que é ver um em dois, ver um em muitos. No momento em que vires um na dualidade, já se terá iniciado a transcendência. Esse é o Caminho Régio.

Agora tentaremos compreender o sutra.

Transcender a dualidade é visão soberana.

Transcender, não vencer - transcender. Essa palavra é muito bela. Que significa transcender?

Observa uma criancinha brincando com seus brinquedos. Tu lhe dizes que os guarde e ela fica zangada. Mesmo quando vai dormir leva seus brinquedos e a mãe tem de removê-los depois de ela adormecer. Pela manhã, a primeira coisa que pergunta é onde estão seus brinquedos e quem os levou dali. Mesmo seu sonho refere-se aos brinquedos. Então, de súbito, um dia, a criança esquece os brinquedos. Durante alguns dias, eles permanecem num canto de seu quarto e, então, são removidos ou deitados fora. Nunca mais ela pergunta onde estão. Que aconteceu? Ela os transcendeu; tornou-se madura. Não foi uma luta e uma vitória; não houve luta contra o desejo de ter brinquedos. Não. De súbito, um dia, ela percebeu que aquilo é infantil, que ela não era mais uma criança. De súbito, compreendeu que brinquedos são brinquedos, não são a vida real; e que ela estava pronta para a vida real. Voltou as costas aos brinquedos. Nunca mais eles apareceram em seus sonhos, nunca mais pensou neles. E, ao ver outras crianças brincando com brinquedos, sorri; sorri, um riso de quem conhece, um riso sábio. Diz: - "É uma criança, ainda infantil, brincando com brinquedos." Ela transcendeu.

A transcendência é um fenômeno muito espontâneo. Não deve ser cultivada. Tu simplesmente amadureces. Vês, simplesmente, o quanto certas coisas são absurdas... e transcendes.

Um jovem aproximou-se de mim, muito preocupado. Tinha uma bela esposa, mas a moça possuía um nariz um tanto comprido. Ele estava preocupado e me perguntou: - "Que fazer?" Mesmo a cirurgia plástica já havia sido tentada, porém o nariz ficara um pouco mais feio, porque nada havia de errado com ele e, quando tentamos melhorar algo que nada tem de errado, esse algo torna-se feio, mais feios; torna-se um transtorno. Agora, o rapaz estava mais perturbado e perguntou-me o que devia fazer.

Falei-lhe sobre os brinquedos, dizendo: - "Um dia terás de transcender. Isso é infantil - por que estás tão obcecado com um nariz? O nariz é apenas uma pequenina parte e tua esposa é bonita, uma pessoa tão bonita - por que a estás entristecendo com essa questão do nariz? Ela também se tornou vulnerável a propósito do nariz. E esse nariz acabou por se fazer todo o problema da vida. E todos os problemas são assim! Não penses que teu problema é algo maior - todos os problemas são iguais ao teu. Todos os problemas são criados pela infantilidade, juvenilidade; nascem da imaturidade.

O jovem estava tão preocupado com o nariz que nem olhava para o rosto da esposa, pois a cada vez que via o nariz, sentia-se perturbado. Realmente, não conseguimos superar tão facilmente certas coisas. Mesmo que não olhes para um rosto por causa do nariz, ainda assim tu te lembrarás desse nariz. Mesmo que tentes fugir, o caso ali está. Estás obcecado. Assim, eu disse a ele que meditasse sobre o nariz da esposa.

Disse ele: - “Quê? Eu nem posso olhar para ele.”

Mas eu retorqui: - “Isso vai ajuda; simplesmente medita sobre o nariz. Antigamente, as pessoas costumavam meditar sobre a ponte de seus próprios narizes; portanto, o que há de errado em meditar sobre a ponta do nariz de tua esposa? Tenta isso!”

Perguntou: - “Mas que virá dessa meditação?”

“Tenta, apenas - disse-lhe eu - e depois de uns tantos meses vem contar-me o que aconteceu. A cada dia, faze com que ela se acomode à tua frente e começa a meditar sobre o nariz dela.”

Um dia ela chegou, correndo para mim e disse: - “Que tolice andei fazendo! De súbito, transcendi. Toda a loucura daquilo se tornou visível - agora já não há problema.”

Ele não estava vitorioso, porque, na verdade, não havia inimigo para ser vencido. Tu não tens inimigos - isso é o que Tantra diz. A vida toda é profundamente amorosa em relação a ti. Não há ninguém para ser destruído, ninguém para ser conquistado; ninguém é inimigo, não há um desafeto para ti. A vida toda te ama. De toda parte o amor flui.

E em teu íntimo, também não há inimigos; os inimigos foram criados pelos sacerdotes, eles criaram um campo de batalha, transformaram-te num campo de batalha. Dizem: - Combate isto, isto é mau! Criaram tantos inimigos, que estás cercado por eles e perdeste o contato com toda a beleza da vida.

Eu te digo: a cólera não é tua inimiga, a ganância não é tua inimiga e nem a compaixão é tua amiga, nem a não-violência é tua amiga - porque, amigos ou inimigos, tu permaneces com a dualidade.

Olha apenas para o todo do teu ser e verás que ele é um. Quando o inimigo se torna amigo e o amigo se torna inimigo, toda a dualidade está rompida. De repente, há a transcendência, de repente há o acordar. E eu te digo que isso é súbito; quando lutas, tens de lutar polegada por polegada, mas aqui não se trata absolutamente de uma luta. Essa é a maneira dos reis - o Caminho Régio.

Tilopa diz: “Transcender a dualidade é visão soberana.” Transcende a dualidade! Observa apenas,

e verás que não há dualidade.

Bodhidharma foi à China, uma das mais raras jóias jamais nascidas. O Rei veio vê-lo e disse: - “Às vezes sinto-me bastante perturbado. Às vezes há muita tensão e muita angústia em mim.”

Bodhidharma fitou-o e disse: - “Vem amanhã cedo, às quatro horas, e traze toda a tua angústia, as ansiedades, as perturbações contigo. Lembra-te, não venhas sozinho - traze todas elas.

O Rei olhou para Bodhidharma - que tinha um aspecto muito estranho, capaz de matar alguém de medo - e disse: - “Que estás dizendo? Que significa o que disseste?”

Bodhidharma disse: - “Se não me trouxeres essas coisas, como poderei pôr-te em bom estado? Traze todas e tudo será acertado.”

O Rei pensou: - “É melhor não ir. Às quatro horas da manhã ainda está escuro e este homem parece meio louco. Com esse grande cajado na mão poderá até bater-me. E que quer ele dizer quando fala em acertar tudo?”

Não pôde dormir a noite inteira, porque a figura de Bodhidharma o perseguia. Pela manhã sentiu que seria melhor ir, “porque, quem sabe? Talvez ele possa fazer alguma coisa.”

Assim, foi, resmungando, hesitante, mas lá chegou. A primeira coisa que Bodhidharma perguntou - e ele estava sentado diante do templo, com o cajado na mão, parecendo ainda mais perigoso no escuro - foi: - “Então, vieste! Onde estão aqueles outros dos quais me falaste?”

O Rei disse: - “Tu falas por enigmas; não há nada que eu pudesse trazer. Eles estão dentro de mim.”

Disse Bodhidharma: - “Muito bem. Dentro e fora, as coisas são coisas. Senta-te, fecha os olhos e tenta procurá-los dentro. Agarra-os imediatamente, avisa-me e olha para o meu cajado. Eu vou acertar com eles!”

O Rei fechou os olhos - nada mais podia fazer -, fechou, pois, os olhos, um tanto amedrontado; olhou para dentro, aqui e ali, observou e, subitamente, tornou-se consciente de que quanto mais olhava nada via - nem ansiedade, nem angústia, nem perturbação. Caiu em profunda meditação. Passaram-se horas, o sol começou a nascer e no rosto dele havia um tremendo silêncio.

Então, Bodhidharma disse-lhe: - “Abre os olhos, agora. Isso já é o bastante! Onde estão aquelas coisas? Pudeste agarrá-las?”

O Rei sorriu, fez uma reverência, tocou os pés de Bodhidharma, e disse: - “Tu realmente as acertaste, porque não as encontrei e, agora, sei o que se passava. Em primeiro lugar, não estavam ali. Pensei que existissem porque nunca entrei dentro de mim mesmo para olhá-las. Estavam ali porque eu não estava presente lá dentro. Agora sei; fizeste o milagre.”

E foi isso o que aconteceu. Isso é transcendência; antes de resolver um problema, verifica, em primeiro lugar, se há mesmo um problema. Primeiro crias o problema e, depois, começas a buscar uma solução. Primeiro crias a pergunta e, depois, dás a volta ao mundo e sei que, se observares a pergunta, ela desaparecerá; não haverá necessidade de uma resposta. Se observares a pergunta, a pergunta desaparecerá - e isso é transcendência. Não é uma solução, já que não existe pergunta alguma para ser respondida. Não estás doente. Observa internamente e não encontrarás a doença: então, que necessidade há de uma solução?

Cada homem é como deve ser. Cada homem nasce como rei. De nada carece,

não precisa melhorar.
E as pessoas que tentam melhorar-te destroem-te; são os verdadeiros fabricantes do mal. E há muitas que permanecem à espreita, como gatos espreitam camundongos: tu te aproximas, elas saltam sobre ti e começa, imediatamente, a melhorar-te. Há muitos melhores, por isso é que o mundo está nesse caos; há gente demais tentando melhorar-te.

Não permitas que ninguém te melhore. Tu já é a última palavra.

Tu não és apenas o alfa, és também o ômega. Tu és completo, perfeito.

Mesmo que te sintas imperfeito, lembra-te de que Tantra diz que a imperfeição é perfeita. Não precisas preocupar-te com isso. Parecerá muito estranho dizer que tua imperfeição é também perfeita, que nada lhe está faltando. Na verdade, pareces imperfeito, não porque sejas imperfeito, mas porque estás fazendo crescer a perfeição. Isso parece absurdo, ilógico, porque pensamos que a perfeição não pode crescer; porque imaginamos a perfeição como aquilo que alcançou o último ponto de crescimento - mas essa perfeição está morta. Se não pode crescer, a perfeição está morta.

Deus continua crescendo, pois não é perfeito dessa forma, a de não precisar crescer. Ele é perfeito porque nada Lhe falta, mas vai de uma perfeição a outra, crescendo sem cessar - Deus é evolução, não da imperfeição, para a perfeição, mas da perfeição para uma maior perfeição, para ainda maior perfeição.

Quando a perfeição não tem futuro, está morta. Quando a perfeição tem um futuro, uma abertura, um crescimento, ainda um movimento, então torna-se parecida à imperfeição. E eu gostaria de dizer-te: sê imperfeito e em crescimento, porque isso é a vida. E não tentes ser perfeito, senão deixarás de crescer. Então serás, como uma estátua de Buda, pedra morta.

Por causa desse fenômeno - a perfeição que continua crescendo - sentes-te imperfeito. Deixa que assim seja. Permite que assim seja. Esse é o Caminho Régio.

Transcender a dualidade é visão soberana;

dominar abstrações é prática régia.

As abstrações existem; tu perderás tua consciência muitas e muitas vezes. Meditas, sentas-te para a meditação, um pensamento surge e, imediatamente, te esqueces de ti mesmo, segues o pensamento, és envolvido por ele. Tantra diz que há apenas uma coisa a ser dominada - a abstração.

Como? Só de uma maneira: quando um pensamento vier, conserva-te testemunha. Encara-o, permite que ele passe pelo teu ser, mas não te prendas de forma alguma a ele, a favor ou contra. Pode ser um mau pensamento, um pensamento voltado para matar alguém - não o repilas, não digas: este é um mau pensamento. No momento em que dizes alguma coisa sobre um

pensamento, tu te ligas a ele e cais na abstração. Aquele pensamento pode levar-te a muitas coisas, de um pensamento a outro. Um bom pensamento vem, um pensamento compassivo; não digas: “Oh! Que lindo! Sou um grande santo. Tão belos pensamentos estão surgindo que eu gostaria de dar salvação ao mundo inteiro. Gostaria de libertar toda a gente.” Não digas isso. Bom ou mau, conserva-te como testemunha.

Mesmo assim, a princípio, muitas vezes te distrairás. Então, que fazer? Se estás absorto, sê absorto. Não te preocupes demais com isso, quando não, essa preocupação se tornará obsessiva. Sê distraído! Por alguns minutos permanecerás absorto e, então, subitamente, recordarás: “estou distraído” e estarás de volta. Não te sintas deprimido. Não dias “não está certo que me distraia”, pois estará novamente criando o dualismo: mau e bom. Distraído? Pois está bem, aceita isso e volta. Mesmo com a distração, não cries um conflito.

Isso é o que Krishnamurti vem dizendo sempre. Usa, para tanto, um conceito paradoxal. Diz que, se estás desatento, deves ser atentamente desatento. Isso é certo! De repente descobres que estiveste desatento, dás atenção a isso e retornas ao ponto de partida. Krishnamurti não tem sido compreendido pelo fato de ele seguir o Caminho Régio. Se ele fosse um iogue, seria muito facilmente entendido. Por isso diz, constantemente, que não há método: no Caminho Régio não há método. Insiste em dizer que não há técnica: no Caminho Régio não há técnica. Insiste em dizer que escritura alguma te ajudará: no Caminho Régio não há escritura.

Absorto? No momento em que recordares, no momento em que prestares atenção e descobrires que estiveste distraído, retorna! Isso é tudo! Não cries conflito algum. Não digas que foi mau, não te sintas deprimido, frustrado, por te haveres novamente abstraído. Nada há de errado com a distração - goza também isso.

Se puderes gozar a abstração, ela te acontecerá cada vez menos. E um dia virá em que não haverá abstração - mas não será uma vitória. Tu não recalcaste os fios da distração de tua mente para a profundeza do inconsciente. Não. Tu permitiste que eles viessem. Também eles são bons.

Esta é a maneira de ser do Tantra, que diz que tudo é bom e sagrado. Mesmo que haja abstração, distração, de certa forma ela é necessária. Podes não ter consciência do porquê dessa necessidade, entretanto ela existe. Se puderes sentir-te bem com tudo o que acontece, só então estarás seguindo o Caminho Régio. Se começas a combater o que quer que seja, é porque saíste do Caminho Régio e te tornaste um soldado comum, um guerreiro.

Compreender a dualidade é visão soberana;

dominar abstrações é prática régia;

a trilha da não-prática é o caminho de todos os Budas.

Nada deve ser praticado, porque a prática cria hábitos. É preciso que nos tornemos mais conscientes, não mais praticantes. O belo acontece através do espontâneo e não através da prática. Podes praticar amor, podes receber treinamento para o amor. Na América, cogita-se de criar alguns cursos de treinamento para o amor, porque as pessoas esqueceram-se, mesmo, de como se ama. É algo realmente estranho! Mesmo os animais, os pássaros e as árvores não

perguntam a ninguém, não vão a colégio algum e amam. E muitas pessoas me procurar...

Há alguns dias apenas, um jovem escreveu-me uma carta. Dizia: - “Eu compreendo; mas como ama? Como proceder? Como me aproximar de uma mulher?” Parece ridículo que tenhamos perdido completamente o caminho desprendido e natural. Nem mesmo o amor não é possível sem treinamento. E, se fores treinado, tornar-te-ás repulsivo, porque, então, tudo o que fizeres será parte do treinamento. Não será verdadeiro; será uma representação. Não será a vida real; será como se se tratasse de atores.

Os atores criam amor, representam cenas amorosas, mas já reparaste que os atores são fracassados no que se refere ao amor? Suas vidas amorosas são, quase sempre, um fracasso. Teoricamente isso não deveria acontecer, porque durante vinte e quatro horas por dia eles praticam o amor. Com tantas mulheres, com tantas histórias, de formas diversas praticam o amor; são amantes profissionais e deveriam ser perfeitos ao apaixonarem-se, mas, quando se apaixonam, tornam-se, quase sempre, fracassados.

As vidas amorosas de atores e atrizes são sempre fracassos. Por quê? É a prática; praticaram demais e, agora, o coração não pode funcionar. Continuam a fazer, simplesmente, gestos mecânicos; beijam, mas sem beijar; só os lábios se juntam. Só os lábios se juntam e não há transferência de energia ali, seus lábios estão fechados, frios. E, se os lábios estão frios, o beijo é repulsivo, anti-higiênico. É, apenas, a transferência de milhões de germes, doenças, células - e só.

O beijo é repulsivo, se a energia interior não está presente. Podes abraçar uma mulher, ou um homem - os ossos se encontram, os corpos se chocam, mas não há transferência da energia interior. A energia não está presente. Apenas te movendo por meio de gestos mecânicos. Podes, mesmo, fazer amor. Podes cumprir todos os gestos do amor, mas isso será mais uma ginástica do que amor.

Lembra-te: a prática mata a vida. A vida é mais viva quando não praticada. Quando ela flui em todas as direções, sem qualquer esquema, sem qualquer disciplina forçada, então encontra sua própria ordem, sua própria disciplina.

A trilha da não-prática é o caminho de todos os Budas;

quem pisa essa trilha alcança o estado de Buda.

Então, o que fazer? Se a não-prática é o caminho, então, o que fazer? Apenas viver espontaneamente. Que medo é esse? Por que estás tão temeroso de viver espontaneamente? Claro que pode haver perigos, riscos - mas isso é bom! A vida não é como um trilho de estrada de ferro, com os trens movendo-se sempre no mesmo trilho, manobrando. A vida é como um rio: cria seu próprio caminho; não é um canal. Um canal não serve; um canal é uma vida de hábitos. O perigo existe, mas o perigo é vida, está envolvido na vida. Só os mortos estão para além do perigo. Por isso é que as pessoas se tornam mortas.

Vossas casas mais se parecem a sepulturas. Estais demasiadamente preocupados com a segurança. E o excesso de preocupação em relação à segurança mata, porque a vida é insegura. Assim é! Nada se pode fazer quanto a isso; ninguém pode tornar a vida segura. Todas as

seguranças são falsas, todas as seguranças são imaginárias. Uma mulher ama-te hoje, amanhã - quem sabe? Como podes estar seguro do amanhã? Poder ir ao tribunal e registrar, firmar um laço legal que diga que ela permanecerá também amanhã como tua esposa. Ela pode permanecer como tua esposa, em virtude do laço legal, mas o amor pode desaparecer. O amor não conhece legalidade. E, quando o amor desaparece, a esposa permanece esposa e o marido permanece marido, então há um clima de morte entre eles.

Por causa da segurança, criamos o casamento. Por causa da segurança, criamos a sociedade. Por causa da segurança, sempre nos movemos no caminho canalizado.

A vida é selvagem. O amor é selvagem.

E Deus é absolutamente selvagem.

Ele jamais entrará nos teus jardins, porque eles são demasiadamente humanos. Ele não irá às tuas casas, pois são demasiadamente pequenas. Ele jamais será encontrado em teus caminhos canalizados. Ele é selvagem.

Lembra-te: Tantra diz que a vida é selvagem. Temos de viver entre todos os perigos, entre todos os riscos - e é belo, porque nisso há aventura. Não tentes fazer da tua vida um esquema fixo; deixa que ela tome seu próprio curso. Aceita tudo, transcende a dualidade através da aceitação, permite que a vida tome seu próprio curso - e chegarás, com toda a certeza chegarás. Este "toda a certeza" eu digo não para tornar-te seguro, mas porque é um fato; eis por que o digo. Não é a tua certeza de segurança. Os que são selvagens sempre a alcançam.

Transitório é este mundo:

Como fantasmas e sonhos, ele não tem substância alguma. Renuncia a ele e abandona teus

iguais,

corta os laços da luxúria e do ódio, e medita em bosques e montanhas.

Se, sem esforço,

permaneceres desprendidamente em estado natural, logo Mahamudra alcançarás

e obterás a não-obtenção, o não-aquisitivo.

Este sutra deve ser muito profundamente entendido, porque é possível que te equivoques. Tem havido muitos equívocos em relação a este sutra de Tilopa. Todos os que o comentaram, diante de mim, perderam o ponto essencial. Há uma razão. Este sutra diz: Transitório é este mundo; este mundo é feito do mesmo material com que são feitos os sonhos. Entre os sonhos e este mundo não há diferença. Caminhando ou adormecido, tu vives num mundo de sonho de tua propriedade. Lembra-te: não há um mundo; há muitos mundos, tantos como há pessoas. Cada

uma delas vive em seu próprio mundo. Às vezes nossos mundos se encontram e se chocam, às vezes se fundem, mas nós permanecemos fechados em nossos próprios mundos.

Transitório é este mundo [criado pela mente],

Como fantasmas e sonhos, ele não tem substância alguma.

Isso é o que os físicos também dizem. Ele não tem substância alguma. A matéria desapareceu completamente do vocabulário dos físicos nestes últimos trinta ou quarenta anos. Há setenta ou setenta e cinco anos atrás, Nietzsche declarou: - "Deus está morto." E disse isso para enfatizar que só a matéria existia - e o século ainda não se havia completado. Exatamente vinte e cinco anos depois da morte de Nietzsche - ele morreu em 1900 -, em 1925, os físicos compreenderam que nada sabemos sobre Deus, mas de uma coisa estamos certos: a matéria está morta. Não há nada de material em torno de nós, tudo não passa de vibrações, vibrações entrecruzadas que criam a ilusão da matéria.

É como no cinema: nada há na tela, apenas luzes elétricas entrecruzando-se e criando um mundo de ilusão. E já há filmes tridimensionais: criam perfeitamente uma ilusão de tridimensionalidade. Exatamente como um filme sobre a tela é o mundo, porque ele é, todo, um fenômeno elétrico; só tu és real, só a testemunha é real, tudo o mais é um sonho. E o estado e Buda surge quando transcendes todos esses sonhos e nada resta para ser visto: apenas o que via está sentado, silencioso. Não há nada, não há objeto a ser visto; apenas o que via restou - então obtiveste o estado de Buda, a realidade.

Transitório é este mundo:

Como fantasmas e sonhos, ele não tem substância alguma. Renuncia a ele e abandona teus

parentes...

Estas palavras: "Renuncia a ele e abandona teus parentes" foram mal entendidas. Houve uma razão para isso; todos os que não as entenderam eram renunciantes e pensaram que Tilopa estava falando daquilo em que acreditavam. Mas Tilopa não podia dizer tal coisa, porque vai contra todas as suas concepções. Se o mundo é como um sonho, que significação tem renunciar a ele? Podes renunciar à realidade, mas não podes renunciar a um sonho - seria tolice demais. Podes renunciar a um mundo substancial, mas não podes renunciar a um mundo fantasma. De manhã, sobe ao topo da tua casa, chama todos os que estão próximos e declara: - "Renunciei aos sonhos! Na noite passada tive sonhos demais e renunciei a eles." Quem te ouvir rirá; todos pensarão que enlouqueceste - ninguém renuncia aos sonhos. Todos acordam, simplesmente; ninguém renuncia aos sonhos.

Um Mestre Zen acordou, certa manhã, e disse a um de seus discípulos: - "Tive um sonho a noite passada. Quer interpretá-lo para mim, dizer-me o que significa?"

O discípulo disse: - "Espera! Deixa-me trazer-te uma xícara de chá."

O Mestre tomou a xícara de chá e perguntou: - “E agora, o sonho?”

Disse o discípulo: - “Esquece-te dele, porque um sonho é um sonho e não precisa de interpretação. Uma xícara de chá é interpretação suficiente - acorda!”

O Mestre falou: - “Certo, absolutamente certo! Se tivesses interpretado meu sonho, eu te expulsaria do meu mosteiro, porque só os tolos interpretam sonhos. Fizeste bem; de outra maneira, terias sido definitivamente expulso e eu nunca mais olharia para tua cara.”

Quando tiveres um sonho, o que precisas é de uma xícara de chá e fim de conversa. Freud, Jung e Adler ficariam muito preocupados se ouvissem essa história, porque desperdiçaram sua vida inteira preocupados se ouvissem essa história, porque desperdiçaram sua vida inteira interpretando sonhos alheios. Um sonho tem que ser transcendido. Simplesmente por saberes que se trata de um sonho, tu o transcendes - isso é a renúncia.

Tilopa tem sido erroneamente interpretado porque há, no mundo, renunciantes demais, condenadores. Pensaram que ele estava dizendo que se renunciasse ao mundo. Não era isso o que ele estava dizendo. Dizia: - “Aprende que ele é transitório; isso é renúncia.” “Renuncia a ele” -
diz Tilopa e quer dizer: aprende que ele é um sonho.

Abandona teus parentes - e pensaram que ele estivesse dizendo: - “Deixa tua família, tuas relações, tua mãe, teu pai, teus filhos.” Não, ele não estava dizendo isso, não podia dizer isso; é impossível que Tilopa diga tal coisa. Não deves pensar que alguém é tua esposa, pois esse “ser meu” é um fantasma, um sonho. Não deves dizer: - “Esta criança é meu filho”, porque esse “ser meu”, esse “meu” é um sonho. Ninguém é teu, ninguém pode ser teu. Renuncia a essas atitudes que dizem que alguém é teu - marido, esposa, amigo, inimigo; renuncia a todas essas atitudes. Não construas pontes: “meu”, “teu” - põe de lado essas palavras.
Se puseres de lado essas palavras, renunciarás aos teus parentes: ninguém é teu. Isso não significa que devas escapar, que devas fugir de tua esposa, porque, se fugiras, mostrarás que pensas que ela é substancial. Fugir sempre mostrará que ainda pensas que ela é tua, caso contrário, por que foges?

Isto aconteceu: um hindu sannyasin, Swami Ramteerth, voltou da América. Estava no Himalaia e sua esposa veio vê-lo, o que o deixou um pouco perturbado. Seu discípulo, pessoa de mente muito penetrante, Sardar Poorn Singh, estava sentado ao lado dele. Observou e sentiu que o Swami ficara perturbado. Quando a esposa se foi, Ramteerth arrancou, subitamente, suas vestes de cor laranja. Poorn indagou: - “Que é isso? Eu estava observando e vi que ficaste um pouco perturbado; senti que não eras tu mesmo.”

O outro respondeu: - “É por isso que estou arrancando estas roupas. Encontrei tantas mulheres e nunca me perturbei. Nada há de especial nessa mulher - a não ser que ela é minha esposa. Esse “minha” ainda está presente. Não sou digno de usar estas roupas. Não renunciai ao “minha”, renunciei apenas à esposa. A esposa não é o problema; nenhuma outra mulher me perturbou, mas chega a minha mulher - mulher comum como qualquer outra - e, de repente, fico perturbado. A ponte ainda está aí.” Morreu vestido com roupas comuns, jamais usou as de cor laranja. Dizia: - “Não sou digno.”

Tilopa não dirá que renuncies à tua esposa, a teu filho, aos teus parentes. Não. Ele está dizendo que renuncies às pontes, que as deixes e isso é um problema teu, nada tem a ver com tua esposa. Se ela continua a pensar em ti como seu marido, é problema dela, não teu. Se o filho

continua a pensar que és seu pai, isso não é problema, ele é uma criança que precisa amadurecer.

Eu te digo: Tilopa se refere à renúncia quanto aos sonhos interiores, às pontes, ao mundo interior.

... e medita em bosques e montanhas.

E, com isso, também não está dizendo que fujas para os bosques e montanhas. Houve quem o interpretasse assim e muitos fugiram de suas esposas e filhos e foram para as montanhas - coisa absolutamente errada. O que Tilopa está dizendo é mais profundo, não é tão superficial, porque podes ir para a montanha e permanecer na praça pública. A questão é a tua mente. Podes sentar-te no Himalaia e pensar na praça pública, em tua esposa, em teus filhos e no que estará acontecendo a eles.

Isto aconteceu: um homem renunciou à sua esposa, filhos família e veio a Tilopa para ser iniciado como seu discípulo. Tilopa estava estagiando num templo fora da cidade. O homem veio. Quando entrou estava sozinho e Tilopa também estava sozinho. Tilopa olhou em torno dele e disse: - "Vieste, está bem, mas por que essa multidão?" O homem também olhou para trás, porque ali não havia ninguém. Tilopa disse: - "Não olhes para trás! Olha para dentro! - a multidão está aí." O homem fechou os olhos e a multidão ali estava: sua esposa chorava ainda, seus filhos estavam chorosos e tristes, tinham permanecido na fronteira da cidade, ponto até onde o haviam acompanhado - amigos, família, outras pessoas, todos estavam ali. E Tilopa disse: - "Vai-te embora; deixa a multidão. Eu inicio pessoas, não multidões."

Não; Tilopa não dirá que renuncies ao mundo e vás para a montanha. Ele não é tão tolo. Não pode dizer isso - é um homem Desperto. O que ele quer dizer é o seguinte: que renuncies aos teus sonhos, às pontes, aos relacionamentos - não às relações; se renuncias à tua mente vais encontrar-te, de repente, nos bosques e nas montanhas. De repente, estás sozinho. Só tu estás ali, mais ninguém.

Podes estar na multidão e sozinho, e podes estar sozinho e na multidão. Podes estar no mundo, e não ser do mundo. Podes estar no mundo, e pertencer aos bosques e montanhas.

Esse é um fenômeno interior. Há bosques e montanhas interiores; Tilopa não pode dizer nada sobre montanhas e bosques externos, porque eles também são sonhos. Um Himalaia é um sonho, tanto como a praça do mercado em Poona, porque um Himalaia é um fenômeno externo, como o é a praça do mercado. Os bosques também são sonhos. Precisas entrar no interior - ali é que a realidade está. Tens que entrar cada vez mais na profundeza de teu ser; então chegarás ao Himalaia verdadeiro, alcançarás os verdadeiros bosques do teu ser, chegarás aos picos e vales do teu ser, às alturas e profundidades do teu ser. Tilopa quer dizer:

Se, sem esforço,

permaneceres desprendidamente em estado natural,

E é esse o significado, porque ele é partido do estado desprendido e natural. Fugir da esposa e dos filhos não é natural, não é, absolutamente, ser desprendido. Um homem que deixa sua esposa, filhos, amigos e o mundo torna-se tenso, não pode ser desprendido. Pelo simples esforço da renúncia, a tensão aparece.

Ser natural quer dizer ficar onde se está. Ser natural, quer dizer: onde te encontrares, fica.
Se és marido, está bem; se és esposa, que belo; se és mão, está certo, tem de ser assim. Aceita o que quer que seja, onde quer que esteja e seja o que for que te aconteça; só então poderás ser desprendido e natural; de outra maneira será impossível que o sejas. Teus chamados monges, sadhus, gente que fugiu ao mundo, são, na verdade, covardes que estão sentados em seus mosteiros; não podem ser desprendidos e naturais, têm de estar tensos; fizeram algo que não é natural; foram contra o fluxo natural.

Sim, para algumas pessoas pode ser natural. Por isso não estou dizendo devas forçar-te a estar na praça do mercado, porque, então, irás para o outro extremo e farás, novamente, a mesma tolice. Para algumas pessoas é inteiramente natural estar num mosteiro; então, têm de estar num mosteiro. Para algumas pessoas pode ser inteiramente natural ir para as montanhas e elas são para as montanhas. O que deve ser lembrado, como critério, é ser desprendido e natural. Se és natural no mercado, ótimo. O mercado também é Divino. Se te sentes desprendido e natural no Himalaia, ótimo. Nada há de errado nisso. Lembra-te apenas de uma coisa: sê desprendido e natural. Não forces! E não queiras criar tensão dentro do teu ser. Relaxa.

... logo Mahamudra alcançarás...

Permanecendo desprendido e natural, logo chegarás ao clímax orgástico com a Existência.

... e obterás a não-obtenção.

E alcançarás aquilo que não pode ser alcançado. Por quê? Por que dizer que isso não pode ser alcançado? Porque não pode ser transformado num objetivo. Não pode ser alcançado pela mente orientada para um objetivo. Não pode ser alcançado pela mente atingidora.

Há muitas pessoas aqui que seguem a linha da mente atingidora. Estão tensas, porque fizeram meta do que não pode ser feito meta. Isso te acontece! - e não o podes alcançar. Não o podes alcançar - ele é que vem ter contigo. Só podes ser passivo, desprendido e natural e esperar pelo tempo exato, porque tudo tem sua estação apropriada. Por que tens pressa? Se estás apressado, ficas tenso e em constante expectativa.

Por isso é que Tilopa diz: ... e obterás a não-obtenção. Não é meta. Não pode ser transformado em alvo aquilo que desejas obter; não podes dirigir-te a ele como uma flecha, não. A mente, apontada para um alvo, é uma mente tensa.

De súbito chega, quando estiveres pronto;

nem mesmo os passos serão ouvidos. De súbito chega.

Nem mesmo tens consciência de que está chegando. Floresceu.

De súbito, vês o florescimento e ficas repleto de fragrância.

A escolha é servidão, a não-escolha é liberdade. No momento em que escolhes algo, cais na armadilha do mundo.
Se podes resistir à tentação de escolher,
se podes permanecer conscientemente sem escolha,
a armadilha desaparece por si mesma, Porque, quando não escolhes,
não ajudas a presença da armadilha -
a armadilha também é criada pela tua escolha.

VIII. Corta a raiz

A palavra “escolha” tem de ser muito profundamente compreendida, porque só através dessa compreensão é que a não-escolha poderá florescer em ti.

Por que não podes permanecer sem escolher? Por que, no momento em que vês uma pessoa ou uma coisa, uma onda sutil de escolha imediatamente penetra em ti, mesmo que não estejas consciente de que escolheste? Uma mulher passa e dizes que ela é bonita. Nada está dizendo sobre a tua escolha, mas escolheste, porque dizer, de uma pessoa, que ela é bonita, significa: eu gostaria de escolhê-la. Na verdade, bem no fundo, escolheste; já caíste na armadilha. A semente caiu no solo, depressa virão os brotos e nascerá uma planta, uma árvore.

No momento em que dizes “este carro é bonito”, escolhes. Podes não ter a menor consciência de que escolheste, de que gostaria de possuir aquele carro, mas a fantasia entrou na sua mente e um desejo apareceu. Quando dizes que algo é belo, queres dizer que gostarias de tê-lo. Quando dizes que algo é feio, queres dizer que não gostaria de tê-lo.

A escolha é sutil e é preciso estar minuciosamente consciente quanto a ela. Sempre que disseres algo, lembra-te disto: dizer não é só dizer, um simples dizer, pois algo acontece no teu inconsciente. Não faças a distinção: isto é belo, aquilo é feio, isto é bom, aquilo é mau. Não faças distinções. Conserva-te distante! As coisas não são boas, nem más. A qualidade de bondade ou maldade foi introduzida por ti. As coisas não são bonitas, nem feias; são, simplesmente, como são. A qualidade de ser bonito ou feio foi introduzida por ti; é interpretação tua.

Que querer dizer quando dizer que algo é bonito? Há algum critério para a beleza? Podes provar que algo é belo? Alguém a teu lado pode estar pensando: - “Isto é feio!” - portanto, não há nada de objetivo; ninguém pode provar que coisa alguma seja bela. Milhares e milhares de livros foram escritos sobre estética; definir o que é a beleza foi uma longa e árdua jornada para intelectuais, pensadores e filósofos - não obstante, não o conseguiram. Escreveram grandes livros, grandes tratados, andaram à volta do caso inúmeras vezes, mas ninguém foi capaz de apontar exatamente a definição de beleza. Não, isso parece impossível, porque nada existe a que se possa chamar beleza ou fealdade; tudo isso é interpretação.

Primeiro, achas uma coisa bela. Por isso é que te digo que primeiro crias a armadilha e, então, cais nela. Primeiro, pensas que um rosto é belo - mas isso é tua criação, imaginação, é tua mente interpretando; isso não existe, é apenas psicológico - e, então, cais na armadilha. Cavas o buraco, tombas nele e, depois, gritas, pedindo socorro; gritas para que alguém venha salvar-te.

Nada é necessário - diz Tantra. Observa, simplesmente, teu próprio estratagema - é tua própria criação.

Que queres dizer ao afirmar que algo é feio? Se o homem não estiver na Terra haverá, aqui, fealdade e beleza? As árvores aí estarão e florescerão; as chuvas cairão naturalmente, o verão e as demais estações seguir-se-ão umas às outras - mas não haverá fealdade ou beleza; tais coisas desaparecerão com o homem e sua mente. O sol nascerá, o céu ficará cheio de estrelas à noite, mas nada será belo, nada será feio. Tudo não passava de rumores criados pelo homem. E se ele não mais estivesse ali, as interpretações desapareceriam. Que seria bom e que seria mau?

Na natureza, nada é bom e nada é mau. E lembra-te: Tantra é a forma desprendida e

natural. Quer levar-te ao mais profundo fenômeno natural da vida. Quer ajudar-te a sair da mente, porque a mente cria distinções, diz que isto deve ser escolhido e aquilo deve ser evitado. Àquilo deves apegar-te, e daquele outro deves fugir, evitando-o. Observa todo o fenômeno. Basta que lances um olhar, nada mais é necessário; apenas um olhar para toda a situação.

A lua é bela. Por quê? Porque durante séculos tens sido doutrinado no sentido de que a lua é bela. Durante séculos, os poetas têm cantado a lua, durante séculos as pessoas têm acreditado nisso e, agora, essa idéia está enraizada. É verdade que certas coisas acontecem a propósito da lua: ela nos acalma; sentimo-nos tranqüilos ao fitá-la, e sua luz enche toda a natureza de um aroma misterioso, uma espécie de hipnose; sentimo-nos um tanto sonolentos, contudo acordados, e as coisas parecem mais belas. A lua empresta uma certa qualidade de sonho ao mundo e, por isso, chamamos lunáticos aos doidos. A palavra lunático vem da palavra luna, lua. Enlouqueceram; foram feridos pela lua.

A lua cria uma espécie de alienação, uma espécie de loucura, uma neurose. Isso pode estar relacionado com a água que temos no corpo, tal como o mar é afetado pela lua e forma as marés. Nosso corpo tem noventa por centro de água do mar. Se perguntares aos fisiologistas, eles dirão que nosso corpo é, de alguma maneira, afetado pela lua, porque ele permanece como uma parte do mar. Quando todo o mar é afetado, naturalmente, os animais marinhos são afetados pela lua, já que são parte do mar; e o homem também veio do mar. Para muito, muito longe ele viajou, mas não faz diferença; o corpo ainda reage da mesma maneira. E noventa por cento do nosso corpo é água; não só água, mas água do mar, com a mesma química e a mesma salinidade.

No útero, a criança nada durante nove meses; flutua em água do mar - o útero da mãe está cheio de água do mar. Por isso é que as mulheres, engravidando, começam a comer com maior dose de sal. Mais sal é necessário ao seu útero, para manter o equilíbrio de salinidade. E a criança passa por todas as fases pelas quais a Humanidade passou. No início ela é como um peixe, move-se no oceano do útero materno, flutua. Aos poucos, durante nove meses, passa por milhões de anos. Os fisiologistas chegaram à conclusão de que ela passa por todos os estágios da vida em nove meses.

Pode ser assim; pode ser que a lua nos afete, mas não há nisso nada concernente à beleza - trata-se apenas de um fenômeno químico.

Consideras certos olhos bonitos. Por quê? Aqueles olhos podem ter uma qualidade, uma qualidade química ou elétrica; podem estar liberando alguma energia - e tu te sentes impressionado por eles. Diz-se que certos olhos são hipnóticos, como os olhos de Adolf Hitler. No momento em que certos olhos te ficam, algo acontece em ti e dizes que tais olhos são muito belos. Que queres dizer quando falas em beleza? Estás sendo impressionado.

Na verdade, quando dizes que alguma coisa é bela, estás dizendo que foste impressionado por ela de uma forma agradável, isso é tudo. Quando dizes que alguma coisa é feia, estás dizendo que foste impressionado em sentido contrário. És repelido, ou atraído. Quando és atraído, é belo; quando és repelido, é feio. Mas és tu, e não o objeto, porque o mesmo objeto pode atrair outra pessoa.

Isso acontece todos os dias; gente sempre espantada a propósito de outras pessoas. Dizem:

- “Aquele homem apaixonou-se por aquela mulher, é espantoso!” Ninguém quer acreditar que tal coisa possa suceder, pois aquela mulher é feia. Mas, para aquele homem, aquela mulher é a própria encarnação da beleza. Que fazer? Não pode haver critérios objetivos; não há nenhum.

Tantra diz que deves te lembrar de que, sempre que escolhes alguma coisa, sempre que decides ser a favor disto, ou contra aquilo, trata-se de tua mente pregando peças. Não digas que algo é belo! Dize, simplesmente: “Estou impressionado de uma forma agradável”, assim a base permanece sendo “eu”. Se transferires o fenômeno todo para o objeto, então teu caso nunca poderá ser resolvido, porque perdeste o primeiro passo, perdeste a raiz. A raiz és tu, de forma que, se és afetado, significa que tua mente é, de certa forma, afetada. E, assim sendo, essa impressão, essa impressionabilidade cria a armadilha e tu começas a agir.

Primeiro, criar um belo homem, depois começas a caça e corres atrás dele. E, depois de viver alguns dias com um belo homem - ou com uma bela mulher -, todas as fantasias caem por terra. De repente, tu te tornas consciente, como se tivesses sido iludido, de que aquela mulher parece comum. Pensaste que se tratava de uma Laila ou de uma Julieta, ou pensaste que se tratava de um Manju ou de um Romeu e, de repente, depois de alguns dias, os sonhos se evaporaram, a mulher tornou-se comum, o homem tornou-se comum. Então, sentes-te aborrecido, como se o outro te houvesse iludido.

Ninguém te iludiu e nada mudou no homem ou na mulher; tua fantasia é que desvaneceu-se - porque fantasias não duram muito tempo. Podes sonhar com elas, mas não podes mantê-las longamente. Fantasias são fantasias! Assim, se realmente desejas continuar com a tua fantasia, sempre que vires uma mulher bonita, foge, imediatamente, para o mais longe que puderes. Então, poderás recordá-la, sempre, como a mais bela mulher deste mundo. Então, a fantasia jamais se tornará realidade. Então, não haverá despedaçamento. Tu sempre suspirarás, chorarás, cantarás, pela bela mulher - mas nunca te aproximes dela!

Quanto mais próximo chegares, maior a realidade, mais a realidade objetiva se revelará. E, quando há um choque entre a realidade objetiva e tua fantasia, sabes, naturalmente, qual delas será derrotada - a tua fantasia. A realidade objetiva nunca é derrotada.

Essa é a situação. E Tantra diz que te faças consciente: ninguém te está enganando, a não ser tu mesmo. A mulher não está tentando ser bonita, não está criando a fantasia ao redor dela; tu criaste a fantasia ao redor dela, acreditaste e, agora, estás perdido, sem saber o que fazer - porque a fantasia não perdura face à realidade. Um sonho tem de ser interrompido - esse é o critério.

Os hindus, no Oriente, estabeleceram um critério para a verdade: dizem que verdade é aquilo que dura para sempre, para sempre, para sempre; e inverdade é aquilo que dura apenas um momento. Não há outra distinção. O momentâneo é a inverdade; o duradouro é a verdade. A vida é duradoura, a existência é duradoura. A mente é momentânea; portanto, seja o que for que a mente dê à vida, será apenas um colorido, uma interpretação. Quando a interpretação está completa, a mente se modifica. Não podes manter uma interpretação, porque a mente não pode ser mantida, por dois momentos consecutivos, numa mesma situação e num mesmo estado. A mente está sempre se modificando; a mente é um fluxo. Já se modificou, no momento mesmo em que sentes que aquele homem é bonito - a mente já se modificou. Agora, estás te apaixonando por algo que já não está ali, nem mesmo em tua mente.

Tantra diz: compreende o mecanismo da mente e corta-o pela raiz. Não escolhas, porque, quando escolhes, te identificas. Seja o que for que escolhas, de certa forma, te unirás ao objeto de tua escolha.

Se gostas de um carro, de certa forma, tu te unes a ele. Aproximas-te dele cada vez mais e, se for roubado, algo do teu ser será também roubado. Se algo de errado acontece ao teu carro, algo de errado acontece contigo. Se te apaixonares por uma casa, passas a estar unido àquela casa. Amor significa identificação, aproximação, como quando colocas duas velas de cera juntas, próximas, mais próximas, mais próximas, muito, muito próximas - e elas se tornam uma. Por causa do calor, da chama acesa, aos poucos elas se tornam uma. Isso é identificação. Duas chamas se aproximando, e mais, e mais, tornando-se uma.

E, quando te identificas com alguma coisa, perdes tua alma. Essa é a significação de perderes tua alma no mundo: te tornaste identificado com milhões de coisas e, uma parte de ti tornou-se a própria coisa.
A escolha traz identificação.

A identificação traz um estado de sono hipnótico.

Gurdjieff tem uma única coisa a ensinar aos seus discípulos: não se tornarem identificados. Toda a sua escola, todas as suas técnicas, métodos, situações, estão assentados numa só base: não te identifiques.

Se choras, identificas-te com o choro. Não há ninguém observando, não há ninguém vendo isso; fica alerta e consciente: estás perdido no choro. Agora tu próprio és as lágrimas, os olhos inchados e vermelhos e teu coração está em crise. Professores como Gurdjieff, quando dizem que não te tornes identificado, dizem: - “Chora, nada há de errado nisso, mas fica de lado e observa - não te identifiques.” E será uma experiência maravilhosa, se puderes ficar de lado. Chora, deixa o corpo chorar, deixa as lágrimas fluírem, não as suprimas, porque a supressão não ajuda ninguém; mas fica de lado e observa.

Isso pode ser conseguido, porque teu ser íntimo é uma testemunha; nunca é ele que está agindo. Sempre que pensas que ele é o dono da ação, te identificas. Ele jamais é o dono da ação. Andas por toda a terra, mas teu ser íntimo não dá um só passo. Podes sonhar milhões de sonhos, mas teu ser íntimo jamais terá qualquer sonho. Todos os movimentos são superficiais. Bem na profundidade de teu ser não há movimentos. Todos os movimentos permanecem na periferia, tal como uma roda que se move, sem que em seu centro algo se mova. O centro mantém-se tal como é e, ao redor do centro, a roda se move.

Lembra-te do centro! Observa teu comportamento, tuas ações, tuas identificações, e uma distância será criada; aos poucos passa a existir uma distância - o observador e aquele que age tornam-se dois. Podes ver a ti mesmo rindo, podes ver-te chorando, podes ver-te caminhando, comendo, fazendo amor; podes agir de mil maneiras, tudo pode se movimentar - mas tu permaneces como observador. Não saltes para te tornares um com o que quer que estejas vendo.

Essa é a dificuldade. Quando algo acontece, começas a dizer: “estou com fome”, e te identificas com a fome. Mas, olha bem para dentro: tu és a fome, ou é a fome que te está acontecendo? Tu és a fome, ou estás apenas consciente de que a fome está acontecendo em teu corpo? Não podes ser a fome, pois, se o fosses, quando a fome desaparecesse, onde estarias?

Depois de comeres bem, o ventre repleto e tu saciado, onde estarias se fosses a fome? Evaporado? Não, tu te tornas, imediatamente, a saciedade. Antes que a fome desapareça, surge uma nova identificação e passas a ser a saciedade.

Foste uma criança e sabias que eras uma criança: agora, onde estás, já que não és mais uma criança? Ficaste jovem, ou ficaste velho - quem és tu, agora? Estás, de novo, identificado com a juventude, ou com a velhice.

O mais íntimo ser é apenas um espelho. Ponha-se qualquer coisa diante dele, e ele a refletirá; ele se torna uma testemunha apenas. A doença ou a saúde, a fome ou a saciedade, o verão ou o inverno, a infância ou a velhice, o nascimento ou a morte - qualquer coisa que aconteça acontece diante do espelho; jamais acontece ao espelho.

Isso é a não-identificação, isso é cortar a raiz, a própria raiz - tornar-se um espelho. Para mim isso é sannyas: tornar-se como um espelho. Não te faças uma sensível chapa fotográfica, isso é identificação. Seja o que for que se coloque diante da câmera, a chapa fotográfica imediatamente recebe, identifica-se com o objeto. Torna-te um espelho. As coisas vêm, passam e o espelho permanece vazio, desocupado, vago.

Isso é o não-eu de Tilopa. O espelho não tem eu com que se identifique. Reflete, simplesmente; não reage, simplesmente responde. Não diz: - "Isto é belo, aquilo é feio." Uma mulher feia coloca-se diante dele, e o espelho fica tão feliz como quando uma mulher bonita está diante dele. Não faz distinções. Reflete, seja o que for, mas não o interpreta. Não diz: "Vai-te daqui, tu me perturbas muito", ou "chega mais para perto, és tão bela." O espelho nada diz. O espelho simplesmente observa, sem fazer nenhuma distinção, amigo ou inimigo. O espelho não tem distinções a fazer.

Quando alguém passa e afasta-se do espelho, ele não se agarra a esse alguém. O espelho não tem passado. Tu passaste e o espelho não irá apegar-se nem um pouco ao teu fantasma. O espelho não se apegará à tua sombra por tempo algum. Não tentará reter o reflexo do que aconteceu diante dele. Não. Tu passaste, o reflexo se foi; nem por um só segundo o espelho busca reter-te. Essa é a mente de um Buda. Estás diante dele, e ele fica repleto de ti. Tu te vais, foste. Nem uma só lembrança fulgura. Um espelho não tem passado, e também um Buda não o tem. Um espelho não tem futuro, um Buda também não o tem. Um espelho não espera: - "Agora, quem vai chegar diante de mim? A quem refletirei? Gostaria que fosse tal e tal pessoa e não tal outra pessoa." O espelho não escolhe, permanece sem escolha.

Tenta esconder a metáfora do espelho, porque é a situação real da nossa consciência interior. Não te identifiques com as coisas que acontecem em torno de ti. Permanece centralizado e enraizado em teu ser. As coisas acontecem e continuarão a acontecer, e, se tu puderes centralizar-te em teu espelho-consciência, nada será igual - tudo se transformará. Permaneces virgem, inocente, puro. Nada pode se tornar impureza em ti, absolutamente nada, porque nada reténs. Tu refletes. Por um momento alguém ali está, mas, então, se vai. Teu vácuo permanece intocado.

Mesmo quando um espelho está refletindo alguém, nada está acontecendo ao espelho.

O espelho não se modifica de forma alguma;

o espelho permanece o mesmo. Isso é cortar a própria raiz.

Há dois tipos de pessoas. Uma que está sempre lutando contra os sintomas e continua lutando, não contra a causa-raiz, mas apenas contra os sintomas da doença. Por exemplo, tens uma febre de quarenta graus. Podes fazer uma coisa: tomar um banho de chuveiro, um banho frio: isso esfriará teu corpo e baixará a febre - mas estás lutando contra o sintoma, porque a temperatura não é a doença. A temperatura é, simplesmente, a indicação de que algo de errado está acontecendo ao teu corpo. O corpo está agitado, por isso é que a temperatura subiu; o corpo está em crise, algo parecido a uma guerra está se passando no corpo; algum germe está lutando com outros germes, por isso é que a temperatura subiu. Sentes o calor - o calor não é o problema, o calor é apenas um sintoma. Esse calor é muito, muito teu amigo, porque mostra apenas que deves fazer alguma coisa, que dentro existe uma crise. E, se tratares apenas dos sintomas, matarás o doente. Pôr gelo em sua cabeça não adiantará. Dar-lhe um banho de chuveiro não adiantará. Isso será destrutivo, porque trará uma frescura falsa, de superfície. Como, só por dar-lhe um banho frio, esperas que a inquietação interior, a luta interna entre os germes cesse? Ela continuará e acabará por matar-te.

O tolo está sempre tratando dos sintomas. O homem sensato procura a causa, a raiz. Não tenta refrescar o corpo; tenta modificar a causa-raiz, a razão de estar o corpo se tornando quente. E, quando a raiz é modificada, a causa é modificada, a temperatura desce por si mesma.
A temperatura não é o problema. Mas, na vida, há mais tolos do que sensatos. Na medicina nós nos tornamos mais sensatos, mas na vida ainda não.

Na vida continuamos a fazer coisas tolas. Se estás zangado começas a brigar, encolerizado.
A cólera nada mais é do que uma temperatura, uma febre. Se estás realmente zangado, teu corpo torna-se quente, mas isso mostra apenas que, na corrente de teu sangue, alguns elementos químicos foram liberados. Também não está aí a raiz. Esses elementos químicos foram liberados por uma certa razão: porque criaste uma situação na qual a briga ou a fuga se fazem necessárias.

Quando um animal se vê em situação de perigo, tem duas escolhas: uma é brigar e a outra é escapar. Em ambas as escolhas, certos elementos são necessários ao sangue, porque, quando brigas, precisas de mais energia do que habitualmente. Quando brigas, precisas de mais sangue em circulação do que de costume. Quando brigas, precisas de fontes de emergência de energia para funcionar - o corpo tem fontes de emergência de energia. Reúne venenos, hormônios, muitos outros elementos nas glândulas e, quando chega a ocasião e a necessidade se apresenta, ele os libera na corrente sanguínea.

Por isso é que, quando estás zangado, tornas-te três vezes mais forte do que de costume. Quando te encolerizas, consegues fazer coisas que nunca consegues comumente: podes atirar uma pedra grande, que, em outras ocasiões, não conseguirias sequer soerguer. Na briga isso é necessário - e a natureza provê. Se tens que escapar e fugir, então também precisarás de energia, porque o inimigo te irá ao teu encalço, quererá alcançar-te.

O homem criou uma civilização, uma sociedade, uma cultura, onde situações animalescas não se fazem presentes, mas, no fundo, o mecanismo se conserva o mesmo. Sempre que estás numa situação em que sentes que alguém te agredirá, que alguém vai bater-te, insultar-te, fazer-te algum mal, imediatamente o corpo enfrenta a situação: libera venenos na corrente do sangue, tua temperatura se eleva, teus olhos ficam vermelhos, teu rosto enche-se de mais sangue -

estás pronto para a fuga, ou para a briga.

Isso também não é o principal, já que se trata apenas de um auxílio dado pelo corpo. Cólera no rosto, cólera no corpo não são coisas reais; apenas seguem tua mente, acompanham a tua interpretação. Passas por uma rua deserta numa noite escura, vês um poste com uma lâmpada e pensas que é um fantasma - imediatamente o corpo liberta elementos na corrente sanguínea; o corpo está preparando a briga com o fantasma, ou a fuga. Tua mente interpretou o poste com a lâmpada como um fantasma e, imediatamente, o corpo seguiu-te. Pensas que alguém é teu inimigo, o corpo segue-te. Pensas que alguém é teu amigo, o corpo segue-te.

A causa-raiz está, portanto, na mente, na tua interpretação. Buda diz: - "Pensa que a terra inteira é tua amiga." Por quê? Jesus diz: - "Perdoa mesmo a teus inimigos." Não só isso, mas: - "Ama até mesmo teus inimigos." Por quê? Buda e Jesus estão tentando mudar a tua interpretação. Mas Tilopa ainda vai mais longe. Ele diz que, mesmo quando pensas que todos são amigos, continuas a pensar em termos de amizade e inimizade. Mesmo que ames teu inimigo, pensas que ele é teu inimigo. Amas porque Jesus assim disse. Estarás, naturalmente, em melhor situação do que aquele que odeia o inimigo, menos cólera haverá em ti. Mas Tilopa diz que pensar que alguém é inimigo, pensar que alguém é amigo é dividir - e já caíste na armadilha. Ninguém é amigo, ninguém é inimigo. Esse é o mais alto ensinamento.

Às vezes, Tilopa ultrapassa mesmo Buda e Jesus. Talvez pelo fato de Buda estar falando às massas e Tilopa estar falando a Naropa. Quando falas com um discípulo muito desenvolvido, podes trazer o mais alto para um nível mais baixo. Quando fala às massas, tens de fazer uma acomodação. Estive falando às massas, continuamente, durante quinze anos, e então, gradualmente, senti que precisava desistir disso. Estive falando a milhares de pessoas. Mas quando falas com vinte mil pessoas, tens que fazer uma acomodação, tens que descer; de outra forma será impossível que elas te entendam. Vendo isso, desisti. Agora, gosto de falar apenas a Naropas. E tu podes não ter consciência disso, mas, mesmo que uma única pessoa nova venha até aqui, e que eu não tenha consciência de que ela se acha aqui, ela modifica toda a atmosfera. Ela te traz para baixo e, de repente, sinto que fiz uma acomodação.

Quanto mais alto sobes, mais alta é a tua energia e mais alto o ensinamento que te pode ser oferecido. E chega o momento em que Naropa se torna perfeito - Tilopa permanece silencioso. Então, não há necessidade de dizer nada, porque mesmo o falar se torna uma acomodação. Então, o silêncio é suficiente, o silêncio é o bastante; então, o sentarem-se juntos é o bastante. Então, o Mestre senta-se com o discípulo, nada fazem, apenas se conservam juntos - e, só então, a mais alta cintilação acontece.

Assim, depende dos discípulos. Depende de ti, do quanto me permitas dar-te. Não é apenas para tua própria compreensão, naturalmente, mas dependerá de ti o quanto eu possa trazer à terra, porque isso terá de vir através de ti.

Jesus teve discípulos muito comuns, porque estava iniciando algo e teve de fazer acomodações - com coisas tolas. Jesus foi apanhado na mesma noite em que os discípulos lhe perguntaram: - "Mestre, dize-nos: no Reino de Deus estarás, naturalmente, sentado à direita de Deus, ao lado direito do trono - mas nós, que somos doze, qual será a nossa situação hierárquica? Onde nos sentaremos? Quem estará a teu lado? E a seguir?" Jesus estava para morrer e os tolos discípulos estavam lhe fazendo uma pergunta absurda, preocupados com a hierarquia existente no Reino de Deus, com quem estaria perto de Jesus. Naturalmente, Jesus estará ao lado de Deus, isso eles podiam ver; mas, então, quem estaria ao lado de Jesus?

Egos tolos. E Jesus teve de fazer acomodações com essa gente. Por isso é que os

ensinamentos de Jesus não puderam chegar à altura onde Buda chegou facilmente. Buda não estava falando com tolos, nunca, em sua vida, alguém lhe fez uma pergunta tola. Mas nada se compara a Tilopa.

Tilopa nunca falou às massas. Procurou um só homem, uma só alma desenvolvida, Naropa, e disse: - "Por tua causa, Naropa, eu direi coisas que não podem ser ditas; por tua causa e por causa da tua confiança, tenho de fazer isso." Por isso o ensinamento foi dado, levantou vôo para o mais distante recanto do céu.

Agora, tenta entender o sutra:

Corta a raiz de uma árvore, e as folhas murcharão;

corta a raiz da tua mente, samsara tomba.

A luz de qualquer lâmpada dissipa, num momento, as trevas de longos kalpas [longas eras, milênios];

a luz forte da mente, num simples lampejo, queimará o véu da ignorância.

Corta a raiz de uma árvore, e as folhas murcharão. Contudo, as pessoas costumam tentar o corte das folhas. Essa não é a maneira; assim a raiz não pode murchar. Pelo contrário, se cortas as folhas, mais folhas virão à árvore; se cortas uma folha, três folhas virão, porque, com o corte das folhas, as raízes tornam-se mais ativas, a fim de proteger a árvore. Por isso, todo jardineiro sabe como tornar uma árvore densa e espessa - é só podá-la. Ela se tornará cada vez mais espessa, espessa, espessa, porque lançaste um desafio às raízes: cortas uma folha e as raízes enviarão três para proteger o corpo da árvore, porque as folhas são a superfície do corpo das árvores.

As folhas não existem para teu prazer, para que as contemples e te sentes à sua sombra; não; as folhas são a superfície do corpo da árvore. Através das folhas, a árvore absorve os raios do sol, através das folhas a árvore libera vapor, através das folhas a árvore entra em contato com o cosmos. As folhas são a pele da árvore. Cortas uma folha, e as raízes aceitam o desafio: mandam três para substituí-la, tornam-se mais alertas, não podem permanecer adormecidas. Alguém está tentando destruir a árvore e elas têm de protegê-la - o mesmo acontece em relação à vida, porque a vida também é uma árvore.

Possui raízes e folhas. Se cortas a cólera, três folhas virão substituí-la e ficarás três vezes mais colérico. Se cortas o sexo, ficarás anormalmente obcecado pelo sexo. Corta qualquer coisa e observa como aquilo vai te acontecer três vezes mais. E a mente dirá: - "Corta mais, não foi o bastante!" Então, cortarás mais e mais terás por esses cortes - cairás em um círculo vicioso. E a mente continuará a dizer: - "Corta mais, ainda não foi o bastante." Por isso é que tantas folhas estão aparecendo. Podes cortar todos os ramos, mas não fará diferença, porque a árvore existe na raiz, não nas folhas.

Tantra diz para não tentares cortar as folhas - cólera, ganância, sexo, não te preocupes com eles, é tolice. Procura a raiz e corta a raiz - a árvore murchará por si mesma, espontaneamente.

As folhas desaparecerão, os ramos desaparecerão, simplesmente porque cortaste a raiz.

A identificação é a raiz e tudo o mais nada é senão folhas. Estar identificado com a ganância, estar identificado com a cólera, estar identificado com o sexo - isso é a raiz. E lembra-te: tanto faz estares identificado com a ganância, ou com o sexo, ou mesmo com a meditação. Amor, Moksha, ou Deus, não faz diferença; é a mesma identificação. Estar identificado é a raiz; tudo o mais não passa de folhas. Não cortes as folhas, deixa-as, nada há de errado com elas.

Por isso é que Tantra não acredita em melhorar o teu caráter. Melhorar teu caráter é apenas dar-te uma boa forma - se podares uma árvore, ela poderá tomar a forma que lhe quiseres dar, mas permanecerá a mesma. O caráter é apenas a forma externa - ele pode mudar, mas tu permaneces o mesmo, não acontece a transmutação. Tantra vai mais ao fundo, e diz: - "Corta a raiz!" Por isso é que Tantra se vê tão mal compreendido - porque Tantra diz: - "Se és ganancioso, sê ganancioso; não te incomodes com a ganância. Se és sexual, sê sexual, não te incomodes absolutamente com isso." A sociedade não pode tolerar um ensinamento assim. - "Que esta gente está dizendo? Vão criar o caos. Destruirão toda a ordem." Mas não entenderam que só Tantra pode modificar a sociedade, o homem, a mente - nada mais o pode; que só Tantra trará a verdadeira ordem, a ordem natural, um florescimento natural da disciplina interior, nada mais do que isso. Mas esse é um processo muito profundo - precisas cortar a raiz.

Observa a ganância, observa o sexo, observa a cólera; a dominação, o ciúme. Uma coisa deve ser lembrada: não te identifiques; simplesmente observa, torna-te um espectador. Gradualmente, a qualidade de testemunha cresce e passas a ser capaz de notar todas as nuances da ganância. São muito sutis. Passas a ser capaz de ver o quanto são sutis as funções do ego, como são sutis suas formas. Não é uma coisa grosseira. É muito sutil e delicada e profundamente oculta.

Quanto mais observares, mais teus olhos se farão capazes de ver, mais perceptivos se tornarão e, quanto mais vires, mais profundamente caminharás e maior distância se estabelecerá entre ti e aquilo que fazes. A distância ajuda porque, sem distância, não pode haver percepção. Como podes distinguir uma coisa que está demasiado próxima? Se estiveres muito próximo a um espelho, não poderás ver teu reflexo. Se teus olhos estiverem tocando o espelho, como poderás ver? Uma distância é necessária. E nada pode dar-te distância, a não ser o testemunho. Tenta e verás.

Dirige-te ao sexo; nada haverá de errado nisso, desde que permaneças um observador. Observa todos os movimentos do corpo, observa a energia fluindo para dentro e para fora, observa como a energia vai descendo, observa o orgasmo, o que acontece durante o orgasmo, como os dois corpos se movem ritmadamente, observa as batidas do coração - cada vez mais rápidas - e o momento em que parecem enlouquecidas. Observa o calor do corpo, o sangue circulando mais. Observa a respiração, que se faz louca e caótica. Observa o momento em que tua vontade extravasa seus próprios limites e tudo se torna involuntário. Observa o momento em que poderias ter voltado, mas para além do qual não há retorno. O corpo se torna tão automático para além do qual não há retorno. O corpo se torna tão automático que qualquer controle é impossível. Exatamente no instante anterior à ejaculação, tu perdes o controle, o corpo domina.

Observa o processo voluntário e o processo não-voluntário. O momento em que tens o controle e poderias voltar - o retorno era possível -, e o momento em que não podes voltar, o retorno tornou-se impossível - agora o corpo dominou completamente, perdeste o controle. Observa tudo; e há milhões de coisas a observar. Tudo é tão complexo e nada é mais complexo

do que o sexo, porque ele envolve o corpo e a mente - só a testemunha não se envolve; só uma coisa permanece sempre de fora.

A testemunha é um estranho. Por sua própria natureza, a testemunha nunca pode tornar-se alguém que está de dentro. Procura essa testemunha e, então põe-te no topo da colina: tudo se passa no vale, sem que tenhas a menor participação. Simplesmente vês: que tens com aquilo? É como se tudo se estivesse passando com uma outra pessoa. O mesmo acontece com a ganância e com a cólera: são muito complexas. E apreciarás, se puderes observar, o negativo, o positivo, todas as emoções. Lembra-te, simplesmente, de uma cois: tens que ser um observador, porque, então, a identificação se romperá, então a raiz será cortada. E, desde que a raiz é cortada, de vez que descubras que não és aquele que atua, tudo se modifica de repente. E a modificação é súbita, não há graduação nela.

Corta a raiz da árvore e as folhas murcharão;

corta a raiz da tua mente e samsara tomba.

No momento em que cortes a raiz da mente, a identificação, a samsara, tomba com ela, todo o mundo se desmorona como um castelo de cartas. Basta uma pequena brisa de consciência, e toda a casa cai. De súbito, ali estás; não mais no mundo pois transcendeste. Podes viver da mesma maneira antiga, fazendo as antigas coisas, mas nada será antigo, porque tu já não és antigo. És um ser perfeitamente novo - isso é um renascimento. Os hindus o chamam dwij, duas vezes nascido. Um homem que a isso chegou é duas vezes nascido; a Iluminação é um segundo nascimento: é o nascimento da alma. Isso é o que Jesus quer dizer quando fala em ressurreição. A ressurreição não é o renascimento do corpo, é um novo nascimento da consciência.

corta a raiz da tua mente, samsara tomba.

A luz de qualquer lâmpada dissipa, num momento, as trevas de longos kalpas [longas eras,

milênios];

Assim, não te preocupes em saber como a luz súbita poderá dissipar as trevas de tantos, tantos milhões de vidas. Dissipa-as porque as trevas não têm densidade, não têm substância. Por um momento, ou por milhares de anos, é o mesmo. A ausência não aumenta, nem diminui; a ausência permanece a mesma. A luz é substancial, é algo, mas as trevas são apenas uma ausência. A luz surge e as trevas já desapareceram.

Não que as trevas se tenham, realmente, dissipado, porque nada há para ser dissipado. Não que, quando acendas a luz, as trevas desapareçam - nada há para desaparecer. Na verdade, nada havia, só ausência de luz. A luz vem e as trevas já não existem.

a luz forte da mente, num simples lampejo,

queimará o véu da ignorância.

Os budistas usam mente em dois sentidos: mente com m minúsculo e Mente com maiúscula, M. Quando usam Mente, com maiúscula, referem-se à testemunha, à consciência. Quando usam mente, com m minúsculo, referem-se ao testemunhado. E ambas são mente, por isso é que usam a mesma palavra para as duas; há apenas uma pequena diferença, quando se usa a maiúscula. Com a maiúscula tu és a testemunha, e com a minúscula és o testemunhado - pensamentos, emoções, cólera, avidez, tudo.

Por que usar a mesma palavra? Por que criar a confusão? Há uma razão para isso: quando a Mente, com maiúscula, se ergue, a mente, com m minúsculo é, simplesmente, absorvida por ela. Tal como os rios deságuam no oceano, os milhões de mentes, em torno da Grande Mente, caem todos nela; a energia é reabsorvida.

Avidez, cólera e ciúme são energia movendo-se para fora, centrífugas. De repente, quando a Mente, com maiúscula, se ergue, a testemunha queda-se, silenciosamente observando, e todos os rios mudam seu curso. Estavam se movendo centrifugamente, em direção à periferia, e, de repente, voltam-se, tornam-se centrípetos, e começam a cair na Grande Mente - tudo é absorvido. Por isso é que o mesmo nome é usado.

A luz forte da Mente, num simples lampejo, queimará o véu da ignorância

Apenas em um instante toda ignorância é queimada - é a súbita Iluminação.

Quem quer que se agarre à mente

não vê a verdade que está além da mente.

Se te agarras à mente, aos pensamentos, às emoções, então não serás capaz de ver o que fica para além da mente - a grande Mente - porque, se estás preso, como verás? Se te agarras, teus olhos estão fechados por que te agarras. E, se te agarras ao objeto, como podes ver a essência? Esse apego tem de desaparecer.

Quem quer que se agarre à mente [se identifica e]

não é a verdade que está além da mente. Quem quer que lute para praticar o Dharma

não encontra a verdade que está para além da prática.

Toda prática é da mente. Qualquer coisa que faça é da mente. Só o testemunho não é da mente, lembra-te disso.

Assim, mesmo quando estiveres meditando, permanece como testemunha; vê, continuamente, o que está acontecendo. Estás rodopiando

em meditação de Derviche? Rodopia, rodopia tão depressa quanto puderes, mas, por dentro, permanece testemunha, vendo teu corpo rodopiando. O corpo continua, cada vez mais rápido, mais rápido e, quanto mais rápido girar o corpo, mais profundamente sentirás que o centro não se está movendo. Estás imóvel; o corpo girando como uma roda e tu imóvel, exatamente no centro. Quando mais depressa gira o corpo, mais profundamente compreendes que não te estás movendo; assim, a distância é criada.

Seja o que for que estiveres fazendo, mesmo a meditação, - eu não faço exceção - não te agarres nem mesmo à meditação, porque virá o dia em que até esse apego terá de ser posto de parte. A meditação se torna perfeita quando ela própria também é abandonada. Quando há meditação perfeita, não precisas meditar.

Portanto, mantém constantemente a percepção de que a meditação é apenas uma ponte e tem de ser atravessada. Uma ponte não é um lugar em que possas morar. Tens de atravessá-la e seguir além. A meditação é uma ponte; deves ser observador também a respeito disso, pois, de outra maneira, podes parar de te identificares com a cólera, com a ganância, e começar a te identificares com a meditação, com a compaixão. Então, estarás novamente na mesma armadilha. Através de outra porta, entraste na mesma casa.

Aconteceu isto, certa vez: Mulla Nusradin foi ao bar da cidade; já estava bem embriagado, de forma que o dono do bar lhe disse: - “Vai embora! Já estás bêbado e eu não te posso dar mais bebida. Volta para tua casa.” Mas ele continuou insistindo e o dono do bar teve de pô-lo para fora.

Caminhou ele uma longa distância, procurando outro bar. Então, voltou ao mesmo bar, porém entrando por outra porta. Entrou, olhou para o dono do bar um tanto suspeitosamente, porque o rosto lhe pareceu familiar, e pediu bebida de novo; o homem disse: - “Eu te disse, de uma vez por todas, que esta noite não te vou dar nada! Vai-te embora daqui!” Insistindo, de novo, de novo foi posto para fora.

Caminhou uma longe distância em busca de outro bar, mas, na cidade, só havia um. De novo através de uma terceira porta, ele entrou, olhou para o dono do bar, que lhe pareceu figura demasiadamente familiar, e disse: - “Que história é essa? Tu és o dono de todos os bares desta cidade?”

Isso acontece. Tu és posto para fora através de uma porta e entras através de outra. Tu te identificas com a cólera, com a luxúria e, depois, te identificas com a meditação. Estavas identificando com o prazer sexual e, agora, ficaste identificado com o êxtase que a meditação oferece. Nada é diferente - a cidade só tem um bar. Não tentes entrar novamente no mesmo bar, várias vezes. Em qualquer lugar que entres encontrarás o mesmo proprietário - isso é, a testemunha. Presta atenção nisso, para não desperdiçares muita energia. Para que não viajes grandes distâncias para entrar, de novo, no mesmo lugar.

Quem quer que se agarre à mente

não vê a verdade que está além da mente.

Que há além da mente? Tu. Que há além da mente? Percepção, consciência. Que há além da mente? Satchitananda, a Verdade, a Consciência, a beatitude.

Quem quer que lute para praticar Dharma,

não encontra a verdade que fica para além da prática.

E, o que quer que pratiques, lembra-te: a prática não te pode levar ao natural, ao livre e natural, porque prática significa praticar algo que não existe. Praticar significa, sempre, praticar algo artificial. A natureza não precisa ser praticada, não há necessidade, ela já existe. Tu aprendes algo que não existe em ti. Como podes aprender algo que já existe em ti? Como podes aprender a natureza, Tao? Ela já está ali! Tu nasceste nela. Não há necessidade de encontrar um professor que te possa ensinar - e essa é a diferença entre um professor e um Mestre.

Um professor é alguém que te ensina algo; um Mestre é alguém que te ajuda a desaprender o que já tiveres aprendido. Um Mestre te ajuda a desaprender. Um Mestre serve para dar-te o sabor da não-prática. Tu já a trazes em ti, mas, por causa do aprendizado, tu a perdeste. Através do desaprender, irás reavê-la.

A Verdade não é uma descoberta, é uma redescoberta. Já existia em ti, em primeiro lugar.

Quando vieste ao mundo, ela estava contigo, quando nasceste nesta vida, ela estava contigo,

porque tu és a Verdade.

Não pode ser de outra maneira. Não é algo externo; é intrínseco a ti, é teu próprio ser. Assim, se praticas, diz Tilopa, não conhecerás aquilo que está além da prática.

Lembra-te, incessantemente, que a prática de qualquer coisa é uma parte da mente, da pequena mente, da periferia externa e tens que ir além disso. Como ir além? Pratica, nada há de errado em praticar, mas sê alerta; medita, mas sê alerta - porque na significação final do termo, meditação é testemunho.

Todas as técnicas podem te auxiliar, mas não levam exatamente à meditação; levam apenas a um tatear no escuro. De repente, um dia, fazendo alguma coisa, tu te tornarás uma testemunha. Meditando como o dinâmico, ou kundalini, ou rodopiando, um dia a meditação surgirá de súbito, mas não estarás identificado com ela. Estarás sentado, silenciosamente atrás dela, observando-a - nesse dia a meditação aconteceu; nesse dia, a técnica deixou de ser um obstáculo, um auxílio. Podes gozar o momento, se quiseres, como um exercício - ele dá uma certa vitalidade, mas não é necessário agora; agora a meditação verdadeira aconteceu.

Meditar é testemunhar. Meditar significa tornar-se uma testemunha. A meditação não é, absolutamente, uma técnica! Isso poderá confundir-te, pois continuo dando-te técnicas. No sentido definitivo, a meditação não é uma técnica; a meditação é uma compreensão, uma percepção. Mas precisas de técnicas, porque essa compreensão final está muito distante de ti, profundamente escondida em ti, mas, ainda assim, muito distante de ti. Podes consegui-la neste

mesmo momento, mas não a conseguirás, porque teu momento continua, tua mente continua. Este mesmo momento é possível e, contudo, impossível. As técnicas ligarão as brechas; são apenas pontes sobre os espaços.
Assim, no princípio, a técnica é meditação; ao fim rirás: a técnica não é meditação. A meditação é uma qualidade totalmente diferente de ser; não tem nada a ver com coisa alguma. Mas acontecerá apenas ao final, não penses que aconteceu no princípio, pois, de outra maneira, a brecha não será atravessada.

Esse é o problema em relação a Krishnamurti e este é o problema em relação a Maharishi Mahesh - são dois pólos opostos. Mahesh pensa que a técnica é meditação, de forma que, quando estás dominando uma técnica - meditação transcendental, ou outra -, aconteceu a meditação. Isso é certo e é errado. Certo, porque, no início, o principiante tem de dominar alguma técnica, já que sua compreensão não está bastante amadurecida para entender o Definitivo. Assim, e aproximadamente, a técnica é meditação.

É como com uma criancinha que aprende o alfabeto. Dizemos a ela que a letra m é como a que usamos para macaco; o macaco representa a letra m. Apresentamos-lhe o m ao lado do macaco e a criança começa a aprender. Não há relação entre um macaco e um m. O m pode ser representado por um milhão de coisas e, ainda assim, é diferente do fato de ser uma dessas coisas. Mas, a uma criança, é preciso mostrar algo, e um macaco está mais próximo dela: pode entender um macaco mas não o m. Através do macaco, poderá entender o m - mas isso é apenas o princípio, e não o fim.

Mahesh está certo no princípio, levando-te para o caminho; mas, se ficares preso a ele, estarás perdido. Deve ser deixado; é como a escola primária: boa até certo ponto, mas não é preciso permanecer para sempre na escola primária. A escola primária não é a universidade e a escola primária não é o universo. Temos de ir adiante. É uma compreensão primária essa de que a meditação é uma técnica.

Então, está Krishnamurti, no pólo oposto. Ele diz que não há técnicas, nem meditações, que não percas teu tempo com técnicas, que a meditação é simples percepção, percepção sem escolha. Perfeitamente certo! Mas ele está tentando ajudar-te a entrar na universidade, sem passar pela escola primária. Pode ser perigoso, porque está falando sobre o Definitivo, mas não podes entender isso agora, com o teu entendimento - não é possível, ficarás louco. Se deres ouvidos a Krishnamurti estarás perdido, porque compreenderás intelectualmente que ele está certo, mas, em teu ser, saberás que nada está acontecendo.

Muitos seguidores de Krishnamurti vieram ter comigo. Dizem que intelectualmente compreendem. - “É natural, ele está certo, não há técnica; a meditação é percepção - mas o que fazer?” E eu lhes digo que, no momento em que se pergunta o que fazer, se está pedindo uma técnica. Krishnamurti não te ajudará. Será melhor procurares Maharishi Mahesh. Mas algumas pessoas se prendem a Krishnamurti e outras a Mahesh.

Não sou qualquer um dos dois - sou ambos; e, então, fico extremamente confuso. Ambos são claros, seu ponto de vista é simples, não há complexidade no compreender Mahesh ou Krishnamurti. Se entendes a linguagem, podes entendê-los, não há problema. O problema surge comigo, porque eu sempre falarei sobre o princípio e nunca permitirei que se esqueça o fim. E sempre falarei sobre o fim e ajudarei a começar desde o princípio. Tu ficarás confuso e dirás: -

“Que queres dizer com isso? Se a meditação é simples percepção, então como chegar a ela através de tantos exercícios?”

Tens que passar por eles, pois só então te acontecerá a meditação, aquela que é simples compreensão.

Ou dizes: - “Se as técnicas são tudo, então por que continuas dizendo, sempre e sempre, que as técnicas têm de ser abandonadas, postas de lado?” E sentes: “Algo aprendido tão profundamente, com tanto esforço e duro trabalho, tem de ser novamente abandonado?” Gostarias de permanecer agarrado ao começo. Eu não o permitirei. Já que estás no caminho, eu te irei empurrando até o ponto final.

Isso é um problema: se estás comigo, é um problema a ser encarado, atacado, e compreendido. Parecerei contraditório. E sou. Sou um paradoxo - porque estou tentando ensinar-te tanto o princípio como o fim, o primeiro passo e o último.

Tilopa fala do Definitivo. E diz:

Quem quer que lute para praticar o Dharma

não encontra a verdade que está para além da prática.

A fim de saber o que há além da mente e da prática

[não devemos nos agarras]

é preciso cortar completamente a raiz da mente,

e ficar despido.

Isso é o que eu chamo testemunhar: ficar despido. Só estar despido é o bastante; a raiz está cortada. Esse estar despido torna-se uma espada afiada.

Assim, deves afastar-te de todas as distinções

e permanecer tranqüilo.

Livre, natural, despido dentro de ti mesmo - essa é a palavra final.

Mas segue devagar, porque a mente é um mecanismo muito delicado. Se estiveres demasiadamente apressado e ingerires uma dose muito grande de Tilopa, podes não conseguis absorvê-la e digeri-la. Vai devagar. Toma apenas porções que possas absorver e digerir.

Mesmo eu, que estou aqui, direi muitas coisas, porque sois muitos; e tomarei muitas dimensões, porque sois muitos. Mas deveis absorver apenas o que for alimento para vós; digeri isso.

Um desses dias, um sannyasin veio ver-me; um sincero inquiridor, um perplexo, porque eu falei sobre Ioga e Tantra, dizendo que Tantra é o ensinamento maior e Ioga é o ensinamento menor. Ele tinha estado praticando Hatha Ioga durante dois anos e sentia-se bem. Estava perplexo sobre o que deveria fazer. Não te tornes perplexo tão facilmente. Se te estás sentindo bem com Ioga, segue tua inclinação natural. Não permitas que eu te faça confuso. Posso parecer confundidor, para ti, mas segue, simplesmente, tua inclinação natural - livre e natural. Se isso é bom, é bom para ti. Por que te preocupares, em saber se é mais alto, ou mais baixo? Que seja mais baixo. O ego entra nisso, o ego diz: - "Se é algo mais baixo, então porque segui-lo?" Isso não ajudará. Segue. Está certo para ti. Mesmo que seja mais baixo, que há de errado com isso? Chegará o momento em que, através do mais baixo, alcançarás o mais alto.

Uma escada possui duas extremidades: uma delas é a mais baixa e a outra é a mais alta. Assim, Tantra e Ioga não são coisas opostas, mas são complementares. Ioga é o primário, básico, a partir da qual tens de começar. Mas não deves agarrar-te a ela. Chega o momento em que tens de transcender a Ioga e passar para Tantra. Finalmente, terás de deixar a escada toda
- Ioga e Tantra. Sozinho contigo mesmo, profundamente repousado, tudo esquecerás.
Olha para mim: não sou iogue, nem tântrico.

Nada faço - nem prática, nem não-prática.

Não me agarro ao método, ou ao não-método.

Estou aqui, simplesmente, repousando, sem fazer nada.

A escadaria não existe para mim, agora;

o caminho desapareceu,

não há movimento, o repouso é absoluto. Quando se chega ao lar, nada há a fazer;

apenas tudo esquecemos e entramos em repouso - Deus é o repouso definitivo.

Lembra-te disso, porque às vezes estarei falando de Tantra, já que muitos serão auxiliados por ela; e às vezes estarei falando de Ioga, pois há muitos que por ela serão ajudados. Pensa, apenas, em tua própria inclinação, segue teus próprios sentimentos; estou aqui para ajudar-te a ser tu mesmo, não para confundir-te. Mas tenho de dizer muitas coisas, porque tenho de ajudar a muitos. Assim, que farás? Apenas me ouvirás. Digere o que achares nutriente, mastiga bem, digere; que aquilo se torne teu sangue e teus ossos, a própria medula de teus ossos - mas segue apenas tua própria inclinação.

E, quando eu falo de Tantra fico absorvido, porque assim é que sou; não posso ser parcial; sou total, seja o que for que faça. Se estou falando sobre Tantra, estou totalmente entregue a Tantra: nada importa, só Tantra importa; mas isso pode dar-te uma falsa impressão. Não estou falando comparativamente, nada me importa. Tantra é a flor mais alta, a definitiva. Isso, porque eu olho totalmente para ela. Quando falo de Ioga, acontece o mesmo, porque sou total. Mas a questão não é Ioga ou Tantra - é a minha totalidade, a que eu levo a tudo. Quando eu a levo para Ioga e Patanjali, estarei dizendo, também, que são o máximo.

Portanto, não fiques confuso: lembra-te, sempre, de que é a minha totalidade e a minha qualidade o que eu ponho nisso. Se te puderes lembrar disso, serás ajudado; mesmo através do meu ser paradoxal, não ficarás confuso.

Não devemos dar nem receber,
mas permanecer natural, porque Mahamudra está para além de toda aceitação e rejeição.
Já que alaya não é nascida,
ninguém pode obstruí-la ou manchá-la;
conservando-se na região não-nascida
toda aparência se dissolverá em Dharmata
e o egoísmo e o orgulho se desvanecerão em nada.

IX. Além e mais além

A mente comum deseja tomar mais e mais do mundo, de toda parte, de cada direção e dimensão. A mente comum é uma grande receptora, uma mendiga e, por mais que mendigue, nunca está satisfeita - é infinita a mendicância. Quanto mais recebes, mais cresce o desejo, quanto mais tens, mais queres ter. O querer acaba por tornar-se uma fome obsessiva. Teu ser não tem necessidade disso, mas estás obcecado e tornas-te mais e mais infeliz, porque nada te satisfaz. Nada pode satisfazer a mente que está constantemente pedindo mais. O "mais" é febril, não é saudável e não tem fim.

A mente comum come, num sentido metafórico, não só coisas mas também pessoas. O esposo gostaria de possuir a esposa tão profundamente, como se se alimentasse dela; gostaria de digeri-la para que ela se tornasse parte dele. A mente comum é canibalística. A esposa deseja o mesmo: absorver o esposo tão completamente que dele nada sobre. Matam um ao outro. Amigos fazem o mesmo, os pais fazem o mesmo às crianças e as crianças aos pais. Todo o relacionamento da mente comum é no sentido de absorver o outro completamente. É uma espécie de alimentação.

E há a mente extraordinária, que é exatamente o oposto da mente comum. Por causa da mente comum, surgiu a mente extraordinária. As religiões ensinam algo a respeito dela. Dizem: - "Dá, partilha, oferece!" Todas as religiões ensinam, basicamente, que não deves tomar; bem ao contrário, deves dar. A caridade é pregada. E é pegada a fim de criar uma mente extraordinária.

A mente comum estará sempre em sofrimento; como o anseio por "mais" não poderá ser satisfeito, tu a encontrarás sempre deprimida. A mente extraordinária, que as religiões vêm cultivando, tu a verás sempre feliz; há nela uma certa animação, porque não está pedindo mais; pelo contrário, continua dando. Mas, bem no fundo, ainda é a mente comum.

A animação não pode vir do mais profundo ser, só pode vir da superfície. Ela deu uma volta completa e tornou-se o reverso da comum. Está de cabeça para baixo, está em shirshasan, mas permanece a mesma. Agora surge um novo desejo, mais e mais; também não há um fim para ele. Ela estará animada, mas, bem no fundo, em sua animação poderás perceber uma certa espécie de tristeza.

Encontrarás sempre essa espécie de tristeza nas pessoas religiosas. Animadas, naturalmente, porque dão, mas tristes, porque não é o bastante. Nada será o bastante.

Assim, há dois tipos de sofrimento: o sofrimento comum - e podes encontrar esses sofredores por toda parte, em todos os lugares, por toda a terra, que está cheia deles, dos que pedem sempre mais e não podem ser satisfeitos - e o outro sofrimento, o que mostra a aparência da animação. Vais encontrá-lo em sacerdotes, em monges, nos mosteiros, nos ashrams, nas pessoas que estão sempre sorrindo - mas seu sorriso leva uma certa tristeza oculta. Se observares atentamente, perceberás que também são sofredores, porque não é possível dar infinitamente, não temos para isso!

Esses são os dois tipos de pessoas facilmente encontradiças. O indivíduo religioso é o ideal pregado pelo Cristianismo, pelo Judaísmo, pelo Islamismo, pelo Hinduísmo. É melhor do que a mente comum, mas não chega a ser a última palavra em percepção. É bom ser infeliz de uma forma religiosa; melhor ser infeliz como um imperador, do que infeliz como mendigo.

Um homem muito rico estava morrendo e chamou-me para estar junto dele quando a morte chegasse; e então fui. No último momento, ele abriu os olhos e falou ao filho. Aquilo

sempre estivera em sua mente; ele me havia falado a respeito muitas vezes: preocupava-se a respeito do filho, porque o rapaz era um esbanjador, amava as coisas materiais, ao passo que ele, o velho, era um homem religioso. A última frase que disse ao filho foi: - “Ouve: o dinheiro não é tudo; não podes comprar tudo com o dinheiro. Há coisas que estão para além do dinheiro; o dinheiro, por si só, não pode fazer ninguém feliz.”

O filho ouviu, e disse: - “Podes ter razão, mas, com dinheiro, uma pessoa pode escolher a tristeza que mais lhe agrade.” Podes não comprar felicidade, mas podes escolher a tristeza que mais te agrade; podes ser infeliz à tua maneira.

Um homem pobre é infeliz sem escolha, um homem rico é infeliz, mas pode fazer escolhas - essa é a única diferença. O rico escolhe sua própria infelicidade, há uma certa liberdade. Ao pobre, a infelicidade simplesmente acontece, como um fadário, como um destino - ele não tem escolha. O homem religioso escolheu seu sofrimento, por isso mostra-se animado; o homem não-religioso sofre porque não escolheu seu sofrimento. Ambos vivem no mesmo mundo do “mais”, porém o homem religioso vive como um imperador, partilhando, dando, fazendo caridade.

O Budismo, o Jainismo e o Tao criaram um terceiro tipo de mente, que não é comum nem extraordinária; que, na verdade, não é, em absoluto, mente. Para dar-lhe um nome, será bom chamá-la de “não-mente”. Portanto, tenta compreender a classificação. Mente comum e mente extraordinária - exatamente o oposto, mas ainda na mesma dimensão do mais. E, depois, a não-mente que o Budismo, o Jainismo e o Tao criaram. Que é a não-mente? É a terceira abordagem da realidade.

O Budismo e o Jainismo não pregam a caridade, pregam a indiferença. Não dizem: - “Dá!”, porque dar faz parte de tomar, é o mesmo círculo. No tomar, tomas de alguém; dando, dás a alguém: é o mesmo círculo. As dimensões não mudam, só muda a direção. O Budismo prega a indiferença, a não-dominação. A ênfase está na não-possessão e não em dar. Não deves possuir, isso é tudo. Não deves tentar possuir coisas ou pessoas; simplesmente abandona o mundo das posses. Podes dar apenas o que possuis; como podes dar o que não possuis? Podes dar apenas o que adquiriste antes; podes dar apenas o que tomaste antes - de outra maneira, como podes dar? Vens para o mundo sem nada, sem posses e sais do mundo sem posse alguma.

No mundo, podes estar em um destes dois lados: ou do lado dos que anseiam por mais e mais, por tomar mais e mais, absorver mais e mais e continuar engordando a si mesmos; ou do lado daqueles que estão sempre dando e dando, mais e mais, até se tornarem delgados, delgados, delgados. Buda diz que não deves possuir e nem escolher nenhum dos lados. Fica, simplesmente, no estado da não-posse.

Esse homem, esse terceiro tipo de homem, ao qual eu chamo o homem da não-mente, não será tão feliz e animado quanto o homem extraordinário. Será mais silencioso, mais quieto, tranqüilo; terá um profundo contentamento, mas não alegria. Não verás sequer um sorriso em seu rosto, não verás uma só estátua de Buda, ou de Mahavir sorrindo. Eles não são alegres, não são felizes. Não são infelizes, naturalmente, mas não são felizes - puseram de parte o mundo da felicidade e da infelicidade. Então, simplesmente, em repouso, indiferentes às coisas deste mundo de coisas. É a não-posse: eles estão distantes, desapegados. Isso é chamado de anashakti, desapego, indiferença. Esse homem terá certa qualidade de silêncio em torno dele, poderás sentir esse silêncio.

Tilopa, porém, vai além de todos os três. Tilopa vai além de todos os três e não é difícil classificá-lo. Mente comum, pedindo mais; mente extraordinária, tentando dar mais; não-mente, indiferente, desapegada, não dando nem recebendo. Como chamaremos à mente de Tilopa? Tilopa é o quarto tipo; e o quarto é o último e o mais alto, nada há para além dele. Não é, nem mesmo, uma não-mente, não é em absoluto uma mente, porque também na não-mente, a mente
está presente, de uma forma negativa. Na não-mente, a ênfase ainda está em ser indiferente às coisas do mundo das coisas; o foco está nas coisas. Permanece indiferente, desapegado! Não estás possuindo coisas, mas precisas estar alerta para não possuir; tens de manter-te desapegado, tens de manter-te muito alerta para nada possuir. Faze disso um ponto bem claro: a ênfase ainda está nas coisas - sê indiferente ao mundo!

Tilopa diz que a ênfase deveria estar em teu próprio eu e não nas coisas. Repousa em ti mesmo, não sejas sequer indiferente ao mundo, porque a indiferença ainda é uma presença muito sutil do mundo. O foco deve estar em outro aspecto. Volta a tua vida completamente para dentro. Não te preocupes com o mundo, com as coisas, não tentes dar mais, nem sejas indiferente ao mundo. Faze como se o mundo simplesmente tivesse desaparecido. Estás centralizado em ti mesmo, estás dentro de ti, sem nada fazer. Todo o teu foco voltou-se, deu uma reviravolta total.

É como se o mundo tivesse desaparecido completamente;

não há nada a dar, nada a receber, nada em relação a ser indiferente. Só tu existes.

Vives em tua consciência e ela é teu único mundo. Nada mais existe.

Esse é o estado para além da mente e para além da não-mente. Esse é o super-supremo estado de compreensão, de entendimento. Nada há para além dele. E eu gostaria de dizer-te: nunca te satisfaças, a menos que tenhas chegado até aí. Porque o homem é infeliz, o homem comum. Pede mais e nunca pode satisfazer-se, de forma que, constantemente, a infelicidade está presente nele e vai se tornando cada vez maior, maior e maior.

O homem de mente extraordinária, aquele que a religião cultua é alegre, mas triste, bem no fundo. Mesmo em sua alegria, há uma corrente subterrânea de tristeza. É como se ele tentasse sorrir, e o sorriso não viesse. Ele parece estar posando, como se algum fotógrafo ali estivesse; tomasse certas atitudes que realmente não existe. Melhor do que o primeiro; pelo menos pode sorrir. O sorriso não é muito profundo, mas, pelo menos, existe. Mas não dura muito tempo. Depressa acabar-se-á seja o que for que ele tenha a dar, e, então, a sorridente alegria desaparecerá. Gostaria de dar mais e, então, estará na mesma aflição anterior, a do homem comum.

Talvez leve algum tempo até que o segundo homem compreenda e entenda a sua infelicidade, mas ela virá. A alegria que praticas, nas mesquitas, nos templos, nos mosteiros, não pode ser muito profunda e não pode ser um estado permanente. Não será eterna. Irás perdê-la.
A própria natureza dela é tal que só pode ser momentânea. Por que apenas pode ser momentânea? Porque chegará um momento - está escrito que chegará - em que não poderás dar, porque não mais terás. Por isso é que pessoas que tenham mentes desses dois tipos habituam-se a uma acomodação. A mente comum e a mente extraordinária são da mesma

qualidade - habituam-se a uma acomodação. E acomodação encontrarás em toda parte.

Primeiro um homem toma as coisas e, depois, começa a dá-las. Ou ganhará cem rúpias e dará dez por cento delas - essa é uma forma possível. Se der os cem por cento, não terá mais para dar. Continua tomando coisas e, então, distribui uma parte delas. Os maometanos dizem que devemos dar um quinto de nossa renda: sê caridoso com um quinto da tua renda. Por quê? Porque é uma acomodação. De outra maneira, nada terás para dar. Portanto, primeiro acumula e, depois, distribui. Acumula para distribuir, enriquece e, então sê caridoso; assim podes ajudar, exploras para isso. Que absurdo! Mas é a única maneira possível: a ponte entre o comum e o extraordinário.

Mesmo a mente comum pensa e acredita que, quando tiver muito, doará, ajudará as pessoas. E, naturalmente, também fará isso. Quando tiver bastante, fará um donativo a um hospital, um donativo a um centro de pesquisa do câncer, um donativo a uma biblioteca, ou a uma escola. Primeiro explora, depois doa. Primeiro rouba-te e, depois, ajuda-te. Ajudantes e ladrões não são diferentes. Na verdade, são as mesmas pessoas: com a mão direita roubam e com a mão esquerda ajudam. Pertencem à mesma dimensão.

O terceiro homem, o homem da não-mente, está em melhor situação do que os dois primeiros. Seu silêncio pode ser mais longo, mas ele não está em beatitude. Não é infeliz, não é angustiado, mas seu estado é da natureza da negatividade. É como um homem que não está doente porque os médicos nada encontram de errado nele, e não está saudável porque não sente nenhum bem-estar. Não está doente e nem saudável - está exatamente no meio de ambas as coisas. Não é infeliz, nem é feliz - é, simplesmente, indiferente. E a indiferença pode dar-te silêncio, mas o silêncio não é o suficiente. É bom, é belo, mas não podes te contentar com ele. Cedo ou tarde sentirás tédio dele.

Isso é o que acontece quando vais para as colinas. Estás demasiadamente entediado da vida da cidade - Bombaim, Londres, Nova Iorque - estás entediado do barulho, do trânsito e de toda a loucura do ir e vir; então, foges para o Himalaia. Depois de alguns dias, entretanto, - três, quatro, cinco, no máximo sete - começas a te sentir entediado do silêncio. As colinas são silenciosas, as árvores são silenciosas, o vale é silencioso - não há excitação. Começas a ansiar pela vida da cidade: o clube, os cinemas, os amigos.

O silêncio não é o bastante, porque o silêncio tem a natureza da morte, não a natureza da vida. É bom como um feriado, ou como um piquenique; entrar no silêncio é bom para saíres de tuas super-preocupações mundanas durante alguns dias, alguns momentos. Gostarás, mas não poderás gostar disso para sempre. Depressa estarás farto: depressa compreenderás que o silêncio não é o suficiente. Não é nutridor. O silêncio te protegerá do sofrimento, da felicidade, das excitações, mas não há alimento nele. É um estado negativo.

O quarto estado é o que Tilopa nos ensina - não pode ser dito mas ele tenta nos transmitir através da confiança, amor e fé que Naropa demonstra -; é um estado de beatitude, silencioso e beatífico, e tem positividade. Não é simplesmente silêncio. Não surge da indiferença pela vida, bem ao contrário, surge da mais profunda experiência do teu próprio ser. Não foi impelido pela renúncia, floresceu por ser livre e natural. As diferenças são sutis. Mas, se tentares compreender
e se meditares sobre essas diferenças, todo o caminho da tua vida ficará claro e então poderás percorrê-lo facilmente.

Nunca te satisfaças antes do quarto estado, porque mesmo que te satisfaças, mais cedo ou mais tarde o descontentamento surgirá. A não ser que alcances satchitananda - a verdade absoluta, a consciência absoluta, e a beatitude absoluta - ainda não alcançaste o lar, estás ainda viajando pelo caminho. Está certo, às vezes repousas a um lado da estrada, mas não faças desse lugar um lar. A viagem tem de continuar, tens de te levantar novamente e pôr-te a andar.

Passa do primeiro estado da mente para o segundo, do segundo para o terceiro e vai além do terceiro.

Se estás no primeiro estado da mente, como noventa por cento das pessoas estão, o pensamento judaico, o islâmico, o cristão podem ser de auxílio. Eles te retirarão da armadilha comum da infelicidade - mas ainda estarás no caminho e não te iludas pensando que chegaste. Tens que ir para além, para além da alegria que traz a tristeza em si, para além tanto do dar e do receber, para além da caridade. Quem és tu, para dar? Que tens tu, para dar? Quem és tu, para ajudar? Não ajudaste nem a ti mesmo, como queres ajudar outros? Tua própria luz não está acesa e tentas acender luzes alheias? Podes, na verdade, apagá-las - teu próprio interior está
escuro. Não podes ajudar, não podes dar, nada tens para dar.

O Budismo, o Jainismo, o Taoísmo, Lao-Tsé, Mahavir e Sidarta Gautama podem ajudar-te nesse caso, mas Tilopa diz que não te satisfaças nem mesmo com a indiferença, com o silêncio, com a atitude desapegada, com o distanciamento, porque nada disso ainda é real; tu ainda estás relacionado com o mundo. Tilopa tem condições para ajudar-te a ir além disso. Pode levar-te ao mais íntimo centro do teu ser. Pode ajudar-te a centralizar-te, a enraizar-te em ti mesmo, despreocupado do mundo - e nem mesmo a despreocupação existirá.

Tudo se dissolveu;

só tu permaneces em tua pureza cristalina, só tu permaneces em absoluta inocência - como se

o mundo não tivesse surgido, jamais tivesse estado ali.

Chegas ao ponto, nesse quarto estado de consciência, ao ponto em que não foste nascido, à fonte absoluta do ser; nem mesmo o primeiro passo foi dado ao mundo, ou então chegaste ao último, deste o último passo.

Isso é o que a gente do Zen chama ter atingido a face original. Os Mestres Zen dizem aos seus discípulos: - “Ide, encontrai vossa face, a que tínheis antes que fosseis nascidos” ou - “Ide e encontrai a face que tereis quando estiverdes mortos” (ou quando o mundo não existia, ou quando o mundo desapareceu) e atinges tua pureza original. Isso é a natureza.

Agora, tenta compreender Tilopa:

Não devemos dar nem receber

mas permanecer naturais - porque Mahamudra está para além de toda aceitação e rejeição.

“Não devemos dar nem receber”, porque, quando dás, sais de ti mesmo, quando recebes, sais

de ti mesmo. Ambas as coisas são distrações, ambas levam-te à outra. Ficas embaraçado, tua energia flui para o exterior. Que dês ou recebas, não importa - o outro se faz presente, teus olhos estão focalizados no outro e quando isso acontece tu te esqueces de ti mesmo. Isso é o que tem acontecido a todos vós. Não vos recordais de vós mesmos, porque vossos olhos tornaram-se realmente focalizados, paralisados no outro. Seja o que for que façais, o fazeis pelo outro, seja o que for que sejais, o sois pelo outro.

Mesmo que te ausentes do mundo, tua mente continua, continua. - "Que estarão as pessoas pensando de mim?" Mesmo que fujas para o Himalaia, ali sentado pensarás: - "Agora as pessoas devem estar pensando que eu me tornei um grande sábio, renunciando ao mundo; nos jornais devem estar falando de mim." E esperarás por algum viajante solitário, algum perambulador, que te alcance e traga notícias do que está acontecendo no mundo a teu respeito.

Tu não tens tua própria face, tens, apenas, as opiniões de outros sobre ti. Alguém diz que és belo e começas a pensar que és belo. Alguém diz que és feio, tu te sentes magoado e trazes, como uma ferida, o fato de alguém ter dito "feio" - tu te tornaste feio. Tu não passas de um amontoado de opiniões alheias, tu não sabes quem és. Sabes apenas o que os outros pensam que és. E isso é estranho, porque esses outros que pensam quem tu és não conhecem a eles próprios - conhecem-se através de ti. Esse é um belo jogo: conheço-me através de ti, tu te conheces através de mim e ambos não sabemos quem somos.

O outro tornou-se importante demais, toda a tua energia se fez obcecada pelo outro. Sempre pensando nos outros, sempre recebendo algo deles e dando algo a eles.

Tilopa diz que não devemos dar nem receber. Que está ele dizendo? Está dizendo que não devemos partilhar? Não. Se tomas isso nesse sentido estás interpretando mal. Ele está dizendo que não devemos nos preocupar em dar ou receber: se podes dar naturalmente, muito bem, mas então nada há na mente, não há acumulação da idéia de que deste alguma coisa. Essa é a diferença entre dar e partilhar.

Um doador sabe que deu e gostaria que reconhecesses isso, que lhe desses o recibo: - "Sim, tu me deste." Deves agradecer-lhe, deves ser grato pelo que ele te deu. Isso não é uma dádiva; é também uma barganha. Na verdade, tu gostarias de dar-lhe algo em troca. Mesmo que seja a tua gratidão, está certo, mas algo de que ele gostasse: isso é uma barganha, ele dá para receber. Tilopa não está dizendo que não devas partilhar. Está dizendo que não te preocupes com dar e recebes. Se tens, e se, naturalmente, acontece que tens vontade de dar, dá. Mas isso deve ser como uma partilha, um presente. Essa é a diferença entre presentear e dar.

Um presente não é uma barganha: nada é esperado, absolutamente nada, nem mesmo reconhecimento, nem mesmo um aceno de apreciação - não, nada é esperado. Se não falas nisso, não haverá ferida na pessoa que te faz o presente. Na verdade, se mencionares, ela ficará um tanto embaraçada, porque nada era esperado. Ela sente-se grata a ti, por teres apreciado o seu presente. Poderias tê-lo recusado, havia essa possibilidade. Poderias ter dito não; mas como foste gentil em não dizer não! Tu aceitaste o presente - isso é o bastante. A pessoa sente-se grata a ti. Um homem que te faz um presente sempre se sente grato porque o aceitaste. Poderias ter recusado. Isso é o bastante.

Tilopa não está dizendo que não dês, não está dizendo que não recebas, porque a vida não pode existir sem que se dê e se receba. Mesmo Tilopa tem de respirar, mesmo Tilopa tem de

mendigar seu alimento, mesmo Tilopa tem que ir ao rio para beber. Tilopa tem sede, precisa de água, Tilopa tem fome, precisa de alimento, Tilopa sente-se sufocado num aposento acanhado e sai para respirar profundamente. Está recebendo da vida a cada momento - não podemos existir sem receber. Há quem tenha tentado, mas essas pessoas não são naturais, são o supra-sumo do egoísmo.

Os egoístas sempre tentam ser independentes em tudo. Os egoístas sempre tentam existir como se nada precisassem de ninguém. Isso é loucura, é absurdo! Tilopa não pode fazer tal coisa. Ele é um homem muito, mas muito natural - não encontrarás homem mais natural do que Tilopa. E se compreendes a natureza, ficarás surpreendido ao encontrar, ao descobrir um fato extremamente elementar, que é o seguinte: ninguém é dependente, ninguém é independente - toda a gente é interdependente. Ninguém pode reivindicar: "Eu sou independente." Isso é tolice! Não podes existir por um só momento em tua independência. E ninguém é absolutamente dependente.

Essas duas polaridades não existem. Quem parece dependente também é independente e quem parece independente é também dependente. A vida é uma interdependência, é uma partilha mútua. Mesmo o imperador depende de seus escravos; e até os escravos não dependem do imperador - pelo menos podem suicidar-se, pelo menos essa independência têm.

O absoluto não existe aqui. A vida existe na relatividade. Como é natural, Tilopa sabe disso. Prescreve a forma natural - como não poderia fazê-lo? Sabe que a vida é dar e receber. Tu partilhas, mas não deves preocupar-te com isso, não deves pensar nisso - deves deixar que isso aconteça. Deixar acontecer é totalmente diferente, então nem pedes mais do que podes receber nem pedes para dar mais do que podes dar. Simplesmente, dás o que naturalmente pode ser dado, simplesmente recebes o que naturalmente pode ser recebido. Não te sentes obrigado por ninguém e não fazes ninguém sentir-se obrigado por ti. Sabes apenas que a vida é uma interdependência.

Existimos mutuamente, somos membros uns dos outros.

A consciência é um vasto oceano e ninguém é uma ilha. Nós nos encontramos e nos fundimos uns nos outros. Não há fronteiras.

Todas as fronteiras são falsas.

Isso Tilopa sabe - então, que diz ele?

Não devemos dar nem receber, mas permanecer naturais...

No momento em que pensas que recebeste tu deixas de ser natural. Receber está certo, mas pensar que recebeste torna-te desnatural. Dar é belo, mas no momento em que pensas que deste, o gesto torna-se feio, tu deixas de ser natural. Dás, simplesmente porque não podes evitar:

tens, então dás; tens de dar. Recebes, simplesmente porque não podes evitar isso: és parte do Todo. Mas não há ego tão natural criado através de receber ou através de dar - esse é o ponto a ser compreendido. Tu nem acumulas nem renuncias - tu permaneces natural, simplesmente.

Se as coisas vem ter contigo, tu as aprecias. Se tens mais e o mais se torna uma carga, tu partilhas. Trata-se apenas de um profundo equilíbrio, tu apenas permaneces natural. Não apegar-se a nada, não renunciar; nem sentimento de posse, nem sentimento de não-posse. Repara nos animais, nos pássaros: não recebem nem dão. Todos gozam o Todo, do Todo todos partilham, no Todo todos partilham. Os pássaros, as árvores, os animais existem naturalmente. O homem é o único animal antinatural - por isso é que a religião é necessária.

Os animais não precisam de religião alguma, os pássaros não precisam de religião alguma - porque não são antinaturais. Só o homem precisa de religião. E quanto mais o homem se torna antinatural, de mais religião necessita. Assim, lembra-te disto: quanto mais uma sociedade se torna desnatural, tecnológica, mais religião será necessária.

As pessoas me perguntam por que na América há tanta procura de religião, tanta agitação, tanta busca. Porque a América é o país menos natural destes dias, o mais tecnológico, o mais técnico. Criou-se uma tecnocracia e tudo tornou-se antinatural. Teu ser íntimo tem sede de liberdade em relação à tecnologia. Teu ser íntimo tem sede do natural e toda a tua sociedade tornou-se antinatural, mais culta, mais civilizada - mais antinatural. Quando uma sociedade se torna demasiadamente culta, a religião aparece para equilibrar isso. É um equilíbrio sutil. Uma sociedade natural não precisa dele.

Diz Lao-Tsé: - "Ouvi dos antigos que havia um tempo em que as pessoas eram naturais, não existia religiões. Quando as pessoas eram naturais, jamais pensavam em céu nem em inferno. Quando as pessoas eram naturais, jamais pensavam em preceitos morais. Quando as pessoas eram naturais, não havia códigos nem leis." Lao-Tsé diz que por causa da lei as pessoas fizeram-se criminosas, por causa da moralidade tornaram-se imorais e por causa de demasiada cultura... e a China conheceu demasiada cultura, nenhum outro país conheceu tanta cultura.

Confúcio fez do "como dar cultura a um homem" uma disciplina absoluta - três mil e trezentas regras de disciplina. Subitamente, Lao-Tsé surgiu para estabelecer o equilíbrio, porque Confúcio teria matado toda a sociedade - três mil e trezentas regras? - isso é demais. Faria o homem tão culto que ele desapareceria inteiramente, não seria mais um homem! Lao-Tsé aparece e atira todas as regras à poeira; diz que a única regra, a regra de ouro, é não haver regras. Isso é equilibrado. Lao-Tsé é religião, Confúcio é cultura.

A religião é necessária como um remédio, ela é medicinal. Se estás doente, precisas de remédio, quanto mais doente, naturalmente, mais remédios. Uma sociedade adoece quando o natural se perde. Um homem fica doente quando o natural é esquecido. E Tilopa é inteiramente pela naturalidade e pelo desprendimento.

Lembra-te também que o desprendimento e o natural estão sempre juntos - porque não podes tentar tão arduamente ser natural até o ponto de te tornares antinatural. Assim é que as manias são criadas. Conheci pessoas, maníacas, que fizeram algo absolutamente antinatural de um ensinamento natural. Por exemplo: é bom ter alimento orgânico, nada há de errado nisso, mas se ficares demasiadamente preocupado, tão minuciosamente preocupado que a todo momento só pensas em alimento orgânico, sem permitires nada de inorgânico ao corpo, então foste além do necessário.

Conheço pessoas que acreditam em terapia natural, naturopatia, e se tornaram tão pouco naturais através da sua naturopatia que nem podes crer como tal coisa aconteceu. E acontece.
Se isso se torna um cansaço para a mente, então já se tornou desnatural. A palavra "desprendido" tem de ser constantemente lembrada, de outra maneira, tu te tornarás um maníaco, podes obter algo, mas podes fatigar-te tanto que mesmo o natural se torna antinatural.

Desprendimento e naturalidade é o que diz Tilopa e essa é a totalidade de seu ensinamento. Não está dizendo que não deves dar e não deves receber - portanto um significado diferente têm aquelas palavras.

Não devemos dar nem receber, mas permanecer naturais...

Aqui está escondida a significação: permanecer natural. Se, permanecendo natural, acontece que dês - muito bem! Se, permanecendo natural, alguém te dá algo e tu recebes, também está bem. Mas não faças disso uma profissão. Não cries ansiedade por causa disso.

... porque Mahamudra está para além de toda aceitação e rejeição.

Lao-Tsé ensina a aceitação. E Tilopa ensina algo para além da rejeição e da aceitação. Tilopa é, realmente, um dos maiores Mestres.

Tu rejeitas algo e tornas-te antinatural - isso podemos entender. Tens cólera interior e rejeitas isso por causa de ensinamentos morais e por causa das dificuldades em que a cólera te coloca - conflitos, violência. E viver com a cólera não é fácil, porque se queres viver com a cólera não podes viver com mais ninguém. Ela cria aborrecimentos e então os professores de moral ali estão, sempre prontos a ajudar-te dizendo: "Suprime isso, expulsa isso, não te encolerizes, rejeita
a cólera/1" Tu começas a rejeitar.

A partir do momento em que rejeitas, começas a tornar-te antinatural, porque o que quer que tenhas foi a natureza que te deu - quem és tu para rejeitar o que ela te deu? Uma parte da mente faz o papel de mestre da outra parte da mente? - mas ambas são parte da mesma coisa. Não é possível. Podes continuar fazendo esse jogo. Mas a parte que constitui a cólera não se importa com a outra parte que está tentando suprimi-la, porque, chegado o momento, ela irrompe. Assim, não há preocupação para a parte que é cólera, a parte que é sexo, a parte que é avidez. Tu continuas lutando, desperdiçando, prendendo-te a milhões de formas e sempre permanecendo dividido, em conflito, fragmentado.

Desde que rejeitas, tornas-te antinatural. Não rejeites. Está claro, imediatamente a aceitação vem: se não rejeitas, então aceitas. Isso é sutil, delicado. Tilopa diz que mesmo na aceitação há uma rejeição, porque quando dizes: - "Sim, eu aceito", bem no fundo já rejeitaste. De outra forma, por que dizes: - "Eu aceito?" Que necessidade há de dizer que aceitas? A aceitação só tem significado se há rejeição, de outra forma nada quer dizer.

As pessoa vêm ter comigo e dizem: "Sim, nós te aceitamos." Eu vejo seus rostos, ouço o que

estão dizendo. Sem saber o que estão fazendo elas já me rejeitaram. Estão forçando suas mentes para me aceitar e uma parte de suas mentes está rejeitando. Mesmo quando dizem “sim”, há um “não”; o próprio “sim” leva em si o “não”. O “sim” é apenas uma expressão superficial, uma decoração. Por dentro eu posso ver seu “não” vivo e aos pontapés; no entanto elas dizem “Nós aceitamos” - quando já rejeitaram.

Se não há rejeição, como podes aceitar, como podes dizer “eu aceito”? Se não há luta como podes dizer “eu me rendo”? Se podes entender isso, então uma aceitação acontece para além da rejeição e da aceitação, então uma rendição acontece para além tanto da luta como da rendição - então isso é total... porque Mahamudra está para além de toda aceitação e rejeição.

E quando permaneces simplesmente natural, nem rejeitando nem aceitando, nem lutando nem te rendendo, nem dizendo "não" nem dizendo "sim", mas permitindo coisas, então seja o que for que aconteça, acontece, não tens escolha própria. O que quer que aconteça tu simplesmente anotas que aconteceu, nada tentas modificar, nada tentas transformar. Não estás preocupado em melhorar a ti próprio, simplesmente permaneces tal qual és. Isto é muito, muito árduo para a mente, porque a mente é uma grande melhoradora.

A mente sempre diz: “Podes chegar mais alto. Podes tornar-te grande. Podes polir aqui e ali e assim te tornas de ouro puro. Melhora, transforma, transmuta, transfigura a ti mesmo!” A mente repete incessantemente: - “É possível obter mais, é possível, faze isso!” Então vem a rejeição. E quando rejeitas parte de ti mesmo, entras em profunda perturbação. Porque aquela parte é organicamente tua, tu não a podes expulsar. Podes cortar o corpo mas não podes cortar o ser, porque o ser conserva-se integral. Como podes cortar o ser? Não há espada que possa fazer tal coisa.

Se teus olhos vão contra ti, podes atirá-los fora, se tua mão comete um crime, podes cortá-la, se tuas pernas encaminham-te para o pecado, podes amputá-las - porque o corpo não é a tua pessoa, já é separado, podes cortá-lo. Mas como cortarás a tua consciência? Como cortarás o teu ser mais íntimo? Ele não tem substância, não podes cortá-lo. Ele é como um vácuo - como podes cortar o vácuo? Tua espada o atravessaria e ele permaneceria integral. Se tentares demasiadamente, tua espada pode partir-se, mas o vácuo permanecerá indiviso, não poderás cortá-lo.

Teu ser mais íntimo tem a natureza do vácuo,

é um não-eu, não tem substância. Existe, mas não é matéria.

Não podes cortá-lo, não há possibilidade disso.

Não rejeites - mas imediatamente a mente diz: “Então está bem, aceitamos.” A mente jamais te deixa a sós. A mente segue-te, como uma sombra. Onde quer que vás a mente diz: “Está bem, eu vou contigo, só para auxiliar, como um ajudante. Quando quer que precises eu te ajudarei. Não rejeites - naturalmente, está certo! Tilopa está certo: aceita!” E se ouvires a mente, novamente cais na mesma armadilha. Rejeição e aceitação são ambas aspectos da mesma cunhagem.

Tilopa diz:

...porque Mahamudra está para além de toda a aceitação e rejeição.

Não aceites. Não rejeites. Na verdade, não há nada a fazer. Não te pedem que faças nada. Pedem-te, simplesmente, que sejas desprendido e natural: sê tu mesmo e deixa que as coisas aconteçam. O mundo inteiro está seguindo sem ti: os rios vão para o mar, as estrelas se movem, o sol levanta-se pela manhã, as estações seguem-se umas às outras, as árvores crescem, florescem e desaparecem, o Todo se está movendo sem ti - não podes deixar que tu mesmo sejas desprendido e natural e se mova com o Todo? Isso, para mim, é sannyas.

As pessoas vêm ter comigo e pedem: "Dá-nos uma disciplina definida. Tu só nos dás sannyas e nunca falas de disciplina. Que esperas que façamos?" Eu nada espero. Eu quero que sejam desprendidas e naturais. Quero que sejam o que são e deixem as coisas acontecerem - seja o que for que aconteça, seja o que for, incondicionalmente, bom ou mau, sofrimento ou felicidade, vida ou morte - o que quer que aconteça, deixem que aconteça. Não interfiram. Relaxem. Toda a existência continua e continua perfeitamente bem; por que estão preocupados com vocês?

Não há necessidade de melhorar, não há necessidade de mudar.

Fica, apenas, desprendido e natural

e o melhoramento vem, de livre iniciativa,

as mudanças se seguem, e serás completamente transfigurado - mas não por ti mesmo.

Se tentas isso, estás fazendo como alguém que se quer levantar puxando pelos cordões do próprio sapato. Tolice! Não tentes tal coisa. Será como um cão tentando agarrar a própria cauda. Em certas manhãs de inverno, quando o sol acaba de se erguer, podes encontrar muitos cães fazendo isso. Estão sentados, silenciosos, satisfeitos, mas, de repente, divisam a própria cauda a seu lado - e ela lhes parece tentadora. E como podem eles saber, pobres cães, que aquela cauda lhes pertence? Essa é a tua situação: no mesmo barco viajas. Vem a tentação muito forte, a cauda parece deliciosa, pode ser comida! O cão tenta, de início bem devagar e silenciosamente, a fim de que a cauda não se assuste; mas, faça ele o que fizer, a cauda simplesmente se move, cada vez para mais longe. Tem início então uma atividade febril e o cão começa a ficar alerta: "Que é que essa cauda está pensando?" Aquilo se torna um desafio. Agora ele salta e quanto mais ele salta, mais salta a cauda. O cão pode até enlouquecer.

É isso que todos os inquiridores espirituais estão fazendo a eles mesmos. Perseguindo a própria cauda, numa manhã de inverno, quando tudo é belo; preocupando-se desnecessariamente, com sua cauda. Deixem-na em paz! Sejam naturais e desprendidos - quem pode agarrar a própria cauda? Tu saltas mas a cauda salta contigo e tu te sentes frustrado. É quando vens ter comigo e dizes: - "Kundalini não se está elevando." Que posso eu fazer? Estás caçando tua própria cauda e perdendo uma bela manhã ao fazeres isso. Poderias ter repousado

com a tua cauda, silenciosamente: muitas moscas viriam, por iniciativa própria, e terias um bom desjejum. Mas, como caças a cauda, as moscas se assustam e com elas a possibilidade de um bom desjejum. Ao contrário, simplesmente esperas! Só o saber que as coisas não podem ser melhoradas já as faz o melhor que podem ser.

Tu só precisas apreciar.

Tudo está pronto para a celebração, nada falta.

Não te prendas a atividades absurdas - e aperfeiçoamento espiritual é uma das atividades mais absurdas.

...permanece natural - porque Mahamudra

Está para além de toda a aceitação e rejeição. Já que alaya não é nascida...

Alaya é um termo budista: significa morada, a morada interior, a vacuidade interior, o céu interior.

Já que alaya não é nascida

Ninguém pode obstruí-la ou manchá-la.

Não te preocupes! Desde que teu ser íntimo nunca nasceu, não pode morrer; desde que nunca nasceu, ninguém pode manchá-lo ou obstruí-lo. É imortal! E desde que o Todo te deu vida, desde que a vida vem do Todo, como pode a parte melhorá-la? Da fonte tudo provém, deixa que a fonte forneça - e a fonte é eterna. Tu te postas desnecessariamente no caminho, tu começas a empurrar o rio que já está fluindo em direção do mar... ninguém pode obstruí-lo ou manchá-la. Tua pureza interior é absoluta! Não podes manchá-la. Essa é a essência do Tantra.

Todas as religiões dizem que precisas alcançá-la - Tantra diz que já a alcançaste.

Todas as religiões dizem que tens de trabalhar duramente para isso - Tantra diz que já estás perdendo por causa de tua dura atividade.

Por favor, relaxa um pouco; só relaxando atingirás o Inatingível.
... ninguém pode obstruí-la ou manchá-la.

Podes ter feito um milhão de coisas - não te preocupes com os carmas, porque nenhum ato teu pode manchar ou tornar impuro o teu ser interior.

Essa é a base do mito do nascimento virginal de Jesus. Não quer dizer que Maria, a mãe de Jesus,

fosse virgem - é uma atitude tântrica. Em suas viagens pela Índia Jesus encontrou muitos tântricas - e compreendeu o fato de que "virgindade" não pode ser destruída, que toda criança nasce de uma virgem. Os teólogos cristãos aflingiram-se muito para provar que Jesus nascera de uma virgem. Não há necessidade disso! Toda a criança nasce de uma virgem, porque a virgindade não pode ser manchada.

Como podes manchar a virgindade? Toma dois seres, marido e mulher, ou dois amantes, movendo-se em profundo orgasmo sexual - como podes manchar com isso a virgindade? O ser interior permanece como testemunha, não é parte daquilo. Os corpos se encontram, as energias se encontram, as mentes se encontram; há um momento beatífico através disso, mas o ser interior permanece testemunha - fora daquilo. A virgindade não pode ser manchada. Ainda assim, no Ocidente se preocupam em como provar que Jesus nasceu de uma virgem.

E eu digo que nem mesmo uma só criança jamais nasceu de uma mãe que não fosse virgem. Todas as crianças são nascidas da virgindade.

A cada momento, faças o que fizeres, tu estás fora daquilo. Ação alguma deixa cicatrizes em ti, não pode deixar. E, desde que relaxes e compreendas isso, não te preocuparás sobre o que fazer, ou não fazer. Deixas as coisas tomarem seu próprio curso. Flutuas simplesmente como uma nuvem branca, sem te moveres para parte alguma, unicamente gozando o movimento. O próprio perambular é belo.

...ninguém pode obstruí-la ou manchá-la. conservando-se na região não-nascida

toda aparência se dissolverá no Dharmata.

Dharmata significa que tudo tem sua própria natureza elementar. Se permanecer em tua morada interior, tudo aos poucos se dissolverá em seu próprio elemento natural. Tu é que és o agitador. Se permaneces dentro do teu ser, no alaya, no céu interior, naquela pureza absoluta, então, como no céu, as nuvens podem ir e vir e não deixam marcas. As ações vêm e vão, os pensamentos vêm e vão, muitas coisas acontecem, mas dentro, bem na profundidade, nada acontece.

Ali tu simplesmente és. Só há existência ali.

As ações não chegam até lá, nem os pensamentos.

Se permaneces desprendido e natural naquela morada interior, gradualmente verás que todos os elementos se movem em sua própria natureza. O corpo é feito de cinco elementos. A terra, aos poucos, irá para a terra, o ar para o ar, o fogo para o fogo. Isso é o que acontece quando morres: cada elemento vai para seu próprio repouso - Dharmata significa a natureza elementar de todas as coisas -, tudo se move para a sua própria morada. Tu te moves para a tua própria morada e então tudo se move para a sua. Não há perturbação.

Há duas maneiras de viver e duas maneiras de morrer. Uma delas é viver como toda a gente está

vivendo: mesclando-se a tudo, esquecendo completamente o céu interior. A outra forma de viver é o repouso interior e permitindo que as forças elementares façam seu próprio caminho. Quando o corpo sente fome, move-se e procura alimento.

O homem Iluminado permanece dentro da sua morada. O corpo sente fome e ele observa. O corpo começa a mover-se para saciar a fome e ele observa. O corpo encontra o alimento, sente-se saciado, ele observa. Continua observando. Já não é um ator. Nada está fazendo - não é aquele que faz. O corpo tem sede, ele observa. O corpo ergue-se e se move; são as forças elementares que trabalham por sua própria conta. Dizes, desnecessariamente: "Tenho sede!" - não tens! Estás confuso. O corpo tem sede e o corpo encontrará seu caminho. Irá para onde está a água.

Se permaneces dentro, verás tudo acontecer por si mesmo. Até as árvores encontram suas nascentes, sem ego e sem mente. As raízes se movimentam para encontrar uma nascente; às vezes movimentar-se-ão muitas centenas de pés para encontrar uma nascente. Isto tem sido uma das coisas mais espantosas para os botânicos, que não a podem explicar. Temos ali uma árvore: em direção ao norte, a cem pés de distância, há uma nascente, um pequeno manancial escondido dentro da terra. Como sabe a árvore que as raízes devem estender-se dentro da terra. Como sabe a árvore que as raízes devem estender-se para o norte e não para o sul? São cem pés de distância, de modo que nem mesmo a adivinhação é possível - e a árvore não possui mente, não tem ego. Mas, devido à existência das forças elementares, a árvore por si própria começa a lançar raízes em direção ao norte e, um dia, alcança o manancial.

A árvore se estende para o céu... Na selva africana as árvores são muito altas; têm de ser porque a floresta é tão densa que se as árvores não se elevassem muito não conseguiriam alcançar o sol, a luz, o ar. Assim, crescem cada vez mais altas, mais altas, procurando seu caminho. Até mesmo as árvores podem encontrar suas nascentes - por que tu te preocupas?

Por isso Jesus disse: - "Considera os lírios do campo que não trabalham nem fiam; nada fazem e tudo acontece."

Quando estás no interior de tua morada, tuas forças elementares começam a funcionar em sua pureza cristalina. Não saias. O corpo sente fome, o corpo mesmo se move - e é tão belo ver o corpo movendo-se. É, realmente, uma das mais maravilhosas experiências, essa de ver o próprio corpo mover-se e encontrar a nascente ou o alimento. Há uma sede de amor e o corpo se move por si mesmo. Tu continuas sentado em tua morada quando, de repente, vês ações que não te pertencem: tu nada fazes, tu simplesmente observas.

Compreende isso e terás atingido o Inatingível. Compreende isso e compreenderás tudo o que há para compreender.

Conservando-te na região não-nascida

toda aparência se dissolverá em Dharmata

e o egoísmo e o orgulho se desvanecerão em nada.

E quando vires que as coisas estão acontecendo por si mesmas, como poderás reunir um ego, gabar-te dele?
Como poderás dizer "eu" quando a fome tem seu próprio caminho,

satisfaz a si mesma, torna-se saciedade;

quando a vida tem seu próprio caminho,

satisfaz a si própria, procura a morte e o repouso? Quem és tu para dizer "eu sou"?

O orgulho, o eu, o egoísmo, tudo se dissolve. Então, nada fazes,

então nada queres -

simplesmente ficas em teu ser interior e a relva cresce por si mesma...

Tudo acontece por si mesmo.

Isso é difícil de entender, porque foste educado, condicionado; disseram-te que tens de agir, que tens de ser de ação, que tens de estar constantemente alerta, movendo-te, lutando. Foste educado em um meio que diz que tens de lutar por tua sobrevivência, pois de outra forma estarás perdido, de outra forma nada alcançarás. Foste educado com o veneno da ambição em ti. E no Ocidente, particularmente, uma palavra insensata - "força de vontade" - existe. Isso é simplesmente absurdo. Nada há que se pareça a alguma "força de vontade" - é uma fantasia, um sonho. Não há necessidade de vontade alguma. As coisas acontecem por si mesmas, isso é da sua natureza.

Isto aconteceu: O Mestre de Lin-Chi morreu. O Mestre era o homem famoso, mas Lin-Chi era ainda mais famoso do que o Mestre, porque o Mestre era homem silencioso e, através de Lin-Chi é que de fato se tornara famoso. Pois bem, o Mestre morreu - através também de Lin-Chi sabia-se que ele era um Iluminado - e milhares de pessoas se juntaram para prestar-lhe homenagem e dar-lhe o último adeus. Viram que Lin-Chi chorava, as lágrimas correndo como uma criancinha cuja mãe tivesse morrido. As pessoas não podiam acreditar naquilo porque pensavam que ele tivesse alcançado - e ali estava ele, chorando como uma criancinha. Isso é certo se a pessoa é ignorante, mas se a pessoa está Acordada, e quando ela própria tem ensinado que a natureza interior é imortal, eterna, nunca morre... e então?

Uns tantos, que eram muito íntimos de Lin-Chi, vieram dizer-lhe: - "Isto não é bom, que dirá de ti o povo? Já corre um boato, as pessoas julgam que estavam erradas ao pensar que tinhas alcançado. Todo o teu prestígio está em jogo. Pára de chorar! Um homem como tu não precisa chorar."

Lin-Chi respondeu: - "Mas que posso fazer? As lágrimas vêm! É o seu Dharmata. E quem sou eu para estancá-las? Nem rejeito nem aceito: conservo-me dentro de mim. Agora as lágrimas estão fluindo, nada pode ser feito. Se o prestígio está em jogo, que esteja. Se as pessoas pensam que não sou Iluminado, isso é com elas. Que posso eu fazer? Há muito tempo abandonei aquele que faz. Não há mais aquele que faz. Isto simplesmente acontece. Estes olhos estão chorando por sua própria iniciativa, porque não poderão mais ver o Mestre - e ele era alimento para estes olhos, eles vivam desse alimento. Sei muito bem que a alma é eterna, que ninguém jamais morre, mas como ensinarei isso a estes olhos? Que lhes direi? Eles não ouvem, não têm ouvidos. Como ensinar a estes olhos que não chorem, não lacrimejem, que a vida é eterna? E quem sou eu? Isso é assunto deles. Se têm vontade de chorar, que chorem."

Permanecer desprendido e natural significa isto: as coisas acontecem, mas tu não és o agente. Nem aceitando, nem rejeitando, o egoísmo se dissolve. O próprio conceito da força de vontade torna-se vazio e impotente, murcha, simplesmente, e o orgulho se desvanece em nada.

É difícil entender uma pessoa Iluminada. Não há conceitos que ajudem. Que pensas de Lin-Chi? Ele diz: - "Eu sei, mas os olhos estão chorando, deixemos que chorem, eles se sentirão relaxados. Não mais poderão ver esse homem; esse corpo logo será cremado e eles se sentem nutridos por ele; não conhecem nenhuma outra beleza senão a deste homem, não conhecem outra graça. Viveram muito tempo sendo nutridos por esse homem, pela sua figura, pelo seu corpo. Agora, é natural, sentem-se sedentos, esfaimados; agora, naturalmente, sentem que o próprio chão está desaparecendo sob eles - e estão chorando!"

Um homem natural apenas senta-se em seu próprio interior e deixa que as coisas aconteçam!

Ele não "faz".

E Tilopa diz que, só então, Mahamudra aparece,

o último, o realmente último orgasmo com a Existência. Então, não mais está separado.

Então, teu céu interior tornou-se um com o céu exterior. Não há dois céus, agora, só há um

céu.

A Suprema compreensão transcende tudo isto e tudo aquilo. A suprema ação contém grande produtividade sem apego.
A suprema realização
é compreender a imanência sem desejo.

De início, o iogue sente que sua mente
se está despencando como uma cascata;
a meio curso, como o Ganges, ela flui, lenta e suavemente;
ao fim, é um grande, um vasto oceano,
onde as luzes da mãe e do filho fundem-se numa só.

X. A suprema compreensão

Todos nascem livres, porém morrem em cativeiro. No início de tua vida és totalmente desprendido e natural mas, depois, entra a sociedade, surgem as regras e os regulamentos, a moralidade, a disciplina e muitos tipos de treinamento. Assim, o desprendimento e a naturalidade, bem como o ser espontâneo, estão perdidos. Cada qual começa a reunir em torno de si uma espécie de armadura. Cada qual começa a tornar-se mais rígido. A suavidade interior já não mais é visível.

Na fronteira do ser cada qual cria um fenômeno parecido a uma fortaleza para se defender, para não ser vulnerável, para reagir, para ter segurança: a liberdade de ser está perdida. Cada qual começa a olhar nos olhos do outro: sua aprovação, suas negações, suas condenações, suas apreciações vão se tornando cada vez mais valiosas. “Os outros” torna-se o critério e todos passam a imitar e a seguir os outros, porque todos temos de viver uns com os outros.

A criança é muito maleável, pode ser modelada de qualquer maneira e a sociedade começa a modelá-la: os pais, os professores, a escola. Aos poucos, ela se torna um caráter, e não um ser. Aprende todas as regras, ou se torna um conformista, o que também é cativeiro, ou se faz rebelde, o que é uma outra espécie de cativeiro.

Se transformar-se num conformista, ortodoxo, quadrado, estará presa a uma qualidade de cativeiro, pode reagir, tornar-se um hippie, ir ao outro extremo, mas ainda permanecerá preso a outro um tipo de cativeiro - porque a reação depende da mesma coisa contra a qual reage. Podes ir ao mais longínquo ponto do mundo, mas, bem no fundo da mente, tu te estarás rebelando contra as mesmas regras. Outros as seguem, tu reages, mas o foco permanece centrado nelas. Reacionários ou revolucionários, todos viajam no mesmo barco. Podem estar uns contra os outros, costas contra costas, mas o barco é o mesmo.

Um homem religioso não é reacionário nem revolucionário. Um homem religioso é, simplesmente, desprendido e natural: não é a favor nem contra as coisas, é simplesmente ele mesmo, não tem regras a seguir nem regras a repelir: não tem regras.

Um homem religioso é livre em seu próprio ser; não está modelado por hábitos e condicionamentos. Não é culto - não que seja incivilizado e primitivo; ao contrário, é a mais alta expressão em civilização e cultura; mas não é um ser culto. Cresceu em sua percepção e não necessita de regras; transcendeu às regras. É verdadeiro, não porque sua regra seja ser verdadeiro; sendo desprendido e natural ele é simplesmente verdadeiro, acontece-lhe ser verdadeiro. Tem compaixão, não porque siga um preceito: sê compassivo! Não. Sendo desprendido e natural, sua compaixão fluindo naturalmente, nada precisa fazer, de sua parte; a compaixão é um subproduto de seu progresso em percepção. Não é contra a sociedade, nem pela sociedade - está, simplesmente, para além dela. Tornou-se, de novo, uma criança, criança
de um mundo inteiramente desconhecido, uma criança em nova dimensão; em uma palavra renasceu.

Toda criança nasce natural e desprendida; então, vem a sociedade e é preciso que venha por certas razões, o erro não está nisso. Se a criança for deixada a si própria jamais crescerá e jamais poderá tornar-se religiosa; tornar-se-á apenas um animal. A sociedade tem de vir, a sociedade tem de ser atravessada - ela é necessária. A única coisa a lembrar é que a sociedade é apenas uma passagem a ser atravessada; não deves fazer dela uma casa onde se viva. A única coisa a recordar é que a sociedade tem de ser seguido e, então, transcendida; as regras têm de ser aprendidas e, então, desaprendidas. As regras têm de ser aprendidas e, então, desaprendidas. As regras farão parte da tua vida porque há os outros; tu não estás sozinho.

No ventre materno, a criança está absolutamente só; não tem necessidade de regras. As regras chegam, apenas, quando o outro entra em teu relacionamento; as regras vêm com o relacionamento, porque não estás sozinho e tens de pensar nos outros, considerar os outros. No ventre materno, a criança está só, não há regras, nem moralidade, nem disciplina, nem ordem que lhe sejam necessárias, mas, a partir do momento em que nasce, mesmo seu primeiro hausto de ar já é social. Se não está chorando, os médicos forçam-na a chorar imediatamente, porque, se dentro de poucos minutos não chorar, estará morta. Tem de chorar, porque o choro abre a passagem através da qual ela poderá respirar e limpa-lhe a garganta. Tem de ser forçada a chorar - mesmo seu primeiro hausto de ar é social; outros estão ali, a seu lado, a modelagem começou.

Nada de errado há nisso! Tem de ser feito, mas de tal forma que a criança nunca venha a perder o desprendimento e a naturalidade; que ela nunca se identifique com os padrões culturais, que permaneça interiormente livre; que saiba que as regras devem ser seguidas, mas não são a vida, e que saiba, também, que tem de ser ensinada. E eis o que uma boa sociedade ensinaria: "Estas regras são boas, mas há outras; estas regras não são absolutas e não se espera que permaneças confinado a elas - um dia deves transcendê-las." Uma sociedade é boa se ensina aos seus membros civilidade e transcendência. Então, é uma sociedade religiosa. Se jamais ensina a transcendência vem a ser, então, uma sociedade simplesmente secular e política, sem religião.

Tens de ouvir os outros até certo ponto, para que, então, comeces a ouvir-te a ti mesmo. Deves voltar ao estado original. Antes de morrer deves tornar-te de novo uma criança inocente - desprendido, natural -, porque, na morte, estás entrando novamente na dimensão de estar sozinho. Tal como no ventre materno, na morte também entrarás na região do estar sozinho. Ali não existe sociedade. E, através da tua vida, deves encontrar alguns espaços, alguns momentos como oásis num deserto, em que simplesmente feches os olhos e passes para além da sociedade, vás para ti mesmo, para teu próprio ventre - isso é a meditação. Vives na sociedade, mas simplesmente fechas os olhos, esqueces a sociedade e ficas a sós. Não existem regras, em teu interior, não há necessidade de caráter, de moralidade, de palavras, de linguagem. Podes ser desprendido e natural, interiormente.

Progride para essa desprendida naturalidade. Mesmo que haja necessidade de uma disciplina externa, por dentro mantém-te selvagem. Se uma permanecer selvagem por dentro, mas ainda assim praticar as coisas necessárias à sociedade, depressa virá o dia em que ela, simplesmente, transcenderá.

Vou contar-te uma história e depois entrarei nos sutras.

Trata-se de uma história sufi: um velho e um jovem estavam viajando e traziam um burro preso a uma corda. Aproximavam-se de uma cidade e vinham, ambos, andando ao lado do burro. Crianças, que iam para a escola, passaram por eles, desataram a rir e caçoar dizendo: - "Vejam esses tontos: têm um burro sadio e estão caminhando. Ao menos o velho poderia montar no burro."

Ouvindo as crianças, o velho e o joyem disseram: - "Que fazer? As pessoas estão caçoando e logo entraremos na cidade, por isso, é melhor fazermos o que essas crianças dizem." Então, o velho montou no burro e o rapaz o foi seguindo.

Adiante, outro grupo de pessoas, quando se aproximavam, olhou para eles. E as pessoas disseram: - “Vejam! O velho está montado no burro e o pobre rapaz vai caminhando. Isso é absurdo! O velho pode caminhar, mas o rapaz deveria estar montado no burro.” Assim, mudaram
de lugar: o velho passou a andar enquanto o rapaz montou no burro.

Então encontraram outras pessoas que disseram: - “Olhem para esses tontos. E esse rapaz parece bem arrogante. Talvez o velho seja seu pai, ou seu professor e está andando, enquanto ele vai montado - isso é contra as regras!” Então, o que fazer? Decidiram, ambos, que havia uma única possibilidade: ambos deveriam montar no burro; e fizeram isso.

Então novas pessoas disseram: - Vejam esses dois, como são violentos! O pobre burro está quase morrendo - e duas pessoas montadas nele! Seria melhor que carregassem o burro às costas.”

De novo discutiram o assunto e, então, chegaram a um rio onde havia uma ponte. Estavam quase na entrada da cidade e pensaram: - “É melhor que nos comportemos conforme pensam as pessoas desta cidade, se não podem pensar que somos idiotas.” Procuraram um bambu, nele penduraram o burro, puseram o bambu às costas e o carregaram. O burro tentou rebelar-se, como fazem os burros, pois, não podem ser forçados muito facilmente. Tentou escapar, porque não acreditava na sociedade e no que os outros estavam dizendo. Mas os dois homens eram demais para ele; forçaram-no e ele teve de render-se.

Bem no meio da ponte encontraram um grupo de pessoas e todas elas se juntaram em torno dos viajantes, dizendo: - “Vejam esses malucos! Nunca vimos idiotas tão grandes; um burro é para ser montado e não carregado nos ombros. Vocês ficaram loucos?

Os dois estavam ouvindo e a multidão aumentando. O burro ficou agitado, tão agitado que saltou e transpôs a ponte, tombando no rio, onde morreu. Os dois homens desceram; o burro estava morto. Sentaram-se ao lado dele e o velho disse: - “Agora, ouve...” Essa não é uma história comum - o velho era um Mestre sufi, uma pessoa Iluminada, e o jovem era um discípulo. O velho Mestre estava tentando dar-lhe uma lição, porque os sufis sempre criam situações. Dizem que, a não ser que vivas uma situação, não consegues aprender profundamente. Aquilo foi, pois, apenas uma lição para o jovem. Então, o velho disse: - “Vê: tal como este burro tu morrerás, se ouvires demais as pessoas. Não te preocupes com o que os outros dizem, porque
há milhões de outros e todos têm suas próprias mentes: cada qual dirá alguma coisa, cada qual tem sua opinião e, se deres atenção a opiniões, isso será o teu fim.”

Não ouças ninguém, permanece tu mesmo. Passa por eles, apenas, sê indiferente. Se os ouvires a todos, todos estarão te aguilhoando para que vás por este, ou por aquele caminho. Jamais conseguirás chegar ao centro de teu mais íntimo ser.

Todo o mundo se tornou excêntrico. Essa palavra é muito bonita: significa fora do centro e é usada para pessoas malucas. Mas todos são excêntricos, estão fora do centro, e o mundo inteiro
te está ajudando a tornar-te excêntrico, porque todos te estão aguilhoando. Tua mãe te está aguilhoando para o norte, teu pai para o sul, teu tio está fazendo uma outra coisa, teu irmão ainda outra, tua esposa, naturalmente, mais outra; todos estão tentando, de alguma forma, forçar-te, levar-te a algum lugar. Aos poucos, chega um momento em que não estás em lugar algum. Permaneces nas encruzilhadas, empurrado de norte para o sul, de leste para oeste, movendo-te

para parte alguma. Aos poucos, toda a tua vida se torna assim - tu te tornas excêntrico.

Essa é a situação. E, se continuas a ouvir os outros e a não ouvir teu centro interior, continuará a ser assim. Toda meditação deve ser centralizada, não pode ser excêntrica; deve ir ao teu próprio centro. Ouve tua voz interior, sente-a e obedece a ela. Gradualmente, saberás rir das opiniões dos outros, ou ser-lhes simplesmente indiferente. E, desde que te tornes centralizado, passas a ser alguém poderoso. Então, ninguém poderá aguilhoar-te, ninguém poderá empurrar-te para parte alguma - ninguém ousará fazê-lo. Serás tal poder, centralizado em ti mesmo, que qualquer pessoa, aproximando-se com uma opinião, simplesmente a esquece ao se chegar a ti. Quem quer que venha forçar-te a ir a algum lugar simplesmente esquecerá que vinha para forçar-te. Ao contrário, ao se aproximar, ela começa a sentir-se conquistada por ti.

Assim é que um homem sozinho pode tornar-se poderoso, a ponto de toda a sociedade, toda a História, não poderem movê-lo uma só polegada. Por isso é que um Buda existe, um Jesus existe. Podes matar um Jesus, mas não podes forçá-lo. Podes destruir-lhe o corpo, mas não podes forçá-lo uma só polegada. Não que ele seja irredutível ou obstinado; não, ele está, simplesmente, centralizado em seu próprio ser - sabe o que é bom para si, sabe o que é beatífico. Isso já aconteceu; não o consegues atrair para novas metas, não há capacidade de sugestão que o leve para outro alvo. Ele encontrou seu lar. Pode ouvir-te pacientemente, mas não podes movê-lo. Ele está centralizado.A centralização é a primeira coisa para se chegar à naturalidade e desprendimento. De outra forma, se fores natural e desprendido, qualquer pessoa poderá levar-te a qualquer parte. Por isso é que não se permite às crianças serem naturais e desprendidas: ainda não estão bastante maduras para isso. Se forem naturais e desprendidas, correndo por toda a parte, sua vida estaria desperdiçada. Daí eu dizer que a sociedade faz um trabalho necessário: protege as crianças, transforma em fortaleza um caráter parecido a uma cela. As crianças precisam disso, pois são muito vulneráveis, podem ser destruídas por qualquer um; a multidão aí está e, sozinhas, crianças não serão capazes de encontrar seu caminho - precisam um caráter-armadura.

Mas se o caráter-armadura torna-se toda a tua vida, estás perdido. Não deves tornar-te uma cidadela, deves permanecer o senhor, deves continuar capaz de sair dela. De outra forma, não será uma proteção. Tornar-se-á uma prisão. Deves ser capaz de sair de teu caráter, deves ser capaz de pôr de lado teus princípios. Deves ser capaz, se a situação assim o requerer, de responder de uma forma absolutamente nova. Se perderes essa capacidade, então tu te farás rígido, então não poderás ser desprendido. Se perderes essa capacidade, então tu te tornarás antinatural, então não serás flexível.

Flexibilidade é juventude; rigidez é velhice. Quanto mais flexível mais jovem, quanto mais rígido mais velho.

A morte é a rigidez absoluta.

Vida é absoluto desprendimento e flexibilidade.

Isso tu tens de lembrar para, então, tentar compreender Tilopa, Suas palavras finais:

A suprema compreensão transcende tudo isto e tudo aquilo. A suprema ação

contém grande produtividade sem apego. A suprema realização

é compreender a imanência sem esperança.

Muito, muito significativas estas palavras:

A suprema compreensão transcende tudo isto e tudo aquilo.

O conhecimento sempre se refere a isto, ou a aquilo. A compreensão não é uma coisa, nem outra. O conhecimento é sempre dualidade: um homem é bom, sabe o que é bom; outro homem é mau, sabe o que é mau - mas ambos são fragmentados, divididos pela metade. O homem bom não é inteiro, porque não sabe o que é mau; sua bondade é pobre, carece da intuição que a maldade dá. O homem mau também é pela metade; sua maldade é pobre; não é rica, porque ele não sabe o que é bondade. E a vida é ambas as coisas reunidas.

Um homem de real compreensão não é bom nem mau, ele compreende ambas as coisas. E, em virtude dessa mesma compreensão, transcende ambas. Um sábio não é bom nem mau. Tu não podes confiná-lo a uma categoria; para ele não existem escaninhos; não podes classificá-lo.
É ilusivo, não o podes agarrar. E qualquer coisa que digas dele, será sempre incompleta, nunca será tudo. Um sábio tem amigos e seguidores, que o julgarão um deus, porque só vêem sua parte boa. O sábio pode ter adversários e inimigos, e estes o julgarão diabo encarnado, porque só conhecem sua parte má. Mas, se conheceres um sábio, verás que ele não é uma coisa nem outra, ou ambas juntas - e ambas significam a mesma coisa.

Quando é ambas as coisas reunidas, bom e mau, não és nenhuma delas, porque elas se aniquilam mutuamente, negam-se mutuamente e, em seu lugar fica um vácuo.

Esse conceito é muito difícil pára a mente ocidental, porque os ocidentais dividiram Deus e o Diabo absolutamente. Tudo o que é mau pertence ao Diabo e tudo o que é bom pertence a Deus; seus territórios são demarcados; inferno e céu são colocados separadamente.

Por isso é que os cristãos parecem um tanto pobres aos olhos dos sábios tântricos; são apenas bons, simples; não conhecem o outro lado da vida. E por isso é que estão sempre temendo o outro lado, sempre tremendo de medo. Um santo cristão está sempre rezando para que Deus o proteja contra o mal. O mal está sempre num canto e ele o tem evitado. Quando evitas algo constantemente, esse algo permanece na tua mente. E tens medo e tremes.

Um Tilopa não conheces tremores, nem medo, e jamais pede a Deus que o proteja: ele está protegido. Qual é a proteção dele? A compreensão é a sua proteção. Viveu tudo; foi até o mais recuado ponto do mal, viveu o Divino e agora sabe que os dois são aspectos de uma mesma coisa. E agora nem se aflige sobre o bem, nem se aflige sobre o mal, e vive uma vida desprendida, natural, simples, não tem conceitos predeterminados. E, sobre ele, nada se pode predizer.

Não podes predizer um Tilopa; podes predizer Santo Agostinho, podes predizer outros santos, mas não podes predizer um sábio tântrico; simplesmente não podes. Sobre ele não se pode predizer. Porque a cada momento ele responderá ninguém sabe de que forma, ninguém

sabe; nem ele sabe. E aí reside a beleza disso porque, se souberes obre teu futuro, já não serás um homem livre; estarás agindo de acordo com certas regras, terás um caráter pré-fabricado; então, de alguma forma, a isso terás de reagir, não responder.

Ninguém pode prever o que Tilopa fará em determinada situação: o todo da situação é que trará a resposta. E ele não tem preferências, nem aversões: nem isto, nem aquilo. Agirá, não reagirá; não reagirá em conseqüência de seu passado, não reagirá de acordo com seus futuros conceitos, com seus próprios ideais. Agirá aqui e agora; a resposta será total: ninguém pode prever o que acontecerá.

A compreensão transcende a dualidade.

Diz-se que, certa vez, Tilopa estava vivendo numa caverna e um passante, um inquiridor, veio visitá-lo. Ele estava comendo e usava um pequeno crânio humano como vasilha. O viajante ficou assustado. Aquilo era terrífico! Viera ver um sábio e o homem à sua frente parecia pertencer ao mundo dos magos negros. Estava comendo num crânio e apreciando o que comia. Ao lado de Tilopa havia um cão que comia da mesma vasilha e, quando o homem chegou, Tilopa o convidou a participar da refeição. - "Venha - disse - que bom teres chegado a tempo, porque isto é tudo quanto tenho. Depois que eu terminar não haverá mais nada durante vinte e quatro horas. Só amanhã alguém trará alguma coisa. Portanto, venha participar."

O homem sentiu-se muito enojado - um crânio humano cheio de comida e um cão também participando! E disse: - "Sinto-me enojado."

Tilopa respondeu: - "Então, foge o mais depressa possível daqui e não olhes para trás, porque Tilopa não é para ti. Por que te enojas vendo este crânio humano? Tu o carregas contigo há tanto tempo e o que há de errado no fato de meu alimento ser tomado neste crânio? Trata-se de uma das coisas mais limpas. Não estás enojado de teu próprio crânio, aí, dentro de ti? Toda a tua mente, teus belos pensamentos, tua bondade, tua moralidade, tua santidade - tudo isso está em teu crânio. Eu apenas estou comendo neste crânio, ao passo que o teu céu, o teu inferno, todos os deuses e teu Brama, tudo isso está em teu crânio. A esta altura já devem estar inteiramente sujos e tu devias enojar-te disso. E tu próprio aí estás, em teu crânio. Por que te sentes enojado?"

O homem tentou desdizer, racionalizar. Disse: - "Não é por causa do crânio, é por causa desse cão."

Tilopa riu e disse: - "Tu foste um cão em tua vida passada e todos têm de passar por esse estágio. E que há de errado em ser um cão? E qual é a diferença entre ti e um cão? A mesma avidez, o mesmo sexo, a mesma cólera, a mesma violência, a mesma agressividade, o mesmo medo - por que pensas que és superior?

É difícil entender Tilopa, porque feio e bonito não fazem sentido para ele; pureza e impureza não fazem sentido para ele; bom e mau não fazem sentido para ele. Tilopa tem a compreensão do total.

O conhecimento é parcial. A compreensão é total.

E, quando vês o total, todas as distinções acabam-se. Que é feio e que é bonito?

Que é bom e que é mau?

Todas as distinções simplesmente se acabam se tens uma visão do todo, como se

estivesses a uma altura equivalente à do vôo de um pássaro; então todas as fronteiras desaparecem. É como olhar para baixo, de um aeroplano: onde está o Paquistão e onde está a Índia? E onde estão a Inglaterra e a Alemanha? Todas as fronteiras estão perdidas, toda a terra tornou-se uma coisa só.

E, se fores ainda mais alto, numa nave espacial, e olhares lá da lua, a terra inteira tornar-se-á muito pequena - onde está a Rússia e onde está a América? Quem é comunista e quem é capitalista? Quem é hinduísta e quem é muçulmano? Quanto mais alto subires, menos distinções haverá e, para além daquele ponto, o mais alto de todos, que é a compreensão, nada mais haverá.

Do ponto mais alto tudo se torna igual.

As coisas se juntam, fundem-se e tornam-se uma só,
as fronteiras se perdem...

Um oceano ilimitado, sem nascente

...infinidade.

A suprema compreensão Transcende tudo isto e tudo aquilo. A suprema ação

Contém grande produtividade, sem apego.

Tilopa diz que sejas desprendido e natural, mas não quer dizer, com isso, para seres preguiçoso ou para ires dormir. Pelo contrário, quando és desprendido e natural passas a ser muito produtivo. Tornas-te tremendamente criativo. Não haverá atividade em ti - a ação está contigo. Não serás obcecado pelo trabalho, mas te tornarás tremendamente produtivo, criativo. Farás milhões de coisas, não por causa de qualquer obsessão, mas porque estarás tão repleto
de energia que terás de criar.

A criatividade flui espontaneamente em um homem que é desprendido e natural. Tudo quanto ele faz é criativo. Qualquer objeto por ele tocado faz-se uma peça de arte, qualquer palavra dita transforma-se em poesia. Seu próprio movimento é estético. Se vires um Buda caminhando, observa como mesmo seu andar é criativo, mesmo ao andar ele está criando um ritmo, mesmo em seu andar está formando um meio, uma atmosfera ao redor de si próprio. Se Buda ergue a mão, transforma o clima ao seu redor, imediatamente. Não que esteja fazendo essas coisas; elas simplesmente acontecem. Ele não é o que faz.

Calmo, interiormente em paz; tranqüilo, interiormente recolhido em si próprio, repleto de

infinita energia que derrama,

transbordando em todas as direções,

cada momento seu é um momento de criatividade, de criatividade cósmica.

Lembra-te disso. Isso deve ser lembrado, porque muitas pessoas podem entender erroneamente. Podem pensar: - "Não há necessidade de atividade alguma" e, daí, concluem: - "não há necessidade de ação alguma". A ação possui qualidade diferente, inteiramente diferente! A atividade é patológica.

Se fores a um hospício, verás as pessoas em atividade, cada louco fazendo alguma coisa, porque essa é a única forma através da qual conseguem esquecer-se de si próprios. Podes encontrar alguém que lave as mãos trezentas vezes por dia, porque acredita em limpeza. Na verdade, se não deixares que lave as mãos trezentas vezes por dia, ele não poderá aguentar-se, isso será demais para ele. Lavar as mãos é uma fuga.

Políticos, pessoas que andam à caça de fortuna e poder, são pessoas loucas. Não podes fazê-los parar, porque, se o fizeres, eles não saberão como viver, serão atirados a si mesmos e isso é demais para eles.

Um dos meus amigos estava me dizendo, certo dia, que ele e a esposa tiveram de ir a determinada festa. O casal tinha um filho pequeno, uma bela criança, e, naturalmente, ativa como as crianças costumam ser. Assim, fecharam-na no quarto, dizendo-lhe - "Se te comportares bem e não fizeres confusão na casa, terás tudo o que pedires; dentro de uma hora nós estaremos de volta." A criança ficou, iludida: obteria qualquer coisa que pedisse. Portanto, comportou-se realmente bem. Na verdade, nada fez. Ficou simplesmente a um canto, porque "o que quer eu faça pode acabar mal... ninguém sabe, ninguém sabe o que há na mente dos adultos, o que é errado e o que é bom, eles também estão sempre mudando de opinião." Portanto, lá permaneceu a criança, de olhos fechados, como um meditador.

Quando os pais, já de volta abriram a porta, a criança estava de pé, no canto. Abriu os olhos e olhou para eles, que perguntaram: - "Tu te comportaste bem?" A criança disse: - "Sim, eu me comportei bem; na verdade, nem podia me suportar." Aquilo fora demais.

As pessoas demasiado ocupadas em atividades têm medo de si próprias. A atividade é uma espécie de escape; com ela podem esquecer-se de si mesmas. É alcoólica, intoxicante. A atividade tem de ser abandonada, porque é patológica; tu estás doente. A ação não deve ser abandonada; a ação é bela.

O que é a ação? A ação é a resposta, quando necessitas agir; quando não é necessário, relaxas. Mesmo agora continuas fazendo coisas que não são necessárias, e, mesmo agora, quando desejas relaxar, não o consegues. Um homem de ação, de ação total, age e, quando a situação está resolvida, relaxa.

Eu te estou falando. Falar tanto pode ser atividade como ação. Há pessoas que não podem parar de falar, e falam, falam, falam. Mesmo que as faças calar, não fará diferença alguma, por dentro. Continuarão tagarelando; não conseguem parar. Isso é atividade, obsessão febril. Tu estás aqui e eu falo contigo. E nem eu sei o que vou dizer-te. Até que a frase seja articulada, eu não

tinha consciência do que ela viria a ser. Não só tu és o ouvinte, eu também sou o ouvinte aqui. Depois que eu disse algo é que sei o que disse. Nem tu nem eu podemos prever, nem eu posso prever o que vou dizer; a próxima frase nem mesmo está aqui, é a tua situação que a provoca.

Portanto, pelo que quer que seja que eu diga, não sou o único responsável. É meio a meio: tu crias a situação, eu ajo. Assim, se meu ouvinte muda, minha conversa muda. Depende do ouvinte, porque não é pré-formulada. Não sei o que vai acontecer e aí está porque para mim também é belo. É uma resposta, um ato. Quando te fores, eu me sentarei dentro da minha morada e nem mesmo uma só palavra flutuará no céu interior. A palavra és tu.

Por isso, às vezes acontece de as pessoas me procurarem dizendo: "Vamos fazer-te algumas perguntas e tu as responderás." Isso acontece todos os dias. Quando tens uma certa pergunta a fazer, crias um clima em torno dela, vens repleto daquela pergunta. Então, que tenho eu a fazer? Tenho de responder. Tua pergunta cria a situação e eu tenho de responder. Por isso é que muitas das tuas perguntas são simplesmente respondidas. Se alguma delas não o for, a razão deve estar algures, em ti. Podes tê-la esquecido. Pela manhã ela estava em tua mente, mas, quando entraste nesta sala, te esqueceste. Ou havia muitas perguntas e não tinhas muita certeza quanto àquela que devias fazer: estavas confuso, vago, enevoado. Se tiveres certeza sobre uma pergunta, obterás a resposta.

Não é nada que venha da minha parte, simplesmente acontece. Tu crias a pergunta e eu, simplesmente, flutuo nela. Tenho de fazer isso, porque nada tenho para te dizer. Se eu tiver alguma coisa para te dizer, tu serás irrelevante. Seja qual for a pergunta que tiveres, não faria diferença - eu teria em mim aquilo que desejaria contar-te. Mesmo que ali não estivesses, não faria nenhuma diferença.

O All-India Radio costumava convidar-me a falar, mas eu sentia dificuldade porque era muito impessoal: falar para ninguém! Eu respondi, simplesmente: - "Isso não é para mim. Cansa muito e não sei o que fazer - não há ninguém ali." Assim, propuseram outra coisa. Disseram: - "Isto pode ser feito: nosso pessoal, algumas pessoas, vêm e sentam-se à tua frente." Mas eu lhes disse: - "Então não me dêem o assunto, porque essas pessoas é que me darão o assunto. Será totalmente irrelevante ter gente sentada aqui, se vocês tiverem definido o assunto e ninguém estiver envolvido por esse assunto. Será uma audiência morta."

Quando estás presente, crias a pergunta, crias a situação e a resposta flui em tua direção. É um fenômeno pessoal. Então, simplesmente, recusei-me a ir e disse: - "Isso não é para mim, isso não é possível. Não posso falar a máquinas, porque elas não criam situação alguma para que eu possa flutuar nelas. Eu só posso falar a pessoas."

Eis por que nunca escrevi um livro. Não posso! Para quem? Quem o lerá? A não ser que eu conheça o homem que o lerá e a não ser que ele crie uma situação, não posso escrever - para quem escreveria? Escrevi apenas cartas, porque, então, sei que estou escrevendo a alguém. Esse alguém pode estar longe, nos Estados Unidos, não faz diferença - no momento em que lhe escrevo uma carta, o fenômeno é pessoal e ele ali está. Enquanto lhe escrevo, ele me ajuda a escrever. Sem ele, não é possível; é preciso haver um diálogo.

Isso é ação. No momento em que te vais, toda a linguagem desaparece: em mim não há palavras flutuando, não são necessárias. E deve ser assim! Quando andas, usas as tuas pernas e, quando te sentas numa cadeira, para que precisa mover as pernas? Isso é loucura! Quando há

um diálogo, as palavras são necessárias; quando há uma situação, a ação é necessária - mas deixa que o Todo decida isso, tu não deves ser o fator da decisão, tu não deves decidir. Assim não há carmas e passa ileso por todos os momentos. O passado morre por si mesmo a cada momento, o futuro nasce e tu passas para ele, tão novo quanto uma criança.

A suprema ação

contém grande produtividade, sem apego.

A ação acontece, mas não há o apego; tu não dizes: - "Eu fiz isso". Eu não sinto que disse algo; eu sinto apenas que algo foi dito, aconteceu. O Todo o fez e o Todo não sou eu, nem tu - o Todo é ambos e nenhum; o Todo ronda em torno e o Todo decide. Tu não és aquele que faz. Muita coisa acontece através de ti, mas não és aquele que faz. Muito é criado através de ti, mas não és o criador. O Todo permanece como criador; tu te tornas simplesmente o veículo, meio para o Todo.

Um bambu oco

e o Todo põe seus dedos e seus lábios nele

e ele se torna uma flauta, e uma canção nasce.

De onde vem essa canção? Daquele bambu oco a que chamas "flauta"? Não. Dos lábios do Todo? Não. De onde vem? Tudo está envolvido: o bambu oco está envolvido, os lábios do Todo também estão envolvidos, o cantor está envolvido, o ouvinte está envolvido, tudo está envolvido. Mesmo uma pequena coisa cria uma diferença.

Uma rosa é colocada num aposento, e já aquele aposento não é o mesmo, porque a rosa tem sua própria aura, seu próprio ser. Influenciará tua compreensão, influenciará o que quer que eu diga - o total é que se move, não as partes. Muito acontece, mas ninguém é aquele que faz.
...grande produtividade, sem apego

E, não sendo tu aquele que faz, como pode acontecer o apego? Fazes uma pequena coisa e te apegas. Dizes: - "Eu fiz isto". Gostarias que toda a gente soubesse que fizeste isto, ou aquilo. Esse ego é a barreira para a suprema compreensão. Abandona aquele que faz e deixa que as coisas aconteçam. Isso é o que Tilopa quer dizer quanto a ser desprendido e natural.

A suprema realização

é compreender a imanência sem esperança.

Isso é muito profundo, muito sutil e delicado. Tilopa diz: - "Qual é a realização suprema? É

compreender a imanência sem esperança: no interior, o espaço interno é perfeito, absoluto - sem esperança.” Por que usa ele a palavra “esperança” aqui?

Porque com a esperança vem o futuro, com a esperança vem o desejo,

com a esperança vem o esforço para progredir, com a esperança vem a avidez para ter mais,

com a esperança vem o descontentamento -

e, então, como é natural, surge a frustração.

Ele não está dizendo para te desesperançares, porque isso também te liga à esperança. Ele está dizendo, simplesmente, “sem esperança”; não-esperançoso, não-desesperançado - porque ambas essas coisas se originam da esperança. Isso tornou-se um grande problema para o Ocidente, porque Buda também usa essa expressão e, então, os pensadores ocidentais passaram a achar que essas pessoas são pessimistas. Não o são. Não são pessimista, não são otimistas. E essa é a significação do “sem esperança”.

Se alguém tem esperança, nós o chamamos otimista, dizemos que ele pode ver um revestimento prateado na mais escura nuvem, dizemos que ele pode ver a manhã seguindo-se à mais trevosa noite: ele é um otimista. E, depois, há o pessimista, exatamente o oposto dele. Em torno do mais brilhante revestimento prateado, ele sempre verá a nuvem mais escura. E se lhe falares da manhã ele dirá: - “Toda manhã termina na noite.” Mas recorda-te: eles podem ser opostos, mas não estão realmente separados; seu foco é diferente, mas sua mente é a mesma. Quer vejas o revestimento brilhante, o revestimento prateado, na mais escura nuvem, ou vejas a nuvem escuras em torno do revestimento prateado, sempre vês a parte, tua divisão ali está; tu escolhes, nunca vês o total.

Buda, Tilopa e eu próprio não somos pessimistas nem otimistas: simplesmente deixamos de lado a esperança. Com a esperança ambos surgem - o otimista, o pessimista. Nós, simplesmente, deixamos de lado a cunhagem da esperança; e ambos os aspectos desaparecem com ela. Essa é uma dimensão totalmente nova, difícil de entender.

Tilopa vê as coisas em sua inteireza, não tem escolha. Vê tanto a manhã como a noite, juntas,

vê tanto a dor como o prazer, juntos,

vê tanto o nascimento como a morte, juntos. Não tem escolha própria.

Não é pessimista, nem otimista - ele vive sem esperança.

E essa é realmente, uma dimensão maravilhosa para nela se viver: viver sem esperança. Só pelo uso da expressão “sem esperança” sentes, dentro de ti que isso é algo pessimista, mas isso só acontece por causa da linguagem. O que Tilopa está dizendo está para além da linguagem.

Ele diz: A suprema realização é compreender a imanência sem esperança. Tu, simplesmente, compreendes a ti mesmo em tua total inteireza, tal como és; e, simplesmente, és aquilo! Não há necessidade de qualquer melhoramento, desenvolvimento, crescimento - não há necessidade.

Nada se pode fazer nesse sentido. Assim é, simplesmente.

Desde que compreendas isso profundamente, de repente, todas as flores e todos os espinhos desaparecerão, os dias e as noites desaparecerão, a vida e a morte desaparecerão, o verão e o inverno desaparecerão. Nada ficará - porque o apego desapareceu. Se aceitas o que és, como és, não há mais problemas, nem perguntas, nada a ser solucionado - tu, simplesmente, és aquilo. Então, vem a celebração, mas não de esperança. Essa celebração é somente um transbordamento de energia. Começas a florescer, não em direção a algo que está no futuro, mas porque não podes agir de outra maneira.

Quando alguém compreende a inteireza do ser, o florescimento começa; esse alguém vai florescendo, florescendo, e celebrando, mas não por qualquer causa visível. Por que sou feliz? Que tenho eu que tu não tenhas? Por que sou sereno e tranqüilo? Consegui algo que tu não conseguiste? Cheguei a alguma coisa a que tu não chegaste? Não. Eu, simplesmente, relaxei, na inteireza. Seja eu o que for - bom, mau, moral, imortal - seja o que eu for, simplesmente relaxei nessa inteireza. E abandonei todos os esforços para melhorar e abandonei todo o futuro. Abandonei a esperança e com o abandono da esperança tudo desapareceu. Estou sozinho e simplesmente feliz, sem qualquer motivo; simplesmente silencioso agora, sem esperança. Não sei como criar qualquer perturbação. Sem esperança, como podes criar qualquer perturbação em teu ser?

Lembra-te disto: todo esforço te leva a um ponto no qual tu deixas todo o esforço e ficas sem esforço. E toda pesquisa te leva a um ponto em que simplesmente encolhes os ombros e te sentas sob uma árvore, instalado ali.

Cada viagem termina na mais profunda inteireza do ser - e obténs isso a todo momento. Portanto, trata-se apenas de uma questão: tornar-te um pouco mais consciente. Que há de errado contigo? Vi milhões de pessoas, mas não vi uma só que realmente tivesse algo errado: ela é que criava o erro. Tu és o criador, grande criador de doenças, erros, problemas até que, então, os repeles - como solucioná-los? Primeiro tu os crias, e então começas a expulsá-los. Por que começar por criá-los?

Basta que abandones a esperança, o desejo, e simplesmente vejas o que és; apenas fecha teus olhos e vê quem tu és, e só! Mesmo num pestanejar é possível fazer isso, não há necessidade de tempo. Se estás pensando que demanda tempo, crescimento gradual, então isso é coisa da tua mente - tu precisarás de tempo; mas, de outra maneira, o tempo não é necessário.

A suprema realização é compreender a imanência... Isso é o que deve ser alcançado, e é inerente a ti. Essa é a significação da imanência: tudo o que deve ser alcançado já está dentro de ti. Nasceste perfeito; nem podia ser de outra forma, porque és nascido do perfeito. Isso foi o que Jesus quis dizer quando falou: - “Eu e meu Pai somos um”. Que estava ele dizendo? Estava dizendo que não podes ser senão o Todo, porque provéns do Todo!

Podes tomar um punhado de água do oceano e prová-la: o gosto é o mesmo em todo o oceano. Numa simples gota de água do mar, podes encontrar toda a química do mar. Se compreenderes uma simples gota de água do mar, compreenderás todos os mares, no passado, no presente, no futuro - porque a pequena gota é uma miniatura do oceano. E tu és o Todo em forma de miniatura.

Quando entras profundamente em teu interior e compreendes isso, de súbito, o riso aparece; tu começas a rir. Que estás procurando? O próprio autor da procura é objeto da procura, o próprio viajante é o ponto de chegada. Essa é a supersuprema realização: compreender a si próprio, a absoluta perfeição de si próprio - sem esperança. Porque, se houver esperança, ela se movimentará, continuamente se movimentará em tua perturbação. Começarás a pensar novamente: - "Algo mais é possível." A esperança cria sonhos: - "Algo mais é possível. Naturalmente, isso é bom..."

As pessoas procuram-me e dizem: - "A meditação está indo muito bem; naturalmente, isso é bom; mas dá-nos uma outra técnica de forma que possamos progredir mais." Às vezes, as pessoas me dizem: - "Tudo é belo!" E, então, acrescentam: - "E agora?" Agora a esperança se movimenta. Se tudo é belo, então por que perguntam: - "E agora?" Quando tudo estava errado perguntavam: - "E agora?" Agora, que tudo é belo, de novo perguntam: - "E agora?" Agora, deixem disso, dessa esperança!

Um dia destes, alguém chegou e disse: - "Tudo está indo maravilhosamente agora, mas quem sabe o que será amanhã?" Por que trazer o amanhã quando tudo está absolutamente certo? Não podem passar sem problemas? Agora tudo é bom, mas preocupam-se em saber se amanhã será bom ou não. Se hoje é bom, de onde virá o amanhã? Ele nascerá do hoje; portanto, por que se afligir? Se o hoje é silencioso, o amanhã será mais silencioso, pois nascerá do hoje. Mas, por causa de tua aflição, podes destruir o hoje e, então, virá o amanhã e verás cumprida a tua frustração. E dirás: - "Era nisso que eu estava pensando, era com isso que eu me preocupava." E aquilo só aconteceu por tua causa. Não ia acontecer! Se tivesses permanecido sem futuro, aquilo não teria acontecido.

Essa é a tendência autodestrutiva da mente, a tendência suicida. E, de certa forma, ela se auto-realiza, de modo que a mente sempre pode dizer: - "Eu te avisei antes, eu te avisei com antecedência e tu não me ouviste." Agora, pensarás: - "Sim, é certo; a mente me esteve avisando e eu não a ouvi." Mas aconteceu apenas por causa do aviso da mente.

Muitas coisas acontecem... Supõe que vás aos astrólogos, jyotishi, palmistas, e eles te dizem alguma coisa; quando essa coisa acontecer, pensarás que eles previram teu futuro. Dá-se exatamente o oposto: pelo fato de terem previsto, tua mente se fixa naquilo, e o caso acontece. Se alguém disser que morrerás no dia 13 de março, será possível que morras. Não porque esse alguém conhecia teu futuro, mas porque predisse teu futuro. Então, o dia 13 de março fica dando voltas em tua mente, continuamente: não podes dormir sem pensar nele, não podes sonhar sem que esteja presente, não és capaz de amar sem ele. Durante vinte quatro horas por dia pensarás: - "No dia 13 de março vou morrer." Isso acabará por tornar-se uma auto-hipnose, um cantochão. Dará voltas e mais voltas e, quanto mais o dia 13 de março se aproximar, mais rápidas serão essas voltas. E acabará por acontecer: 13 de março...

Certa vez aconteceu de um palmista, um quiromante, predizer sua própria mente. Fizera previsões sobre a morte de várias pessoas, e elas se cumpriram, de modo que se convenceu de

que havia algo de correto em suas predições. De outra forma, por que estariam elas acontecendo? Como estava envelhecendo, alguns amigos lhe disseram: - “Por que não fazer uma predição para ti próprio?” Assim, ele estudou a própria mão, as cartas e tudo o mais - coisas tolas, todas; então, decidiu que sua própria morte ocorreria em tal e tal data, às seis horas da manhã. E ficou à espera. Aproximava-se das seis horas e, desde as cinco estava pronto; a cada momento, a morte se adiantava, mais e mais. E, então, chegou o último momento: um instante mais e o relógio marcaria as seis horas, contudo ele ainda estava vivo. Como era possível? Os segundos começaram a passar e, quando o relógio marcou exatamente seis horas, ele se atirou pela janela. Porque, como era possível? Naturalmente, morreu, tal como previra.

A mente possui um mecanismo de auto-realização. Sê alerta a respeito disso. Tu estás feliz e tua mente diz: - “Naturalmente tu estás feliz, muito bem, mas e amanhã?” Nesse instante, a mente destrói aquele momento, já trouxe para ele o amanhã. Agora o amanhã virá daquela mente e não do momento feliz que nela havia antes.

Não esperes, de uma forma ou de outra, contra ou a favor; abandona toda esperança. Permanece aqui, no momento, para o momento, com o momento, pelo momento. Não há outro momento como este. E, seja que for que vá acontecer, acontecerá fora deste momento; portanto, por que te afliges? Se este momento é belo, como pode ser feio o próximo momento? De onde virá ele? Ele aumenta, ele será mais belo - tem de ser. Não há necessidade de pensar nele.

E quando consegues realizar isso, permaneces em tua inata perfeição... Lembra-te, tenho de usar palavras e há o perigo de que não me entendas corretamente. Quando eu digo “permanece com tua perfeição interior” podes preocupar-te porque, às vezes, sentes que não és perfeito. Nesse caso, permanece na tua imperfeição. A imperfeição também é perfeita! Nada há de errado com ela, permanece com ela. Não te afastes deste momento; aqui e agora está toda a existência. Tudo o que tem de ser realizado deve ser realizado aqui e agora, de modo que, seja qual for o caso, mesmo que te sintas imperfeito, sê imperfeito! Tu és assim, essa é a tua inteireza. Sentes-te sexual? Perfeito, sentes-te sexual; assim tu és, assim Deus quis que fosses. Triste? Belo! Sê triste, mas não te afastes do momento.

Permanece com o momento e, aos poucos, sentirás que a imperfeição se dissolveu em perfeição, o sexo se dissolveu em êxtase interior, a cólera se dissolveu na compaixão.

Se podes ficar neste momento com o teu ser total, então não há problema. Essa é a suprema realização. Ela não tem esperança, não precisa ter. É tão perfeita que não precisa ter esperança. A esperança não é uma boa coisa: esperar sempre significa que há algo errado contigo - por isso, esperas pelo contrário, pelo oposto. Estás triste e esperas felicidade; tua esperança diz que estás triste. Sentes-te feio e esperas uma bela personalidade; tua esperança diz que és feio. Mostra-me a tua esperança e eu poderei dizer-te quem és, porque a tua esperança imediatamente revela quem és - exatamente o oposto. Abandona a esperança e sê, apenas. Se tentares apenas “ser”, isso acontecerá.

De início o iogue sente que sua mente

se está despencando como uma cascata;

a meio curso, como o Ganges, ela flui, lenta e suavemente;

ao fim

é um grande, um vasto oceano

onde as luzes da mãe e do filho fundem-se numa só.

Se estás sendo, aqui e agora, o primeiro satori acontecerá, o primeiro vislumbre da Iluminação. E esta será a situação interior: De início o iogue sente que sua mente se está despencando como uma cascata... porque a mente começa a dissolver-se. Agora, ela se parece a um nevoeiro gelado. Se permaneceres desprendido e natural, fiel ao momento autenticamente aqui e agora, a mente começará a dissolver-se. Levaste-lhe energia solar. Isso de seres aqui e agora conserva uma energia assim; sem te voltares para o futuro, sem te voltares para o passado, tens tal energia em ti, que essa própria energia começa a dissolver a mente.

A energia é fogo, a energia é do sol. Quando não te estás dirigindo para parte alguma, quando estás completamente imóvel, aqui e agora, sem te moveres, convergindo para ti mesmo, todo vazamento cessa; porque o vazamento surge através do desejo e da esperança. Tens um vazamento por causa do futuro, tens um vazamento por causa de uma motivação: - "Faze alguma coisa, sê alguma coisa, tem alguma coisa; por que estás perdendo tempo aí sentado? Vai! Move-te! Faze!" - então há um vazamento. Se estiveres simplesmente aqui, como poderás vazar? A energia converge, retorna para ti, torna-se um círculo de fogo - e, então, o nevoeiro da mente começa a dissolver-se.

De início o iogue sente que sua mente

se está despencando como uma cascata.

Tudo cai. Toda a mente está caindo, caindo, caindo - podes ficar assustado. Durante o primeiro satori precisarás do Mestre muito profunda e intimamente, porque, a não ser ele, quem te dirá: - "Não temas; isto é belo - cai?"

Basta a palavra "cai" e o medo aparece, porque cair significa cair num abismo, perder seu apoio no chão, passar para o desconhecido. E a queda traz, consigo, uma impressão de morte; e é quando a pessoa sente medo.

Já foste às montanhas - a um pico bem alto -, e dali olhaste para o abismo, o vale; náusea, tremor e medo vêm, como se o abismo fosse a morte e pudesses cair nele. Quando a mente se dissolve, tudo começa a cair, tudo, digo-te eu. Teu amor, teu ego, tua avidez, tua cólera, teu ódio. Tudo quanto foste até então, de repente, começa a se tornar desprendido e a tombar - como se uma casa se estivesse desmoronando - e tu te tornas um caos, não há mais ordem, toda a disciplina caiu. De alguma forma, tu te vinhas mantendo, de alguma forma estavas inteiro, forçando o controle sobre ti mesmo, uma disciplina. Agora, sendo desprendido e natural, tudo está caindo. Muitas coisas antes suprimidas borbulham, vêm à tona, e tu encontrarás o caos por toda a parte; tu ficarás como um louco.

O primeiro passo é realmente difícil de ser transporto, porque, tudo o que a sociedade

forçou em ti cairá, tudo o que aprendeste cairá, todos os teus condicionamentos cairão. Todos os teus hábitos, todas as tuas direções, todos os teus caminhos simplesmente desaparecerão. Tua identidade se evaporará, não poderás saber quem és. Até aquele momento sabias bem quem eras, teu nome, tua família, teu status no mundo, teu prestígio, tua honra, isto e aquilo: tinhas consciência de tudo isso. Mas, subitamente, tudo se estará dissolvendo, a identidade perder-se-á. Tu eras sensato, segundo as regras do mundo; elas se estão desvanecendo e tu te sentes completamente ignorante.

Isto foi o que aconteceu a Sócrates. Seu primeiro momento de satori foi quando ele disse: - "Agora eu sei apenas uma coisa: que nada sei. Só um conhecimento eu tenho, o de que sou um ignorante!" Esse é o primeiro satori.

Os sufis têm uma expressão particular para esse homem, esse tipo de homem, que chega àquele estado: chamam-no mast, louco. Ele te olha, sem olhar para ri. Perambula, sem saber para onde vai. Diz tolices. Não pode manter coerência no que fala - diz uma palavra, um intervalo, e a seguir outra palavra que nada tem a ver com a primeira; uma sentença, depois outra sentença, mas nada de conexão entre elas; não há coerência, toda consistência perdeu-se. Ele se torna uma contradição, não podes confiar nele.

Para esses momentos uma escola é necessária; uma escola onde haja quem possa tomar conta de ti. Os ashrams vieram a existir por causa disso - porque um homem nesse estado não pode ficar em sociedade, pois pensarão que está louco e o forçarão a ir para uma prisão ou para um hospício, tentarão tratar dele. Tentarão trazê-lo de volta, de volta ao seu estado normal - contudo ele está crescendo! Rompeu todas as cadeias da sociedade, tornou-se um caos.

Daí a minha insistência na meditação caótica. Ela te ajudará a chegar a esse primeiro satori. Não serás capaz de sentar-te silenciosamente desde o princípio: podes iludir-te a esse respeito, mas não serás capaz de sentar-te silenciosamente; não é possível, só acontece no segundo satori. No primeiro satori, tens de estar caótico, dinâmico, tens que deixar que tuas energias se movimentem, de forma que todas as camisas de força em torno de ti se rompam e todas as cadeias sejam repelidas. Pela primeira vez te tornas um estranho, não és mais parte da sociedade. Uma escola se faz necessária; uma escola onde cuidem de ti. Um Mestre é necessário, para dizer-te: "Não tenhas medo." Que possa dizer-te: "Cai facilmente, deixa que isso aconteça, não te agarres a coisa alguma, porque só retardarás o momento - cai!" Quanto mais cedo tombares, mais cedo a loucura desaparecerá; se adiares, então a loucura poderá durar por muito tempo.

Há milhões de loucos em hospícios, em todo o mundo, que não estão realmente loucos; precisavam de um Mestre e não de um psicoterapeuta. Atingiram seu primeiro satori e todas as psicoterapias os estão forçando de volta, os estão forçando a serem normais. Estão em melhor situação do que tu; atingiram o crescimento, mas o crescimento é demorado - no início é assim mesmo, eles estão passando pelo primeiro satori - e foram tidos como culpados. Dizem-lhes: - "Tu estás louco!" - e eles tentam esconder isso, tentam agarrar-se e, quanto mais longamente se agarrarem, mais longamente a loucura perdurará.

Só recentemente alguns psicanalistas, particularmente R. D. Laing, tornaram-se conscientes do fenômeno; do fato de alguns loucos não terem descido abaixo do normal, e sim, realmente, passado para além do normal. Só algumas pessoas, no Ocidente, pessoas muito perceptivas,

conscientizaram-se disso - mas no Oriente sempre houve essa consciência; o oriente jamais suprimiu os loucos. A primeira coisa que o Oriente faz é levar os loucos a uma escola onde muitas pessoas estão trabalhando e um Mestre vivo está presente. A primeira coisa é ajudá-las a atingir um satori.

No Oriente, os loucos têm sido altamente respeitados; no Ocidente, eles são simplesmente condenados, forçados a receber choques elétricos, choques de insulina, forçados de uma forma ou de outra, chegando mesmo a terem seus cérebros destruídos - porque agora existem cirurgias em ação. Seus cérebros são operados e algumas partes dele removidas. Eles se tornam normais, naturalmente, mas apáticos, idiotizados; sua inteligência se perdeu. Já não estão loucos, não farão mal a ninguém; tornaram-se uma parte silenciosa da sociedade - mas vós os matastes, sem saber que estavam alcançando um ponto a partir do qual um homem se torna sobre-humano. Mas, naturalmente, é preciso passar pelo caos.

Com um Mestre amoroso e um amoroso grupo de pessoas, numa escola, num ashram, o caos é facilmente superado, pois todos tomam o caso com facilidade e ajudam; a pessoa passa, sem dificuldades, para o segundo estágio. O caos é necessário porque toda ordem é imposta, e não é uma ordem real. Toda disciplina é forçada, e não é a tua disciplina interior. Antes que chegues ao interior, o exterior tem de ser abandonado; antes que uma nova ordem nasça, a velha tem de cessar - e haverá um intervalo. Esse intervalo é a loucura. A pessoa se sente como quem despenca, como uma cascata que despenca para o abismo, e esse abismo parece não ter fim.

A meio curso, se esse ponto for passado, se o primeiro satori for vivido, então uma nova ordem surgirá, vinda do interior, vinda de teu próprio ser. Isso já não pertence à sociedade, não te é dado por outros, não é um aprisionamento. Agora, uma nova ordem surge e tem a qualidade de uma libertação. Vem uma disciplina, naturalmente; ela é tua, ninguém a impõe, ninguém diz: - “Faze isto!” Tu, simplesmente, fazes o que é certo.

A meio curso, como o Ganges, ela flui, lenta e suavemente.

O despencar torritruante da cascata desapareceu, o caos já não existe. Esse é o segundo satori. Tu te tornas como o Ganges, fluindo suave e lentamente; nem mesmo um som é criado. Tu caminhas como um noivo, silenciosa, graciosamente; um encanto absolutamente novo acontece em teu ser - graça, elegância. Esse é o segundo estágio, no qual captamos todos os Budas, nas estátuas; o terceiro não pode ser captado, só o segundo ou o primeiro.

Vai e observa todas as estátuas dos Budas e Teerthancaras: a elegância, a graça, a redondeza sutil e feminina de seus corpos. Não parecem masculinos, parecem femininos: têm uma redondeza, umas curvas que são femininas, o que mostra que seu ser interior tornou-se muito tranqüilo, muito delicado; nada há de agressivo neles.

Mestres Zen, como Bodhidharma, Rinzai, Bokojum têm sido representados no primeiro estágio e por isso parecem tão ferozes; assemelham-se a leões rugidores, dão a impressão de que irão matar-te. Quando olhares para seus olhos, tens a impressão de que são vulcões, o fogo salta sobre ti, são como choques. Foram reproduzidos no primeiro satori, porque os adeptos Zen sabem que esse é o primeiro problema e, se conheceres Bodhidharma nesse estado, quando o mesmo estado te acontecer, compreenderás que não precisas temer, pois até para

Bodhidharma... Mas, se estiveste, realmente, observando Budas e Teerthankaras em seus silenciosos e lentos rios e em sua graça feminina, ficarás muitíssimo assustado, quando a ferocidade se fizer presente em ti, quando te tornares um leão: começas a rugir, passaste a ser uma tremenda cascata.

Por isso é que, em Zen, o estado feroz foi reproduzido, mais e mais. Naturalmente há Budas nos santuários, mas esse é o estágio seguinte. E não é, absolutamente, um problema. Na Índia, o segundo estágio tem sido superenfatizado e tornou-se uma barreira, porque as pessoas deveriam saber, desde o princípio, como são as coisas. Um Buda é um ser já realizado. Pode acontecer contigo, mas, no intervalo que há entre ti e Buda, algo mais acontecerá - a loucura completa.

Que acontece quando aceitas todas as loucuras, quando deixas que venham? Elas desaparecem por si mesmas. A velha ordem, que a sociedade forçou sobre ti, simplesmente se evapora, o velho conhecimento já não existe. Há um quadro de um monge Zen queimando todas as escrituras - esse quadro é um dos mais famosos - isso acontece no primeiro estágio. A pessoa queima todas as escrituras, repele todos os conhecimentos, tudo o que te foi dado parece refugo, podridão. Tua própria sabedoria está surgindo e não há necessidade de pedi-la de empréstimo a ninguém. Mas isso tomará um pouco de tempo, tal como a semente precisa de tempo para brotar.

Se conseguires passar pelo estado caótico, então o segundo se seguirá muito, muito facilmente, por sua livre iniciativa. Tu te tornarás silencioso; tudo se acalmou, tal como o Ganges quando atinge as planícies. Nas montanhas ele ruge como um leão, tombando de grandes alturas para as profundezas; em muitos torvelinhos, e, então, chega à planície - deixou as montanhas - o terreno se transforma, agora tudo flui silenciosamente. Não podes sequer perceber se ele está ou não fluindo, porque tudo se move como se não se estivesse movendo, facilmente.

Alcança a realização interior,

Inata, sem esperança - sem ir a qualquer alvo, Sem pressa, sem precipitação;

Aprecia, apenas... cada momento.

Como o Ganges, ela flui, lenta e suavemente.

Esse segundo estágio tem a qualidade do absoluto silêncio, calma, quietude, tranqüilidade, recolhimento, integração no lar, repouso, relaxamento.

E então:

Ao fim é um grande, um vasto oceano,

Onde as luzes da mãe e do filho fundem-se numa só.

Então, subitamente, fluindo em silêncio, ele alcança o oceano e torna-se um com o oceano - vasta expansão sem fronteiras. Agora já não é um rio, agora já não é um indivíduo, uma unidade, agora

não existe ego.

Mesmo no segundo estágio há um ego, muito, muito sutil. Os hindus têm dois nomes: um é ahamkar, ego, aquilo que tens; o segundo é asmita, o não-ego. Quando dizes “eu sou”, não o “eu”, mas simplesmente o “sou”, “qualidade de sou”, isso é o que eles chamam asmita. É um ego muito, muito silencioso; ninguém o sentirá, ele é muito passivo, não agressivo. Não deixará qualquer traço em parte alguma, mas ainda está ali. Sente-se que está.

Por isso que dizemos “o segundo satori”: o Ganges está fluindo em curso silencioso, à vontade, em paz, mas ainda está; isso é asmita, é “qualidade de sou”. O “eu” desapareceu e toda a loucura do “eu” se foi; o agressivo, o feroz “eu” já não existe, mas uma “qualidade de sou” muito silenciosa continua, porque o rio tem margens e o rio tem fronteiras. Ainda é separado, tem sua própria individualidade.

Com o ego a personalidade também cai, mas a individualidade permanece. A personalidade é a individualidade exterior. Individualidade é a personalidade interior. A personalidade é, para os outros, uma coisa de espetáculo, uma exibição. Mas o sentimento interior, aquele “eu sou”, ou antes, “sou”, não é uma exibição, ninguém será capaz de vê-lo. Ele não interferirá na vida de ninguém, não meterá o nariz nos negócios alheios. Simplesmente se move, mas ainda está ali, porque o Ganges existe como indivíduo.

Então, também a individualidade se perde. Essa é a terceira palavra: atma. Ahamkar é o ego, a “qualidade de eu”; o “sou” é apenas uma sombra dele; o “eu” está em foco. Então, no segundo estado, asmita, o “eu” desapareceu, agora o “sou” tornou-se total, já não é uma sombra. E vem o atma e a “qualidade de sou” também desaparece.

Isso é o que Tilopa chama o não-eu. Tu és, mas sem qualquer eu; tu és, mas sem qualquer fronteira. O rio tornou-se oceano, o rio está no oceano, tornou-se um com ele. A individualidade já não existe, não há fronteiras, mas o ser existe como um não-ser. Tornou-se uma grande vacuidade. Tornou-se tal como o céu.

O ego era como nuvem negra cobrindo todo o céu. A “qualidade de sou”, asmita, era como nuvem branca no céu. E atma é como o céu sem nuvens; só o céu permanece.

Ao fim, é um grande, um vasto oceano.

onde as luzes da mãe e do filho fundem-se numa só.

Quando voltas à fonte original, à mãe, o círculo está completo. Voltaste ao lar, e te dissolveste na fonte original. O Ganges chegou ao Gangotri, o rio voltou à sua fonte original: o círculo completou-se. Agora, és, mas num sentido tão totalmente diferente que é melhor dizer que não és.

Esse é o mais paradoxal dos estados; é muito difícil expô-lo em linguagem ou expressão. É preciso provar dele. Isso é o que Tilopa chama Mahamudra, o grande orgasmo, o orgasmo definitivo, o supremo orgasmo. Voltaste para o lugar de onde vieste. A viagem está terminada, e, não só a viagem está terminada, mas também já não existe o viajante. A viagem não está

terminada apenas como um caminho, mas a meta também terminou.

Agora, nada existe e tudo é.

Lembra-te dessa distinção. Uma mesa existe, uma casa existe - mas Deus é; porque uma mesa pode ir para a não-existência, uma casa pode ir para a não-existência, mas Deus não pode. Por isso não é bom dizer que Deus existe; Deus, simplesmente, é. Não pode ir para a não-existência. É a pura "qualidade de ser". Isso é Mahamudra.

Tudo o que existia desapareceu; só a "qualidade de ser" existe.

O corpo desapareceu, ele existiu. A mente desapareceu, ela existiu. O caminho desapareceu, ele existiu. A meta desapareceu. Tudo o que existia desapareceu - só a pureza da "qualidade de ser" ali está... um espelho vazio, um ser vazio.

Isso é o que Tilopa chama Mahamudra. Isso é o supremo, o derradeiro; não há nada para além. É o próprio "além".

Lembra-te desses três estágios: terás que passar por eles. Caos, tumulto, já não te identificas com coisa alguma, tudo se tornou solto e rompeu-se - estás completamente louco. Observa e deixa que isso te aconteça, não tenhas medo; e quando eu aqui estiver não precisas ter medo. Eu sei que isso passará, sei que sempre passa, posso garantir-te. E, a não ser que passe, a graça, a elegância, o silêncio de um Buda não acontecerão contigo.

Deixa que passe. Será como um pesadelo, naturalmente, mas deixa que passe. Através desse pesadelo, todo o teu passado será purificado, haverá uma tremenda catarse. Todo o teu passado passará através do fogo, mas tu serás transformado em ouro puro.

Então, vem o segundo estágio. O primeiro tem de ser transposto; mas podes ter medo e fugir dele. O segundo também possui um diferente tipo de perigo, um tipo inteiramente diferente: não é um perigo. O primeiro tem de ser superado, tens que ter consciência de que ele passará, só é preciso tempo e confiança. O segundo é de um tipo diferente de perigo: gostarias de te agarrar a ele, porque é belo; gostarias de estar assim para todo o sempre. Quando o rio interior flui calmo e tranquilo temos o desejo de agarrarmo-nos às margens, não ir a lugar algum, pois ali está tudo tão bem. De certa forma é um grande perigo.
Um Mestre tem de garantir-te que o primeiro estado passará e tem de forçar-te para que não te apegues ao segundo estado. Porque, se te apegas, Mahamudra jamais te acontecerá. Há muitas pessoas apegadas ao segundo estado, estão suspensas nele. Há muitas pessoas suspensas no segundo estado, porque se tornaram muito presas a ele. É tão belo - as pessoas querem se apaixonar por ele e automaticamente se apaixonam. Consciente, permanece consciente - o segundo estágio também tem de ser superado. Observa, assim não começarás a apegar-te.

Se puderes, observa teu medo no primeiro e tua avidez no segundo... Lembra-te, o medo e a avidez são duas formas, de mesma cunhagem. No medo, queres escapar de algo; na avidez, queres agarrar-te a esse algo - mas ambos são a mesma coisa. Observa o medo, observa a avidez e deixa que o movimento continue; não tentes detê-lo. Podes ficar estagnado e, então, o Ganges se torna, não mais uma coisa que flui, mas um poço imóvel; por muito bonito que seja, depressa estará morto. Ficará sujo, logo secará e tudo o que foi ganho será perdido.

Continua caminhando. O movimento tem de ser eterno - conserva isso em mente - é uma viagem sem fim; mais é sempre possível, deixa que aconteça. Não esperes, não peças, não passes à frente de ti próprio, mas deixa que aconteça. Porque, então, chega o terceiro perigo - quando o Ganges deságua no oceano - , e esse será o último, porque te estarás perdendo de ti próprio.

Essa é a última morte. Aparece como a última morte. Mesmo o Ganges freme, fica trêmulo, antes de desaguar; mesmo o Ganges olha para trás, pensa em lembranças e em dias passados e no tempo bonito, sobre as planícies, no tremendo fenômeno da energia nas montanhas e nos nevoeiros. No último momento, quando o Ganges está prestes a entrar no oceano, ele se demora um pouco mais. Quer olhar para trás, pensar em lembranças, em belas experiências. Isso também tem de ser observado. Não te demores.

Quando o oceano chegar, deixa-te imergir, dissolver, desaparecer.

Só no último ponto podes dizer adeus ao Mestre, nunca antes. Dize adeus ao Mestre e torna-te o oceano. Mas até esse momento precisas da mão de alguém que sabe.

Há uma tendência em tua mente para evitar o relacionamento íntimo com o Mestre e isso torna-se uma barreira ao tomar sannyas. Gostarias de te conservares sem compromisso; gostarias de aprender, mas gostarias de permanecer sem compromisso. Mas não podes aprender assim, essa não é a forma; não podes aprender do exterior. Tens de entrar no santuário interior do ser do Mestre. Tens de tomar o compromisso. Sem isso não poderás crescer.

Se assim não for, poderás aprender um pouco, aqui e ali, acumular certo conhecimento - mas isso em nada ajudará; ao contrário, será um embaraço. Um profundo compromisso é necessário; um compromisso total, na verdade, porque muitas coisas vão acontecer. Se estiveres no exterior, na periferia, apenas aprendendo como um visitante casual, então não haverá muita coisa possível, porque, que te acontecerá quando chegar o primeiro satori? Que te acontecerá quando ficares louco? Nada estás perdendo quando te comprometes com um Mestre, porque nada tens a perder. Pelo teu compromisso estás, simplesmente, ganhando; nada estás perdendo, porque nada tens a perder. De nada tens de ter medo. Mas, ainda assim, ainda assim, todos querem ser muito inteligentes, todos querem aprender, sem compromisso. Isso nunca aconteceu, porque não é possível.

Portanto, se és, autenticamente, sinceramente, um inquiridor, procura alguém com quem

possas firmar

um profundo compromisso,
com quem possas mergulhar no Desconhecido.

Sem isso, perambulaste durante muitas vidas

e perambularás.

Sem isso, a suprema realização não será possível.

Arma-te de coragem e dá o salto.